



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA

CAROLINA MARIA ABREU MACIEL

SER ESTUDANTE NA FORTALEZA DE 1945-1963: A CONSTRUÇÃO DE UM
PERFIL ESTUDANTIL ATRAVÉS DOS DISCURSOS
E DAS PRÁTICAS COTIDIANAS

FORTALEZA - CEARÁ

2017

CAROLINA MARIA ABREU MACIEL

SER ESTUDANTE NA FORTALEZA DE 1945-1963: A CONSTRUÇÃO DE UM PERFIL
ESTUDANTIL ATRAVÉS DOS DISCURSOS
E DAS PRÁTICAS COTIDIANAS

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Acadêmico em História, do Centro de
Humanidades da Universidade Estadual do
Ceará, como requisito parcial à obtenção do
título de mestre em História. Área de
Concentração: História e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz.

FORTALEZA – CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Maciel, Carolina Maria Abreu .

SER ESTUDANTE NA FORTALEZA DE 1945-1963: A
CONSTRUÇÃO DE UM PERFIL ESTUDANTIL ATRAVÉS DOS
DISCURSOS E DAS PRÁTICAS COTIDIANAS [recurso
eletrônico] / Carolina Maria Abreu Maciel. - 2017.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do
trabalho acadêmico com 203 folhas, acondicionado em
caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade
Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado
Acadêmico em História e Culturas, Fortaleza, 2017.

Área de concentração: História e Culturas.

Orientação: Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz.

1. História do Movimento Estudantil. 2. ideal de
estudante. 3. Centro Estudantil. 4. Centro Liceal.
5. Práticas políticas. I. Título.

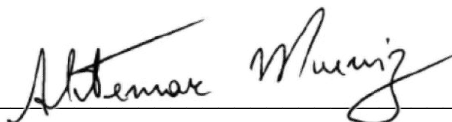
CAROLINA MARIA ABREU MACIEL

SER ESTUDANTE NA FORTALEZA DE 1945-1963: A CONSTRUÇÃO DE UM PERFIL
ESTUDANTIL ATRAVÉS DOS DISCURSOS
E DAS PRÁTICAS COTIDIANAS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará, como registro parcial para à obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: História e Culturas.

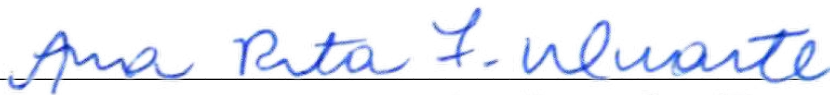
Aprovada em: 31 de julho de 2017.

BANCA EXAMINADORA



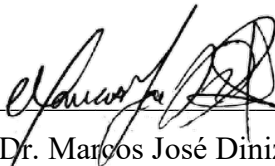
Prof. Dr. Altamar da Costa Muniz (Orientador)

Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof.^a Dr.^a Ana Rita Fonteles Duarte

Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof. Dr. Marcos José Diniz Silva

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Dedico este trabalho em memória de minha Mãe Heloiza e aos meus Avós Terezinha Abreu, Francisco Rebouças, Vicente Maciel da Cruz, Geny Augusto Monteiro. A vocês meu eterno amor e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Quero começar estes agradecimentos falando sobre Amizade, pois essa dissertação é fruto de muita pesquisa, esforço, noites em claro e, o mais importante, o apoio de todos os meus amigos e familiares.

Primeiramente, quero agradecer a minha família, que sempre foi meu suporte em todos os momentos de minha caminhada terrena ao longo desses 27 anos. E aqui falo sobre todos que considero família, os que compartilham ou não o laço sanguíneo. Laço este que não limita meu conceito de família num mero detalhe biológico. Dessa forma, quero agradecer aos meus pais e irmão, Vicente Maciel, Nancy Maciel e Vicente Antônio, por estarem sempre presentes, de muitas formas nessa caminhada. À minha avó Eulália Bellotto, que sempre acreditou, incentivou e me amou desde que me entendo por gente. Às minhas irmãs do coração, Carine Albuquerque, Gabriela Costa e Luana Karine, pois sem vocês não teria suportado tamanhas dificuldades e, também, por terem dado novos contornos e cores a minha vida. Obrigada.

Agradeço à Bárbara Rangel, Laura e sua filhinha Sofia, Karol Queiroz, Tielly Mendonça e Manuelle Araújo, melhores amigas que a História me presenteou e, que não deixam de ser família, pelo mesmo motivo maior, o amor que nos une. Vocês sempre estiveram presentes em todos os momentos de crise, desespero, dúvidas, sem esquecer dos mais felizes e loucos.

Aos meus amores do Rio, Verinha Araújo e Luiz Alves que mesmo distante fisicamente conseguem fazerem-se presentes me mandando muito amor e compartilhando as felicidades, tristezas, derrotas e vitórias, sempre com um grande sorriso no rosto e estridentes risadas na madrugada, após alguns momentos de lágrimas. Amo vocês!

Ao meu amigo e, por que não dizer, irmão Plauto Daniel, pois sem você esta dissertação não teria passado de uma mera ideia sem pé e nem cabeça. Você foi parte fundamental desde o primeiro esboço de projeto e ânimo pós derrota nas seleções de 2013. Mais que debates historiográficos e cervejas pelos bares do Benfica você conquistou um enorme espaço em meu coração.

Ao meu companheiro de casa, Gilberto Gilvan, que mesmo antes de dividirmos um lar esteve presente nas alegrias e tristezas, principalmente em todas as aventuras (arriscadas) na madrugada. Também quero agradecer pelos momentos difíceis, quando transformava minhas lágrimas de tristeza em calor e conforto, preferindo sempre a “boniteza do meu sorriso”.

Agradeço ao prof. Dr. Altemar da Costa Muniz pela orientação e paciência ao longo desses dois anos.

A todos professores do Mestrado Acadêmico em História – MAHIS/UECE, por darem

continuidade a minha formação histórica, destaco em especial, a profª Drª. Zilda Lima, que tornou-se uma grande amiga e, prof. Dr. Marcos Diniz, que esteve presente nas bancas de qualificação e defesa. Obrigada aos demais por esses dois anos de aprendizado.

Aos meus professores do curso de graduação em História da Universidade Federal do Ceará, em especial, o prof. Dr. Jailson Pereira da Silva que manteve-se presente nessa nova fase de minha vida profissional. À profª Afonsina Maria que gentilmente cedeu fontes essenciais, de seu acervo, para o desenvolvimento desta pesquisa. À todos os demais obrigada por fazerem parte de minha formação acadêmica que levarei comigo para sempre.

Quero abrir um espaço de agradecimento, mais que especial, a profª Drª Ana Rita Foneteles Duarte, que representa uma grande inspiração, tanto intelectual quanto humana. Obrigada por entender e dar risadas de minhas loucuras e, principalmente, acreditar em meu potencial. Das muitas felicidades que o curso de História da UFC me proporcionou uma delas foi o convívio e a amizade de pessoas iluminadas como você.

Não poderia esquecer de agradecer aos meus amigos de turma, principalmente, ao Alisson, Albertina, Gleiciane, Emanuella, Bruna, João Marcos, Edilberto, Levi, Ronald e, em especial, Cristiano que demonstraram que a palavra “companheiro” é muito mais que um jargão da esquerda. Que bom que conheci vocês!

A CAPES, pela concessão de bolsa, no segundo ano do mestrado, incentivo que auxiliou na finalização da pesquisa.

Não poderia terminar este momento de regozijo sem prestar meus agradecimentos a todos que contribuíram para a materialidade deste texto, pois mesmo com a tão impiedosa crise que abate esse país, pós-golpe, se solidarizaram para dar corpo à pesquisa. Muitas foram às pessoas que me ajudaram, seja na campanha para pagar as despesas de impressão e revisão, as que ofereceram seus serviços gratuitamente. A todos e todas, em especial as amigas Cristiane Marques e Ana Carla, meus sinceros agradecimentos.

Agora, realmente chegando ao fim, não poderia deixar de citar um dos autores que conheci na graduação e que levarei seus ensinamentos por toda a minha vida docente: o educador Paulo Freire. Foi por meio da leitura e reflexão de suas obras que pude entender o valor e a necessidade de uma Educação Libertadora.

Ser professor(a) não é dar aula por amor, como disse um político local, mas é necessário amor, coragem e não TEMER JAMAIS.

“Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”.

(Walter Beijamim)

RESUMO

Este trabalho se propõe a refletir como se deu a construção de um modelo ideal para o estudante cearense através da análise de memórias, jornais locais, estatutos, códigos e demais impressos estudantis, hinos e canções feitos por/para os estudantes. A proposta é identificar quais os diferentes ou semelhantes discursos que pretendem contribuir na formação desse ideal de estudante ordeiro, cívico e moral. Tomamos os anos de 1945 a 1963 como balizas temporais para a reflexão proposta, já que a partir de 1945, com o fim da II Guerra Mundial, o Brasil passa a conviver com uma nova dinâmica política e cultural muito influenciada pelos Estados Unidos da América. O ano de 1963, por sua vez, marca os últimos momentos do regime democrático que viria a sofrer um golpe civil-militar em 1964, além de demarcar a extinção do Centro Estudantal Cearense, através de uma fusão de entidades. Outra proposta que esta pesquisa pretende dar conta é de como as práticas políticas e ações de sociabilidade desenvolvidas pelos estudantes cearenses vão ao encontro ou corroboram com o modelo de um estudante disciplinado, de acordo com a moral e os bons costumes. Para esta pesquisa escolhemos duas entidades estudantis criadas na década de 1930, o Centro Estudantal Cearense e o Centro Liceal de Educação e Cultura, ambas agremiações de extrema atuação e relevância para o Movimento Estudantil no Estado.

Palavras-chave: História do Movimento Estudantil. Ideal de estudante. Centro Estudantal. Centro Liceal. Práticas políticas. Ações de Sociabilidade.

ABSTRACT

This work intends to reflect how was done the construction of an ideal model for the student of Ceará. Our rehearses go through the analysis of memories, local newspapers, printed documents, student codes and statutes, hymns and songs made by / for the students. The proposal is to identify which different or similar discourses contribute to the formation of this ideal of orderly, civically and morally. We focussed the years from 1945b to 1963 as time frame for the proposed reflection, because form 1945, with the end of World War II, Brazil is living with a new political and cultural dynamic very influenced by the United States of America. With regards to the year of 1963 it is the mark of the last moments of the democratic regime that would undergo a civil-military coup in 1964. In addition, 1963 marks the extinction of the Centro Estudantal Cearense, wich was merged with other representative entities, also analyzed during this work. Another proposal that this research intends to explore ir how the political practices and the actions of sociability developed by the students of Ceará confronts or corroborates the model of disciplined student, according to the morality and the “good customs”. For this research we chose two student entities created in the 1930s, the Estudantal Cearense Center and the Liceal Center of Education and Culture. Both associations was extremely effective and relevants to the Movement of Students in the State of Ceará.

Keywords: History of the Student Movement. Student ideal. Estudantal Center. Liceal Center. Political Practices. Sociability Actions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Protestos populares (Estudantes e Trabalhadores, agosto de 1942)	36
Figura 2 – Nota no jornal da loja “A Pernambucana” alegando sua brasilidade contra o quebra-quebra popular de estabelecimentos supostamente ligados ao bloco de países do Eixo.....	37
Figura 3 – Nota no jornal da loja “O Gabriel” alegando sua brasilidade contra o quebra-quebra popular de estabelecimentos supostamente ligados ao bloco de países do Eixo.....	38
Figura 4 – “O proprietário da loja ‘O Gabriel’ expediu ao Exmo. Presidente da República o seguinte telegrama”, publicado pelo jornal <i>O Nordeste</i>, em 1942.....	39
Figura 5 – Manifestações estudantis pedindo a volta da Democracia e contra o Fascismo.....	40
Figura 6 – Estudantes do Liceu no Bonde da Jacarecanga	41
Figura 7 – Sessão do Centro Estudantil do ano de 1952	50
Figura 8 – Tirinha de Propaganda Anticomunista “Paz Comunista?”.....	57
Figura 9 – Edifício do Liceu do Ceará. Fachada sobre a Praça dos Voluntários, desenho De Gustavo Barroso.....	67
Figura 10 – “Estado de guerra proclamado pelos estudantes brasileiros”, capa do Correio do Ceará de 21 de agosto de 1942.....	83
Figura 11 – Desfile Estudantil na abertura das Olimpíadas Estudantis, publicada na Folha Estudantil, 7 de novembro de 1954. s/p.....	87
Figura 12 – Imagens das obras da Casa do Estudante do Ceará, pulicadas no Correio do Ceará, 08 de agosto de 1952, p. 6.....	90
Figura 13 – Imagens da chegada da presidente da Casa do Estudante do Brasil, Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça, no Aeroporto de Fortaleza.....	92
Figura 14 – Imagens da fachada da Casa do Estudante do Ceará, após sua conclusão em 1952.....	93
Figura 15 – Anúncios publicados na Folha Estudantil, 11 de agosto de 1935, p.8.....	99
Figura 16 – Capa do jornal estudantil “Cultura e Educação”, do ano de 1962.....	113
Figura 17 – Homenagem da loja “A Garôta” ao CEC pela passagem do Dia dos Estudantes, publicado na Folha Estudantil, em 1 de agosto de 1935, p. 65.....	137

Figura 18 – Decreto nº 69, assinado pelo interventor Menezes Pimentel, em homenagem aos estudantes cearenses pela passagem do Dia do Estudante.....	139
Figura 19 – Capa do <i>Gazeta de Notícias</i> referente aos festejos do Dia do Estudante de 1935.....	140
Figura 20 – Matéria do GN Estudantil sobre os festejos de 1961.....	147
Figura 21 – Imagem das comemorações do Dia do Estudante, do ano de 1960, no Estádio Presidente Vargas.....	148
Figura 22 – Matéria com a escritora Rachel de Queiroz, quando da sua eleição ao trono estudantil, no ano de 1930.....	152
Figura 23 – Nota sobre a Rainha dos Estudantes de 1935 e a loja “O Cruzeiro”.....	154
Figura 24 – Cédula para a votação nas eleições para Rainha dos Estudantes.....	155
Figura 25 – Capa do <i>Gazeta de Notícias</i> referente aos festejos do Dia do Estudante de 1935.....	156
Figura 26 – Capa do <i>Gazeta de Notícias</i> referente às eleições de 1940.....	157
Figura 27 – Último registro, dentro do recorte, sobre os concursos de Rainha dos Estudantes.....	160
Figura 28 – Capa do Regulamento da Polícia Estudantal.....	161
Figura 29 – Imagem do prédio onde funcionava o grupo 1º de março.....	184
Figura 30 – Imagem do prédio onde funcionava o Grupo 11 de Agosto.....	185
Figura 31 – Contribuição do Grupo Escolar Presidente Vargas e Comitê Central dos Estudantes.....	188
Figura 32 – Comitê Estudantil da Campanha em prol da construção da Maternidade Popular.....	189
Figura 33 – Inauguração da Policlínica dos Estudantes.....	190
Figura 34 – “Agitações estudantis intranquilizam desde ontem em Fortaleza”, capa do Jornal <i>O Povo</i>, de 23 de setembro de 1963.....	192

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ensino em Geral – Resultados gerais do Brasil, dados sobre unidades escolares, matrículas, frequência média e conclusões de curso.....	32
Quadro 2 – Ensino em Geral – Resultados gerais regionais (Ceará), dados sobre unidades escolares, matrículas.....	33
Quadro 3 – Corpo docente (Ceará).....	34
Quadro 4 - Frequência e Conclusões de Curso média e por sexo (Ceará).....	34

LISTA DE SIGLAS

ACL	Academia Centrista de Letras
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CEB	Casa do Estudante Brasileiro
CEC	Cento Estudantal Cearense
CES	Centro Estudantal Sobralense
CESC	Centro dos Estudantes Secundários do Ceará
CEP	Centro Estudantal Potiguar
CLEC	Centro Liceal de Educação e Cultura
EPF	Escola Preparatória de Fortaleza
FE	Folha Estudantal
FEB	Força Expedicionária Brasileira
GN	Gazeta de Notícias
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LEC	Liga Eleitoral Católica
MEC	Ministério da Educação e Saúde
ME	Movimento Estudantil
PE	Polícia Estudantal
PRP	Partido de Representação Popular
SENAI	Serviço Nacional de Apoio a Indústria
UDN	União Democrática Nacional
UEE	União Estadual dos Estudantes
UNE	União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	O ME CEARENSE: LUTAS E CONQUISTAS EM TEMPOS DE DITADURA E GUERRA. (1931-1945)	25
2.1	1930 a 1945: (R)EVOLUÇÃO POLÍTICA E EDUCACIONAL NO BRASIL	25
2.1.1	E o Ceará nisso tudo? As reformas educacionais em terras alencarinas	29
2.2	“PARA A HONRA DE MINHA CLASSE E FUTURA GLÓRIA DE MINHA PÁTRIA”: O CENTRO ESTUDANTAL CEARENSE, A GRANDE ENTIDADE ESTUDANTIL DO CEARÁ	44
2.3	Os Liceístas e o Centro Liceal de Educação e Cultura: sustentáculo do Movimento Estudantil fortalezense	65
3	BUSCANDO UM PERFIL DO ESTUDANTE CEARENSE	75
3.1	O <i>ser estudante</i> no discurso da imprensa cearense	75
3.2	Os impressos estudantis e sua importância para a compreensão do <i>ser estudante</i>	94
3.2.1	<i>Folha Estudantil</i> : a revista da classe estudantina do Ceará	98
3.2.2	O Centro Liceal e seus jornais	107
3.2.3	Gazeta Estudantil: a sessão dominical dos estudantes cearenses na grande imprensa	115
3.3	O <i>ser estudante</i> por outras vozes: os hinos e músicas na construção de um perfil para o Estudante brasileiro.	120
4	OS ESTUDANTES NA DINÂMICA DA CIDADE: CULTURA POLÍTICA E AÇÕES DE SOCIABILIDADE NA BUSCA DA LEGITIMAÇÃO ESTUDANTIL	134
4.1	O <i>11 DE AGOSTO</i> : CELEBRAÇÃO DOS ESTUDANTES, COMEMORAÇÃO DA SOCIEDADE	134
4.2	OS EVENTOS ESTUDANTIS PELA CIDADE: MOVIMENTANDO FORTALEZA COM OS CONCURSOS DE RAINHA DOS ESTUDANTES.	149
4.3	NOS CAMINHOS DA DISCIPLINA E DA DESORDEM: A POLÍCIA ESTUDANTAL VERSUS O ESTUDANTE TRANSVIADO.	161
4.3.1	“Amparar e educar a classe”: disciplinarização da estudantada	161
4.3.2	“Eles querem é publicidade”: o estudante cearense e a juventude transviada dos anos 1950.	174
4.4.	“Então é esta, estudante esclarecido, a vossa política?": atu(ação)	183

estudantil nas reivindicações por um Ceará menos injusto.

5	CONCLUSÃO	194
6	FONTES	197
7	REFERÊNCIAS	199

1 INTRODUÇÃO

“A verdade está clara. Ou os estudantes unem-se numa cruzada ou serão despojados de seus postulados, reafirmados no conceito do bom senso. Herdeiros de uma pátria, seria vergonhoso, subirmos ao trono ante o descrédito de nosso povo, incrédulo na pujança de sua juventude. Recuperemos o prestígio que já vai longe. Mas como?”¹

(GN Estudantil, 15 de maio de 1960, p. 5)

O trecho acima, assinado pelo estudante J. B. Serra Gurgel, para a sessão de opinião do GN Estudantil, traz um chamado aos estudantes pela união e reconquista do prestígio social que, segundo o autor, parece perdido. Ao analisarmos esse pequeno trecho podemos identificar que os estudantes, no caso específico os cearenses, ao longo de sua História, conquistaram um lugar de legitimidade e respeito nos diversos espaços de poder na sociedade. Um lugar muitas vezes sacralizado, onde a visão do estudante revolucionário se sobrepõe as multiplicidades existentes dentro da categoria.

Partindo dessa primeira reflexão, nosso trabalho buscou, de maneira geral, identificar os diversos discursos que procuraram dar sentido ao *ser estudante*. Dito de outro modo, nossa proposta foi perscrutar os diferentes discursos e interlocutores que, de algum modo, tentaram capturar a essência do que seria o estudante ideal.

Em Fortaleza, no final da década de 1920, a movimentação de estudantes já se fazia observar pelas ruas e alamedas da cidade. Esta categoria social² que se consolida nas primeiras décadas do século XX, experimentará vitórias e decepções em sua caminhada em prol de participação efetiva e legítima na manutenção ou nas transformações pelas quais o país passou nesses tensos anos de revoluções, golpes, ditaduras e a II Grande Guerra Mundial. São estes sujeitos que em plena formação intelectual, cidadã e pessoal vivenciarão novas ideias, dúvidas, disputas político-ideológicas, conflitos existenciais e expectativas de futuro com a coragem característica (ou seria construída?) imputada aos jovens.

Aos estudantes, se perscrutarmos nos mais diversos dicionários de língua portuguesa, vão estar, em sua descrição, alijados da História, pois serão significados como

¹ A citação faz parte da coluna de opinião do GN Estudantil, sessão dominical publicada por um grupo de estudantes cearenses, no jornal Gazeta de Notícias. O texto se refere ao desentendimento ocorrido entre alguns estudantes do Liceu do Ceará e soldados do Corpo de Bombeiros do Estado. A situação acabou em várias agressões aos estudantes e um longo processo para julgar os culpados. Ver mais informações em: GAZETA DE NOTÍCIAS, 15 de maio de 1960, p. 5)

² Entendemos, nesta pesquisa, a totalidade dos estudantes como uma categoria social, onde "[...] uma categoria social é uma pluralidade de pessoas que são consideradas como uma unidade social pelo fato de serem efetivamente semelhantes em um ou mais aspectos". FICHTER, 1973, p. 85 *apud* LAKATOS, 1990, p. 104)

sujeitos limitados apenas à ação de um verbo: *estudar*. Dito de outro modo, os estudantes, para os dicionários, serão sujeitos que estudam e que estão ligados ou frequentam regularmente qualquer estabelecimento de instrução, seja ele de ensino fundamental, médio ou universitário³. Se refletirmos com mais afinco sobre essa descrição temos a impressão que estes sujeitos são/estão passivos aos aprendizados do ambiente escolar, informação essa que não faz sentido quando os localizamos historicamente. Em nossa pesquisa inicial pudemos identificar que estes sujeitos não foram passivos aos acontecimentos e, também, não foram sempre revolucionários e nem tão propagadores de novas ideias.

Nosso percurso de pesquisa começa em 2014, entre as idas e vindas ao Instituto Histórico e Geográfico do Ceará e, nas raras oportunidades de visita ao acervo hemerográfico da Biblioteca Pública Menezes Pimentel⁴, ao foliar alguns dos periódicos salvaguardados nestas instituições identificamos um alto número de matérias, notas e capas destes jornais destinadas aos assuntos estudantis. Este fato, num primeiro momento, nos causou curiosidade. Após diminuir o ritmo, de uma primeira olhada, começamos as leituras de algumas dessas reportagens. Dessa forma, comecei a me perguntar o porquê daquele imenso interesse pela vida cotidiana dos estudantes cearenses. Assim, fui percebendo que não era apenas um saber sobre a vida estudantil, mas em muitos casos eram discursos, dos mais variados interlocutores, acerca do que era ser estudante em Fortaleza. Naquele momento, formulei o questionamento que é o cerne desta pesquisa: *O que é ser estudante?*

Durante a leitura das matérias identificamos o Centro Estudantil Cearense e os estudantes do Liceu do Ceará com maior presença entre as notícias publicadas das ações e atividades relacionadas aos estudantes do Estado. Com o levantamento bibliográfico pudemos identificar que a importância dada aos dois citados eram suas respectivas atuações em prol da categoria.

Para balizas temporais da pesquisa selecionamos os anos de 1945 a 1963. A proposta era refletir sobre nossos sujeitos no curto espaço democrático, o entre Ditaduras (1945 e 1964). Outra ideia que justificou o recorte foi que entre esses o Brasil passou por diferentes e intensas mudanças na política, economia⁵ e no âmbito cultural. Mesmo, como afirma Lucília

³ MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php> Último acesso: 28/12/2015.

⁴ Ressalto que as visitas foram esporádicas, pois a instituição encontra-se a mais de três anos (fevereiro de 2014) em reforma. Apenas uma parte está disponível para consulta. A visita ao setor hemerográfico, no caso os jornais em sua materialidade, precisa-se de um agendamento prévio e, mesmo assim, as condições de pesquisa por conta da obra não são as melhores. A Secretaria de Cultura do Estado não tem uma previsão para a reabertura da biblioteca.

⁵ De acordo com Vânia Maria Losada Moreira, “Em fins da década de 1940 e princípios da década de 1950 as transformações da economia brasileira eram bem mais visíveis. A indústria já podia ser considerada o ‘carro chefe’

de Almeida Neves Delgado (2003) tendo sido um momento paradoxal⁶, essas mudanças desencadearam novas concepções sobre as práticas políticas⁷ estudantis.

As fontes utilizadas para este trabalho foram alguns jornais locais: *O Nordeste, Gazeta de Notícias, Unitário e Correio do Ceará*. Nestes periódicos encontramos um maior interesse na divulgação das atividades estudantis, seja em notas sobre reuniões ou eleições, ou na cobertura de eventos esportivos e festividades culturais. Outra fonte que merece destaque são os impressos estudantis: *O Liceu, Viver, Cultura e Educação, Folha Estudantil*. Ainda sobre o material escrito pelos estudantes, havia o *GN Estudantil*, sessão dominical reservada aos estudantes cearenses no *Gazeta de Notícias*, que tem início no final dos anos 1950 e conseguimos mapear até 1962.

Utilizamos os estatutos do Centro Estudantil Cearense, da Polícia Estudantil, a Carta Magna do Centro Liceal de Educação e Cultura, o Código de Ética do Estudante Brasileiro, produzido pelo Partido de Representação Popular ligado ao Movimento Integralista. Temos também Hinos e músicas, que eram utilizados pelos estudantes em suas festividades como o *Hino do Estudante Cearense*, composto por Filgueiras Lima, importante intelectual do campo educacional.

Outra fonte essencial para o desenvolvimento desta pesquisa são os escritos memorialísticos de Blanchard Girão, Raimundo Arruda e Marciano Lopes. Vimos a necessidade de trabalhar com as memórias destes sujeitos que experienciaram momentos diversos enquanto estudantes do Liceu e, este último, rememorar a vida de Francisco Vasconcelos Arruda importante líder do Centro Estudantil Cearense.

David Lowenthal (1998, p.103) nos previne sobre a função da memória afirmando que,

A função fundamental da memória, por conseguinte, não é preservar p passado, mas sim adaptá-lo a fim de enriquecer e manipular o presente Longe de simplesmente prender-se a experiências anteriores, a memória nos ajuda a entendê-las. Lembranças não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores e em códigos que são constantemente alterados, através das quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta.

do desenvolvimento e a agricultura voltada para o mercado nacional, em termos de crescimento, era mais dinâmica do que aquela direcionada para a demanda externa (Ianni, 1988, p. 41; Szmrec-sányi, 1984, p. 116)” (FERREIRA; DELGADO, 2003, p. 178)

⁶ De acordo com Delgado (2003, p. 131) “O ano de 1945 no Brasil, assim como no mundo, foi marcado por uma série de acontecimentos, que aceleram o ritmo da História. Contudo, apesar de muitas e significativas mudanças terem se processado no cenário político nacional naquele curto período de um ano, a marca do paradoxo foi a característica mais pungente daquela conjuntura. Paradoxo produzido pela dicotomia de continuidade na transformação ou, mais precisamente, de transformações com permanências”.

⁷ Entendemos como práticas políticas o conjunto de ações praticadas pelos estudantes (manifestações, protestos, passeatas) em busca de legitimidade e participação nas esferas de poder e na defesa de conquistas e direitos seus e da sociedade como um todo.

Sabemos que o trato com a memória, esta identificada por Le Goff (2012, p. 405) “[...] como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”, é marcada pela seletividade e intencionalidade e que “[...] implica sempre uma participação emotiva em relação a ele, que é sempre vaga, fragmentária, incompleta, sempre tendenciosa em alguma medida”. (ROSSI, 2010, p. 28) Principalmente, no caso dos escritos de Raimundo Arruda, que se encaixam na categoria de biografias.

Assim, ao nos debruçarmos nestas fontes (jornais locais, revista e impresso estudantis, códigos de ética, estatuto das entidades etc.) observamos que os diversos discursos que pretendiam perfilar o estudante cearense foram apropriados por alguns grupos estudantis, no caso por nós escolhidos o Centro Liceal de Educação e Cultura e o Centro Estudantal Cearense. Dessa forma, observamos que esses discursos transbordaram dos escritos e foram corroborados através de suas práticas cotidianas, seja nas patrulhas do departamento de Polícia Estudantal ou nos concursos para a eleição das Rainhas dos Estudantes. E, principalmente, nas atividades programadas para as comemorações do Dia do Estudante. Pois, como afirma Comte a comemoração é “sobretudo destinada a desenvolver profundamente, entre a geração atual, o espírito histórico e o sentimento de continuidade”. (COMTE, 1849, p. 11 *Apud* CANDAU, 2011, p. 147)

Dessa maneira, optamos no primeiro capítulo por compreender o ambiente político-educacional do Brasil nas décadas de 1930 e 1940, para ter a dimensão do cenário no qual os estudantes estavam imersos. Desse modo, ao tecermos nossas reflexões acerca desse universo, durante o período que compreende o pós-Revolução de 1930, passando pelos governos provisório e constitucional de Getúlio Vargas até o fim do Estado Novo, tentaremos apreender como essas políticas educacionais vão se estabelecer, tanto em nível nacional quanto local.

Para além de um balanço educacional, abordaremos o cenário escolar na capital cearense, mesmo sabendo que existiram grupos estudantis atuantes no interior do estado⁸, como grêmios escolares e/ou braços do Centro Estudantal Cearense (CEC), vide o Centro Estudantal

⁸ Já nas décadas de 1930-40 é possível identificar grupos de estudantes se organizando no interior do Estado, algumas delas serão extensões do Centro Estudantal Cearense, outras agremiações escolares. Em alguns jornais que circulavam no interior do Estado, como o *Correio de Juazeiro* e *A Classe*, encontramos nomes de algumas agremiações estudantis, podemos citar a Liga de Defesa do Estudante Pobre, o Centro Estudantal Juazeirense. Porém, não encontramos outros registros que mencionassem mais informações sobre as entidades, como fundação ou dados sobre as gestões.

Sobralense (CES)⁹. Dentro desse recorte, procuramos refletir como as reformas e medidas educacionais empreendidas pelo Ministério da Educação e Saúde (MEC) vão influir direta ou indiretamente na vida dos estudantes. Algumas dessas medidas pretendem dar maior possibilidade de estudo aos jovens no meio rural, como foi o projeto das Escolas Rurais. Utilizaremos como fonte os anuários estatísticos do IBGE¹⁰, para identificar quantitativamente algumas dessas mudanças pretendidas com as reformas no ensino. Nossa proposta não é apenas nos apropriarmos dos elementos numéricos do órgão de pesquisa, mas historicizá-los, pois sabemos que as fontes quantitativas, oficiais ou não, têm uma intencionalidade e que sua produção é permeada pelos interesses do contratante. Assim, quando analisamos o crescimento nas matrículas das escolas do interior e na capital do Ceará, estes números não contêm as informações necessárias para entendermos as dificuldades pelas quais passava a estrutura educacional do Estado. Para citarmos apenas um exemplo dessas adversidades, no tocante as recomendações do MEC, foi a já citada implantação do Ensino Rural. Com esse novo modelo de ensino houve um aumento de matrículas nas escolas interioranas e a construção de novas escolas planejadas para este fim. Porém, a falta de professores especializados, as más utilizações das novas escolas (muitas desocupadas e outras ocupadas de forma irregular) quando não prédios alugados no improviso, os cálculos do anuário não podem nos oferecer.

Ainda nesse capítulo utilizaremos a escrita dos memorialistas¹¹, pois é por meio desta que tentaremos compreender o cotidiano escolar, mais especificamente o estudantil de Fortaleza. Sabemos que mesmo com todos os esforços de pesquisa não daremos conta de todas as experiências estudantis do Estado. Mas estes escritos podem oferecer relatos de possibilidades experimentadas pelos moços e moças cearenses ao longo de sua vida escolar secundarista. São essas memórias que nos auxiliaram na tentativa de traçar os perfis estudantis que estiveram em construção ao longo das décadas de 1940 a 1960.

Num segundo momento, pretendemos identificar os vários espaços da cidade,

⁹ O Centro Estudantil Sobralense (CES) é criado na década de 1940 com o intuito de representar o Centro Estudantil Cearense (CEC) pelos interiores do estado. O CES permanece na ativa até a década de 1970, este mantinha as mesmas características assistencialistas do CEC, de acordo com Edvanir Maia da Silveira (2011), o CES tinha seu departamento da disciplinarização dos estudantes, a famosa Polícia Estudantil (PE) que tinha como finalidade a fiscalização do lazer dos estudantes e dentre as poucas ações políticas pelos direitos estudantis conseguiram a aprovação da meia entrada nas casas de diversões

¹⁰ Utilizamos os anuários de 1937, que vão apresentar os dados dos anos anteriores, para compararmos os números de matrículas, escolas e estudantes do estado. Assim, tentaremos cruzar as estatísticas com relatos de educadores e inspetores da educação cearense sobre como as reformas nacionais vão reverberar no território estadual.

¹¹ De acordo com Viviane Pedroso Domingues (2001, p. 2), entende-se por memorialistas “escritores que utilizam diversas ferramentas e fontes em seus textos - às vezes resultando em textos de cunho autobiográfico, nos quais o autor utiliza, a sua experiência de vida e a tradição oral, da cidade sobre a qual escreve, para construir a narrativa histórica -, sem que para isso se utilizem das normas metodológicas e teóricas da escrita acadêmica sobre história”.

aonde estes estudantes teciam suas redes de sociabilidades¹², como escolas, cinemas, teatros, cafés e bondes, já que eram o meio de transporte desses sujeitos, onde em meio a debates políticos e algumas traquinagens forjavam suas personalidades. Entendemos *sociabilidade* como uma categoria histórica necessária para a análise do comportamento estudantil em sociedade.

Dessa forma, as memórias de ex-alunos são importantes para cumprirmos nossos objetivos de compreensão do funcionamento, da disciplina e de como estes discentes desenvolviam suas redes de sociabilidade dentro do ambiente escolar. Além de percebermos, também, como estes se percebiam enquanto um coletivo em relação à cidade de Fortaleza, em suas práticas culturais e ações políticas.

Após esse breve apanhado sobre o momento educacional vivido pelo Brasil nas décadas de 1930-40, buscamos compreender como se deu a formação do Centro Estudantal Cearense (CEC), agremiação fundada em 1931, que tinha como finalidade ser um suporte de luta e assistência ao coletivo de estudantes do Estado do Ceará. O CEC, de acordo com Afonsina Moreira (2006, p. 21) até o ano 1942, data da criação da União Estadual dos Estudantes (UEE), foi responsável pela representação dos alunos dos três níveis de ensino, colegial, ginásial e universitário. A autora ainda afirma que “[...] mesmo com a atuação da entidade estudantil universitária UEE, registra-se em variados momentos a participação de estudantes de cursos superiores no cotidiano do Centro Estudantal.” (Ibidem, p. 210) Além de compreendermos como esta entidade funcionava, pensando a sua departamentalização e atuação de cada um deles, para identificar como os estudantes sócios se relacionavam com a entidade e como estes circulavam dentro da estrutura assistencial maior do grupo, a Casa do Estudante do Ceará.

Seguindo as entidades estudantis secundaristas, nascidas na década de 1930, estudaremos, no terceiro tópico, o Centro Liceal de Educação e Cultura (CLEC), fundado em 1935, pelos estudantes do Colégio Estadual do Ceará (Liceu), seria de acordo com Bráulio Ramalho (2002, p. 60) “[...] a maior agremiação representativa de uma única instituição de ensino [...]”. A escolha desses dois grupos estudantis foi pautada na importância destes nos primeiros passos para a consolidação de um movimento estudantil no Ceará. Pois que, de suas experiências, enquanto associados e dirigentes, vão colaborar na luta pela criação da Universidade do Ceará (1956) e, posteriormente, alguns farão parte dos vários grupos surgidos durante a década de 1960, contrários ao golpe civil-militar de 1964.

¹² Utilizamos a definição de “Sociabilidades” cunhada por Ângela de Castro Gomes (1993, p. 64) que entende como “um conjunto de formas de conviver com os pares, como um ‘domínio intermediário’ entre a família e a comunidade cívica obrigatória”.

A proposta primeira deste capítulo é compreender em que conjuntura político-educacional estes grupos foram fundados, como seus estatutos e regras produziam os diversos dizeres sobre o sujeito/estudante e, como estes atores sociais vão se apropriar dessas visões para se colocar como uma força expressiva na política brasileira.

No segundo capítulo partimos da análise dos periódicos locais e dos impressos estudantis para identificar os diversos discursos e seus interlocutores, que pretenderam definir um modelo ideal para o estudante cearense. Escolhemos trabalhar com as fontes periódicas, por entendê-las como vetores principais de um desejo de elaboração de um perfil de cidadão perpetrador da ordem e moral vigente. Acreditamos, como nos coloca Michel Foucault (2002) que “O discurso, aparentemente, pode até nem ser nada de por aí além, mas no entanto, os interditos que o atingem, revelam, cedo, de imediato, o seu vínculo ao desejo e o poder”. Assim, ao buscarmos compreender estes discursos, como foram construídos, publicizados e, em muitos casos, apropriados pela categoria estudantil nos mostrariam suas estratégias para garantir seu espaço num lugar de poder na sociedade.

Nesse capítulo escolhemos, também, outras tipologias de fontes que supomos ter uma grande circulação, são os hinos e músicas relacionados à categoria estudantil e um documento, *Código de Ética do Estudante*, produzido pelo Partido da Representatividade Popular, vinculado ao Movimento Integralista. Estes documentos, diferentemente dos impressos produzidos pelos estudantes, foram selecionados por eles para a divulgação em seu espaço dominical na imprensa local. Por exemplo, durante as primeiras edições do *GN Estudantil*, seus editores publicaram, por partes, esse código escrito ainda na década de 1940, mais precisamente em 1946. Sendo que as primeiras publicações dessa sessão dominical estudantil só ocorreram no fim da década de 1950, no ano de 1959.

Destarte, estas fontes foram incluídas, neste capítulo, pois compreendemos que a análise desse material, nos proporcionou identificar por quais discursos os estudantes cearenses estavam se pautando em suas ações.

No terceiro capítulo procuramos discernir nas práticas políticas e nas ações de sociabilidade, desenvolvidas pelos estudantes cearenses, quais os discursos sobre o *ser estudante* observados na análise do capítulo anterior foram incorporados ou negados pelos estudantes.

A proposta inicial foi identificar nos festejos e comemorações do Dia do Estudante qual modelo exemplar foi difundido pelo Centro Estudantil Cearense. Para isso, procuramos traçar uma trajetória das comemorações, desde os primeiros momentos do Centro, que tivemos acesso, aos últimos momentos do CEC em atividade, 1963. Essas comemorações pretendiam

dar visibilidade às atividades centristas e celebrar o estudante e, além disso, promoviam uma visão do que seria o estudante ideal, aquele preocupado com sua formação intelectual, ordeiro, disciplinado e consciente de seus deveres para com a Pátria.

No tocante aos concursos para eleger a Rainha dos Estudantes, pudemos observar que cada candidata representava um ideal estudantil, neste caso feminino. Dessa forma, as vencedoras eram merecedoras do título, pois comportavam em si, o perfil da realeza estudantil. Sabemos que no período que compreende o recorte temporal por nós escolhido, há uma grande variedade de concursos de beleza, a grande maioria dos clubes, jornais e sindicatos organizava seu concurso ou apoiava (como fez o *Gazeta de Notícias* com o concurso estudantil) para que sua agremiação ou entidade pudesse ter um rosto feminino representando seus ideais e valores.

No tópico intitulado *Nos caminhos da disciplina e da desordem: a Polícia Estudantil versus o Estudante Transviado*, buscamos compreender, inicialmente, como um órgão estudantil pode formular e colocar em funcionamento um departamento de vigilância, uma Polícia Estudantil, para a própria categoria. Também procuramos identificar, nas práticas desviantes dos estudantes capturados pela PE, quais comportamentos eram atribuídos aos sujeitos e, por que, estes eram taxados, muitas vezes, como transviados. Nesse caso, intentamos reconhecer quais as finalidades e quais os discursos sobre o comportamento ideal do estudante estavam fundamentando este órgão.

Num momento de crise social e política que estamos vivendo desde o golpe dado em 2016, acreditamos que a reflexão sobre os movimentos sociais, em nosso caso o Movimento Estudantil, são cada vez mais urgentes. Pensar sobre o papel e atuação da juventude nos diversos momentos e lugares da História brasileira, seja ela sendo revolucionária ou aliada ao Estado, é fundamental sua compreensão para o amadurecimento da nossa luta atual, pela volta da democracia e dos nossos direitos, que rapidamente estamos perdendo. As ocupações de escolas e universidades, os estudantes nas ruas, foram as primeiras faíscas dessa resistência.

2 O ME CEARENSE: LUTAS E CONQUISTAS EM TEMPOS DE DITADURA E GUERRA. (1931-1945).

2.1 1930 a 1945: (r) evolução política e educacional no Brasil.

Para entendermos em que ambiente nosso objeto está mergulhado devemos compreender as tensões que se sucederam, especificamente no Brasil, no final dos anos 1920. Nas primeiras décadas do século XX, o país entra numa das maiores crises política e econômica, a decadência da política do café-com-leite e da quebra da bolsa de valores de Nova York, que culminou na queda do preço do café, produto sustentáculo da economia externa brasileira. Sobre esse período conhecemos uma vasta produção historiográfica¹³ que procura apreender a conjuntura política, econômica e cultural do período denominado por Revolução de 1930.

Dos primeiros atos de Getúlio Vargas à frente do governo provisório, o mais importante para nossa pesquisa se constitui na criação do Ministério da Educação e da Saúde Pública em 14 de novembro de 1930, nomeando para o cargo de ministro o jurista Francisco Campos¹⁴. De 1930 a 1937, período conhecido como 2ª República, os principais acontecimentos no campo educacional foram, além da criação do ministério da educação, as reformas do ensino secundário e superior (com o decreto nº 19.851), o manifesto dos pioneiros pela Educação Nova (1932), a Constituição de 1934 e os projetos de reforma educacional oriundos da sociedade civil. De acordo com João Cardoso Palma Filho (2010), a reforma no sistema educacional brasileiro se fez ao todo com seis decretos. São eles: a) Decreto nº 19.850, de 11 de abril de 1931, que cria o conselho Nacional de Educação; b) Decreto nº 19.851, que regulamentou as reformas do ensino secundário e superior; c) Decreto nº 19.852, de 11 de abril de 1931, que dispõe sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro; d) decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931, que dispõe sobre a organização do ensino secundário; e) Decreto nº 20.158, que organiza o ensino comercial, regulamenta a profissão de contador e dá outras providências e, por fim, f) Decreto nº 21.241, de 14 de abril de 1931, que consolida as

¹³ Vários autores vão se debruçar sobre esse período da História do Brasil denominado Revolução de 1930, muitas vezes estendendo suas reflexões por todos os governos de Getúlio Vargas, assim, analisando toda a chamada Era Vargas. Tomamos como referência a obra de Thomas Skidmore, “Brasil: de Getúlio a Castelo”, edição de 1976, publicada pela editora Paz e Terra.

¹⁴ Atentemos que entre os anos de 1930 a 1945, primeiro recorte desta pesquisa, tivemos 4 responsáveis pelo Ministério da Educação e Saúde. Nos anos de 1930, 1931 e 1932 quem esteve à frente do MEC foi Francisco Campos, sendo que no intervalo de 16/09/1931 a 01/12/1931 quem esteve como ministro interino foi Belisário Augusto de Oliveira Pena. De 16/09/1932 a 23/07/1934 o responsável pelo ministério é Washington Pereira Pires e, logo em seguida quem assume é Gustavo Capanema. Este fica no cargo de 23/07/1934 até dia 30/10/1945, data da renúncia de Getúlio Vargas e que marca o fim da ditadura varguista.

disposições sobre a organização do Ensino Secundário. Para Francisco Campos, em texto que relatava os motivos para ser pensada uma reforma para o secundário, este teria uma finalidade bem mais importante à dada comumente.

[...] a finalidade do ensino secundário é, de fato, mais ampla do que se costuma atribuir-lhe. Via de regra, o ensino secundário tem sido considerado entre nós como um simples instrumento de preparação dos candidatos ao ensino superior, desprezando-se assim, a sua função eminentemente educativa que consiste, precisamente, no desenvolvimento das faculdades de apreciação, de juízo, de critério, essenciais a todos os ramos da atividade humana, e particularmente, no treino da inteligência em colocar os problemas nos seus termos e procurar as suas soluções. (CAMPOS, 1931 *apud* PALMA FILHO, 2005, p. 3)

Outro documento que pretende dar um norte e apaziguar as tensões dos primeiros anos do governo provisório é a nova Constituição, que somente depois de três anos do movimento revolucionário é posta em pauta e são definitivamente realizadas eleições para a formação de uma Assembleia Constituinte. De acordo com Thomas Skidmore (1976, p. 39), “[...] a assembleia constituinte começou a deliberar em 15 de novembro de 1933 e, em meados de julho do ano seguinte, apresentou as bases legais para a nova ordem constitucional do Brasil.”

A Constituição de 1934, ainda de acordo com o autor, “era um produto híbrido”, pois congregava tanto “ideais do liberalismo político quanto os do reformismo econômico” (SKIDMORE, 1976, p.39). Porém, não vamos nos ater a esse caráter na análise da legislação, a proposta é refletirmos sobre as mudanças que esta propõe no sistema educacional.

No Título V, denominado *Da Família, da Educação e da Cultura*, analisaremos o capítulo II, pois versará sobre a temática da educação e ao incentivo cultural do país. Neste capítulo os constituintes vão propor as novas bases educacionais em consonância com o ideário presente no *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*¹⁵, porém, sem fugir aos preceitos morais e cívicos que devem reger o novo caminho que o presidente, agora constitucionalmente eleito pretenderá traçar para o Brasil.

¹⁵O movimento Escolanovista surgiu na década de 1920, num momento em que tanto o mundo quanto o Brasil, se encontrava propício às disputas ideológicas e consequentemente as reflexões sobre quais rumos a educação do país deveria trilhar. Para os escolanovistas a Educação brasileira deveria estar pautada na “[...] centralidade da criança nas relações de aprendizagem, o respeito às normas higiênicas na disciplinarização do corpo do aluno e de seus gestos, a cientificidade da escolarização de saberes e fazeres sociais e a exaltação do ato de observar, de intuir, na construção do conhecimento do aluno”. (Vidal, 2003, p. 497) Entre os vários intelectuais que redigiram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova estavam Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto A. de Sampaio Doria, Anísio Spinola Teixeira, M. Bergstrom, Lourenço Filho, Roquette Pinto, J. G. Frota Pessoa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mario Casassanta, C. Delgado de Carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr., J. P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Attilio Vivacqua, Francisco Venâncio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meirelles, Edgar Sussekind de Mendonça, Armanda Álvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nobrega da Cunha, Paschoal Lemme e Raul Gomes. No documento, além de fazerem um balanço sobre os problemas educacionais pelos quais o Brasil há muito vinha sofrendo, os escola-novistas propunham à elaboração de um sistema educacional que estivesse “conforme nas necessidades brasileiras, as novas diretrizes econômicas e sociais da civilização atual”. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. especial, ago. 2006, p.188–204.

Entre as mudanças propostas pela Constituição de 1934, no que concerne ao dever do Estado para com a educação do país, podemos citar como principais pontos:

Art 150. Compete á União:

- a) fixar o plano nacional de educação, comprehensivo do ensino de todos os graus e ramos, communs e especializados; e coordenar e fiscalizar a sua execução, em todo o território do paiz;
- b) determinar as condições de reconhecimento official dos estabelecimentos de ensino secundario e complementar deste e dos institutos de ensino superior, exercendo sobre elles a necessaria fiscalização;
- c) organizar e manter, nos Territorios, systemas educativos apropriados aos mesmos;
- d) manter no Districto Federal ensino secundario e complementar deste, superior e universitario;
- e) exercer acção supletiva, onde se faça necessaria, por deficiencia de iniciativa ou de recursos e estimular a obra educativa em todo o paiz, por meio de estudos, inqueritos, demonstrações e subvenções. [...] ¹⁶

Sobre o Plano Nacional de Educação, é descrito em parágrafo único, as normas que deveriam ser seguidas pelos estabelecimentos de ensino do país.

Parapho unico. O plano nacional de educação constante de lei federal, nos termos dos arts. 5º, n. XIV, e 39, n. 8, letras a e e , só se poderá renovar em prazos determinados, e obedecerá ás seguintes normas:

- a) ensino primario integral gratuito e de frequência obrigatoria extensivo aos adultos;
- b) tendencia á gratuidade do ensino educativo ulterior ao primario, a fim de o tornar mais accessivel;
- c) liberdade de ensino em todos os graus e ramos, observadas as prescripções da legislação federal e da estadual;
- d) ensino, nos estabelecimentos particulares, ministrado no idioma patrio, salvo o de linguas estrangeiras;
- e) limitação da matricula á capacidade didactica do estabelecimento e selecção por meio de provas de intelligencia e aproveitamento, ou por processos objectivos apropriados á finalidade do curso;
- f) reconhecimento dos estabelecimentos particulares de ensino sómente quando assegurarem. a seus professores a estabilidade, enquanto bem servirem, e uma remuneração condigna. ¹⁷

Já, de acordo com o artigo 154, do texto constitucional, os estabelecimentos de ensino privados, que proporcionassem uma educação "gratuita primaria ou profissional, oficialmente considerados idoneos, serão isentos de qualquer tributo" ¹⁸. A Constituição apresenta, também, outras diretrizes importantes, citadas acima, como a obrigatoriedade do ensino ser ministrado em idioma pátrio, salvo o de línguas estrangeiras e sobre a questão da recognição dessas instituições particulares, que só seriam reconhecidas "quando assegurarem.

¹⁶ BRASIL. Constituição (1934). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1934. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm Último acesso: 17/05/2017.

¹⁷ BRASIL. Constituição (1934). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1934. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm Último acesso: 17/05/2017.

¹⁸ BRASIL. Constituição (1934). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1934. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm Último acesso: 17/05/2017.

a seus professores a estabilidade, enquanto bem servirem, e uma remuneração condigna"¹⁹.

Como podemos ver acima, foram várias as intenções de mudanças no sistema educacional previstas na Constituição de 1934. Porém, em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas empreende um golpe introduzindo o Brasil em um governo autoritário com características fascistas, denominado Estado Novo, outorgando uma nova Constituição e novas regras para o ensino no país. Ao fazermos um comparativo entre as duas legislações podemos perceber que em 1934, os deveres que a União detinha para com a instrução pública eram mais enérgicos que a proposta de 1937. De acordo com Palma Filho (2010),

Um capítulo especial para a educação e a cultura (artigos 128 a 134) é mantido. Entretanto, a obrigação do Estado em matéria de educação fica muito modesta. Assim é que, logo de saída, o artigo 128 afirma ser “dever do Estado *contribuir*, direta e indiretamente, para o estímulo e desenvolvimento de umas e de outras favorecendo ou fundando instituições artísticas, científicas e de ensino” Desaparece a exigência de um plano nacional de educação. A obrigação do poder público é, apenas, para aqueles que demonstrarem insuficiência de recursos para se manter numa escola particular. Nesse sentido, o ensino profissional passa a ser a principal obrigação do Estado em matéria de educação e destina-se “às classes menos favorecidas” (artigo 129). (PALMA FILHO, 2010, p.11) (Grifo nosso)

Percebemos a diminuição das obrigações do Estado para com a educação nacional como um todo, em relação a Constituição de 1934. Porém, observamos que mesmo com esse desinteresse estatal, o governo passa dar prioridade a educação profissional²⁰. Em 1942, o Ministério da Educação e Saúde, tendo à frente Gustavo Capanema, implementará diversos decretos-leis que vão dar continuidade às transformações no sistema educacional brasileiro. Porém, essas mudanças vão caminhar conforme o momento de crescimento industrial pelo qual passou o país entre as décadas de 1930 e 1940. Assim, de 1942 a 1945, este último, ano que finda o Estado Novo, serão publicadas quatro leis orgânicas que vão regulamentar esse novo projeto educacional. São elas: o Decreto- lei 4.073, de 30 de janeiro de 1942 que vai reger o Ensino Industrial, o Decreto-lei nº 4.048, de 22 de janeiro de 1942, que cria o Serviço Nacional

¹⁹ BRASIL. Constituição (1934). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1934. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm Último acesso: 17/05/2017

²⁰ Desde 1909, com o decreto Nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, o governo de Nilo Peçanha institui efetivamente a educação profissional no país. Este decreto visava, conforme sua justificativa, ser um meio de assistência e capacitação da população crescente das cidades. O texto afirma, que para vencer as dificuldades postas, às classes proletárias, se fazia necessário “[...] não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastara da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime [...]”. Assim, ao longo das primeiras décadas do século XX, o Estado brasileiro vai aprimorando a legislação que regulamentará esta modalidade de ensino. De acordo com Lidiane Soares Wittaczik (2008, p. 79-80), em 1940 é criado o Sistema S, que são “[...] escolas financiadas e geridas pelos empresários por via de recolhimento de 1% sobre a folha de salários e fiscalizadas pelo Poder Público”. Já em 1942, o governo funda o Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários – SENAI, que tinha como objetivo organizar e administrar, em todo país, escolas de aprendizagem para industriários. Ver: WITTACZIK, Lidiane Soares. Educação profissional no Brasil: histórico. Revista E-tech: tecnologias para competitividade industrial, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 77-86, jan/jun, 2008.

de Aprendizagem dos Industriários (SENAI). Entendemos que essa preferência pelo ensino profissional se dá por conta do processo de consolidação da industrialização no Brasil. Por conseguinte, seria necessária uma mão-de-obra qualificada para dar suporte a essas atividades industriais que seriam o novo sustentáculo da economia do país.

Ainda em 1942, o Decreto-lei 4.244, de 9 de abril de 1942 versará outra vez sobre as atribuições do Ensino Secundário. No entanto, mesmo com uma lei que vai estruturar e regulamentar o ensino secundário, de acordo com os estudos de Palma Filho (2010), esta não vai conseguir deixar de ser apenas um curso preparatório para o ensino superior, não obstante todas as tentativas do discurso oficial de mascarar essa intenção. E, por fim, o Decreto-lei 6.141, de 28 de dezembro de 1943, que vai estabelecer as bases e a organização do Ensino Comercial²¹.

Nessa breve rememoração das reformas educacionais propostas ao país no início do governo de Vargas, pós criação do Ministério da Educação e Saúde, podemos entender num âmbito geral como estava sendo delineado o novo sistema educacional e como essas mudanças iam modificar as instituições escolares e a vida de muitos estudantes, sujeitos esses que são o foco desta pesquisa. Passaremos, agora, à análise de como essas transformações chegaram ao Estado do Ceará e, logo após esse breve histórico, vamos tentar visualizar nosso sujeito dentro dessa nova perspectiva educacional.

2.1.1 E o Ceará nisso tudo? As reformas educacionais em terras alencarinas.

Ao procurarmos trabalhos que nos dessem indícios sobre como o Ceará estava envolvido com as reformas educacionais nos anos de 1930, encontramos algumas pesquisas que remontam à efervescência de políticas reformistas da instrução pública estadual, dentre elas podemos destacar a monografia apresentada ao Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará por Plácido Aderaldo Castelo intitulada *História do Ensino no Ceará*, publicado em 1970, obra referencial para os estudos sobre o ensino no Estado do Ceará. Outro texto relevante é apresentado a nós por Sofia Lerche Vieira sob o título *História da Educação no Ceará: sobre promessas, fatos e feitos*, publicado em 2002. São vários autores que permeiam pelo campo

²¹ O Ensino comercial é dividido em três categorias, são elas: a) cursos de formação; b) cursos de continuação e c) cursos de aperfeiçoamento. Dentre todas as características voltadas para a capacitação de indivíduos hábeis para o trabalho específico na área do comércio, exercendo as funções auxiliares de caráter administrativo nos negócios públicos e privados. Além da instrução primeira, o ensino comercial oferece o aperfeiçoamento dos alunos. Dentro da organização dos cursos e suas disciplinas a formação moral e cívica não era esquecida, tendo espaço garantido pelo artigo nº 38. Ver: BRASIL. Decreto-lei nº 6.141, de 28 de dezembro de 1943. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6141-28-dezembro-1943-416183-publicacaooriginal-1-pe.html> Último acesso: 09/01/2016.

educacional cearense, porém ressaltamos estas duas obras pelo seu distanciamento temporal, assim, podemos observar como os estudos sobre a temática avançaram ao longo desses mais de 30 anos. Durante a leitura dos textos referentes às reformas educacionais que o Brasil passou, desde a década de 1920, a que se tem maior destaque é a reforma de 1922, sendo, seu pensador, o escolanovista Lourenço Filho²². De acordo com Delane Lima Nogueira (2008, p. 115), “o que se sucede durante os anos 1930 no campo educacional cearense é fruto de iniciativas que tiveram seu nascedouro na década anterior, quando se assistiu um intenso movimento de reformas”.

Entre 1928 a 1934, Joaquim Moreira de Sousa, ocupou o cargo de diretor da Instrução pública do Estado. Nos anos de sua diretoria realizaram-se várias ações que procuraram melhorar a educação pública no Ceará. Uma dessas intervenções é descrita em um de seus textos, onde faz um apanhado sobre escola no Ceará e apresenta uma proposta de reformulação do ensino normal. Nesse documento, caberia ao Estado rever a formação de professores locais, pois estavam nestes profissionais a tarefa de “formação de um caráter nacional, que assegure, (sic) a grandeza, a honra e a soberania da Pátria, sem se ir, decididamente, de corpo e alma, modelar com carinho, essa massa plástica que é a população juvenil das escolas primárias”. (SOUSA, 1934, p. 43)

Se analisarmos o trecho acima, veremos claramente a defesa de um projeto de nação. Um projeto que visava integrar o Brasil, colocar o país no *hall* de países desenvolvidos, civilizados, de um povo heroico que tinha no trabalho o instrumento para o crescimento da Pátria. Mais adiante, quando analisarmos os discursos que vão tentar dar um perfil ao estudante brasileiro, este projeto vai se fazer presente na maioria dos escritos que pretendem ser uma espécie de código de conduta estudantil. Veremos que este projeto tinha como princípio a construção de um caráter nacional, que assegurasse a formação de jovens honrados e defensores da pátria acima de tudo.

22 Manoel Bergström Lourenço Filho nasceu no dia 10 de março de 1897, em Porto Ferreira (SP) e faleceu no Rio de Janeiro, em 3 de agosto de 1970, aos 73 anos. Concluiu a Escola Normal Primária de Pirassununga, em 1914, passando a exercer o magistério primário em sua cidade natal. Mudou-se para a cidade de São Paulo, onde estudou na Escola Normal Secundária (Praça da República) e obteve novo diploma de professor. EM 1919, ingressou na Faculdade de Medicina de São Paulo, porém não concluiu o curso. No ano de 1929, recebeu o grau Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito de São Paulo. Começou sua vida profissional em 1920, a serviço da psicologia e da educação. Lecionou educação cívica e pedagogia na Escola Normal Primária de São Paulo (1920); psicologia e pedagogia, na Escola Normal de Piracicaba (1921); psicologia educacional na USP (1934) e na Universidade do Distrito Federal (1935), posteriormente Universidade do Brasil (1937). No Ceará, organizou o ensino público do Estado, onde criou o laboratório de psicologia, ainda em 1920; organizou a Biblioteca de Educação. Integrou o movimento escolanovista, tendo escrito o livro básico para se compreender o movimento (*Introdução ao Estudo da Escola Nova*, em 1930) e foi um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931997000100009 Último acesso em: 19/05/2017

O cenário educacional cearense é de escassez de verbas, escolas com más estruturas físicas, sem as mínimas condições de efetivar a premissa da Constituição que entrega a família e ao Estado a obrigatoriedade do Ensino Primário. Em documento analisado por Nogueira (2008, p. 117-118), Menezes Pimentel, interventor do Ceará, confirma as condições enfrentadas pelos estudantes cearenses, tanto da capital como no interior do estado.

Mesmo na Capital do Estado, não são totalmente satisfatórias as condições do ensino primário estadual. Ha escolas públicas, não só mal instaladas em prédios impróprios, muitas vezes numa sala de dimensões exíguas, sem conforto e sem higiene, como também desprovidas do mobiliário e do material didatico imprescindíveis; e é claro que, funcionando em ambiente anti-higiênico e anti-pedagógico, essas escolas negam, por si mesmas, a alta finalidade social a que se destinam. Mesmo alguns dos grupos escolares e escolas reunidas de Fortaleza, como o da Fênix Caixeiral e as escolas reunidas do Arraial Moura Brasil e da Prainha, por exemplo, não oferecem condições satisfatórias de instalações, apertando-se condenavelmente em prédios impróprios. Se é essa a situação na Capital do Estado, pode-se bem imaginar o que vem a ser a mesma nos recantos mais afastados do interior, sobretudo no que se refere ás escolas de entrância inferior.²³

Mesmo assim sem as exigências necessárias para tal obrigação para com a sociedade, registram-se no Estado uma expansão nos números de estabelecimentos de ensino e no quantitativo de matrículas. Nesse primeiro momento, não poderíamos deixar de ambientar o leitor na conjuntura política concernente ao espaço em que nossos sujeitos vão estabelecer suas redes de sociabilidade e onde vão desenvolver suas próprias estratégias de luta por direitos: a escola. Ao entendermos como estavam estabelecidas as bases educacionais, neste contexto, podemos compreender as ações empreendidas pelos grupos estudantis pesquisados.

Para termos um esclarecimento maior acerca do quantitativo de matrículas efetivas, número de estabelecimentos de ensino, frequência e aprovações, dados estes anteriores e posteriores as reformas educacionais propostas pelo Ministério da Educação e Saúde e pelas constituições (1934 e 1937), analisaremos os números dispostos no tópico *Situação Cultural*, dos anuários estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Temos como base os documentos publicados de 1937 a 1949 e, pretendemos com análise destes dados fazer uma tabela comparativa para tentar observar as mudanças e discrepâncias nos discursos oficiais.

Observemos o quadro abaixo:

Quadro 1 – Ensino em Geral – Resultados gerais do Brasil, dados sobre unidades escolares, matrículas, frequência média e conclusões de curso:

²³ CEARÁ. Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1º de julho de 1936 pelo governador do Estado Dr. F. de Menezes Pimentel. Fortaleza: Imprensa oficial, 1936. p.21.

Ano	Unidades Escolares – Total	Nº de matrículas	Frequência Média	Conclusões de Curso
1932	29.948	2.274.213	1.605.879	148.445
1933	32.430	2.466.092	1.628.656	197.625
1934	33.952	2.676.756	1.829.024	194.285
1935 ²⁴	35.043	2.731.414	1.906.320	190.537
1937	42.627	3.250.296	2.269.681	263.506
1945	51.368	4.171.417	2.440.989	272.321

Fonte: IBGE.

Anuário Estatístico do Brasil (1937, 1938, 1941/1945, 1946 e 1949).

Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Estatística da Educação e Saúde (1935, 1946)

Entre 1932 e 1945, no quesito unidades escolares, na contabilidade nacional, houve um aumento nos estabelecimentos de ensino e do quantitativo de matrículas a partir de 1934, ano em que é aprovada a constituição do governo provisório. Mesmo em 1937, com a nova legislação autoritária reduzindo as obrigações da União, os dados de matrícula continuam a crescer, chegando em 1945, fim do Estado Novo, com mais de 50 mil matriculados em território nacional e com mais de 200 mil conclusões de curso.

No que se refere aos dados estaduais (Quadro II), visualizamos uma diminuição nas unidades de ensino, pois que em 1932 haviam 928 escolas no estado, sendo 77 municípios contemplados com 889 escolas de ensino primário e 11 voltadas para o secundário. Já em 1934, esse número foi reduzido à 906 no total, sendo 856 do primário e 8 do secundário. Porém, com essa diminuição das unidades escolares no Ceará, nesse mesmo período, houve um aumento do número de matrículas, no geral, de 60.663 para 69.243. Quando observamos esse contingente de inscrições devemos levar em consideração, também, a frequência desses estudantes, pois que não nos basta estar matriculado, mas sim, frequentando o estabelecimento educacional. É por meio desta contabilização que podemos ter uma ideia aproximada da população estudantil do Estado, que nesse período vai girar em torno de 38.666 estudantes.

Quadro 2 – Ensino em Geral – Resultados gerais regionais (Ceará), dados sobre unidades escolares, matrículas:

Ano	Unid. Escolares – Total	Unid. escolares por Sexo ²⁵		Nº de matrículas	Matrículas por Sexo	
		Masc.	Fem.		Masc.	Fem.
193	928	-	-	60.663	28.966	31.697

²⁴ Referências para o Ensino Comum: Geral, Semi-especializado e Especializado (Elementar, Secundário, Médio e Superior).

²⁵ Não encontramos os dados referentes as unidades escolares por sexo dos anos de 1932, 1938 e 1945.

2						
193	913	87	70	66.389	31.945	34.444
3						
193	906	66	57	69.243	31.795	37.268
4						
193	957	66	60	70.264	31.830	38.434
5						
193	1.725	-	-	112.636	49.930	62.720
8						
194	1.933	-	-	123.647	55.601	68.046
5						

Fonte: IBGE.

Anuário Estatístico do Brasil (1937, 1938, 1941/1945 e 1949).

Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Estatística da Educação e Saúde (1935, 1946).

Ao analisarmos o Quadro II, no que se refere as unidades escolares divididas por sexo, podemos observar uma menor quantidade voltada exclusivamente ao sexo feminino. Mesmo a pequena diferença no quantitativo masculino, quando analisamos as matrículas por sexo, vemos que desde 1932 as matrículas femininas ultrapassam as masculinas. Dessa forma, podemos supor que muitas dessas matrículas estejam ligadas ao fato de que a profissão professoral tinha, tradicionalmente, como uma prerrogativa feminina.

Uma das crenças ilusórias que o imaginário republicano brasileiro entreteceu e que se estendeu ao século XX foi a fé do liberalismo no poder da escola. Como baluarte da concretização dessa crença erigiu-se um outro emblema: a destinação vocacionada feminina para educar a infância. Essa imagética, que se estruturou nos finais dos oitocentos e persistiu ao longo do século XX, estava voltada principalmente para um simbolismo atávico ancorado no potencial de redenção pela pureza e amor ao próximo, atributos dos quais as mulheres eram/são possuidoras, e teve o efeito de maximizar a importância feminina na educação escolar. Em contrapartida, enquanto o magistério de crianças se tornou um espaço feminino, afastou também das salas de aula os homens que buscaram outras opções na estrutura hierárquica escolar ocupando cargos administrativos. (ALMEIDA, 2004, p. 1)

Podemos justificar a afirmativa quando observamos o Quadro abaixo (III), pois o quantitativo do corpo docente feminino é bem maior que o masculino.

Quadro 3 – Corpo docente (Ceará).

Ano	Corpo docente	Corpo Docente Por Sexo	
		Masculino	Feminino
1932	1.800	480	1.320
193	1.865	461	1.404

3			
1934	1.828	420	1.408
1935	1.816	413	1.403
1938	3.170	689	2.481
1945	4.482	1.173	3.309

Fonte: IBGE.

Anuário Estatístico do Brasil (1937, 1938, 1941/1945 e 1949).

Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Estatística da Educação e Saúde (1935, 1946).

Quadro 4 – Frequência e Conclusões de Curso média e por sexo (Ceará):

Ano	Freq. Média	Freq. Por sexo.		Conclusões de Curso	Conclusões . Por sexo	
		Masc.	Fem.		M asc.	Fem.
1932	30.649	14.245	16.404	2.223	835	1.388
1933	38.157	18.023	20.134	12.014	5.218	6.796
1934	38.666	17.546	21.120	2.393	958	1.435
1935	40.544	18.807	22.237	2.421	963	1.458
1938 ²⁶	-	-	-	3.476	-	-
1945 ²⁷	68.961	-	-	9.244	-	-

Fonte: IBGE.

Anuário Estatístico do Brasil (1937 e 1949).

Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Estatística da Educação e Saúde.

Se acompanharmos os anuários em sua continuidade, os dados referentes as matrículas, veremos o crescente número de novas inscrições, frequência e conclusões de curso no país. Quando avançamos na análise destes dados regionais e fazemos uma contabilidade, pensando o ano de 1934, período de adaptação e implementação da reforma educacional proposta um ano após o golpe de 1930²⁸ e, 1945 marco da queda do regime ditatorial de Getúlio

²⁶ Não encontramos dados referentes ao ano de 1938, nas categorias frequência média, frequência por sexo e conclusões de curso por sexo.

²⁷ O ano de 1945 não traz os dados referente a frequência e conclusão de curso por sexo.

²⁸ A partir de 1931, o governo estabelecido após a Revolução de 30, vai lançar seis decretos, já citados anteriormente na página 6, que serão responsáveis por uma reforma no sistema educacional do país. Ver: PALMA FILHO, João C. (organizador). Pedagogia Cidadã. Cadernos de Formação. História da Educação. Ed. São Paulo:

Vargas, ano em que também finda a Segunda Guerra Mundial, estes números se tornam mais expressivos. Percebemos que num espaço de mais de uma década as matrículas passam de 69.243 para a marca de 123.647.

Podemos supor que, além das muitas carências já citadas pelo interventor Menezes Pimentel, essa diminuição das unidades escolares no Ceará de 1932 a 1934, se deve, pelo fato da maioria dos prédios onde funcionavam as escolas serem arrendados. Dos 850 estabelecimentos de ensino, no total 572 estavam nessa situação. O restante dos imóveis vai estar entre os públicos ou privados que somam-se apenas 53 e, os cedidos gratuitamente para o serviço público ou privado que serão de 225. Porém, mesmo com essa diminuição, as matrículas não param de crescer. Já os dados de 1938 a 1945, vão nos mostrar que o Ceará teve um aumento significativo em escolas, matrículas e corpo docente.

Agora pensando os números apresentados e sua relação com nossos sujeitos, enquanto Fortaleza, no início da década de 1940, tinha em torno de 200 mil habitantes²⁹, cerca de 20.128, ou seja, quase 11% dos indivíduos faziam parte da camada estudantil, entre meninos e meninas, discentes de escolas públicas ou privadas, tecendo e experimentando as tramas citadinas.

O *ser estudante*, conceito que não é unívoco, pois que é inventado/criado por vários discursos, mas que todos convergem na direção da legitimação da categoria perante os espaços que dividem o poder na sociedade.

Entre as idas aos cinemas para apreciar filmes e seriados de faroeste, imitando os artistas de Hollywood com suas roupas e trejeitos modernos, no meio de debates acalorados nos cafés da Praça do Ferreira sobre a neutralidade brasileira em torno do conflito mundial, os estudantes cearenses mostravam-se compreensivos ao seu dever pátrio. Nas memórias estudantis de Blanchard Girão (1997, p. 59), enquanto aluno do Liceu do Ceará, afirma que mesmo com a proibição de qualquer manifestação popular pela polícia estadual, os liceístas “[...] haviam realizado animadas passeatas, que partindo da então Praça Fernandes Vieira, atual Gustavo Barroso, terminavam sistematicamente ao pé da Coluna da Hora” em defesa da soberania nacional e declarando-se contrários à política de neutralidade do governo ditatorial frente a hostilidade dos países integrantes do Eixo. Assim, em agosto de 1942, participaram do famoso *Quebra – quebra*³⁰, movimento, de cunho popular, que perpetrrou a depredação de

PROGRAD/UNESP – Santa Clara Editora, 2005 – p. 61-74.

²⁹ As memórias de Blanchard Girão (1997) e Marciano Lopes (1988) fazem alusão ao número de habitantes de Fortaleza. Nas duas referências a capital cearense tinha 200 mil habitantes, na década de 1940.

³⁰ De acordo com Carlos Renato Freire (2012, p. 1), “[...] uma série de depredações a estabelecimentos comerciais pertencentes aos estrangeiros que tinham alguma relação com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

vários estabelecimentos que representavam os países agressores. Destarte houve a destruição de lojas como,

[...] “As Pernambucanas”, do grupo Lundgren, a Sapataria Veneza, representações de laboratórios como a Bayer e outros, foram destruídos violentamente, seguindo-se saques por toda parte dos aproveitadores de sempre. Era a explosão do sentimento nacional contra os países agressores (Alemanha, Itália e Japão, este, nesta altura já integrando às forças nazi-fascistas) [...]. (GIRÃO, 1997, p. 58)

Com tanta confusão espalhada pelas ruas do centro da cidade, por conta da grande revolta patriótica da população, que parecia não ser passageira, os donos de vários estabelecimentos comerciais, inclusive das Pernambucanas, loja que como pudemos ver no relato de Girão foi alvo dos populares, começaram a soltar notas nos jornais da cidade explicando à população sua origem e negando veementemente qualquer ligação de seu comércio com as forças agressoras do Eixo. Abaixo, podemos ver uma das muitas imagens capturadas durante os protestos populares de agosto de 1942.

Figura 1 - Protestos populares (Estudantes e Trabalhadores, agosto de 1942).



Fonte: GIRÃO, Blanchard. O Liceu e o Bonde na paisagem sentimental de Fortaleza Província. Fortaleza: Editora ABC, 1997, p. 113.

É importante notar que os jornais publicavam várias notas do governo do Estado

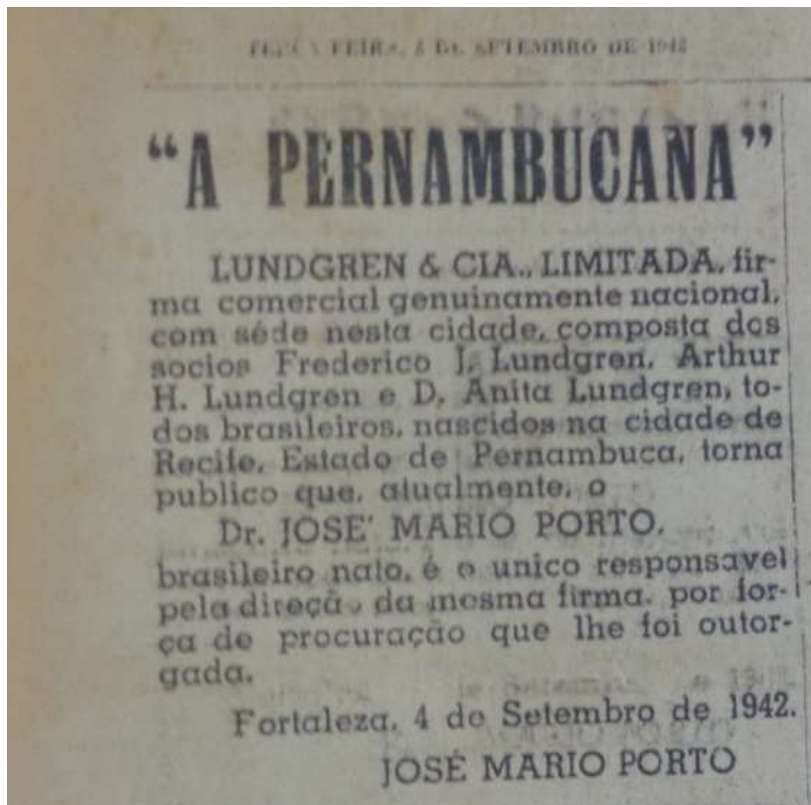
Somou-se mais de 200 baixas civis nesses ataques, motivo este que é comumente atribuído como a justificção mais plausível para essa violenta reação. Essas depredações ficaram conhecidas na capital cearense como o Quebra-quebra de 1942”.

pedindo a população que não se deixassem corromper pela cólera da vingança e que nesse momento todos deveriam acreditar e esperar por uma resposta do Presidente da nação, Getúlio Vargas. Porém, em nossas investigações não encontramos matérias mais específicas da participação estudantil nesse movimento, apenas indícios nos são dados pelos periódicos, como nas descrições nos pedidos de contenção do povo. Esta falta de grandes detalhes sobre o ocorrido, nos textos jornalísticos, nos leva a crer que os jornais evitavam noticiar determinados movimentos de cunho agressivo da massa populacional para não denegrir o caráter civilizado do povo brasileiro. Citamos abaixo, uma dessas notas encontradas lançadas pela interventoria do estado, no jornal *Correio do Ceará*, de 19 de agosto de 1942, apelando aos “srs. Pais de família, diretores de colégios e ao povo em geral” que,

[...] recolham os estudantes as suas casas, pois tem resolvido com a Força Federal, manter a ordem pública, ainda mesmo agindo com energia. O povo deve entregar-se imediatamente às suas atividades e aguardar serenamente a oportunidade de estar e postos para servir a Nação, pois a exaltação pública, longe de conjurar a situação atual do Brasil, mais agrava a organização da defesa nacional. Todos devemos estar unidos, com um só pensamento – o de servir e honrar a Pátria, confiante na ação patriótica [...].³¹ (Grifo nosso)

Figura 2 - Nota no jornal da loja “A Pernambucana” alegando sua brasilidade contra o quebra-quebra popular de estabelecimentos supostamente ligados ao bloco de países do Eixo.

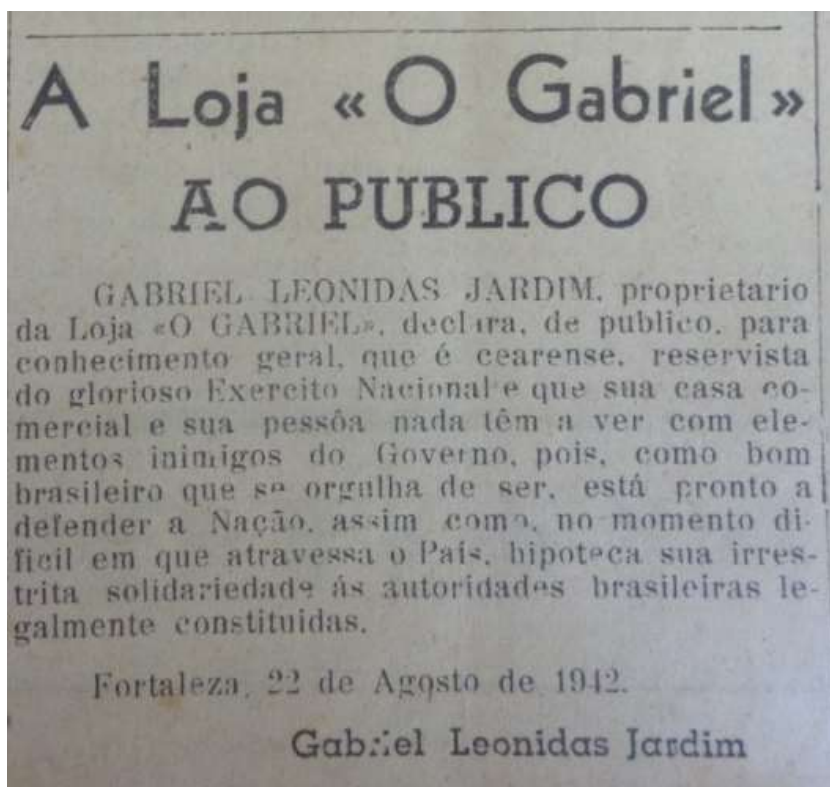
³¹ CORREIO DO CEARÁ, 19 de agosto de 1942. Capa.



Fonte: Jornal O Nordeste de 8 de setembro de 1942.

Além das notas da interventoria pública numa tentativa de conter os ânimos da população, as casas comerciais em grande pavorosa por conta dos ataques vão publicar textos contendo mensagens de repúdio aos ataques, de apoio à reação do país contra os países do Eixo e, o mais importante, vão dar um certificado de nacionalidade as suas propriedades. Podemos identificar, na imagem abaixo, a preocupação em demarcar a nacionalidade dos donos dos estabelecimentos para se evitar o ataque da população ao estabelecimento comercial.

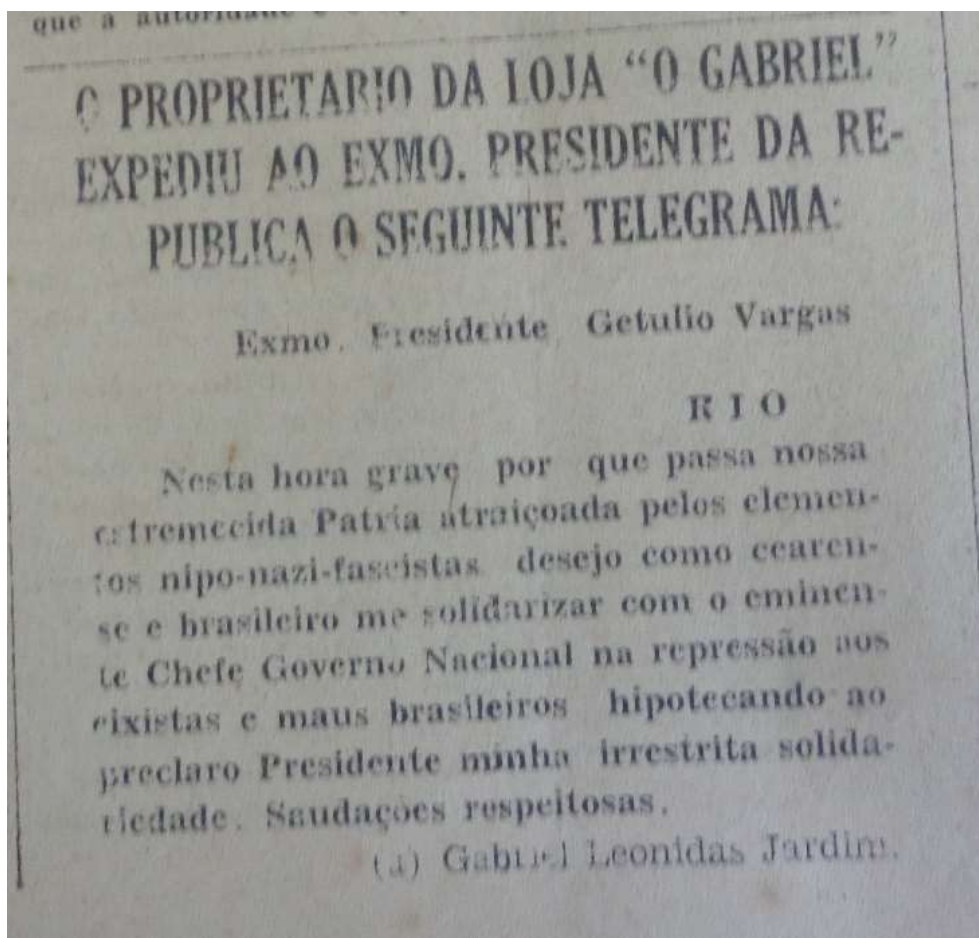
Figura 3 - Nota no jornal da loja “O Gabriel” alegando sua brasilidade contra o quebra-quebra popular de estabelecimentos supostamente ligados ao bloco de países do Eixo.



Fonte: Jornal O Nordeste, de 26 de agosto de 1942.

Com as ondas populares de ataques aos estabelecimentos que poderiam ou teriam ligações com as forças agressoras vão deixar os comerciantes em pavorosa. Estes criaram mecanismos para que a violência não chegasse em suas lojas, como já foi citado as notas negando as relações com os países do Eixo, mas o desespero chegou a ser tão desmedido que o senhor Gabriel Leonidas Jardim, além de escrever um telegrama em que presta solidariedade ao Presidente da República faz que essa sua atitude patriótica seja publicada na imprensa cearense. Se observarmos sua atitude de publicar nos jornais o telegrama mostra seu total “comprometimento” com a causa do país e visibiliza, aos que ainda teimam em não acreditar, a sua fidelidade á Pátria.

Figura 4 - “O proprietário da loja ‘O Gabriel’ expediu ao Exmo. Presidente da República o seguinte telegrama”, publicado pelo jornal *O Nordeste*, em 1942.



Fonte: Jornal *O Nordeste*, de 27 de agosto de 1942.

Foram anos de grandes agitações pela cidade, “[...] nos bondes, em ensurdecadora barulheira, a meninada do velho estabelecimento gritava palavras de ordem contra Hitler, Mussoline e Hiroito e pedia nossa participação ao lado das nações Aliadas”. (GIRÃO, 1997. P. 59) Estávamos num clima belicoso, nas escolas os estudantes preocupavam-se com sua preparação militar, pois não sabiam quem poderia estar no front, ou no caso de ataque direto deveriam estar preparados para o combate.

Para Marialice Foracchi (1965, p. 227) o perfil do “bom estudante” aquele que “se desinteressava das questões políticas” não mais existia, pois “foi durante a vigência do Estado Nôvo que as manifestações estudantis se revestiram de conotação política” (*sic*). Observamos esta afirmação quando analisamos as memórias de Girão, tomando os devidos cuidados com o discurso saudosista de quem conta sua própria história, onde podemos ver traços da politização dos discentes cearenses durante a contradição que era o governo ditatorial de Getúlio Vargas e a posição tomada pelo Estado brasileiro após os ataques proferidos pelas forças do Eixo. A imagem abaixo mostra a mobilização política dos estudantes do Liceu do Ceará em prol do reestabelecimento da Democracia e contra o Fascismo.

Figura 5 – Manifestações estudantis pedindo a volta da Democracia e contra o Fascismo.



Fonte: GIRÃO, Blanchard. O Liceu e o Bonde na paisagem sentimental de Fortaleza Província. Fortaleza: Editora ABC, 1997, p. 97

Conforme rememora Blanchard Girão³², era no trajeto entre a praça Fernandes Vieira³³ à Praça do Ferreira, dentro dos bondes da *Ceará Light*³⁴ que os estudantes cearenses, no caso específico dos liceístas, cantavam músicas, contavam anedotas e “bagunçavam” dentro dos bondes. Estes, ainda de acordo com o autor, com suas traquinagens juvenis implicavam com outros passageiros, “[...]Trocavam a posição do bancos móveis, puxavam a lança do veículo, paralisando-o abruptamente, fugiam dos condutores responsáveis pela cobrança das passagens, cantava músicas e diziam anedotas, faziam aquela barafunda”. (1997, p. 171) E,

³² É sempre importante lembrar que “As lembranças também se alteram quando revistas. Ao contrário do estereótipo do passado lembrado como imutavelmente fixo, recordações são maleáveis e flexíveis; aquilo que parece haver acontecido passa por contínua mudança. Quando recordamos ampliamos determinados acontecimentos e então os reinterpretamos à luz da experiência subsequente e da necessidade presente”. (LOWENTHAL, p. 97) Dessa forma, buscamos tomar cuidado para não tomarmos as falas de Blanchard Girão e os demais autores como verdade absolutas, mas como interpretações de sua experiência enquanto estudante, morador e experimentador do cotidiano de Fortaleza.

³³ A praça Fernandes Vieira, hoje, está localizada à rua Guilherme Rocha, no bairro Jacarecanga. Tendo sido inaugurada na década de 1940. Em 1945, a administração do Colégio Liceu do Ceará foi transferida para seu entorno, ficando, esta, mais como pracinha do Liceu. Na década de 1960, veio a chamar-se Praça Gustavo Barroso em homenagem ao intelectual cearense que concluiu seus estudos no Liceu do Ceará.

³⁴ A *Ceará, Tramways, Light & Power Ltda* foi responsável pela instalação da primeira linha de bondes elétricos da cidade de Fortaleza, em 1913. Os bondes funcionaram até os anos 1947, sendo estes o principal meio de transporte da capital cearense. Cf. SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo. *Entre o fio e a rede: a energia elétrica no cotidiano de Fortaleza (1945-1965)*. Tese (doutorado) defendida em 2008, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. p. 37-38.

assim, iam por todo o trajeto do Bonde da Jacarecanga³⁵ entre aplausos e vaias, até chegarem ao destino final, a Praça do Ferreira. Lá com suas frondosas árvores e bancos confortáveis era o reduto de conversas e flertes com as normalistas.

Abaixo vemos uma fotografia que nos mostra a lotação do Bonde da Jacarecanga. Podemos supor que os passageiros que vemos pendurados e, também, dentro do veículo muitos são alunos do Liceu, pois podemos reconhecer pela farda da escola que consistia em calça, camisa e quepe. Fardamento também descrito por Blanchard Girão em suas memórias do Liceu de seu tempo³⁶.

Figura 6: Estudantes do Liceu no Bonde da Jacarecanga.



Fonte: LOPES, Marciano. Royal Briar: Fortaleza dos anos 40. Fortaleza: Tipoprogresso, 1988, p.121

Nos anos 1940, a referência de lazer e diversão era a Praça do Ferreira, era aquele espaço, o “centro nevrálgico da cidade”, segundo Marciano Lopes (1988, p. 49). Havia cinemas, como o Cine Majestic e o Moderno, o Excelsior Hotel (hotel mais luxuoso de Fortaleza), os cafés Globo e Baturité, restaurantes (A merendinha e Peixe Frito), as farmácias Belém, Globo, Santo Antônio e do Povo, sem nos esquecermos da mais famosa, a *Pharmacia Oswaldo Cruz*.

³⁵ De acordo com Marciano Lopes (1988, p.123-124) o bonde da Jacarecanga seguia o seguinte trajeto “[...] deixava aquele ponto final (Praça do Ferreira) e dobrava à esquerda, na Rua Guilherme Rocha e seguia direto, até a Praça do Liceu, dobrando, à direita, na Avenida Coronel Philomeno Gomes, fazendo ponto final na calçada da Fábrica de Redes São José, de Pedro Philomeno, próximo à linha do trem, fundos do Cemitério São João Batista. O retorno era feito pelo mesmo circuito, adentrando a Praça do Ferreira, pela Rua Major Facundo, dobrava à esquerda, na Rua Pedro Borges e chegava à Rua Floriano Peixoto no seu terminal.

³⁶ “Em meio ao burburinho da ‘Praça’ – e era assim que todos se referiam ao velho logradouro do Boticário – o cenário dominado pelos bondes tinha um referencial colorido: o fardamento da estudantada do Liceu do Ceará e da Escola Normal. Os liceístas no realce azul; as normalistas, do vermelho. As túnica fechadas com sete botões, com destaques azuis na extremidade inferior das mangas, os emblemas do colégio em cada ponta da gola; o quepe cáqui; as calças com duas faixas verticais azuis, em paralelo”. (GIRÃO, 1997, p 25)

Na Praça do Ferreira tinha de um tudo, ali se encontrava o “coração da cidade”. (LOPES, 1988, p. 50-51)

As praças de Fortaleza, principalmente as que se encontram próximas aos colégios e escolas, são alguns dos pontos de encontro e socialização desses estudantes. Lá estes podiam tecer suas redes de sociabilidade³⁷, algumas vezes esquecendo que estavam sob os olhos dos bedéis e dos transeuntes. Os bancos e as árvores todos como testemunhas dos flertes, conversas, algazarras, das tramas e lutas desses sujeitos. Durante o ano letivo as praças eram palcos dessas ações estudantis, estes possivelmente preocupados, tanto com as matérias escolares e com a disciplina que deveria ser mantida também fora das escolas, quanto com os acontecimentos impactantes devido ao clima de beligerância no qual o mundo se encontrava. Porém, quando chegava o tão esperado fim do ano letivo, logo após as provas, os aprovados tomavam as praças em comemoração deixando, muitas vezes de lado, as normas disciplinares tão prezadas pelas instituições de ensino.

As provas finais tinham sido feitas, e os aprovados se preparavam para as comemorações, no mais das vezes fazendo balbúrdias na cidade. [...]. O bonde de Jacarecanga apareceu, e foi logo tomado pelos alunos de outras turmas também. Vestimos a túnica pelo avesso, e fomos em direção à Praça do Ferreira. De lá, rumamos para o mercado central, diretamente para as bancas de frutas. Comemos o que tinha de atas, graviolas, chupamos mangas e saímos correndo com as pitombas que serviam para atirar nos outros. Foi uma pândega, o que fazíamos entrando e saindo das lojas em algazarra. (GIRÃO, 1997, p.182)

Mesmo com a felicidade subentendida que o final das atividades escolares trazem para alguns estudantes, Fortaleza estava em clima de guerra, assim como outras cidades do país. Nas ruas realizavam-se exercícios preparatórios contra possíveis ataques do Eixo ao território cearense. Vários jovens eram convocados para as frentes de batalha. As moças que se encantavam pelos soldados americanos que desembarcavam no Ceará, por ocasião da instalação de uma base ianque na capital pelo governo norte-americano, foram apelidadas de “Coca-Colas” pela ciúmeira dos rapazes locais. Blanchard Girão (1997) lembra em suas memórias que essas moças ficaram “faladas”. Pelo Liceu circulavam listas e mais listas com os nomes dessas moças. As que constassem na lista não eram consideradas moças “dignas” para se casarem. As tropas permaneceram modificando o cotidiano fortalezense até 1946, já que em 1945 finda-se a guerra.

³⁷ Para Georg Simmel, interação e sociabilidade não são sinônimos, assim, a interação se dá quando os “interesses e necessidades individuais, conteúdos, fazem com que indivíduos se juntem. Isso por si só, se configura numa interação, ou seja, sociação”. Já sociabilidade, conceito que vai nos interessar nesse estudo, é quando “esses indivíduos além de estarem sociados por interesses específicos, se relacionem em função de um ‘sentimento e por uma satisfação mútua de estarem socializados’. [...] Dito de outro modo, para que a relação seja de sociabilidade é preciso que ambas as pessoas que estejam envolvidas, sintam o prazer nessa sociação”. Lopes Alves, F.: “A dinâmica da sociabilidade em Georg Simmel”, em Contribuciones a las Ciencias Sociales, Julio 2013. O texto encontra-se disponível no site: www.eumed.net/rev/cccss/25/georg-simmel.html) Último acesso em 22.02.2016

Ao longo da análise das falas de Blanchard Girão e Marciano Lopes pudemos identificar um grande saudosismo do “seu tempo”. Por isso, muitas das informações, detalhes, sentimento dados e expressados pelos autores entendemos como parte integrante das intencionalidades por trás de cada obra. Afinal em *O Liceu e o Bonde* e *Fortaleza dos anos 40*, apontam na direção de uma história que ficou perdida na memória afetiva, como define Girão seu livro de memórias estudantis.

Após essa apresentação do cotidiano citadino da capital cearense, iniciaremos no próximo tópico a refletir sobre a fundação das entidades estudantis escolhidas para esta pesquisa. Nossa proposta é percorrer a trajetória de formação desses grupos, observando como se deu a organização e consolidação do Centro Estudantal Cearense e do Centro Liceal de Educação e Cultura como os principais fomentadores do ME cearense.

Sabemos que desde o início dos anos 1930 até 1945, data que marca o fim da Segunda Grande Guerra Mundial e da Ditadura Vargasista, os estudantes brasileiros estão envolvidos na organização das suas entidades. Em 1937, com a criação da União Nacional dos Estudantes (UNE) e, no caso específico do Ceará o CEC, inaugurado em 11 de agosto de 1931. É por meio dessas organizações locais, em conjunto com a UNE, que os estudantes brasileiros vão se consolidar como grupo social de extrema importância na História do país. São as várias experiências vividas por estes sujeitos, sejam elas de cooperação ou de enfrentamento com o Estado, que vão legitimar sua força nos espaços de poder da sociedade.

Para entendermos como se organizaram os grupos estudantis por nós escolhidos para este trabalho nos utilizaremos do conceito de “círculos” pensado por Maurice Agulhon (2009), em sua obra *El círculo burgués*, pois que tanto o Centro Estudantal Cearense quanto O Centro Liceal de Educação e Cultura, tomam formas de clubes ou círculos. Porém, para além de um grupo que promove atividades culturais, também desenvolvem um papel político representativo dos sujeitos membros.

Sin embargo, es justo decir que Cuvillier la menciona y señala lo esencial: la creación de sociaciones es um processo de compilación social que permite al individuo ser no sólo el hombre de su grupo natural único, sino um hombre ubicado em el cruce de círculos sociales diversos, es decir que puede elegir uma personalidad y uma independência. (AGULHON, 2009, p. 41)

Agulhon (2009, p.38) afirma, também, que “la historia de la sociabilidad es, de algún modo, la historia conjunta de la vida cotidiana, intimamente ligada a la de la psicología colectiva”. Assim, identificar como se deu sua fundação e sua atuação na cidade, sobretudo, seu cotidiano em relação a vida citadina de Fortaleza. Refletir sobre suas práticas políticas e ações de sociabilidade, desenvolvidas ao longo da história dessas entidades estudantis, tem

como objetivo fundamental, entender como se deu o processo de formação e consolidação do Movimento Estudantil no Ceará.

2.2 “Para a honra de minha classe e futura glória de minha pátria”: O Centro Estudantal Cearense, a grande entidade estudantil do Ceará.

A década de 1930, com todas as ebulições políticas e culturais pelas quais o país passou, é um marco para o movimento estudantil, tanto nacional quanto cearense, pois em 1937 é fundada a UNE e, no Ceará, em 1931, o Centro Estudantal Cearense (CEC).

Para desenvolvermos nosso raciocínio em torno da criação das entidades estudantis do Ceará, precisamos entender como estes sujeitos então se organizavam no âmbito nacional. Para isso, se faz necessária a leitura da obra de Arthur Poerner (2004), que tenta fazer um apanhado das ações do movimento estudantil, desde a organização das primeiras ações, mesmo sem uma identificação como categoria, na história do Brasil, até o início do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Sabemos dos problemas teórico-metodológicos das obras que pretendem contar uma origem apresentam. Porém, muitas, como é o caso da supracitada, se fazem necessárias enquanto material de consulta sobre uma temática tão focada em períodos mais recentes da História do Brasil. Quando pensamos em Movimento Estudantil, as primeiras referências que nos vêm à mente é a geração que lutou contra a Ditadura civil-militar em 1968, que foi reificada por várias obras historiográficas e em gêneros literários variados, como na obra de Zuenir Ventura³⁸. Porém, a leitura de Arthur Poerner (2004), afirma que a primeira atividade de intervenção estudantil na política brasileira se dá em 1710, quando alguns soldados franceses liderados por Jean- François Duclerc, empreendem uma invasão à cidade do Rio de Janeiro e, para resistir ao ataque “Os que guardavam a Rua Direita eram todos moços. [...] Eram quase todos estudantes [...]”. Esse fato narrado por Poerner é registrado por Olavo Bilac em seus *Contos pátrios*. Outra obra que também vai falar acerca desses primeiros momentos da categoria estudantil é a tese de Carla de Sant’Ana Brandão Costa (2004), intitulada *Movimento Estudantil Contemporâneo: uma análise compreensiva das suas formas de atuação*. Nesta análise a autora nos aponta que antes da criação de uma entidade que congregasse todos os estudantes do país, que se daria em 1937, com a criação da UNE, os estudantes atuavam através

³⁸ Em várias de suas obras o autor aborda a temática do movimento estudantil durante o período referente aos anos do Regime Militar. Nos textos o ME brasileiro é tomado como uma das grandes forças que lutaram em prol da volta do sistema democrático no país. Cf. 1968: o Ano Que não Terminou, publicado em 1989 e 2006 pela Editora Nova Fronteira e em 2008 pela Editora Planeta e, 1968: O Que Fizemos de Nós, publicado em 2008, pela Editora Planeta.

de grêmios e associações independentes, que lutavam por suas pautas específicas, tendo alguns desses grupos estudantis pequena longevidade, o que não significa que sua atuação tenha pouca importância em suas empreitadas sociopolíticas.

[...] até meados da década de 1930, a maior parte das intervenções estudantis nos assuntos sociais se dava a partir de organizações transitórias com fins específicos e de modo isolado nos Estados. Esses dois aspectos dificultavam o desenvolvimento e organização de metas que mantinham ativas tais organizações, pois colocava fim a causa pela qual os estudantes haviam se unido, a organização. Além disso, não havia integração entre os estudantes dos diversos Estados, fato que limitava regionalmente a atuação dos estudantes. (COSTA, 2004, p. 67)

Ainda de acordo com Costa (2004) essa organização estudantil vai perdurar até os anos de 1930, quando algumas agremiações literárias e culturais, em âmbito local, vão sendo criadas. Anterior à criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), o órgão que congregava os estudantes do país era a Casa do Estudante do Brasil (CEB), fundada por estudantes cariocas em 1929. A entidade detinha um caráter assistencialista e recreativo e por um longo tempo, permaneceu como exemplo para outras associações estudantis no restante do país.

Importante perceber que mesmo sem uma entidade nacional, sem anularmos a inflexão da CEB sobre os grupos estudantis estaduais, os discentes se mostraram presentes nas lutas sociais e nos mais diversos espaços políticos e culturais do país sob diferentes formas. Uma delas foi a instituição de uma data para a celebração do *Dia do Estudante*. Não tomaremos muitas linhas para o acontecimento, pois posteriormente discutiremos mais proficuamente sobre a instituição de uma data comemorativa no calendário cívico brasileiro.

A criação de um dia oficial de festejos e homenagens tem uma razão de ser, e esta se encontra no reconhecimento dos estudantes como uma categoria social que merece ser homenageada pela sociedade. Assim, podemos destacar a tomada do dia 11 de agosto, data que marca a criação dos dois primeiros cursos jurídicos no país³⁹, como *Dia do Estudante Brasileiro*. No Ceará, a data foi oficializada como feriado estadual em 1935, através do decreto nº 67, de 9 de agosto, que é instituído pelo governador do Estado Dr. Francisco de Meneses Pimentel. Na justificativa do decreto percebe-se que o governo congratula-se com o Centro Estudantil Cearense (CEC)⁴⁰.

³⁹ Data que marca a criação dos dois primeiros cursos superiores no país, o de Ciências Jurídicas e Ciências Sociais, através da lei de 11 de agosto de 1827, que cria dois Cursos de ciencias Juridicas e Sociaes, um na cidade de S. Paulo e outro na de Olinda (SIC). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-11-08-1827.htm último acesso 02/12/2015.

⁴⁰ A entidade foi pensada por um grupo de alunos do Liceu do Ceará, que faziam parte do Clube Liceal de Estudos. Após algumas reuniões estes e outros estudantes de instituições locais viram a pertinência da criação de uma entidade com amplitude maior para a categoria, que valorizasse as letras, mas que lutasse pelos interesses dos estudantes em geral. Mais informações sobre a criação do CEC Cf. RAMALHO, Bráulio Eduardo Pessoa. As lutas políticas dos universitários cearenses. (1964-1968) Dissertação defendida no Programa de Pós Graduação (Curso de Mestrado) da Faculdade de Educação – FACED/UFC, em 1992.

Considera feriado, em todo o território do Estado, o dia 11 de agosto – data da fundação do Centro Estudantil Cearense e dos cursos jurídicos no Brasil – como homenagem à classe estudantil.⁴¹

É nesse período de efervescência nos debates acerca da organização de uma entidade única que representasse o interesse dos estudantes, que no Ceará, o 11 de agosto de 1931, marca a criação da primeira entidade estudantil cearense que congregou um diverso e significativo número de sócios até os primeiros anos da década de 1960, o Centro Estudantil Cearense. É importante notarmos que a fundação do CEC não pode ocultar seu atrelamento à Casa do Estudante do Brasil, pois como afirma Altemar Muniz (1996), havia uma

[...] ligação estreita do CEC com a CEB [e esta] ficou mais evidente quando constatamos que o Interventor do Estado em 1931 chamava-se Roberto Carneiro de Mendonça, irmão de Ana Amélia Carneiro de Mendonça, presidenta da CEB, e que inclusive esteve presente à inauguração da Casa do Estudante Pobre do Ceará – fundada pelo CEC em 1933. (MUNIZ, 1996, p. 25)

Antes de passarmos às análises referentes ao funcionamento, suas regras, associações de novos membros e o estatuto de regulamentação, em si, é necessário compreender que o Centro Estudantil, realmente, se pôs como entidade aglutinadora de vastos estudantes, ou seja, o CEC pretendia ser representante oficial da categoria estudantil do Estado. Podemos notar este anseio quando quantificamos os membros e suas instituições de ensino. De acordo com Afonsina Moreira (2006, p. 17), o quadro de sócios, em 1935, chegou a mais 2 mil estudantes, da capital e interior do estado.

[...] tem-se que o Centro Estudantil contava, de acordo com os registros de 1935, com mais de 2 mil discentes associados de vários colégios, como também de escolas superiores da capital e até alguns educandários do interior do Estado, a saber: Liceu do Ceará, Colégio Militar, Ginásio São João, Colégio Cearense, Colégio Castelo Branco, Educandário Cearense, Instituto Santa Dorotéia, Escola Normal, Colégio Imaculada Conceição, Colégio Santa Cecília, Escola de Comércio da Fênix Caixeiral, Faculdade de Direito, faculdade de Farmácia, Escola de Agronomia, Faculdade de Odontologia, estes localizados na capital e Ginásio do Crato, Escola de Comércio de Aracati e Ginásio Sobralense, como estabelecimentos de ensino do interior do estado⁴².

Outra ligação importante estabelecida na eminência de criação do CEC foi com os alunos do Liceu do Ceará. Estes, entusiasmados com os debates em torno do estabelecimento de uma entidade estudantil mais qualificada, a falar pela totalidade dos discentes do Estado, foram os responsáveis por sua fundação.

Militantes do Centro Lical [de Estudos] concluíram, após reuniões e debates, ser necessária a criação de uma entidade estudantil de objetivos mais amplos que – ao invés dos grêmios até então existentes, de finalidades meramente literárias – reunisse a totalidade da categoria e que chamasse a si a realização de empreendimentos maiores que a de revelar a vocação beletrista e de rememorar um ou outra data cívica. (RAMALHO, 2002, p. 19)

⁴¹ CEARÁ, Decreto nº 67, de 9 de agosto de 1935.

⁴² “Uma vitória da Classe Estudantil Cearense”. Matéria originalmente publicada na revista A Economista de Recife e reproduzida na revista do CEC. (Folha Estudantil, Ago. 1935, p. 40). Nota da Autora.

Altemar Muniz e Bráulio Ramalho indicam, de forma semelhante, as tensões existentes sobre essa versão cristalizada da fundação do Centro. Muniz (1996) afirma, baseando-se em análise dos escritos autobiográficos de Raimundo Arruda, um dos fundadores do CEC, que a entidade foi uma idealização de “jovens sequiosos de conhecimento”. Assim, a entidade seria um ambiente não somente literário, como os demais grêmios, mas um centro que proporcionasse tanto uma formação política quanto cultural. Como afirma Raimundo Arruda (1986, p. 37) o CEC seria para “todos que se interessassem pelo aperfeiçoamento intelectual, científico e jurídico, principalmente daqueles egressos do interior de outros estados circunvizinhos carente de meios materiais, para que realizassem seus ideais”.

Por mais diferentes que sejam as versões, estas, não diminuem a importância do acontecimento, visto que com a criação do CEC as lutas estudantis por políticas de assistência e participação na cena política local não vão mais se restringir a ações isoladas e por grupos distintos, mas terá o peso e a legitimidade da grande entidade estudantil do Ceará. Como afirma Raimundo Arruda (1986, P37) “O CEC marcou época por sua eficiência, atuação e defesa dos direitos da classe estudantil. Os sócios encaravam com muita seriedade a sua associação. Vários departamentos foram criados e funcionavam regularmente, [...]”.

Esse mérito era convertido em influência para outros grupos estudantis repensarem sua atuação e organizarem, em seus respectivos Estados, entidades semelhantes ao CEC. Em artigo publicado na Revista do Instituto Histórico do Ceará, no ano de 1983, o escritor Eduardo Campos, afirma que a atuação do Centro Estudantil era tão profícua que outros centros estudantis estavam se espalhando pelo Brasil, como no Rio Grande do Norte, onde em 12 de maio de 1935 é inaugurado o Centro Estudantil Potiguar (CEP)⁴³. O autor cita ainda outros estados que criaram núcleos semelhantes ao CEC⁴⁴.

Com o Centro Potiguar, o CEC passou a ter constantes conexões. Podemos observar que tanto nas visitas, quanto nas elogiosas mensagens trocadas entre representantes das duas

⁴³ “Antes do CEP existiu a Associação Potiguar de Estudantes, fundada em 1928 no Colégio Estadual Atheneu, que chegou a publicar um jornal intitulado *A voz do Estudante*. Em 19 de julho de 1935, através do jornal *A ordem*, o Centro Estudantil Potiguar comunicava aos estudantes a decisão de tomada por unanimidade, em reunião dirigida por João Elysio da Rocha, seu presidente, a favor da fusão da ex-Associação Potiguar de Estudantes com o CEP, tornando-se este a entidade representativa dos estudantes secundaristas. Tal medida se deu, segundo a nota, em obediência a Decreto Federal assinado no Rio de Janeiro, fundando o Centro Estudantil Brasileiro. A partir de então, o CEP passou a coordenar as atividades políticas estudantis no Rio Grande do Norte, até que, em 1949, fundou-se a APE e as duas entidades desencadearam uma luta permanente pela hegemonia do ME, até a extinção legal de ambas pela Lei nº 4.464, de 9 de novembro de 1964”. (SILVA, 1989, p. 21)

⁴⁴ “A empenho do Centro, até aquela data estavam criados núcleos semelhantes no Piauí, Parnaíba, Natal, Mossoró, Maranhão, Espírito Santo, além de outros já anunciados para o Amazonas, Pará, Paraíba, Pernambuco, etc.” (CAMPOS, 1983, p. 140-141)

entidades, informações estas que tinham espaço nas publicações dos jornais locais. Se analisarmos uma dessas mensagens, publicada na *Gazeta de Notícias*, em julho de 1935, podemos identificar alguns ideais e valores que estas agremiações tinham em comum e davam prioridade para perfilar o pensamento dos estudantes brasileiros. No trecho abaixo, vemos que os valores cooperação e trabalho, além do “amor à Pátria”, são o verdadeiro caminho para a grandeza do Brasil.

Os estudantes potiguares, irmanados pelos mesmo ideais que procuram unir a classe estudantina brasileira, integrando-a no verdadeiro caminho da cooperação e do trabalho, levam nesta mensagem, á mocidade cearense, a afirmação de que também tem ainda amor a este Brasil grande e forte, que será um dia mais poderoso pelo civismo, inteligência e cultura da nova geração que irá formar os grandes homens do porvir. (sic)⁴⁵

E para entendermos como esses ideais e ações estudantis eram formulados e desenvolvidos no seu âmbito representativo, precisamos compreender como a entidade funcionava como instituição. Assim, temos que analisar o estatuto que regia o grupo. Com publicação no Diário Oficial do Estado do Ceará, em janeiro 1939, o estatuto do Centro Estudantal Cearense tem como objetivo primordial “congregar todos os estudantes, trabalhando pelo seu aperfeiçoamento moral, social, eugênico e intelectual”, além de:

- [...] b) auxiliar, quanto possível, qualquer estudante reconhecidamente necessitado, quando recorrido pelo mesmo;
- c) – pleitar abatimento nos estabelecimentos de ensino e redução de preços em casas comerciais, e de diversões e em empresas de transportes;
- d) – resolver todas as questões do interesse da classe, defendendo os seus direitos e assegurando-lhe todas as garantias possíveis;
- e) – manter os departamentos creados e de acordo com as necessidades, crear outros que atendam aos interesses sociais;
- f) – trabalhar pela difusão do ideal centrista no sentido de unificar sob a sua bandeira todos os estudantes do Brasil;
- g) – interferir, amigável ou judicialmente, na solução de qualquer conflito por ventura surgido entre seus associados.⁴⁶

Nesse período podemos observar que as preocupações com esse aperfeiçoamento moral e eugênico⁴⁷, do qual fala o estatuto do CEC, tem grande força por se tratar de um projeto de nação defendido pela plataforma da Aliança Liberal, “[...] documento da candidatura de Vargas, está presente um interesse pela educação, o qual é associado ao problema do

⁴⁵ *Gazeta de Notícias*, 21 de julho de 1935.

⁴⁶ Estatutos do CEC in Diário Oficial do Estado do Ceará de 12 de janeiro de 1939.

⁴⁷ Essa proposta do aperfeiçoamento moral, cívico e físico do estudante, baseado no nacionalismo e na teoria eugênica, está ligado ao projeto de nação defendido pelo governo de Getúlio Vargas. Mesmo não sendo um pensamento do século XX, o eugenismo vai estar embutido na legislação e em vários documentos que vão reger a educação do país, a partir dos anos 1930. De acordo com Vieira (2002, p. 193) “O ‘hino, o sermão e a ordem do dia’ são elementos marcantes de várias manifestações do período: o Escotismo, o Clube de Cultura Física, o Órfeão e o Pelotão de Saúde.

saneamento”. (VIEIRA, 2002, p. 172) De acordo com Francisco Adegildo Férrer (2006, p. 209):

Ao conferir tamanha importância à educação física e ao ensino cívico, através da organização e, até incentivos a instituições civis, para a juventude, em períodos de trabalho anual nos campos e nas oficinas, como forma de “promover-lhes a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-la ao cumprimento de seus deveres para com a economia e a defesa da nação” (Art. 132 da Constituição de 1937), em detrimento de uma educação humanista e de cunho liberal, os responsáveis pela política de educação no Estado Novo, objetivavam educar a mocidade dentro dos preceitos básicos estabelecidos pelo novo regime. Donde se conclui que essa foi a fórmula encontrada e que permitia a ocupação do corpo com a atividade física, das mãos com o ensino profissional, ao mesmo tempo em que incutiam em suas mentes um ideário de amor à Pátria, dedicação ao trabalho e respeito à autoridade, pelo ensino cívico.

Destarte, ao analisarmos os objetivos propostos pelo CEC, em relação aos estudantes, percebemos que a entidade procurava se diferenciar de outros grupos estudantis pelo fato de entender os estudantes como uma categoria social, um grupo que deveria se identificar, *unificar*, sob a bandeira do centro, assim, tinha a autoridade de interferir *amigável ou judicialmente* em situações de conflito entre os sócios. O Centro seria a instituição oficial da categoria estudantil do Estado e que poderia expandir seu ideário por todo o país. É nele que os estudantes deveriam recorrer se houvesse qualquer tipo de desrespeito de seus direitos como, por exemplo, se uma casa de diversão se recusasse a ceder o desconto ao estudante, mesmo apresentando sua caderneta de identificação do Centro⁴⁸.

Para fazer parte e ter acesso aos direitos conquistados, os quais eram concedidos aos sócios era necessário a indicação de outro membro “[...] em pleno gozo de seus direitos sociais”. Além de,

§ 1º - Uma Comissão de Sindicancias tomará conhecimento da proposta e sobre a mesma expedirá o seu parecer, após certificar-se rigorosamente, se o proposto satisfaz os requisitos exigidos pelos presentes estatutos.

§ 2º - Favorável o parecer, a Diretoria o encaminhará à Tesouraria Geral, que fichará o novo sócio e expedirá sua caderneta de identidade.

§ 3º - A caderneta conterá as assinaturas do Presidente, Secretário –Geral e Tesoureiro-Geral e será visada na Polícia Civil.

§ 4º - A caderneta trará ainda, relativas ao seu portador: nome, estabelecimento em que estuda, curso, naturalidade, idade, residência, data de admissão no quadro social e fotografia.

§ 5º - A proposta deverão acompanhar duas fotografias com as dimensões 3x4 ets. (sic)⁴⁹

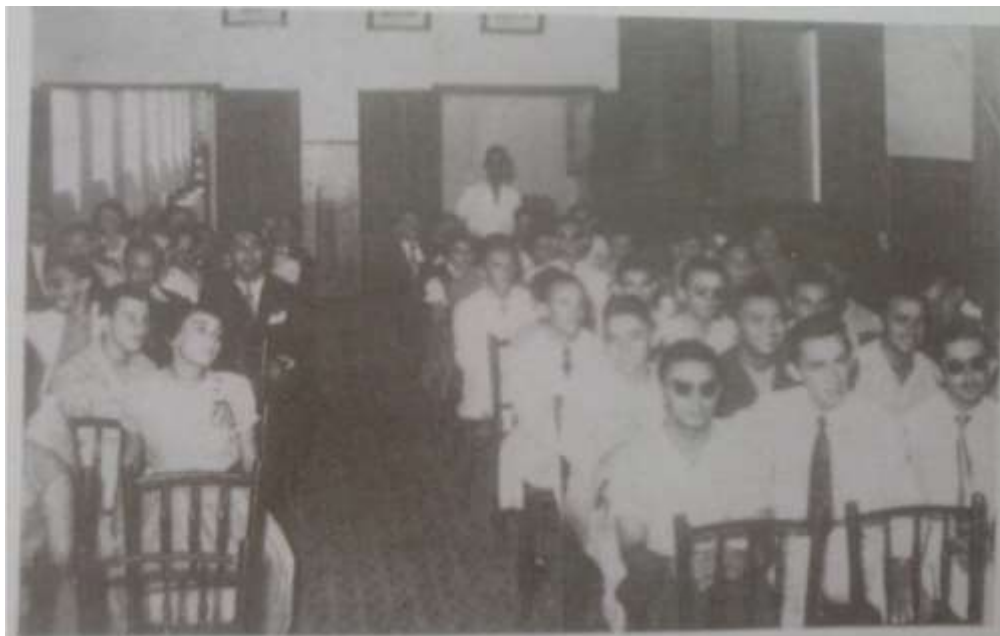
Na imagem abaixo, podemos vislumbrar um dos momentos em que os membros do

⁴⁸ Quando o estudante era sócio do CEC recebia uma carteira que o identificaria como estudante e como sócio para receber os benefícios, como os descontos nos cinemas e a meia passagem nos bondes. Os membros do CEC estavam divididos, de acordo com o estatuto, em sócios: a) efetivos; b) cooperativos; c) correspondentes e por último d) honorários. Todos os sócios deveriam ser indicados por outro centrista e aprovados pela diretoria da entidade.

⁴⁹ Estatutos do CEC in Diário Oficial do Estado do Ceará de 12 de janeiro de 1939.

CEC debatiam sobre as prioridades e ações a serem desenvolvidas ao longo dos dias. Notamos a formalidade da ocasião por conta das vestimentas que os estudantes ostentam na imagem, alguns rapazes de paletó e gravata e as moças com vestidos.

Figura 7- Sessão do Centro Estudantal do ano de 1952.



Fonte: RAMALHO, Bráulio. Foi Assim! O movimento estudantil no Ceará de 1928 a 1968. Fortaleza: ABC, 2002, p. 283.

Nas assembleias, como já citamos, ocorriam os pedidos de ingresso de novos membros e os procedimentos de organização dos residentes da Casa do Estudante, além das pautas que apareciam cotidianamente.

Depois de admitido no quadro social, ainda havia a hierarquia em que o sócio deveria se encaixar, pois dentre os membros existiam quatro modalidades de enquadramento. Eram elas: a) efetivo; b) cooperadores. c) correspondentes e d) honorários. O membro efetivo após receber sua caderneta deveria se comprometer em perpetuar o lema do CEC, “COMO ESTUDANTE, TUDO FAREI PELO CENTRO ESTUDANTAL CEARENSE, PARA HONRA DE MINHA CLASSE E GLÓRIA FUTURA DE MINHA PÁTRIA”⁵⁰. Já os mesmos cooperadores eram aqueles que tinham ou não título honorífico ou científico e prestaram algum tipo de serviço à sociedade. Os correspondentes eram membros efetivos que teriam que residir em outros Estados. Por fim, os honorários eram pessoas que prestaram algum serviço relevante

⁵⁰ O lema apresentado ao sócio do Centro Estudantal Cearense encontra-se na página 7, do Diário Oficial do Estado do Ceará. Sua grafia difere-se de outros dizeres do documento por estar em caixa alta e ser posto como um juramento de fidelidade do membro para com o grupo estudantal.

à sociedade, porém deveriam ser expostos em assembleia e após votação cabia a diretoria a titulação. Já os concorrentes a título de cooperadores são indicados também, por outros sócios e deveriam defender sua indicação em assembleia. Também no estatuto encontramos os dizeres atribuídos aos sujeitos que recebem essa atribuição. O texto formal, com assinaturas do Presidente, Tesoureiro e Secretário Geral é composto também pelo nome do agraciado, sessão com data/local da aceitação da proposta e data/local da confecção do título.

Cada associado detém, além de direitos, deveres a serem cumpridos. Todos estavam listados no estatuto e todos passíveis de penalidades. Dos deveres⁵¹ mais importantes dedicados aos sócios efetivos destacamos o item disposto na letra *e* que tem como determinação “abster-se, por completo, de apresentar ou discutir assuntos de religião ou de política militante, por ocasião das reuniões”⁵². Porém, quando analisamos os primeiros anos de funcionamento do Centro podemos perceber que, como instituição, não se abstinha desse envolvimento político. Muitas foram as discussões sobre a permanência ou exclusão desses debates sobre o credo e política. Assim, de acordo com Bráulio Ramalho (2002, p. 36), “posteriormente, o CEC teve uma Constituição que veio ratificar essa norma”, defesa de uma neutralidade. Para essa querela não faltaram argumentos.

Podemos compreender que essa norma impondo a abstenção dos membros nessas discussões que geralmente aqueceram os ânimos, possa ter sido motivada pelo momento pós-revolucionário que o país passou no começo da década de 1930, como também, pode ser um resquício de outras sociedades que surgiram no século XIX, sendo algo próprio dessas entidades que não eram especificamente políticas. Se analisarmos o cenário político cearense veremos diversas mudanças, sejam na extinção e criação de partidos ou nas idas e vindas de políticos e suas filiações partidárias. Aroldo Mota, em artigo publicado na Revista do Instituto do Ceará, no ano de 2005, afirma que “a revolução de 1930 liquidou com os partidos regionais”. Aqui no Ceará, entre os anos de 1930 e 1945, as disputas pela liderança política local se deram em torno

⁵¹ Os outros deveres que são listados no Estatuto, para os membros efetivos, são: a) dedicar o melhor dos seus esforços pela realização das finalidades centristas, agindo sempre de modo a manter o bom nome da sociedade e obedecendo rigorosamente os seus Estatutos; b) pagar a joia de dois mil réis, a primeira mensalidade e o valor da caderneta social, no ato da entrega desta; c) pagar a contribuição mensal de um mil réis; d) acatar as deliberações da Diretoria e comparecer sempre que possível as sessões ordinárias extraordinárias e solenes e f) esforçar-se por ampliar cada vez mais o quadro social. Os deveres dos sócios cooperadores são os mesmos do efetivo, porém excluindo os descritos nos itens B e C.

⁵² Estatutos do CEC in Diário Oficial do Estado do Ceará de 12 de janeiro de 1939. p.07.

dos seguintes partidos: Clube 03 de Outubro⁵³, Legião Cearense do Trabalho⁵⁴, Ação Integralista⁵⁵, Aliança Liberal⁵⁶, Partido Social Democrático⁵⁷, Liga Eleitoral Católica⁵⁸, Partido Republicano Nacional⁵⁹, Partido Agrário⁶⁰, Partido Republicano Democrata⁶¹, Partido

⁵³ O Clube 03 de Outubro foi fundado em 17 de abril de 1931. Tendo como objetivo maior aglutinar sujeitos que defendessem o ideal maior da Revolução de 1930. Contrários as organizações partidárias, como afirma Aroldo Mota (2000, p. 37) “[...] o país carecia de uma ditadura para a organização administrativa e saneamento de sua moral patriótica”. O Clube era fechado, apenas poderiam participar das atividades e administração da entidade sujeitos que desde o primeiro momento “[...] se comportou com altivez na Revolução”.

⁵⁴ Conforme Aroldo Mota (2000, p. 56), a Legião Cearense do Trabalho foi fundamentada nos preceitos religiosos da Encíclica papal *Rerum Novarum*, que “[...] defendia o direito do trabalhador de se unir em sindicatos e cooperativas”. Fundada e chefiada pelo tenente Severino Sombra de Albuquerque, a Liga Cearense do Trabalho conseguiu reunir em torno de seus ideais a grande maioria dos operários urbanos do Ceará. O autor nos traz um trecho de um documento, que segundo ele foi amplamente distribuído em Fortaleza, chamado “Ideal Legionário”, onde afirmam-se alguns objetivos do partido. “[...] A Legião organiza o operariado para que protegido, educado e coeso, se torne um colaborador honesto e consciente das outras classes. Nós precisamos, sobretudo, defender o Trabalho. Defendê-lo do Liberalismo econômico que reconhecido ou ignorado, regula atualmente suas relações com o Capital. Defendê-lo do Comunismo que, parecendo exaltá-lo, rebaixa-o realmente a uma condição servil e anti-humana”. (MOTA, 2000, p. 57)

⁵⁵ A Ação Integralista Brasileira organização política nacional, fundada por Plínio Salgado em 1932, inspirada no fascismo italiano. Mais informações em www.cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/AIB último acesso: 30.05.2016

⁵⁶ De acordo com Aroldo Mota (2000, p. 57), a Aliança Liberal surgiu no Ceará juntamente com o movimento pela candidatura de Getúlio Vargas à presidência da república, em 1929. Tendo à frente, no Ceará, o Dr. Fernandes Távora e o jornalista Demócrito Rocha, contou ainda com a participação do Dr. César Cals, Carvalho Lima, João Marinho, Silveira Marinho, Quintino Cunha, Melo Silva, Carlos Ramos, Paulo Albuquerque, Alfeu Aboim, Raimundo Agostinho e Paes Castro. O partido apoiava o Governo do Estado. Mesmo a Aliança Liberal sendo um “braço civil” da Revolução de 30, como afirma o autor, os tenentes não reconheciam o programa do partido, pois também, já haviam criado seu representante, o Clube 03 de Outubro.

⁵⁷ Com vários diretórios espalhados em todo o Estado do Ceará, o Partido Social Democrático, foi o primeiro partido a ser criado, por antigos revolucionários, para defender os ideais que fundamentaram os “Tenentes”. De acordo com Aroldo Mota (2000, p. 103) “[...] O Partido foi organizado em todo o Estado e disputou todas as eleições diretas e indiretas”. Liderado pelo Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, teve como Comissão Central as seguintes personalidades: “[...] Major João Leal, Pedro Filomeno Guedes, Industrial; Dr. José de Borba Vasconcelos, Professor da Faculdade de Direito; Elísio Aires, comerciante; Coronel Alfredo Dutra, agricultor; jornalista Demócrito Rocha”.

⁵⁸ A Liga Eleitoral Católica, mais conhecida por sua sigla LEC, foi fundada em dezembro de 1932, em cerimônia acontecida no Colégio Imaculada Conceição, das Irmãs Vicentinas. Teve a presença de D. Manuel da Silva Gomes, Arcebispo Metropolitano e dignitários da Igreja Católica. De acordo com Aroldo Mota (2000, p. 105) a LEC tinha dois objetivos básicos: a) formação de um eleitorado religioso e b) defender os interesses políticos da Igreja nos pleitos eleitorais. Todos os pleitos eleitorais, sejam eles diretos ou indiretos, foram vencidos pela LEC.

⁵⁹ O Partido Republicano Nacional foi fundado em abril de 1933, como resultado da fusão de membros da Aliança Liberal e conservadores, de acordo com Aroldo Mota (2000, p. 105). Ainda segundo o autor, a entidade tinha como propósito “[...] defender nossa produção no campo da agricultura, pesquisar petróleo, a cultura do trigo nas regiões de serra, e principalmente a carnaubeira como fonte de riqueza, apregoavam seus fundadores”. Carvalho Lima, Vicente Linhares, João Marinho de Albuquerque Andrade, José Acioly, Manuel Sátiro, Olavo Oliveira e Stênio Gomes da Silva foram uns de seus representantes no Estado.

⁶⁰ Em abril de 1933, foi fundado o Partido Agrário do Ceará, que tinha em seus estatutos a descrição de seu objetivo primordial “[...] arregimentar a classe lavradora e criadora do Ceará e, mais, os que se interessassem pelo fomento e defesa da produção”. (MOTA, 2000, p. 106) Sua diretoria era composta por Humberto Rodrigues de Andrade, Domingos Braga Barroso, Francisco Alves Linhares Filho, Francisco Carneiro, Raimundo Gomes, Wicar de Paula Pessoa e Natanael Cortez.

⁶¹ O Partido Republicano Democrata, de acordo com Aroldo Mota (2000, p. 106) “[...] teve larga atuação na 1ª República e foi deposto do Poder pela Revolução de 30. Sua diretoria ficou assim: Drs. Francisco de Paula Rodrigues, Manuel Moreira da Rocha, José Leite Maranhão, José de Pontes Medeiros, Silva Ribeiro, Augusto Correia Lima e Leonel Jucá Bezerra”.

Economista⁶², Partido Ceará Irredento⁶³, Partido Social Nacionalista⁶⁴ e por fim, a Coligação dos Funcionários Públicos⁶⁵.

Já nas décadas de 1940-50, o grande assunto político que circulava na imprensa era o Comunismo. Todos tinham algo a dizer sobre o “mal vermelho” que assolava a Europa e que aos poucos ia se instalando o Brasil.

Com o crescimento experimentado pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) nos anos de 1930, fato sem dúvida ligado, entre outras coisas à adesão do popular líder “tenentista” Luiz Carlos Prestes e à formação da Aliança Nacional Libertadora (ANL), tal quadro começa a se alterar. O anticomunismo começou a ganhar maior substância na mesma medida em que se dava o processo de expansão da influência do Partido Comunista; a partir da transformação do comunismo em “perigo” real ganharam ânimo e começaram a organizar-se seus adversários. (MOTA, 2002, p. XXI)

Segundo Rodrigo Patto Sá Mota (2002, p. 2), o anticomunismo⁶⁶ brasileiro surgiu

⁶² O Partido Economista foi mais um dessas entidades políticas que surgiram na década de 1930. Com apoio da Associação Comercial, do Centro de Exportadores, Centro de Retalhistas, Centro Industrial, da Associação dos Merceeiros, Associação dos Agentes Comerciais e da União dos Importadores. Esse partido teve como liderança os senhores J. F. Alves Teixeira, José Diogo de Siqueira, Alfredo Eugênio de Sousa, Paschoal de Castro Alves, Álvaro Nunes Weyne, M. Melo do Amaral, Antônio Nunes Valente, Bento Louzada e Antônio Fiúza Pequeno. (MOTA, 2000, p. 106)

⁶³ Alguns sujeitos inconformados com a organização partidária do Estado, conforme afirma Aroldo Mota (2000, p. 106), vão propor a criação do Partido Ceará Irredento, movimento que foi dirigido por Paes de Castro, Gastão Justa e Euclides Alves. De acordo com seu manifesto, seus criadores reclamam a falta de oportunidade para novas lideranças políticas no Ceará. “O Ceará precisa redimir-se através da palavra ilustre de seus filhos na Grande Assembleia Nacional. Terra ainda irredenta, é necessário que se opere grande movimento de opinião a fim de melhorar a vitalidade da raça”.

⁶⁴ Já a formação do Partido Social Nacionalista está ligada a elementos do Clube 03 de Outubro. Estes, de acordo com Aroldo Mota (2000) criaram um programa específico para o Ceará. Dentro desse programa político estava incluso: “[...] I - Educação do povo para o trabalho agrícola, de maneira a fomentar, de pronto, a produção do Estado; II – Pofilaxia das zonas rurais com um plano de combate sistemático às endemias e aparelhamento higiênico contra os surtos epidêmicos; III – Incentivamento ao cooperativismo em várias modalidades, com o objetivo de substituir a ação isolada; IV – Propaganda Eficiente no sentido de fazer com que o município cearense se interesse principalmente pelas questões de vital interesse da coletividade; V – Promover e animar a disseminação de açudes em toda zona sujeita às secas, bem como o aproveitamento racional das terras por eles beneficiadas; VI – Fomento urgente do problema portuário cearense; VII –Melhoramento, multiplicação e prolongamento dos meios de transporte do Estado, especialmente as Ferrovias; VIII – Aperfeiçoamento e defesa da indústria da carnaúba e da oiticica, bem como da cultura algodoeira, no Estado; XI – Proteção especial às populações do Estado contra os maléficis efeitos das secas periódicas”. (MOTA, 2000, p. 106-107)

⁶⁵ Em 18 de abril de 1933, surgia a Coligação dos Funcionários Públicos, movimento do funcionalismo público federal, que defendia a representatividade da categoria no meio político. Dessa forma, apresenta a candidatura de Luís Sucupira, para a Constituinte. No manifesto lançado, o grupo afirma que apresenta a candidatura de um “[...] legítimo defensor das suas justas aspirações”. (MOTA, 2000, p. 107)

⁶⁶ Rodrigo Patto Sá Mota (2002) afirma em sua obra “Em guarda contra o ‘Perigo Vermelho’”, que o anticomunismo brasileiro tinha sua base dividida em três pilares. O Catolicismo, o Liberalismo e o Nacionalismo foram fundamentais para a organização e consolidação do movimento no Brasil. No anticomunismo baseado nos ideais católicos, sua justificativa perpassava à uma restauração da moral e dos bons costumes, que estavam sendo destruídos pelos comunistas. A Igreja se utilizou do imaginário em torno de satanás, a eterna luta entre o bem e o mal, para retratar os comunistas a imagem do “grande tentador”. No caso da base fundamentada no Liberalismo, os liberais acreditavam que o comunismo “[...] atentava contra os dois postulados referidos, por um lado sufocando a liberdade e praticando o autoritarismo político e, por outro, destruindo o direito à propriedade, na medida em que desapossava os particulares de seus bens e os estatizava”. (MOTA, 2002, p. 38) Por fim, os nacionalistas, estes inspirados nos modelos conservadores do romantismo alemão, do século XIX, influenciados pelo fundamento de uma nação “uma e indivisa”, entendiam os comunistas como sujeitos que pretendiam romper com essa ideia sacra de nação (conjunto formado pelo povo brasileiro unido ao território e ao Estado). Além disso, os comunistas com a insuflação do ódio entre as classes e instigavam a destruição desse “corpo” indivisível e sagrado que seria a nação

logo após a Revolução de 1917, com forte influência externa, teve nos valores religiosos católicos, “[...] a base principal da mobilização anticomunista, relegando outras motivações a posição secundária”.

No Brasil, o Partido Comunista surge ainda no início dos anos 1920, mais precisamente, em 1922.

O I Congresso do PCB realizou-se, enfim, entre os dias 23 e 25 de março de 1922, iniciado no Rio de Janeiro e concluído em Niterói, com a participação de nove delegados, que representaram 73 militantes. O partido se estruturou, segundo os estatutos do Partido Comunista da Argentina (PCA), e escolheu Abílio de Nequete, do Grupo Comunista de Porto Alegre, como seu dirigente principal. Completavam a CCE (Comissão Central Executiva) Astrojildo Pereira, Antônio Bernardo Canellas, Luís Prestes e Antonio Cruz Júnior. Os suplentes eram Cristinão Cordeiro, Rodolfo Coutinho, Joaquim Barbosa, Manuel Cendon e Antonio de Carvalho. (ROIO, 2007, p. 232)

No Ceará, sua estruturação enquanto sessão deu-se apenas em 1927, com o nome de Bloco Operário e Camponês (BOC). Conforme os estudos de Santos (2011) o PCB começa a se instalar no interior do Estado, em cidades estrategicamente importantes, como Camocim (1928). É somente na década de 1930, que a sessão de Fortaleza é fundada. De acordo com as memórias de Rachel de Queiroz (1998, p. 37), ao voltar ao Ceará, após uma temporada de dois meses no Rio de Janeiro, em 1931, trouxe em sua bagagem “[...] credenciais do Partido e a missão de promover a reorganização dos destroços do Bloco Operário e Camponês e instalar em Fortaleza uma nova Região”.

Sabemos que durante o governo de Washington Luís, o PCB esteve agindo na clandestinidade, por isso, Rachel de Queiroz afirma que, “[...] tudo era muito precário, naquela estreita clandestinidade. Não me lembro de se fazerem inscrições em livro ou mesmo em papel apropriado; nem boletins, nem ordens de serviço, nada”. (1998, p. 37)

Sobre a atuação e penetração do PCB no ME cearense, Bráulio Ramalho (2002, p. 104) afirma que,

No ME secundarista do Ceará, o PCB detinha a hegemonia no Liceu e tinha penetração em outros colégios. Seus militantes participavam da diretoria do Centro Estudantil Cearense (CEC), da União Cearense dos Estudantes Secundários do Ceará (UCES) e, de 1963 ao golpe, do Centro de Estudantes Secundários do Ceará (CESC). A organização a lhe fazer frente em lutas acirradas pela hegemonia do ME era a Juventude Estudantil Católica (JEC). No entanto, nos dois anos anteriores ao golpe, essas duas organizações desenvolveram, em alguns momentos, trabalhos comuns. Várias ações de massa e agitação (passeatas de protesto, pichamentos etc.), foram realizados em conjunto, por militantes dos dois grupos.

Um dos principais difusores das campanhas anticomunistas, de acordo com Mota (2002) foi a imprensa⁶⁷. Em nossas pesquisas nos periódicos locais, muitos dispunham de algum

brasileira. (Mota, 2002, p. 30)

⁶⁷ Encontramos referência de uma das muitas campanhas anticomunistas no Ceará, onde diariamente foram feitas

espaço para a divulgação de atividades ou textos de opinião e reflexão sobre os males do comunismo que estava tentando tomar conta do Brasil.

Encontramos a divulgação, em agosto de 1945, da organização de uma Semana Anti-comunista pelo Centro Juvenil de Cultura do Colégio Cearense. No dia 7 do agosto, o *Gazeta de Notícias* publica nota sobre o evento contendo o nome dos palestrantes, entre eles o professor Luiz Sucupira, o jornalista Geraldo M. da Silva Nobre, o Dr. José Valdivino de Carvalho e o acadêmico Jorge Sucupira. No texto podemos inferir que o evento pretendia ter uma grande demanda de público, pois durante toda a semana que antecedeu o evento notas e programação foram publicadas no GN e, após seu término, houve a matéria de balanço que afirmava que foi “um acontecimento muito expressivo”, tendo ao final o nome do Presidente dos Estados Unidos, Roosevelt, aclamado pelos participantes.

O mesmo periódico, chegou a publicar pequenos textos sobre o comunismo escritos pelo Padre Leonel Franca, no primeiro deles o religioso afirma que esta é uma ideologia aventureira, que o partido “[...] empolga o poder do Estado, para impo-la com guante de ferro, por todos os meios, a uma nação escravizada”⁶⁸. Além, de uma análise sobre o que o comunismo pretende, como e por que foi pensado e como foi posto em prática.

O novo regime, preconizado por Marx e realizado por Linin (sic), em vez de garantir e robustecer a liberdade por uma distribuição mais equitativa d propriedade, suprimiu de todo a liberdade pela concentração da propriedade nas mãos de um grande capitalista – o Estado. [...]

Na nova ordem, o Estado será ainda um órgão de classe, o órgão de ditadura do proletariado. Nas mãos de um partido único (como no nazismo e no fascismo), o poder político será o instrumento aniquilador da ordem burguesa. (sic)⁶⁹

Percebe-se que a análise não é marcada por argumentos de ódio, mas este se propõe a reflexão dos estágios e possíveis consequências da consolidação de uma ditadura do proletariado de acordo com as experiências europeias.

No Brasil, em 25 de março de 1922, foi fundado o Partido Comunista Brasileiro, em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, por um grupo de trabalhadores animados com a vitória dos operários e camponeses na Revolução Bolchevique de 1917, na Rússia. No Ceará, só é registrado em 1927, o aparecimento da seção estadual do PCB, em Fortaleza.

Porém, logo em 1927, o presidente Washington Luís ao baixar a Lei Celerada, mecanismo que foi aprovado pelo Congresso Nacional, Decreto nº 5.221, de 12 de agosto de

palestras publicizadas pela emissora PRE-9, além de organizarem comícios anticomunistas em vários bairros de Fortaleza. Esta programação fez parte da Semana Social que ocorreu em setembro de 1945. Revista Instituto do Ceará, 1963 Data do Fato:18/Setembro/1945. Disponível em: <http://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1963/1963-DatasFatosHistoriaCeara.pdf>

⁶⁸ GAZETA DE NOTÍCIAS, 27 de julho de 1945.

⁶⁹ GAZETA DE NOTÍCIAS, 27 de julho de 1945.

1927. A Lei Celerada dava poderes para a repressão a “atos contrários à ordem, moralidade e segurança públicas”. Com PCB na ilegalidade, os comunistas precisaram traçar novas estratégias para se manterem na ativa. Assim, surgiram pelo país organizações de esquerda denominados Blocos Operário e Camponês.⁷⁰

Ao longo de sua trajetória política no Ceará, os comunistas tiveram que enfrentar os ataques formulados pelos anticomunistas e suas campanhas vinculadas em jornais e emissoras de rádio, como já começamos a narrar.

O *Gazeta de Notícias* não foi o único jornal a dar visibilidade aos movimentos contra o comunismo. O periódico *O Nordeste*, de orientação católica, foi um dos maiores propagadores dos malefícios morais e espirituais que o comunismo poderia marcar na sociedade. Temos vários exemplos nos jornais de textos e imagens que vão de alguma forma denegrir a imagem dos países comunistas ou da ideologia em si.

Os comunistas foram representados ao longo da história, através da utilização de uma farta gama de adjetivos que lhes atribuíam qualidades negativas. [...] A ação dos comunistas traria formas de sofrimento como fome, miséria, tortura e escravização; a nova organização social por eles proposta levaria ao pecado, pois questionava a moral cristã tradicional defendendo o divórcio, o amor livre e o aborto; e a morte estaria acompanhando o rastro dos bolcheviques, a quem se acusava de assassinar em massa seus oponentes e de provocar guerras sangrentas. (MOTA, 2002, p. 46)

Ainda segundo o autor, a grande maioria das imagens utilizadas para representarem o comunismo e os comunistas buscavam mostrar que estes trariam consigo o fim dos tempos, o apocalipse. Eram utilizadas figuras de demônios, criaturas assustadoras com características que desumanizavam os comunistas, também se utilizavam da fauna para os identificar nas representações, como por exemplo, animais cujas figuras demonstrassem traição, asco, despudor, como a serpente que engana Adão e Eva para serem expulsos do paraíso.

[...] tratava-se não apenas de explorar a sensibilidade religiosa, mas os medos arcaicos (e arquetípicos) presentes nas sociedades humanas. Evidentemente, não se afirmava simplesmente que os membros do PC fossem animais. O que ocorria era uma comparação entre as ações e valores supostamente comunistas e as características de determinados animais, compondo um verdadeiro bestiário. (MOTA, 2002, p. 51)

Abaixo podemos observar uma tirinha que foi produzida pelo movimento chamado Cruzada Brasileira Anti-comunista⁷¹.

⁷⁰ Informações retiradas do Dicionário de Verbetes do Centro de Pesquisas e Documentação da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BLOCO%20OPER%C3%81RIO%20E%20CAMPON%C3%8AS.pdf>

⁷¹ O movimento chamado Cruzada Brasileira Anticomunista, de acordo com Mota (2002), foi fundado em 1952 e tinha o Rio de Janeiro como sua principal base de organização. Teve sua liderança composta por oficiais da Marinha, tendo como fundador e animador dos ideais anticomunistas do grupo o Almirante Carlos Penna Botto. Durante a década de 1950, a CBA teve uma maior investida anticomunista o que trouxe notoriedade pública ao grupo. Ainda de acordo com o autor, há indícios que a CBA funcionou até meados de 1970, sendo vinculada a uma entidade chamada “Comando Supremos das Organizações Anticomunistas”. O início das ações promovidas

Figura 8 - Tirinha de Propaganda Anticomunista “Paz Comunista?”



Fonte: Unitário, 18 de agosto de 1955, p.3.

Podemos identificar, na tirinha, alguns dos elementos citados pelo autor. Vemos um pássaro representando a “pomba da paz” soviética, ao mesmo tempo que canta uma melodia agradável aos soldados comunistas sobrevoa a Grécia e Bulgária, onde acaba abatendo um avião

pela Cruzada se deu com o lançamento do “Manifesto à Nação”, texto distribuído em forma de livreto. Nesse manifesto, afirma Mota (2002, p. 145) que, “O Manifesto apresenta argumentação típica da época sobre os ‘perigos’ do comunismo: o foco propagador na Rússia; o caráter internacional da conspiração; a incompatibilidade do marxismo com os valores cristãos e democráticos etc”.

de Israel, ataque ocorrido no dia 27 de julho, como vai informar o texto que segue com a imagem. Nesse caso, a pomba branca, animal bíblico que tradicionalmente representa a paz mundial, porém, esta marcada pelo símbolo soviético, transformar-se em uma aeronave de guerra e sua melodia em balas de uma metralhadora que traz o desastre e a morte.

Destacamos abaixo o pequeno texto que veio, em letras miúdas, acompanhando a tirinha. Os dois suportes, imagem e texto, atentam contra o pensamento comunista, servindo dessa forma como uma anti-propaganda ideológica.

No dia 27 de julho último os comunistas demonstraram, mas uma vez, o seu desprezo às Leis Internacionais e os seus terríveis métodos de propagar a “paz”. Foi abatido pelos bolchevistas, sobre a Bulgária, um avião israelita, morrendo assassinados seus 57 passageiros. No Brasil, os comunistas também formaram o “Movimento dos Partidários da Paz”, dirigido pela Rússia através do bolchevista Abel Chermont, que visitou a URSS várias vezes nestes últimos dois anos, para recebimento de ordens do Kominform. A finalidade mundial do << Movimento dos Partidários da Paz >> é desarmar as Democracias para que estas possam ser destruídas com facilidade por uma Rússia armada até os dentes. Aí estão as provas. Que dirão os comunistas do Brasil desse criminoso ato de seus chefes na Europa?
Brasileiros; combatam a intervenção soviética no Brasil!⁷²

Em consonância com a grande propaganda anticomunista nos jornais, feitas por grupos independentes como a Cruzada Anticomunista ou por instituições de peso como a Igreja Católica, Sofia Lerche Vieira (2002, p. 171) afirma que as escolas eram incentivadas a promover palestras e debates acerca da temática.

Uma manifestação da ordem social vivenciada no Ceará getulista encontra-se na determinação de que as escolas deveriam realizar palestras mensais envolvendo alunos, pais e professores sobre o combate ao comunismo. [...] A escola cearense, como é possível perceber, não passa ao largo dos acontecimentos políticos que movem a sociedade nesse momento nem tampouco do que sucede o cenário educacional brasileiro. (VIEIRA, 2002, p. 171)

Assim, com o grande contingente de possibilidades ideológicas disponíveis para o apreço e identificação dos estudantes com estes grupos, supomos que a diretoria centrista, propôs a proibição de debates ou discussões políticas entre os associados poderia desencadear um caos dentro da categoria estudantil, que nesse momento buscava uma unidade.

Mas, como sabemos, para toda proibição existe uma brecha, nem sempre a entidade e seus membros cumpriam sua norma de conduta.

Na edição de agosto de 1935 da Folha Estudantil, jornal centrista que divulgava as atividades, ações e valores do CEC, Walter de Sá Cavalcante publica artigo, em salvaguarda dessa neutralidade, intitulado *Posição Político-Religiosa do Centro Estudantil*. No texto, de acordo com Bráulio Ramalho (2002), Cavalcante tenta mostrar que o Centro por ser aglutinador de vários indivíduos com diferentes opiniões não poderia expressar posição *x* ou *y*. Em

⁷² UNITÁRIO, 18 de agosto de 1955, p. 3.

depoimento⁷³ a Bráulio Ramalho, Aquiles Peres Mota, afirma que os diretores fizeram questão de colocar *diretrizes ecléticas* que representassem todos os partidos, pois a partidização do Centro poderia esvaziar a entidade. O CEC tinha uma política, segundo Aquiles, não partidária que visava *proteger o estudante*.

O que percebemos é que esse discurso de *proteção* era deixado de lado quando havia algum tipo de interesse político da entidade. Altamar Muniz (1996, p. 30) afirma que no artigo de Walter de Sá Cavalcante, publicado na *Folha Estudantal*, de agosto de 1935, vê-se claramente o posicionamento do Centro, pois que no trecho *contribuir eficientemente para que marchem os poderes públicos sem muita dificuldade [...]*, Cavalcante *explicitava bem a coloração político-partidária do CEC*. Outro indício dessa questão está presente nas eleições, em 1934, para a constituinte estadual. Na qual,

Francisco Arruda – presidente do CEC por nove anos consecutivos – foi convidado para lançar-se deputado estadual ou vereador pela LEC. Recusou o convite, mas convocou uma assembléia centrista para a escolha de dois nomes, dentre os membros da entidade, para candidatarem-se. Foram escolhidos os nomes de Marcos Botelho (para vereador) e Lourival Corrêa Pinto (para deputado estadual). Ambos, filiaram-se na Liga Eleitoral Católica e elegeram-se. A opção pela LEC é mais uma comprovação pela opção por um projeto político específico. (MUNIZ, 1996, p. 30)

Voltemos nossa análise, após esses esclarecimentos do clima político cearense, ao regimento centrista no quesito das penalidades. O estatuto do CEC, aponta no Art. 13 as três categorias de penas. São elas: 1) admoestação; 2) suspensão e 3) eliminação. Quando o sócio incorrer em pequenas faltas será advertido verbalmente ou por escrito pelo presidente da entidade.

A suspensão se dá quando o sócio: a) reincidir na falta que motivou a admoestação; b) atrazar-se em mais de três mensalidades; c) menosprezar as deliberações da Diretoria; d) servir-se de meios ilícitos para outorgar a pessoas estranhas ao Centro o uso e gozo de direitos sociais e, por fim, e) faltar com o devido respeito a quem quer e onde quer. (*sic*)⁷⁴

Para a eliminação do sócio, punição mais grave do estatuto, o sujeito pode requerer à diretoria seu desligamento, estar inadimplente por doze meses consecutivos, reincidir nas faltas punidas com suspensão ou “praticar qualquer ato que atente contra a sua idoneidade moral, ou venha, de qualquer modo, prejudicar o bom conceito da Sociedade”⁷⁵. O estatuto, também, contempla as regras para uma readmissão, porém, mesmo o sujeito se encaixando nos requisitos⁷⁶, deve passar por nova indicação em assembleia e está passível a aprovação ou não.

⁷³ Confira o trecho do depoimento em RAMALHO, Bráulio Eduardo Pessoa. *Foi Assim! O Movimento Estudantil no Ceará de 1928 a 1968*. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2002. p. 38.

⁷⁴ Estatuto do CEC In.: Diário Oficial do Estado do Ceará, de 12 de janeiro de 1939, p. 8.

⁷⁵ Estatuto do CEC In.: Diário Oficial do Estado do Ceará, de 12 de janeiro de 1939, p. 8.

⁷⁶ Estatuto do CEC In.: Diário Oficial do Estado do Ceará, de 12 de janeiro de 1939, p. 8.

É no capítulo quinto que está disposto a organização departamental do Centro Estudantal. Composto por 16 departamentos, cada um com seu regimento interno, estes com objetivos distintos, porém voltados para cumprir o projeto centrista ao desenvolvimento intelectual, moral e cultural do estudante cearense estava dividido em: Polícia Estudantal, Departamento de Assistência, Escola 11 de Agosto, Escola 1º de Março, Escola 6 de Novembro, Folha Estudantal, Museu do Estudante, Biblioteca Estudantal, Departamento de Legislação, Escola Feminina de Cultura, Departamento de Educação, Departamento de Publicidade e Propaganda, Departamento de Cultura, Jazz Estudantal, Departamento de Estatística e Informações e Casa do Estudante.

À Polícia Estudantal⁷⁷ cabia assegurar a disciplina dos membros do CEC dentro e fora da entidade. Assim, a PE servia para “educar e instruir a classe estudantil, nos tortuosos caminhos da vida”, dito de outro modo, era uma ferramenta de disciplinarização feita por estudantes para estudantes. O departamento de Assistência tinha como atribuições adotar medidas de caráter assistencialista em prol dos centristas. As escolas proporcionavam o ensino primário gratuito para a sociedade, sendo seus professores escolhidos pelos diretores das escolas e pelo Departamento de Educação, responsável por todo movimento educacional, dando conhecimento à Diretoria do Centro. Muitos dos docentes eram sócios do CEC, que deveriam promover os ideais centristas aos seus alunos. A Folha Estudantal, como já citada, era o órgão de publicidade do pensamento da entidade. O Museu⁷⁸ tinha como finalidade “coleccionar relíquias, objetos e documentos históricos de vultos ou fatos de relevo na vida nacional e centrista; e a biblioteca proporcionariam o desenvolvimento cultural dos sócios.

[...] 10) – Museu do Estudante, departamento de representação sócio- histórico- político- intelectual da sociedade. Colhe dados ilustrativos e documentos não só da história cearense, como brasileira.

11) – Biblioteca, composta de cerca de quinhentos volumes, de autores nacionais e estrangeiros, catalogados.⁷⁹

⁷⁷ A Polícia Estudantal foi fundada em 15 de outubro de 1933, por Francisco Vasconcelos de Arruda, tendo publicado seu regulamento na década de 1940. Observamos sua importância na esfera pública pelo fato de que este regulamento teve que passar pela aprovação do Secretário de Segurança Pública do Estado, Cap. Cordeiro Neto, para então ser impresso e distribuído aos proprietários de casas de diversão da cidade. Esse departamento possuía um impresso chamado de *O Policial*, de acordo com essa publicação de 15 de outubro de 1953, comemorativa pelos 20 anos do departamento, a PE era “um órgão contrista que tem por missão amparar e educar a classe, impedindo violências contra a mesma e coibindo a molecagem e os vícios entre estudantes menos disciplinados”.

⁷⁸ De acordo com Bráulio Ramalho (2002, p 23) o museu do estudante foi instalado em 1934, por Francisco Arruda, este no ano seguinte viria a se eleger presidente do CEC durante duas gestões seguidas de 16 de novembro de 1935 a 15 de novembro de 1937. Já, de acordo com Miguel Ângelo de Azevedo (2005), o museu foi em 3 de maio de 1934, por proposta de Francisco Martins (Fran Martins), tendo como diretor Murilo de Araújo Mota (Murilo Mota) e secretário Everardo Bezerra, não citando nenhuma vez o nome de Francisco Arruda.

⁷⁹ FOLHA ESTUDANTAL, 11 de agosto de 1935, p. 42.

Enquanto isso, o departamento de Legislação elaborava o regulamento da Sociedade, dando aos sócios o direcionamento político-cultural da entidade. A Escola Feminina de Cultura ficava incumbida da promoção do ideal centrista a todas as moças de todas as escolas e, será regida por regulamento especial⁸⁰. O órgão responsável pela Cultura tinha por fim “promover entre os estudantes torneios de inteligência sobre assuntos diversos, visando sempre o desenvolvimento cultural da classe”. O Jazz, constituído exclusivamente por estudantes, podendo ter uma assistência técnica, era responsável pela recreação e festividades promovidas pela Sociedade. Por fim, o de Estatística e Informações que “[...] se destina a levantar a estatística do movimento educacional do Estado e, de um modo particular o recenseamento social, pronto, assim, a atender pedidos de informações”.

Após os esclarecimentos sobre o papel de cada departamento, estes fundamentais para propagar o ideal centrista, vamos nos ater no responsável pela construção da Casa do Estudante Pobre do Ceará⁸¹, pois entre todas as ações e atividades desenvolvidas pelo CEC esta tinha uma maior significação da luta centrista.

Um dos objetivos do Centro Estudantil era oferecer apoio aos estudantes “pobres” do estado, os quais não tinham condições de se manterem na capital para dar continuidade aos seus estudos. Ou no caso de estudantes oriundos do interior do Estado que também não detinham de um alto poder aquisitivo para residir em Fortaleza. Assim, que desde a criação do CEC, a prioridade dos esforços centristas era a construção de uma casa que pudesse dar abrigo aos seus pares menos favorecidos.

Afonsina Moreira (2006, p.23) dá a localização da sede provisória da Casa do Estudante, que nos primeiros anos da década de 1930, “funcionou provisoriamente na esquina das ruas Senador Pompeu e São Paulo (no centro de Fortaleza), [...]”. Sendo construída sua sede definitiva, ainda em funcionamento nos dias atuais mesmo após ao fechamento do CEC, à rua Nogueira Acioly, no bairro da Aldeota.

De acordo com a autora a construção ou a manutenção da Casa do Estudante eram “[...] orientadas pela ideia de que o estudante carente (fosse ele migrante ou de situação econômica parca) não poderia ser prejudicado, vindo talvez a abandonar os estudos ou a sacrificar os momentos de instrução”. (Ibidem, p. 24)

⁸⁰ Não conseguimos encontrar o documento que normatizou ou deu as diretrizes de funcionamento da Escola Feminina de Cultura do CEC, mas em todas as citações há a afirmação de diferenciação, mesmo que sem detalhes, no que deveria consistir a finalidade última, a propagação do ideal centrista as moças.

⁸¹ O primeiro nome da Casa do Estudante continha o adjetivo “pobre” que muitos estudantes, de acordo com entrevista cedida a Bráulio Ramalho por Américo Barreira, “estudante é estudante: a situação de ser pobre é puramente acidental, não devendo ser colocada assim tão ostensivamente, parecendo a muitos humilhante”. Assim, acharam por bem retirar o nome depreciativo mudando o estatuto após as objeções.

A Casa, segundo Moreira (2006) era um “símbolo principal do progresso juvenil para a Cidade”.

A “Casa do Estudante” é o reflexo mais nítido do espírito edificador desta geração nova. É um raio apenas do grande sol, que é o ideal centrista. Sol – calor. Para todos os que tem frio de entusiasmo. Para todos os que não sabem vibrar ao toque marcial de uma avançada para as realizações duradouras. Para todos os que sentem enfraquecer-se o animo, acossados pelas necessidades.⁸²

Como já citado, o CEC desenvolvia várias atividades para a arrecadação de recursos para dar continuidade às obras da Casa do Estudante. Uma delas se deu meses antes da sua primeira inauguração, em 29 de maio de 1941, a Festa da Mocidade. A inauguração da Casa do Estudante se deu no ano de 1941, em data significativa, 11 de agosto. Data comemorativa dos estudantes e da entidade que celebrava seu décimo aniversário. Porém, a saga⁸³ para a construção da sede definitiva da Casa do Estudante se arrasta por 19 anos, sendo sua inauguração no ano de 1952. Esta se deu em meio a grandes festividades e convidados ilustres como o Ministro da Educação Simões Filho e a presidente da Casa do Estudante do Brasil Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça⁸⁴.

Outro departamento significativo do CEC foi a Academia Centrista de Letras, que fundada em 1943, primeiramente composta por 20 sócios, ganhando ao longo do tempo a adesão de vários outros centristas. A Academia tinha como fundamento “promover, por todos os meios ao seu alcance, o desenvolvimento das letras estudantis” (Art. 1º dos Estatutos da ACL *apud* RAMALHO, 1998, p.106) De acordo com Bráulio Ramalho (1998) os encontros eram realizados aos domingos pela manhã, no auditório da Casa do Estudante. Para se ter acesso as reuniões os estudantes deveriam trajar elegantes trajes que mostrassem respeito pelo ambiente intelectual, assim, as gravatas e paletós eram essenciais para manter o ar acadêmico das sessões. Nelas eram apresentadas crônicas, contos, poesias, sonetos ou a síntese de um livro lido na semana. Para tornarem-se sócios da ACL o estudante “teria que apresentar um trabalho sobre a vida e obra de um dos Patronos que emprestavam seu nome às cadeiras da Academia”. (Art. Nº 9 dos estatutos da ACL *apud* RAMALHO, 1998, p. 106) o Autor ainda cita um trecho do suplemento literário da Folha Estudantil de agosto de 1955, que para pertencerem as fileiras da sociedade não precisaria “ser um intelectual consumado, pois ela [ACL] é uma escola de

⁸² Folha Estudantil, Março de 1934, p. 01-03 *apud* MOREIRA, 2006, p. 25-26.

⁸³ Refiro-me à construção como *saga*, pois que para a finalização do projeto, o CEC, promoveu “diversas e diversificadas campanhas visando angariar fundos para a compra do terreno e para a edificação do novo prédio”. (MOREIRA, 2006, p. 33)

⁸⁴ Durante os meses de junho e julho de 1952, foi amplamente divulgado os preparativos para esta inauguração. O Correio do Ceará reserva sua capa para a notícia dada à importância do acontecimento. CORREIO DO CEARÁ, 26 de junho de 1952. “AUSPICIOSA NOTICIA PARA A CLASSE ESTUDANTIL CEARENSE - INAUGURAÇÃO DA CASA DO ESTUDANTE POBRE NO PRÓXIMO DIA 11 DE AGOSTO”.

formação intelectual”. (Sup. Literário F.E. 08/55:3 *apud* RAMALHO, 1998, p. 106)

Com a chegada dos anos 1950, há uma reorganização da Academia sob a direção de Manoel Lima Soares e o quadro social duplicou. Uma contabilidade dos sócios do CEC nesse período, apontava 22 mil estudantes de todos os níveis de ensino. Quatro anos depois esse número sobe para 30 mil, de acordo com o jornal O Povo, de outubro de 1954. É neste período que as produções literárias desses estudantes vão ser publicadas como, por exemplo, *Evangelização* de Sinobilino Pinheiro, *Ela e outras crônicas*” de Raimundo Araújo e *Pano de Café*, de Ciro Colares⁸⁵. Essas ações de incentivo às letras eram comuns nas organizações estudantis do período. As propostas dessas entidades, além de lutar pelos direitos dos estudantes, era também de proporcionar mais um espaço de escolarização. Desse modo, as experiências educacionais dos estudantes não vão acontecer somente nas escolas, mas dentro dos grupos espalhados pela cidade. Esse interesse de uma formação a mais ou de dar oportunidade a outros sujeitos a terem uma escolaridade, como já citamos quando descrevemos os departamentos da entidade, foram criadas escolas ligadas ao CEC⁸⁶, a 11 de agosto, a 1º de março e a escola 6 de novembro. Estas escolas estavam destinadas aos filhos de operários e funcionavam em instituições de ensino público e privado nos turnos da noite em que ficavam ociosos.

Na Casa havia uma biblioteca para uso dos centristas que em seu rico acervo continha obras dos grandes escritores brasileiros, como Machado de Assis, Humberto de Campos, José de Alencar, Rui Barbosa. Além dessas obras, várias enciclopédias e coleções, livros de poesia e muitos romances. (RAMALHO, 1998, p. 104)

O Centro Estudantal, ademais do caráter de luta pelos direitos dos estudantes, tinha como objetivo dar assistência aos estudantes sócios, não só os que residiam na Casa do Estudante, mas aos tantos associados, pois na Casa havia um intenso fluxo de sujeitos. Assim, o CEC dispunha de consultório dentário e ambulatório.

Mas o CEC não vivia apenas de assistencialismo e incentivos à Educação. Como afirma o Art. VI, do código de ética redigido pelo Partido de Representação Popular, em 1946, “És estudante e deves estudar, és moço e podes divertir-se [...]”⁸⁷, o Centro Estudantal

⁸⁵ Ao pesquisarmos sobre os livros apresentados na Academia Centrista de Letras, só tivemos informações sobre *Evangelização*, de Sinobilino Pinheiro, pois José Valdivino escreveu sobre o autor na revista da Academia Cearense de Letras do ano de 1975. *Evangelização*, de acordo com Valdivino foi publicado póstumo, pois é de 1938, data do falecimento precoce de Sinobilino Pinheiro. Artigo disponível em: http://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/revistas/1975/ACL_1975_07_Sinobilino_Pinheiro_Jose_valdivino.pdf Último acesso em: 19.02.2016

⁸⁶ Conforme Bráulio Ramalho (1998, p. 105) O CEC mantinha as seguintes escolas: “11 de agosto, em Cachoeirinha, com 60 alunos; 10 de março, no arraial Moura Brasil com 48 alunos; 19 de outubro, no Grupo Presidente Roosevelt com 60 alunos; J. Figueiredo Correia, com 93 alunos, funcionando em Caucaia; Irmã Epifânia, no Ginásio Santa Isabel com 40 alunos”. (Sup. Esp. De GN, 11/08/1952:4)

⁸⁷ Código de Ética do Estudante Brasileiro, editado em 1946, pelo Partido Integralista.

organizava várias festas dançantes, bingos, concursos para a escolha da Rainha dos Estudantes. Estas festas que aconteciam periodicamente na Casa do Estudante ficavam ao cargo do setor diversional chamado *Clube do Estudante*. Muitos desses eventos eram abertos ao público, pois além de serem espaços de congratulações estudantis também serviam para a arrecadação de donativos para os custos com a Casa do Estudante, primeiramente com a construção e após sua inauguração definitiva para a manutenção e funcionamento.

Além dessas festas rotineiras uma grande festa era preparada todos os anos para as comemorações do dia 11 de agosto. A festividade ganhara maior importância desde que o próprio interventor Menezes Pimentel decreta, em 1932, que a data seria feriado estadual. Assim, os estudantes estariam livres das obrigações escolares para aproveitarem as muitas atividades propostas pelo CEC e por outras agremiações em conjunto. A data tinha tanta relevância que a categoria galgou prestígio nos espaços de poder do Estado. Os jornais de maior circulação da capital, como por exemplo, o *Gazeta de Notícias*⁸⁸ traziam ao longo da semana que antecedia o feriado matérias falando sobre os estudantes cearenses e seus feitos. Já no dia preciso das comemorações, além das homenagens dos periódicos, as atividades que seriam desenvolvidas pelos espaços da cidade eram divulgadas em suas páginas para que toda a sociedade pudesse se informar e, por que não, participar das festividades. Trataremos com maior crivo de análise esta celebração no decorrer do trabalho aqui apresentado, pois acreditamos que ao longo do tempo, com as mudanças na cena política nacional a data e os dizeres sobre o sujeito/estudante vão passar, também, por mudanças.

O Centro Estudantal Cearense com toda sua importância nos espaços políticos e sociais do Estado e, também, nacionalmente não consistiu em única entidade estudantil que merece ser rememorada para tentarmos apreender quem eram estes sujeitos/estudantes que circulavam, cresciam e socializavam-se na Fortaleza do final dos anos 1940-1950. Vários são os centros acadêmicos, diretórios, agremiações e grupos políticos que encontravam na comunhão de ideologias, valores e, por que não, em expectativas de futuro um sentimento de identidade.

⁸⁸ Fundado a 10 de julho de 1927, em Fortaleza, por Antônio Drumond com auxílio de Clóvis Matos, Milton Firmeza e Camerino Teixeira, o periódico matutino *Gazeta de Notícias*, foi um dos jornais que deram maior espaço para a categoria estudantil entre o final dos anos 1950 e 1960. Nos anos de 1930, seu fundador foi assassinado, na redação do jornal. Após a tragédia o jornal passa por várias diretorias, entre elas as de Antônio Drumond de Miranda Filho, Joaquim Juarez Teixeira, Olavo Euclides de Araújo, Dorian Sampaio, Luiz Campos e Darcy Costa. Com as diversas direção o periódico passa por algumas crises e, em 13 de agosto de 1972, o controle do *Gazeta de Notícias*, que era de J. Macêdo, passou para o Grupo de Comunicação “O Povo”. Antes de sua extinção, sob novo comando, torna-se um periódico semanário, que circulava aos domingos. Ver: MAIA, Roberta Kelly Santos. *A cidade do jornalista: da Fortaleza representada nos jornais à administração da capital por Luiz Queiroz Campos (1954 – 1964)*. 2013. 183 f. Dissertação. (Mestrado em História e Culturas) – Mestrado Acadêmico em História - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

2.3 Os Liceístas e o Centro Liceal de Educação e Cultura: sustentáculo do Movimento Estudantil fortalezense.

A década de 1930 foi profícua para o movimento estudantil brasileiro, visto que em vários estados da nação há o surgimento de muitos grupos estudantis e entidades com porte mais significativo do que os grêmios literários. O Ceará não poderia estar de fora desse movimento de organização juvenil, tanto que em 1931 nasce o Centro Estudantil Cearense e, em 21 de abril de 1935 é fundado o Centro Liceal de Educação e Cultura (CLEC). Tomando o lugar do Centro Liceal de Estudos, entidade que no começo do século XX desenvolveu atividades de cunho literário e que para além dos deveres culturais lutou pelos direitos dos estudantes do Colégio Liceu do Ceará. (RAMALHO, op. cit., p. 64)

Para compreendermos a importância desse órgão estudantil para o ME cearense precisamos localizar historicamente a posição que ocupava o Colégio Liceu do Ceará no ambiente educacional do Estado. Para isso, se faz necessário entender seu funcionamento, quem fazia parte do seu corpo docente, qual o programa de ensino, como os estudantes tinham acesso à escola, enfim, é inescusável esquadrihar o cotidiano escolar em que estes discentes estavam inseridos.

Desde as primeiras ações para a instalação de um Liceu no Ceará, no ano de 1843, a proposta defendida era que o Estado tivesse uma instituição de ensino que primasse por uma formação humanista. Porém, somente em setembro de 1845 que houve a efetiva regulamentação do Colégio Estadual do Ceará – o Liceu. O Liceu era referência para as outras escolas do Ceará. E além de modelo, num primeiro momento, inspecionava as demais instituições de ensino da província para desenvolver o ensino proposto pelo governo. Assim, de acordo com o Art. 11 da lei nº 304, que apresentava todos os anos um relatório sobre as aulas públicas do Estado à assembleia provincial. Nesse documento deveria conter um “[...] mappa, por comarcas, municípios, povoações e freguesias do numero de alunos, filiação, idade, sexo, condição, aproveitamento, e quaisquer observações que tendão ao melhoramento do ensino publico”. (VITOR, 1945, p. 8)

Toda imponência desse empreendimento se dava pelo fato de que esta seria a 4ª escola de nível e excelência instalada no Brasil. Tanto em sua grade curricular, que era composta pelas cadeiras de “[...] filosofia racional e moral; rhetorica e poetica; arithmetica;

geometria, trigonometria; geografia, e historia, latim, francez e inglez”⁸⁹, quanto na escolha e competência necessária para fazer parte de seu corpo docente e discente já que deveria manter as mesmas especificações do sistema educacional do Colégio Pedro II.

O liceu do Ceará é o quarto mais antigo estabelecimento de ensino do país, com precisamente 151 anos de existência (1996), porquanto criado pela Lei nº 304, de 15 de julho de 1845, e instalado oficialmente no dia 19 de outubro de 1845. Seu primeiro direto foi o Dr. Tomaz Pompeu, em cuja residência, na esquina das ruas Senador Pompeu e Guilherme Rocha, ocorreram as primeiras reuniões de sua Congregação. Com apenas seis anos de existência, em 1851, o Liceu – cuja grafia, à época, era *Lyceu* – foi alvo de inspeção federal, a cargo, nada mais nada menos, de uma das glórias das letras brasileiras, o poeta Gonçalves Dias. Em seu relatório, Gonçalves Dias considerou o Liceu “um dos primeiros do Império, por sua organização e regime de ensino”. (GIRÃO, 1997, p. 11)

O Liceu do Ceará desde seus primeiros anos de funcionamento foi contemplado como melhor instituição de ensino do Estado. Vários nomes de relevo da História do Ceará e do país passaram pelos bancos escolares desta instituição entre os muitos sujeitos estão Farias Brito⁹⁰, Clóvis Beviláqua⁹¹, Gustavo Barroso⁹², etc. As primeiras aulas do Liceu aconteceram na residência de seu primeiro diretor, o Dr. Tomaz Pompeu⁹³, localizada entre as Ruas Senador

⁸⁹ De acordo com a Lei nº 304, aprovada em 15 de julho de 1844, pela Assembleia Provincial do Ceará, estas eram as disciplinas que deveriam ser ofertadas pelo Liceu. Cf. VITOR, Hugo. O Liceu em Cem Anos. Fortaleza, Tipografia Iracema, Ceará, 1945. Porém, conforme consta no Relatório da Instrução Pública e Particular da Província do Ceará – 1855 não foram lecionadas, na primeira década de funcionamento, as cadeiras de trigonometria e nem aritmética. Cf. MAGALHÃES JUNIOR, A. G., SILVA NETA, M. L., PAULA, K. B., FREIRE, V. C. C. *O Liceu do Ceará: o retrato das práticas avaliativas*. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação: Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil, 2013, Cuiabá - Mato Grosso. VI Congresso Brasileiro de História da Educação, 2013.

⁹⁰ Raimundo de Farias Brito, nasceu em 1862, em São Benedito/Ce. cursou o secundário no Liceu do Ceará, formou-se em direito na Faculdade de Direito do Recife, onde foi aluno de Tobias Barreto, obtendo o título de Bacharel em 1884. Ocupou cargos oficiais no Governo do Estado do Ceará. Tornou-se um dos grandes intelectuais brasileiros. Em 1917, falece na cidade do Rio de Janeiro. Cf. FILIZONA NETO, J. FARIAS BRITO, UM FILÓSOFO BRASILEIRO: vida, pensamento e crítica historiográfica. Tese (Doutorado) defendida pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, CE., 2008. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3137/1/2008_Tese_JFilizola%20Neto.pdf

⁹¹ Clóvis Beviláqua nasceu em 4 de outubro de 1859, em Viçosa (CE), filho do deputado provincial José Beviláqua. Formou-se em 1882, na Faculdade de Direito de Recife, desempenhou vários cargos públicos. Em 1891, foi eleito para fazer parte da Assembleia Constituinte do Estado do Ceará. Em 1899, foi convidado por Epiácio Pessoa para preparar o projeto do Código Civil Brasileiro, sendo até hoje reconhecido como renovador da doutrina jurídica do país. Morreu em 1944, na cidade do Rio de Janeiro. Cf. www.e-biografias.net/clovis_bevilaqua último acesso em: 22.02.2016.

⁹² Gustavo Dodt Barroso nasceu em Fortaleza, em 1888. cursou o secundário no Liceu do Ceará e formou-se em direito pela Faculdade de Direito de Fortaleza, em 1907. Autor de vasta obra literária, com mais de 120 livros, dedicou um espaço para escrever sobre sua experiência estudantil no Liceu do Ceará, no livro de mesmo nome, publicado em 1941. Foi redator de alguns periódicos, (1908-1909, Jornal do Ceará e 1911-1913, Jornal do Commercio). A partir de 1922 foi diretor do Museu Histórico Nacional. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1959. Cf. www.cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/gustavo_barroso

⁹³ Tomás Pompeu de Sousa Brasil, o Senador Pompeu, nasceu em Santa Quitéria, no dia 6 de junho de 1818. Faleceu em Fortaleza, no dia 2 de setembro de 1877) foi um político e maçom brasileiro. Formou-se na Faculdade de Direito do Recife e no Seminário de Olinda. Foi um dos fundadores do Liceu do Ceará e seu primeiro diretor, entre 1845 e 1849, professor de Geografia e História. Biografia completa disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1s_Pompeu_de_Sousa_Brasil Último acesso: 10/06/2016.

Pompeu e Guilherme Rocha. Vários prédios públicos e particulares de Fortaleza abrigaram o Liceu, enquanto este não possuía uma sede própria, entre estes estavam a Santa Casa e o antigo Quartel da Força Policial (HUGO, 1945). No ano 1894, no governo de José Freire Bezerril Fontenele, teve sede própria inaugurada a 15 de março, na Praça dos Voluntários. Somente em 1937, mudou-se para um edifício novo mandado construir na Praça Fernandes Vieira.

Figura 9: Edifício do Liceu do Ceará. Fachada sobre a Praça dos Voluntários, desenho de Gustavo Barroso.



Fonte: BARROSO, Gustavo. Liceu do Ceará. Fortaleza: Edições UFC/Casa José de Alencar, 2000, p.23.

Nessas poucas linhas retornamos a primeira metade do século XIX, para apresentar um histórico da fundação do Colégio Estadual do Ceará. Agora voltemos à década de 1930 para perscrutar a criação do Centro Liceal de Educação e Cultura (CLEC), assim, poderemos compreender como foi pensada e organizada essa agremiação estudantil que teve grande contribuição para a consolidação do Movimento Estudantil cearense.

Em 21 de abril de 1935, é fundado o Centro Liceal de Educação e Cultura, formado por estudantes antes ligados ao Centro Liceal de Estudos, agremiação que de acordo com Bráulio Ramalho (2008, p. 64) desenvolveu-se nas primeiras décadas do século XX “atividades literárias e realizou alguns movimentos em defesa dos interesses dos discentes do Liceu do Ceará”. Como toda entidade estudantil o CLEC tinha como um dos seus objetivos promover o “alevntamento social dos alunos do Colégio Estadual do Ceará” e a luta pela defesa “intransigentemente de seus direitos”, ou seja, sua finalidade era ser mais um suporte para o desenvolver moral, intelectual e cívico dos liceístas. Mesmo com sua fundação na década de 1930, seu regimento, na forma de Carta Magna, só vai ser discutido em 1955 e aprovado em assembleia no ano seguinte, durante a gestão de José Tarcísio Rodrigues Pinheiro. Destarte,

como o Centro Estudantil, o CLEC terá seu regimento publicado em Diário Oficial do Estado⁹⁴ tendo, também, registro no cartório do tabelião Dr. Carlôto Pergentino Maia. A agremiação era composta por sócios efetivos e sócios honorários, assim, não ficando restrito apenas aos discentes do Liceu, mas entendendo como integrante da agremiação "pessoas que prestam relevantes serviços à sociedade", sendo estes eleitos através de assembleia geral. Por isso, não é à toa que o coletivo estudantil é tomado como de utilidade pública, em 1956, por meio da Lei estadual nº 3.362, de 3 de outubro de 1956 a entidade é considerada pelo então governador Paulo Sarasate. Esses reconhecimentos dos órgãos públicos às entidades estudantis é de extrema importância para o status que estes estudantes pretendem conseguir, não somente uma posição de *status quo*, mas por que é através desses singelos atos de legitimidade que o movimento estudantil vai requerer seu lugar de voz política na sociedade e angariar recursos públicos para a entidade.

Para entender como se davam as ações empreendidas pelo CLEC, assim como fizemos com o Centro Estudantil, precisamos analisar detalhadamente como se organizava a entidade, ou seja, é necessário conhecer seus departamentos para mais adiante não nos perdemos nas práticas cotidianas desses sujeitos.

A Carta Magna do CLEC, documento que vai reger institucionalmente a agremiação, está disposta em sete capítulos, cada qual prevendo as funções e deliberando as atividades de cada integrante e departamento da entidade. No tocante as suas finalidades, o CLEC, deveria impreterivelmente colaborar e apoiar qualquer iniciativa do corpo discente do Colégio Estadual do Ceará. Para além desse fito, o centro deveria proporcionar aos estudantes do Liceu “conferências cívicas, culturais ou científicas, encetando movimentos literários e artísticos, internamente, ou de âmbito inter-colegial”.

- c) Promover ou participar de jogos, torneios e campeonatos esportivos;
- d) Realizar intercâmbios de caracteres diversos com entidades congêneres;
- e) Comemorar datas importantes, notadamente os feitos pátrios;
- f) Auxiliar a direção do Colégio, particularmente, nas paradas cívicas;
- g) Tomar parte em congressos estudantis e neles defender os direitos da classe liceal, sem ônus para o tesouro Clequista, quando desses conclaves se realizarem fora da cidade sede do Centro.
- § 1º - Quando se fizer necessário representar o corpo discente do Colégio em congressos estudantis, compor-se-á representação de membros do Centro Liceal, escolhidos pela Diretoria.
- § 2º - O presidente em exercício do CLEC, preferencialmente, participará da delegação representativa da entidade.
- § 3º - A escolha da delegação é passível de recurso ao Conselho Superior, quando, nos termos desta Constituição, se considere algum de seus membros sem condições para esse fim.
- h) Em consonância com a Diretoria do Colégio e o Govêrno do Estado, dispensar

⁹⁴ Carta Magna do Centro Liceal de Educação e Cultura. In.: Diário Oficial do Estado do Ceará – nº 6586, pgs. 11-14, de 17/05/1956.

assistência médica-sanitária aos que integram o quadro de sócios efetivos.⁹⁵

Conforme os fins descritos pelo documento podemos observar uma certa preocupação nas questões que envolviam a representação dos discentes do Liceu nos mais variados congressos estudantis. Entendemos essa atenção como a disputa por espaços de discussões acerca da categoria em meio a seus pares. Outro cuidado dispendido pela agremiação era a formação cultural e científica na proposta de promover as tais “conferências cívicas, culturais e científicas”, fortalecendo o objetivo de “alevramento social” dos liceístas.

Não podemos esquecer também do caráter assistencial que estas entidades estudantis desenvolviam, pois como fica exposto no item “h”, o CLEC em consenso com o Governo do Estado e a Diretoria da escola devem oferecer aos sócios efetivos serviços médicos-sanitários. Dito de outro modo, a agremiação tomava pra si, sem esquecer das obrigações das outras instâncias públicas, a responsabilidade de oferecer subsídios de saúde aos estudantes-membros.

Assim como acontecia no Centro Estudantal Cearense, para fazer parte dos associados do CLEC eram necessárias algumas especificações, uma delas era ser estudante matriculado no Colégio Estadual do Ceará (Liceu). Ressaltamos uma informação contida nos arts. 26 e 28, do capítulo concernente aos sócios, seus direitos, deveres e penalidades, quando se fala sobre os sócios efetivos e discrimina que estes deveriam ser estudantes do Liceu, há destaque para a ala feminina. O artigo é descrito dessa forma: “Art. 26 – São considerados sócios efetivos os discentes do Colégio Estadual do Ceará, inclusive a ala feminina”. Com uma análise superficial da norma poderíamos tratar esse realce como um meio de exclusão que inclui, pois se todos os estudantes do Liceu eram considerados membros efetivos, porque distinguir as moças como um grupo a parte? Esta exclusão não tinha caráter separatista, pois havia um departamento denominado feminino e, quando analisamos as publicações estudantis do CLEC vamos encontrar impressos produzidos por sua Ala Feminina. Nesse impresso descobrimos escritos sobre política, educação, juventude entre outros⁹⁶.

Ainda no contexto de quem poderia fazer parte do quadro de sócios do CLEC, encontramos a distinção entre os sócios efetivos e honorários. Já falamos quem podia candidatar-se para a *classe social*⁹⁷ dos efetivos, agora ressaltaremos os honorários. Estes são

⁹⁵ Art. 3º da Carta Magna, do Centro Liceal de Educação e Cultura – sobre as finalidades do CLEC.

⁹⁶ Trabalharemos com este documento no capítulo dois, onde analisaremos os impressos produzidos pelos estudantes das agremiações escolhidas para esta pesquisa.

⁹⁷ O Termo *Classe social* é colocado no artigo como categoria dos estudantes, ou seja, os sócios honorários e efetivos estavam incluídos nesse termo genérico classe social. Art. 25 – São duas as Classes sociais: a) Sócios Efetivos; b) Sócios Honorários. (Art. 25 da Carta Magna, do Centro Liceal de Educação e Cultura – Dos sócios, seus direitos, deveres e penalidades).

estabelecidos pelo artigo 27, que descreve o sócio honorário como aquele indivíduo, reconhecido em Assembleia Geral, que prestara serviços relevantes à sociedade.

Os sócios efetivos, poderiam disfrutar de todas as regalias oferecidas pelo CLEC, além de:

- [...] b) Votar e ser votado;
- c) Assistir às sessões, tendo direito à palavra, não podendo deliberar;
- d) Recorrer ao CLEC, para solucionar seus problemas ligados à vida estudantil;
- e) Tomar parte nas reuniões sócio-culturais, esportivas e de outra natureza;
- f) Comparecer às Assembleias Gerais, obedecendo ao que consta no art. 6º, § único, capítulo II;
- g) Apresentar ao CLEC sugestões que contribuam para o progresso da sociedade;
- h) Utilizar-se do material existente, para treinos esportivos e outros divertimentos, de acordo com as exigências dos Departamentos responsáveis;
- i) Quando se julgar prejudicado em seus direitos, por desmandos da Diretoria, recorrer ao Conselho Superior e à Assembleia Geral.⁹⁸

Quando comparamos os direitos dos sócios efetivos do CLEC com os do Centro Estudantal observamos que o primeiro dá mais possibilidades de ir contra as deliberações da diretoria da entidade do que o segundo. Lembremos que um dos deveres dos sócios efetivos do CEC é “[...] acatar as deliberações da Diretoria e comparecer sempre que possível às sessões ordinárias, extraordinárias e solenes”. Nos dois casos os membros efetivos devem contribuir financeiramente com um determinado valor estabelecido pelo documento para despesas da entidade, no caso específico do CLEC, o liceístas deveria pagar a taxa de Cr\$ 20,00 (vinte cruzeiros) no ato da matrícula. No restante dos itens que ditam suas demais responsabilidades estão o auxílio nos projetos propostos pela diretoria, velar pela dignidade de suas ações enquanto estudantes, cumprir os estatutos e principalmente, “[...] dar conhecimento às diretorias do CLEC e do Colégio Estadual de ocorridos que comprometam o nome do estabelecimento ou da entidade, defendendo a tradição e conceitos dos mesmos”.⁹⁹

Já no tocante as penalidades, também atinamos para semelhanças. Uma delas é o debate político-partidário. Nas entidades estudadas é fixado nos estatutos com falta, que prevê punição, levar para dentro da agremiação discussões dessa natureza. Outros desacertos são mencionados como as questões recorrentes de incorreção nos comportamentos, trazendo ao estabelecimento de ensino ou a entidade o comprometimento da dignidade.

Logo após o capítulo dos sócios vem a divisão dos departamentos que vão dar funcionalidade ao CLEC. Estes, divididos em seis, vão estar somente dispostos no texto, pois

⁹⁸ Carta Magna, do Centro Lical de Educação e Cultura. In.: Diário Oficial do Estado do Ceará – nº 6586, pgs. 11-14, de 17/05/1956.

⁹⁹ Carta Magna do Centro Lical de Educação e Cultura. In.: Diário Oficial do Estado do Ceará – nº 6586, pgs. 11-14, de 17/05/1956.

as atribuições de cada um estão descritas no regimento interno, documento que não tivemos informação. Porém podemos tentar visualizar por meio de sua nomenclatura suas possíveis designações. São eles: o departamento artístico, cultural, esportivo, feminino, publicitário e de relações públicas.

A atuação do Centro Liceal de Educação e Cultura em Fortaleza são lembradas por alguns ex-liceístas e estudantes de outras instituições de ensino do estado como a base que sustentava o ME cearense. Em algumas entrevistas colhidas por Bráulio Ramalho, para o desenvolvimento de sua dissertação, vários atores afirmaram a importância do CLEC como um exemplo de mobilização.

O CLEC sempre teve uma atuação destacada. E, praticamente comandava o movimento estudantil em Fortaleza. Até mesmo com intensidade maior do que a política realizada na Universidade. O CLEC era quem mobilizava a cidade em termos de manifestações políticas. Não apenas as que eram de interesse direto dos estudantes, como por exemplo aumento da passagem de ônibus e outras coisas dessa espécie, pela própria qualidade do ensino público, pela ampliação do número de vagas para estudantes, mas os problemas também de ordem política institucional eram discutidos e eram atacados pelo pessoal do Liceu.¹⁰⁰

Os alunos do Liceu, tendo à frente sua entidade Representativa, vão ser referência aos demais estudantes de Fortaleza. Muitos são os exemplos das ações perpetuadas pelos alunos do Liceu como no caso, rememorado por Blanchard Girão (1997), chamado de “Guerra com os Deputados”, evento ocorrido na década de 1940. Nessa ocasião os deputados levaram para votação na Assembleia um aumento para seus subsídios.

O Liceu figurava como um dos principais instrumentos de pressão da sociedade em quase todos os movimentos que agitavam a cidade. [...] Costume muito antigo estava na ordem do dia dos senhores deputados estaduais: aumento de seus próprios subsídios. A imprensa criticou, como sempre, a iniciativa dos parlamentares. O episódio teria ficado restrito ao plenário da Assembleia e às páginas, pouco lidas, dos jornais, não fora a ação rápida, enérgica e barulhenta dos liceístas.

A Assembleia funcionava no edifício onde atualmente está o Museu Histórico, bem no centro de Fortaleza, a pouco mais de uma quadra da Praça do Ferreira. E esse detalhe tem sua relevância, porquanto facilitava o acesso do povo à Casa Legislativa. Anunciada a data da votação do aumento, a turma do Liceu organizou o protesto. Dezena, talvez mais de uma centena de aluno, partiu do colégio para a Assembleia e tomou conta, literalmente, das galerias. (GIRÃO, 1997, p. 194)

A confusão tomou conta da sessão, mesmo a pauta do aumento não tendo sido tocada, além da invasão ao prédio da Assembleia um estudante do liceu toma parte da fala de um parlamentar, sobre desvios de verbas dos flagelados, devolvendo aos gritos a ofensa proferida pelo deputado: “Ladrões são vocês deputados, que estão aumentando os subsídios às escondidas. Ladrões do Povo!”

¹⁰⁰ Trecho da entrevista de Francisco Roberto Silveira de Pontes Medeiros, concedida a Bráulio Ramalho em 28/05/1995.

No calor do momento houve enfrentamento entre a comissão de segurança organizada pelos estudantes e os policiais que foram chamados para evacuar as galerias da Assembleia.

Quando os soldados tentaram subir para as “torrinhas” foram recebidos a violentos pontapés. Dois caíram de imediato, ante o espanto dos demais. Foi muito espancada. Somente depois de muito tempo e muita luta, com a chegada de grande reforço policial, os liceístas são retirados do prédio da Assembleia, saindo em passeata pelas ruas aos gritos de “Deputados ladrões! Deputados Ladrões!”. (GIRÃO, 1997, p.194)

Diante do alvoroço causado pelos alunos do Liceu, o restante da população pôde tomar conhecimento dos acontecidos na Assembleia já que a imprensa deu repercussão ao caso. Assim, o propósito dos deputados foi deixado de lado, por um tempo, já que depois eles deram um jeito da pauta ser votada novamente. Entre pancadas e pontapés os liceístas tomaram para si bandeiras da sociedade em geral, não restringindo sua atuação aos interesses da categoria.

Este é apenas um dos momentos em que os estudantes do Liceu demonstraram sua força com relação à política do Estado, como diz Girão (1997), os liceístas estavam “[...] à frente das agitações sociais, levantando as palavras-de-ordem mais atualizadas e vibrantes”. Muitas das lideranças políticas, que mais tarde, vão ser contra ao golpe civil-militar de 1964 vão sair dos bancos do Liceu, um deles é o jornalista Blanchard Girão que teve seu mandato como deputado estadual cassado.

Retomando um dos objetivos defendidos pelo Centro Liceal, de proporcionar aos estudantes um aperfeiçoamento cultural, encontramos o incentivo para a escrita estudantil, dando espaço aos alunos que tinham tendência a escrita, publicarem seus textos em jornais e revistas da entidade. As publicações apoiadas, também, pela diretoria do Colégio Estadual, como a revista *A Idéia*, órgão oficial do CLEC e que tinha periodicidade anual, recebia das mais variadas contribuições estudantis em suas páginas. Além de fomentar as letras o Centro Liceal, por meio do departamento artístico, promovia sessões lítero-musicais para os alunos que tivessem inclinações voltadas à música. Tendo o colégio estadual uma banda, chamada de Bando Liceal, que dominava as serestas articuladas pelo grêmio estudantil.

Ídolos da mocidade liceista eram também aqueles que ganhavam projeção na música, como o saudoso Jack Schaumann – médico falecido há alguns anos – violonista de méritos, e um dos integrantes do “Bando Liceal”, tradição da cidade, renovando-se os seus componentes, mas sempre mantendo elevada performance artística. Naquele período, além de Schaumann, o “Bando Liceal” contava ainda com o Néo – sempre o Néo- que era o seu vocalista – o simpático Poty, pandeirista, um Pamplona, cujo primeiro nome me escapa e outros. Detalhe interessante: do “Bando Liceal” brotaram outros conjuntos vocais que se celebrizaram a nível local e nacional, como “Quatro Azes e um Coringa”, sucesso enorme nos anos 40 em todo Brasil e no exterior. Os irmãos Pontes de Medeiros, o Pijuca (Esdras Falcão), o Melé (André Vieira) compunham os “Quatro Azes”, que outro não era senão o antigo “Bando Liceal”, com pequenas modificações. (GIRÃO, 1997, p. 148)

Defronte a tantos projetos culturais, engajamento nas questões sociais e atividades referentes aos interesses estudantis, o CLEC detinha prestígio entre o meio estudantil cearense. Os liceístas eram tidos como, já citado, referência do *ser estudante*, na Fortaleza das décadas de 1940-50. E, muitos estudantes achavam-se honrados em fazer parte desse grupo escolar. Como afirma Blanchard Girão (1997, p. 149) “Por tudo isso, ser liceista proporcionava um forte sentimento de brio, de prestígio perante o meio estudantil e a sociedade em geral”.

O CLEC, assim como os demais grupos estudantis foram responsáveis por diversas intervenções na vida cotidiana da cidade de Fortaleza. Acima citamos seu envolvimento com a política local, mas entre as campanhas que participavam os estudantes cearenses observamos na matéria do jornal *Unitário*, de 12 de junho de 1955, os líderes estudantis unindo forças com os *Diários Associados* para a realização de eventos que possam contribuir para a construção de uma maternidade popular. Na leitura do texto observamos o apelo para que outras entidades e unidades escolares se juntem em prol desse empreendimento social. Na chamada é dito que os estudantes estão deixando de comprar merenda para arrecadar subsídios para a campanha.

A CAMPANHA DA MATERNIDADE POPULAR EMPOLGA OS ESTUDANTES DE TODOS OS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO Alunos deixam de comprar sua merenda para colaborar com a filantrópica campanha. [...] CAMPANHA Nas referidas reuniões ficou acertado que os colégios, faculdades, escolas e grupos desenvolveriam a campanha a seu modo arrecadando dinheiro entre os alunos, promovendo festivais e concursos. O total arrecadado deverá ser entregue nos “Diários Associados” o que poderá ser feito até dia 28 de agosto. TAÇAS AOS PRIMEIROS LUGARES A União Estadual dos Estudantes dará uma taça à Faculdade com mais dinheiro. Ao colégio que mais se sobressair, o Centro Estudantil Cearense dará uma taça, e medalhas de honra ao mérito sendo distribuídas também pelo Centro Liceal de Educação e Cultura [...].¹⁰¹

No trecho acima podemos observar que os estudantes foram deixados livres para escolher quais métodos usar para conseguir uma maior quantidade de dinheiro e, para além dos prêmios simbólicos (taças e medalhas de honra ao mérito), que seriam entregues aos primeiros lugares por suas entidades representativas, a matéria visa muito mais do que a campanha em si, já que mostra e enfatiza a união dos estudantes cearenses em torno de uma luta que não perpassa, tão diretamente, a categoria e sim, ao bem comum.

Neste capítulo, tentamos visualizar a conjuntura política, educacional e social do país e do Ceará, para entendermos como foram os primeiros passos da organização estudantil no estado, sua fundação e como se deu a consolidação de algumas das entidades (secundaristas mais importantes neste período de 1930 a 1945, o CEC e o CLEC). Também já ensaiamos

¹⁰¹ UNITÁRIO, 12 de junho de 1955. p. 2.

algumas reflexões que serão basilares para dar continuidade ao trabalho proposto, que é a construção de vários discursos sobre o que é *ser estudante*, em Fortaleza e, *busca* por um perfil como esse ideal estudantil incidia nas suas atividades cotidianas. Esse primeiro momento de formação e legitimação das agremiações é de extrema importância, já que estes valores vão ser gestados e propagandeados por vários setores da sociedade, a imprensa, a Igreja e o Estado.

O capítulo seguinte buscamos perscrutar como se deu a construção dos discursos da Igreja e dos jornais locais acerca do sujeito/estudante, pretende-se também analisar como os próprios estudantes vão criar um perfil de si a partir de seus impressos. Analisaremos algumas matérias, reportagens e notas publicadas nos periódicos locais (*O Nordeste*, *Correio de Notícias*, *Gazeta de Notícias e Unitário*) procurando identificar quais características foram imputadas ao estudante exemplar, não deixando de perceber os comportamentos fora do padrão que eram reclamados por uma conduta ideal.

Nos utilizaremos também de outras tipologias de fontes como códigos de ética, documentos oficiais, hinos e músicas que eram tomados, tanto pela sociedade quanto pelos estudantes, para publicizar uma imagem, que deveria ser ideal, para a categoria.

3 BUSCANDO UM PERFIL DO ESTUDANTE CEARENSE.

3.1 O ser estudante nos discursos da imprensa cearense.

A partir da década de 1970, os historiadores passam a dar uma atenção maior ao uso da imprensa como fonte para os estudos históricos, tanto para a escrita da própria História da Imprensa como para a escrita da História por meio dela. Para a historiografia, que ainda não havia se desligado completamente do ranço positivista na produção de seus textos, havia certa desconfiança no trato com os periódicos, pois estes documentos “[...] continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (PINSKY; DE LUCA, 2011, p. 112). Nesse pensamento, o historiador não teria como cumprir com seu ofício que requeria rigidez e objetividade na busca pela verdade.

Não se pode desprezar o peso de certa tradição, dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante. Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. (PINSKY; DE LUCA, 2011, p. 111-112)

Após as mudanças incorporadas ao ofício do historiador pelos *Annales*, com novas fontes, novos objetos e novas abordagens, não só os jornais e periódicos tornaram-se fontes ricas de informações que nos auxiliam a compreender o passado. Como afirma Maria Helena R. Capellato (1988, p.13):

O periódico antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, já é conhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época, e constitui um dos materiais mais férteis para o conhecimento do passado, possibilitando ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos.

Para fazermos uso desse rico material, como fonte para nossa pesquisa, tivemos, primeiramente, que refletir como se deu a trajetória da imprensa no Ceará. Nesse caso tivemos auxílio da obra de Geraldo da Silva Nobre¹⁰², intitulada *Introdução à História do Jornalismo*

¹⁰² Geraldo da Silva Nobre - Nasceu em Morada Nova, 31 de agosto de 1924, filho de João Eduardo Nobre e Pulquéria Silva Nobre. Estudou no Colégio Castelo Branco e no Liceu do Ceará. Desde jovem já se interessava pela arte da escrita tendo colaborado com a Revista *Jangada*, dos alunos do Liceu do Ceará. Formou-se em Economia pela Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará (turma de 1944), licenciando-se em Geografia e História, no ano de 1953). Foi redator da “Gazeta de Notícias”, editorialista do “Correio do Ceará”. Lecionou nas Faculdades de Ciências Econômicas e Filosofia da Universidade Federal do Ceará. Exerceu cargos públicos como chefe do Serviço de Imprensa do Governo do Ceará (1967/1971), Diretor do Arquivo Público Estadual - (1981/1994). Fundador e Primeiro Presidente do Centro de Economistas do Ceará, que se transformou posteriormente no Sindicato da classe. Informações disponíveis em:

Cearense, publicada em 1974¹⁰³. Nesse trabalho o autor fez um levantamento dos periódicos que circularam no Estado, “com a intenção de aproveitar como fontes para a História cearense.” (NOBRE, 2011, p. 9) O autor, já em 1974, refletia sobre a importância dos periódicos para a escrita da História. Por meio desse trabalho encontramos diversas informações sobre circulação, fundação e vertentes dos jornais que fizeram parte do cotidiano da população cearense. Nobre, divide sua História do jornalismo cearense em seis partes, são elas: origens, período monárquico, período de transição (1890-1914), período atual (1915-1970), História da Associação Cearense de Imprensa e História da Classe jornalística do Ceará, nessa última parte lista datas e fatos relevantes da imprensa no Estado. Para nossa pesquisa, vamos nos ater ao chamado “período atual” que vai de 1915 a 1970, por cobrir o arco temporal de nossa pesquisa.

Selecionamos os jornais *Gazeta de Notícias*¹⁰⁴, *Unitário*¹⁰⁵, *Correio do Ceará*¹⁰⁶ e, por fim, o *O Nordeste*¹⁰⁷. Estes, de acordo com nossa percepção e prática de pesquisa, deram uma maior visibilidade e espaço aos assuntos estudantis, seja por meio da publicação de matérias que cobrissem os eventos da categoria estudantina ou reportagens sobre intervenções, no cotidiano da cidade de Fortaleza, desenvolvidas pelos estudantes em parceria com outros setores da sociedade. A relação de apoio estabelecida entre a imprensa e os estudantes se via claramente nas notícias publicadas por esses jornais. Vemos explicitamente esse apoio na edição de agosto de 1946, quando o Centro Estudantal oferece um coquetel em homenagem à imprensa cearense. Nesse dia de conagração, Valter de Sá Cavalcante¹⁰⁸ discursa de forma

<http://www.ceara.pro.br/cearenses/listapornomedetalhe.php?pid=32815> Último acesso em: 11.08.2016.

¹⁰³ Utilizamos a Edição *Fac-similar* publicada pelo Núcleo de Documentação da Universidade Federal do Ceará, em 2006.

¹⁰⁴ Fundada em 1927, a *Gazeta de Notícias* apareceu primeira mente como diário para em 1972 ser convertida em semanário. Seu fundador Antônio Drummond, de acordo com Nobre (2006) foi encontrado assassinado na redação do periódico, em 1930. Conforme o autor, o jornal foi responsável pela “formação de um contingente numeroso de profissionais capazes, dos melhores da imprensa cearense”. (p.18)

¹⁰⁵ O Jornal *O Unitário*, foi criado por João Brígido, tem como marco de sua fundação o ano de 1903. Porém, desaparece, por duas vezes, da cena jornalística do Ceará voltando definitivamente em 9 de janeiro de 1938. Em 1940, é incorporado pelo consórcio jornalístico dos *Diários Associados*. (NOBRE, 2006, p. 145)

¹⁰⁶. O *Correio do Ceará* é fundado em 1915, por A.C. Mendes. Seu título, assim como o Unitário, é comprado por Assis Chateaubriand e incorporado aos *Diários Associados*. (SILVA FILHO, 2000, p. 19)

¹⁰⁷ *O Nordeste*, órgão da Diocese de Fortaleza, fundado em 1922, circulou por 45 anos. Nobre (2006, p. 18) afirma que a longevidade do jornal deveu-se aos excelentes redatores e ao empenho do Monsenhor Antônio Tabosa Braga, que “[...] recorreu às famílias católicas, tanto da capital como do interior, para que assinassem o dito jornal, [...]”.

¹⁰⁸ Válder de Sá Cavalcanti, nasceu em Fortaleza, dia 30 de junho de 1915, filho de João de Sá Cavalcanti e de Raimunda Rabelo Cavalcanti. Concluiu o curso primário no Grupo Escolar Santos Dumont, em sua cidade natal. Tendo sua família se transferido para o interior do estado, cursou o Ginásio do Crato e, de volta a Fortaleza, terminou o secundário no antigo Liceu do Ceará, em 1932. Ainda nesse ano, matriculou-se na Faculdade de Direito do Ceará, trabalhando até 1933 para o Departamento de Obras contra as Secas junto às obras do açude Lima Campos, no município de Icó (CE). Em 1934, cursou também a Academia de Comércio Padre Champagnat, anexa ao Colégio Cearense, pela qual se diplomaria em 1936. Durante sua vida universitária, reorganizou o Centro de Estudos Contábeis, dirigindo a revista *Estudos*, mantida por aquela entidade. Foi também colaborador da *Folha Estudantil Cearense* e da revista da Faculdade de Direito do Ceará, tendo ocupado cargos de destaque no Centro

elogiosa à categoria e oferece total apoio aos empreendimentos desenvolvidos em benefício ao grupo estudantil¹⁰⁹.

Nossa proposta nesse capítulo é perceber como são construídos e transformados os discursos sobre os estudantes. Num primeiro momento, mostrando esses sujeitos em suas atividades intelectuais, culturais e de formação ou as ações vinculadas às lutas da categoria, como as diversas ações para arrecadação de verbas em prol da construção da Casa do Estudante Pobre do Ceará¹¹⁰ e pelo direito à meia-passagem. Num segundo momento, a partir da década de 1940, estes estudantes vão passar a atuar junto a outros grupos sociais por objetivos mais amplos, não ligados estritamente ao Movimento Estudantil, por exemplo, a “campanha contra a exploração econômica popular”¹¹¹.

Nesse período do pós-guerra, também, pudemos perceber a preferência de alguns jornais por determinados grupos. Enquanto o *Unitário*, por exemplo, publicava muitas notícias sobre a União Estadual dos Estudantes, a *Gazeta* e o *Correio do Ceará* continuavam a noticiar as ações do Centro Estudantil e, no geral, notas de outras agremiações como do grêmio da Escola de Comércio da Fênix Caixeiral¹¹². Já no jornal *O Nordeste*, por ser o veículo de comunicação da Arquidiocese de Fortaleza, não conseguimos identificar uma preferência; esse periódico apenas noticiava opiniões sobre os estudantes, algumas notas da Polícia Estudantil e sobre alguns eventos esportivos e culturais promovidos pelos estudantes.

Estudantal Cearense, cujo conselho superior chegou a presidir, e no Centro Acadêmico Clóvis Bevilacqua, do qual foi presidente no biênio de 1936-1937. Neste último ano participou do I Congresso Nacional dos Estudantes, realizado no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, durante o qual foi eleito primeiro vice-presidente e relator dos estatutos da União Nacional dos Estudantes (UNE). Em dezembro de 1937, bacharelou-se em ciências Jurídicas e sociais ingressando no magistério superior em 1938 como professor de economia rural da Escola de Agronomia do Ceará. Com a redemocratização do país em 1945, elegeu-se deputado à Assembleia Constituinte do Ceará na legenda do Partido Social Democrático (PSD). Nessa pequena nota biográfica procuramos dar ênfase na sua trajetória estudantil. O trecho de sua biografia que apresentamos foi retirada do Dicionário Biográfico do Centro de Pesquisa e Documentação - CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: Último acesso: 14/08/2016.

¹⁰⁹ *Unitário*, 4 de agosto de 1946. (Capa).

¹¹⁰ Vários eventos foram organizados pelo CEC voltados para a arrecadação de verbas destinadas às obras da Casa do Estudante Pobre do Ceará. Um exemplo desses festejos se deu em 29 de maio de 1941, evento que contou com a participação do próprio interventor do Estado, Dr. Menezes Pimentel. Este inaugurou às 17h na Praça do Ferreira a *Festa da Mocidade*. (NIREZ, M. Ângelo. *Cronologia Ilustrada de Fortaleza*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005)

¹¹¹ *Jornal Unitário*, de 17 de setembro de 1946, capa.

¹¹² A Escola de Comércio foi fundada em 1º de agosto de 1891, sendo uma iniciativa da Sociedade Fênix Caixeiral. A criação da Escola se dá pela assinatura da Lei nº. 544, de 14 de agosto de 1899, pelo Presidente do Estado, Dr. Antônio Pinto Nogueira Accioly. De acordo com a norma se criou uma Escola de Comércio, anexa ao Liceu do Ceará; o curso teria duração de dois anos, tendo como disciplinas da grade curricular: português, francês, inglês, geografia, matemática elementar, contabilidade, escrituração mercantil, direito comercial e economia política. (SILVA, 2008, p. 20)

Além disso, supomos que muitos estudantes estivessem ligados a mais de uma entidade, pois o Centro Estudantil Cearense congregava estudantes de todos os níveis de ensino e, em nenhum artigo do seu estatuto impedia que o sócio fizesse parte de outra agremiação.

Assim, ao refletirmos sobre a atividade estudantil do Estado, após criação de novas entidades com maior envergadura, não podemos excluir da análise os diferentes grupos que compunham/representavam a classe estudantil cearense. Nesse capítulo, abordaremos não só as ações empreendidas pelo Centro Estudantal ou pelo Centro Liceal, mas procuraremos enfatizar os discursos que vão tratar do estudante como um todo e, não somente, os de grupos distintos.

Por um longo período, os jornais cearenses deram espaço e apoio às atividades empreendidas pelos estudantes do Estado. Em alguns casos, como podemos identificar na nota publicada pelo jornal *Unitário* de 8 de abril de 1946, que informa sobre a passeata dos calouros do curso noturno do Colégio Estadual (LICEU). Essa passeata tida como trote para os novos estudantes do educandário, acabou em visita à redação do periódico, mostrando, dessa forma, a ligação entre os estudantes e a imprensa local, visto que esse espaço de trabalho foi colocado como roteiro de visita dos estudantes ingressantes. Podemos supor, por meio dessas e outras relações com a imprensa, muitos desses jornais, foram responsáveis pelas primeiras experiências profissionais, de muitos estudantes. Temos algumas referências dessa presença estudantil na imprensa cearense, como o próprio Geraldo da Silva Nobre, que em 1939, assim como seu irmão Francisco da Silva Nobre¹¹³, começou sua carreira, ainda como estudante do Liceu do Ceará, na *Gazeta de Notícias*. Porém, após a segunda grande guerra mundial, Nobre (2006, p. 155) afirma que há uma diminuição de estudantes frequentando as redações. Presumimos que esse desinteresse pela escrita nesses órgãos se deu, por alguns problemas que a imprensa diária passou na década de 1950.

Depois de 1950, ou seja, na segunda metade do século atual, acentuaram-se as dificuldades à expansão da atividade jornalística, no Ceará. [...] Em uma cidade de mais de setecentos mil habitantes, como é Fortaleza, a tiragem dos diários não chega a atingir o total de vinte e cinco mil exemplares, salvo excepcionalmente. Atribui-se

¹¹³ Francisco Silva Nobre, nasceu em Morada Nova, 19 de agosto de 1923. Estudou Colégio Castelo Branco e Liceu do Ceará Economista pela Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará (turma de 1943). Começou no jornalismo ainda estudante, tem seu nome ligado, entre outras, às seguintes publicações: “A Idéia” (revista do Clube Liceal de Estudos, na qual publicou os seus primeiros artigos), “Jangada” (do Centro de Estudos Juvenil Galeno, de que foi fundador e primeiro Diretor), “Mocidade”, “Revista Contemporânea”, “Gazeta de Notícias” (jornal diário em que foi de revisor a redator-chefe e editorialista), “O Nordeste”, todos de Fortaleza; “Revista AABB”, Boletim e Revista da AABB, ASBAC, Banco, Cheque, Boletim da Paróquia da Santíssima Trindade e muitas outras. Fundou o Grêmio Dramático São José, do Círculo Operário de Fortaleza, e Seleção - Conjunto de Amadores Teatrais. Fundou o primitivo Tenro do Estudante do Ceará e também fez teatro na Bahia, Acre e Rio de Janeiro. Cf.: <http://www.ceara.pro.br/cearenses/listapornomedetalhe.php?pid=32814>

esse fato, desprimoroso para os foros de cultura do povo cearense, à concorrência das emissoras de Rádio e à Televisão, por um lado, e à venda regular de jornais do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Pernambuco, que circulam no mesmo dia na capital cearense. (NOBRE, 2006, p.152)

Mesmo com a grande concorrência de outros meios de comunicação, os jornais continuaram a documentar os eventos e as ações estudantis no Estado. A própria *Gazeta de Notícias*, no final da década de 1950, começa a publicar uma sessão aos domingos, escrita por estudantes, intitulada *Gazeta Estudantil*, com foco na vida estudantil do Estado.

Logo nos anos 1930, os periódicos locais publicavam diversas notas e matérias relativas à vida estudantil na capital e no interior. Em 1931, ano de criação do Centro Estudantal Cearense, os jornais mais importantes de Fortaleza noticiaram a fundação da entidade¹¹⁴.

Nas páginas dos periódicos se espalhavam notícias sobre os concursos para eleger a Rainha dos Estudantes, faziam-se longas reportagens com as candidatas, apresentando um perfil para facilitar a escolha dos votantes. A *Gazeta de Notícias*, de julho de 1935, dedica a capa da edição para discorrer sobre as moças, que concorriam ao cargo de soberana dos estudantes de 35, cada uma tendo sua fotografia estampada junto ao texto. Há a publicação de correspondências de outras entidades estudantis, avisos de reuniões, assembleias, congressos e, as grandes comemorações em homenagem ao 11 de agosto. Essa grande divulgação dava destaque à categoria.

Notamos que, para além da grande publicidade das ações estudantis pelos jornais, a categoria dos estudantes cearenses foi conquistando e legitimando seu lugar como grupo social de grande relevância na esfera pública. Observamos este fato quando em novembro de 1934, foi publicado um decreto dando o título de entidade de utilidade pública ao Centro Estudantal¹¹⁵.

Muito desse interesse nos passos dos estudantes, pelos jornais que davam ampla divulgação das atividades empreendidas pelo grupo, se deve ao prestígio obtido pelo Centro Estudantal Cearense (CEC), desde a sua fundação em 1931, já que esta agremiação se propunha a congregar a totalidade dos estudantes do Estado. Esse privilégio que dava ao CEC a

¹¹⁴ Bráulio Ramalho (2006, p. 20) registra que os periódicos *O Povo* e a *Gazeta de Notícias*, noticiaram a fundação do Centro Estudantal Cearense. No texto publicado pela GN é imputado ao CEC a seguinte diretriz: “Propugnar pelos interesses estudantis, aproximando-os e zelar pelos princípios básicos da liberdade – ideal de uma mocidade altiva –, é esse o programa do Centro”.

¹¹⁵ Nota sobre o decreto na sessão de *Datas e Fatos*, da Revista do Instituto do Ceará de 1958. Pesquisamos no arquivo do Diário Oficial do Estado do Ceará, mas não encontramos registro do decreto.

primogenitura no ME cearense vai ser abalado em 1942, quando é criada a União Estadual dos Estudantes (UEE)¹¹⁶. Porém, o CEC continuará sendo destaque nas notícias dos periódicos locais, ainda, por um longo período.

No desenvolvimento da pesquisa, pudemos perceber que há um deslocamento nos discursos sobre os estudantes e suas atividades ao longo desses 30 anos. Num primeiro momento, os estudantes são retratados como grupo diretamente envolvido com as causas referentes à categoria, como as campanhas para a instauração da meia estudantil (nos transportes e nos cinemas) e pela construção da Casa do Estudante. Já nos anos 1940, percebe-se que os estudantes já detêm um lugar de pressão no meio social, podemos exemplificar essa presença estudantil pelas manifestações e passeatas em prol de outras causas mais gerais. Como afirma Bráulio Ramalho (2002, 79),

[...] a UEE participou de forma efetiva da luta contra o nazi-fascismo e pela criação da Petrobrás. Confirmando a assertiva, o jornal *Unitário* (26/02/1943) registra a abertura, pela UEE, da primeira semana universitária anti-fascista no Theatro José de Alencar. A *Semana*, que teve início em 25 de fevereiro de 1943 (dois meses após a fundação da UEE), foi encerrada com um comício anti-nazista na Praça do Ferreira.

Ao registrarem em suas páginas os feitos e opiniões estudantis, os periódicos de alguma forma vão tecendo e reproduzindo discursos sobre como esses estudantes vão se organizando e se construindo como sujeitos ativos dentro da sociedade cearense. Intentamos desenvolver, a partir da análise dos discursos projetados pelos jornais, uma compreensão dos momentos de significação e consolidação da categoria estudantil como um lugar de poder.

Antes do mais, carece pontuar, como entendemos a ereção dos discursos. Nesse sentido, retomamos as análises propostas por Michel Foucault (1971) para quem o discurso é indissociável do poder. Nas suas palavras: “[...] em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos [...]”. Assim, o discurso não é

“[...] simplesmente o que manifesta (ou esconde) o desejo; é também aquilo que é

¹¹⁶ Em 6 de dezembro de 1942, é eleita a primeira diretoria da União Estadual dos Estudantes, tomando posse em 13 de dezembro, data que passa a ser considerada como de fundação da UEE. De acordo com Ramalho (2002, p. 78), a primeira diretoria da UEE era composta por: Gilson Leite Gondim (Presidente), Stélio Mendonça (1º Vice), Ilkes Aguiar (2º Vice), Antônio Girão Barroso (Secretário Geral), Francisco de Sá Parente (1º secretário), Angelo Santiago Torres (2º secretário), Arisvaldo Toledo (Tesoureiro geral), Sebastião da Paixão (1º Tesoureiro), Eliezer Gondim Monteiro (2º Tesoureiro), Maria Perales Aires (Bibliotecária) e Raimundo Ivan Barroso de Oliveira e Marino de Andrade (Oradores). Essas informações foram retiradas, pelo autor, do jornal *O Povo* de 7 de dezembro de 1942. Segundo Ramalho (2002, p. 86) a UEE estava ligada à União Nacional dos Estudantes e, no final dos anos 1950, optou pela integração à Aliança Operário-Estudantil-Camponesa.

objeto do desejo; e porque – e isso a história desde sempre o ensinou – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de procuramos assenhorear-nos”. (FOUCAULT, 1971, p. 2)

Desse modo, os discursos formulados pelos jornais sobre o ser estudante, pertencem a uma rede de dizeres produzidos, comentados, replicados tanto pelos próprios estudantes, quanto por outros setores da sociedade. Constrói-se, assim, um modelo idealizado do que era *ser sujeito/estudante*. Esse modelo seria o ideal para a classe, dando a ela legitimidade para participar das relações de poder estabelecidas no meio social.

A década de 1930 foi marcada por grandes notícias de festejos, campanhas para arrecadação de fundos, comemorações grandiosas pelo aniversário de fundação do CEC e da data magna dos estudantes brasileiros, como podemos observar na nota sobre o *São João do Estudante*, publicada pela *Gazeta de Notícias*, de 4 de julho de 1935.

O <<Centro Estudantal Cearense>> comemorou de maneira condigna o encerramento das kermesses (sic) do <<São João do Estudante>>, que se vinham realizando no Teatro José de Alencar. Como estava amplamente anunciado, realizou-se de domingo para segunda, no teatro oficial a esperada festa <<Nescão Dansante>> (sic), que consistiu num baile: elegante, seléto (sic) e distinto.

Analisando a passagem acima, podemos observar um discurso de diferenciação que é composto pelos tipos de adjetivos impostos na descrição do festejo. Essa forma de aclamação, enfatizando a elegância e seletividade do baile, na qual os jornais apresentavam o festejo do estudante, dava ao leitor uma sensação de imponência daquele sujeito no meio de uma sociedade que prezava pelo bom gosto, bons costumes e valores.

Na nota, o editor se refere ao evento como “[...] elegante festividade de que ora nos ocupamos, é expressar um conjunto de notas harmoniosas, de belezas, de cintilações áureas de luxo e distinção”. Os adjetivos utilizados sugerem ao leitor a grandeza que foi o fim das festas juninas, tanto que dentre os convidados estava o Deputado Lourival Correia Pinto, que anunciou a moça eleita Rainha oficial do São João do Estudante, a normalista Milena Pontes. Ainda sobre a festa, o texto afirma que “Durante a mesma reinou o maior entusiasmo e a mais palpitante cordialidade”, o que nos aponta a importância desse tipo de evento para a construção de um modelo desejado de comportamento do estudante.

Ao compararmos a narrativa feita pelos jornais dos festejos estudantis com outras

notas festivas de categorias distintas, como a “Festa das Flores” do Clube dos Diários¹¹⁷, observamos que a estrutura do texto apresenta semelhanças no uso dos adjetivos que dão corpo a descrição do evento. São utilizados os termos: elegante, brilhantismo, fino e bom gosto. Porém, identificamos que na grande maioria desse tipo de texto essas referências são naturais para descrever os eventos sociais. A diferença é que, no que concerne aos estudantes, frisava-se não só o teor do festejo, mas o comportamento dos sujeitos no desenvolver da festividade.

Os jornais sempre tinham alguma nota, reportagem ou notícia sobre as atividades organizadas pelos estudantes, a grande maioria realizada pelo CEC, como podemos ver abaixo. Na nota sobre o “Festival artístico lítero-musical”, realizado no Teatro José de Alencar, encontramos a programação da festa que contou com declamação de poemas, valsa e muita música animada pelo departamento de Jazz Estudantil. Ao analisarmos as constantes descrições desses festejos podemos observar, para além dos pomposos elogios, uma das formas de socialização estudantil. Pois, eram nesses eventos, também, que os estudantes das mais diferentes escolas e níveis de ensino teciam suas redes de sociabilidades.

Além, das muitas ações culturais e esportivas organizadas pelo Centro Estudantil e Centro Liceal, a comemoração de maior importância se dava no 11 de agosto, data magna dos estudantes brasileiros¹¹⁸. Nesse período, em alguns dos jornais pesquisados¹¹⁹, encontramos informações sobre a organização e desfecho dos festejos. No caso da *Gazeta*, esta chegava a publicar notícias antes, durante e depois. As homenagens eram expostas para a sociedade nos mínimos detalhes, já que era publicado a programação do evento. Desse modo, a sociedade cearense poderia participar, marcando presença física ou não, das atividades desenvolvidas durante todo o dia 11.

Nas décadas de 1940 e 1950, as publicações sobre os estudantes vão ser marcadas por suas ações políticas, como foi à campanha “Pró-petróleo”¹²⁰ e as manifestações contra os ataques sofridos pelo Brasil, durante a segunda guerra. Os jornais passam a noticiar, não apenas festividades e pautas voltadas somente à categoria, mas surgem novas pautas sociais que passam

¹¹⁷ “No dia 11, a ‘Festa as Flores’, no Clube dos Diários”. Unitário, 8 de maio de 1946, capa.

¹¹⁸ Trataremos dessa comemoração no capítulo três, analisaremos mais a fundo a importância das comemorações e, como o discurso sobre o *ser estudante* era evocado nos festejos.

¹¹⁹ Sobre os festejos do 11 de agosto não encontramos muitas referências no jornal *O Nordeste*. Porém, pudemos observar muitas notas com críticas ao comportamento dos estudantes fortalezenses.

¹²⁰ Seguindo o exemplo patriótico da União Nacional dos Estudantes, a UEE levará a efeito nesta capital, a partir de amanhã, a “Campanha Pró-Petróleo”, cujo objetivo único é pugnar pela exploração e nacionalização daquele combustível em nosso país. O movimento compreenderá conferências públicas e palestras nos estabelecimentos de ensino, a cargo de conhecidos intelectuais cearenses. [...] (UNITÁRIO, 5 de outubro de 1947)

a ter espaço nos discursos e práticas estudantis e, merecedoras, de divulgação nas páginas dos periódicos.

Ao analisarmos a manchete do *Correio do Ceará* do dia 21 de agosto de 1942, percebemos, pelas palavras que a compõem, todas em caixa alta, o destaque dado à ação estudantil contra os inimigos do Eixo. Nesse caso específico, é dito que os estudantes brasileiros proclamam “Estado de Guerra”, dispositivo utilizado pelo chefe da nação que, aqui, é reivindicado pelos estudantes.

Figura 10 - “Estado de guerra proclamado pelos estudantes brasileiros”, capa do Correio do Ceará de 21 de agosto de 1942.



Fonte: Correio do Ceará, 21 de agosto de 1942.

O texto da matéria afirma que no manifesto de guerra dos estudantes, é pedido aos universitários que prendam quem eles acharem que são favoráveis ou amigáveis às ideias fascistas ou “germanófitos”. Os suspeitos deveriam ser entregues às autoridades, pois, o documento adverte, os estudantes devem “[...] encarar qualquer simpatizante do Eixo como miserável traidor da pátria, cúmplice do assassinato de nossos irmãos [...]”. O documento é assinado por todos os presidentes dos diretórios acadêmicos do país.

O início da Segunda Guerra Mundial fez surgir um novo discurso sobre qual seria o tipo de estudante que poderia representar um modelo para a categoria. Se antes o estudante deveria ser aquele sujeito voltado exclusivamente aos estudos, a partir da eclosão do conflito, com a promoção de um nacionalismo exacerbado vinculado, em certo sentido, às políticas do Estado autoritário de Getúlio Vargas, o estudante teria, agora, o papel de servir ao país, porém, de maneira ordeira e cívica. Por um longo período, esse discurso vai reverberar através de muitas falas, inclusive dos próprios estudantes. Porém, mais adiante, com o próprio

desmoronamento do totalitarismo e da ideologia fascista de que o próprio Estado brasileiro era simpático, tanto os estudantes como a população em geral, começam a manifestar-se contra o governo autoritário varguista. Entendemos que houve uma mudança no que concerne à relação do estudante com o tempo. Pois que ao pensar o *ser estudante* voltado para os estudos, enfatiza-se o futuro. Já ao tomar o estudante como sujeito de ação, enfatiza-se o presente. Sabemos que não podemos simplificar essa relação, mas essas novas preocupações da categoria com questões sociais mais amplas vão distanciar o estudante do discurso de salvador do futuro, pois que agora intervém junto no agora.

Nesse momento, as questões mais voltadas ao social, como foi o programa de barateamento de preços dos gêneros alimentícios primários, em 1946, realizado pela UEE, foram tomadas como prioridade das ações da categoria estudantil. Em matéria do *Unitário*, de 17 de outubro, referente ao exemplo citado, o texto afirma que os próprios estudantes vão ficar a cargo da venda de café torrado, mais barato, à população. Além, de fiscalizar os açougues que estão adulterando o preço das carnes.

Em matéria anterior, de 13 de outubro, podemos identificar as relações estabelecidas pela UEE com o governo do estado, pois que para dar continuidade à “campanha contra a exploração da economia popular”, a diretoria da entidade entrou em contato com o próprio interventor estadual para informá-lo das reclamações que estes estavam recebendo da população. Ao se inteirar das reclamações, o interventor Luiz Sucupira, promete fazer cumprir a tabela de preços e “entender-se com o secretário do sr. Prefeito municipal para que fosse a mesma publicada em Diário Oficial de amanhã”. É importante percebermos, através dessas ações, o poder que os estudantes conquistaram ao longo dos anos, nesse caso, os estudantes serviram como órgão de reclamação e fiscalização do povo.

Em maio de 1946, a UEE e outras entidades estudantis organizam a “Semana da Paz”, evento que comemorava o aniversário do término da guerra. Na programação publicada pelo *Unitário*, podemos identificar o adjetivo “cívico” na maioria das propostas de atividades, seja visita ao cemitério para homenagear os soldados mortos ou na “sessão cívica” de comemoração no Teatro José de Alencar.

Aproveitando essa data comemorativa, o Secretário da Educação e Saúde, dr. Filgueiras Lima, estabelece que todas as escolas deverão ter atividades em comemoração à vitória dos aliados. O Colégio Estadual divulga por meio de nota à imprensa sua programação

“cívica” que conta com discursos do representante discente, canto dos hinos da escola (na abertura) e do nacional (no encerramento) e homenagens a Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Percebemos que essas festas cívicas¹²¹ são bastante incentivadas pelas instituições públicas, principalmente, na escola. Dessa forma, os estudantes são motivados a assimilarem o espírito patriótico, sendo esse, o modelo de comportamento pautado para as novas gerações que construirão o futuro glorioso do Brasil.

Podemos observar a promoção desses valores em muitos eventos propostos pelo CEC, como foi a comemoração da Semana da Pátria, quando podemos reconhecer a construção de um perfil do sujeito/estudante que deve honrar sua nação, tendo no seio de sua formação os preceitos do civismo¹²² e patriotismo para a grandeza e desenvolvimento do país.

Esses valores cívicos vão ser apropriados por diferentes grupos políticos do período, um exemplo desses grupos é o Partido Republicano Paulista, de Plínio Salgado¹²³, que vai publicar o “Código de Ética do Estudante”, em 1946. Nesse documento, em seus 23 artigos, todos pretendem imputar aos estudantes o papel fundamental na construção do progresso da nação. Esse pensamento de que os jovens deveriam ocupar-se de cuidar do corpo e da mente, para serem úteis, é apresentado de várias maneiras. Encontramos, em algumas edições da *Gazeta de Notícias*, uma propaganda do Náutico Atlético Cearense¹²⁴ que se dirige à mocidade

¹²¹ “Numa festa cívica, têm forte presença as dimensões patriótica e política, nas quais os lemas como civilização e progresso e os mitos da nacionalidade se legitimam no culto à ordem. É nestes momentos e espaços promovidos pelas festas cívicas que é possível enxergar com mais intensidade os conflitos inerentes à própria festa e fora dela, na luta pela legitimação de posições, com o discurso direcionado aos inimigos, aos oponentes que são contrários às idéias de quem a promove”. (VAZ, 2006, p. 43-44)

¹²² Entendemos o termo civismo como “[...] ideário pátrio que se sobrepõe ao indivíduo, aos grupos sociais e até mesmo à família, através de mecanismos simbólicos que representa, a imagem e a memória de uma Nação”. (CAVALARE; LIMA; PEREIRA, 2007, p. 198)

¹²³ Plínio Salgado nasceu em São Bento do Sapucaí (SP), em 1895. Jornalista, iniciou sua atividade na imprensa em 1916, em sua cidade natal, no semanário Correio de São Bento. Nessa época dedicava-se ainda ao magistério, e em suas leituras predominavam filósofos materialistas. Em 1928, elegeu-se deputado estadual, em São Paulo, pelo PRP. Em 1930 apoiou a candidatura situacionista de Júlio Prestes à presidência da República, contra o candidato da oposição, Getúlio Vargas. Em seguida, sem terminar seu mandato de deputado, viajou ao Oriente Médio e à Europa como preceptor do filho de Souza Aranha. Na Itália, impressionou-se com o fascismo e com Mussolini. Em fevereiro de 1932, criou a Sociedade de Estudos Políticos (Sep), que reunia intelectuais simpáticos ao fascismo. Meses depois divulgou o Manifesto de Outubro, no qual apresenta as diretrizes básicas de uma nova agremiação política, a Ação Integralista Brasileira (AIB). O ideário da AIB inspirava-se nitidamente no fascismo italiano e em seus similares europeus. Valorizava, ainda, uma série de rituais e símbolos, como a utilização da expressão indígena Anauê como saudação, a letra grega sigma e os uniformes verdes com os quais seus militantes desfiliavam pelas ruas. Fonte: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/plinio_salgado Último acesso em; 11.08.2016.

¹²⁴ Fundado em 9 de junho de 1929, o Náutico Atlético Cearense é um clube multidesportivo, com sede em

com o seguinte discurso.

Mocidade: Lembrai-vos de que a educação física é um dos factores preponderantes da saúde e felicidade de um povo e progresso de uma nação. Associai-vos ao Náutico Atlético Cearense, a melhor sociedade esportiva do Ceará. (Sede Praia do Náutico)

Ao analisar o discurso contido nessa nota podemos relacionar essa preocupação com o exercício físico com os diversos eventos que tem como foco os esportes. As instituições escolares, o Estado e as entidades estudantis estão sempre a promover torneios de futebol e vôlei entre as escolas, também são organizadas provas de ciclismo e natação. A associação entre “saúde e felicidade de um povo e progresso da nação” está diretamente relacionado a questão estudada por Michel Foucault, em “Vigiar e Punir” (2011). O regime disciplinar, com suas técnicas de coerção, é responsável pelo controle dos corpos, dos gestos e do comportamento. Dessa forma, afirma Foucault (2011, p.147) “um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente”.

Quando o autor nos fala dos procedimentos de controle do corpo, as chamadas “disciplinas”, tomamos como seus lugares de atuação as escolas, os conventos, as forças armadas, os hospitais etc., mas também, podemos identificá-las nos espaços de sociabilidade criados pelos próprios estudantes. Todos esses certames esportivos são motivados pelo discurso da forma, modelagem e correção do corpo, onde o ditado “corpo são, mente sã” é o um dos fios condutores dessa *anátomo-política*¹²⁵.

Identificamos essa maquinaria do poder sobre os corpos, nesse caso sobre os corpos estudantis, na matéria publicada pelo *Correio do Ceará*, em outubro de 1954, na qual é noticiada as “Olimpíadas Estudantis”, evento organizado pelo CEC. No texto, os jogos são descritos como uma “clarinada de arrôjo e civismo”, que “desperta toda a Fortaleza”.

Mocidade garbosa e sadia, carregando na frente o diadema do ideal e da esperança, nossos rapazes e moças, ostentando a maior decência e pureza de aspirações – desfilaram pelo pátio interno da Escola de Aprendizes Marinheiros debaixo de raios de sol de uma manhã fulgente e sob os acordes de uma afinada Banda de Música formada pelos adestrados cisnes brancos da Marinha Nacional. Em tudo muita técnica, muita seriedade, muita harmonia e sobretudo, a fiel observância das devidas

Fortaleza, sendo este o clube mais antigo da cidade. Sua primeira locação foi na Praia Formosa, porém, com as obras do Porto do Mucuri, o mar avançou em várias partes do litoral de Fortaleza o que acarretou a destruição de várias praias e uma delas foi a praia Formosa. Hoje sua sede fica na Praia do Meireles (Praia do Náutico). Em seu espaço ocorreram grandes fatos da vida social da capital cearense, como os primeiros concursos do Miss Ceará e bailes carnavalescos da alta sociedade. Informações disponíveis em: <http://www.nauticoatleticocearense.com.br/clube/index.html> Último acesso em: 11.08.2016)

¹²⁵ *Anátomo-política* ou *ortopedia social*, para Foucault é “um estudo das estratégias e das práticas por meio das quais o poder modela cada indivíduo desde a escola até a usina; [...]”. (REVEL, 2005, p. 32)

proporções das provas, onde apareciam elementos femininos. (CORREIO DO CEARÁ, 29 de Outubro de 1954)

Figura 11 - Desfile Estudantil na abertura das Olimpíadas Estudantis, publicada na Folha Estudantil, 7 de novembro de 1954. s/p.



Fonte: Folha Estudantil, 7 de novembro de 1954. s/p.

Na imagem acima, identificamos um exemplo dessa maquinaria que é poder disciplinar. Os estudantes organizados em filas, em passos de marcha.

Na disciplina, os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série, e pela distância que o separa dos outros. A unidade não é portanto nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a posição *na fila*: o lugar que alguém ocupa numa classificação, o ponto em que se cruzam uma linha e uma coluna, o intervalo numa série de intervalos que se pode percorrer sucessivamente. A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações. (FOUCAULT, 2011, p. 140-141)

Além desse discurso sobre o corpo, podemos perceber, também, uma proposta para a formação de um estudante intelectual, que já vem, a longo prazo, sendo impulsionados pelos clubes literários. O jornal *Unitário*, na edição do dia 3 de abril de 1946, publica reportagem sobre a ocorrência do IV Congresso Estadual dos Estudante, no texto referente ao evento, o periódico descreve algumas proposições que foram discutidas na reunião da segunda plenária do congresso, que ocorreu no prédio da Faculdade de Direito. Dentre as sugestões, destacam-

se pedidos de auxílio para o término das obras da Casa do Estudante, instituição da merenda escolar e criação de bibliotecas públicas nos municípios. Outras propostas, que abrangiam um interesse mais amplo, também foram encaminhadas na plenária, como o “Combate ao pauperismo, auxiliando-se a produção de gêneros alimentícios, proporcionando-se crédito aos pequenos agricultores e reduzindo os impostos de consumo. [...]” e, “elevação de 100% do salário mínimo”.

O que nos chamou atenção, além das demandas estudantis, foi o discurso proferido pelo Secretário da Educação e Saúde dr. Filgueiras Lima, que clama a mocidade a lutar “pelo ideal sagrado da formação de um bloco universal pela sobrevivência da cultura”. Nesse pequeno resumo de sua fala, apresentada pelo jornal, podemos identificar qual o modelo esperado para o verdadeiro estudante. Este deveria ser um indivíduo que tem como um dos deveres preocupar-se com a salvaguarda da cultura nacional, por isso, deveria unir-se em prol da defesa dessa cultura. Aqui podemos estabelecer uma relação com uma das finalidades propostas pelo Centro Liceal de Educação e Cultura, dispostas em sua Carta Magna, que era “pugnar pelo alevantamento social dos alunos do Colégio Estadual do Ceará”, para esse fim, o CLEC promoveria “conferências cívicas, culturais ou científicas, encetando movimentos literários e artísticos [...]”. Claramente, vemos as aproximações dos discursos desejados sobre o que é *ser estudante*, ou qual estudante se quer formar.

Otras matérias vinculadas ao congresso estudantil foram divulgadas pelo jornal, como cartas de estudantes com mais demandas e, no tocante ao fim do evento, após as eleições da nova diretoria da UEE, onde ocorreriam as recepções oferecidas, as delegações estudantis, por personalidades do Estado, como o general Onofre Muniz Gomes de Lima, comandante da 10ª Região Militar¹²⁶.

É incontestável a importância que o Centro Estudantil teve na consolidação do movimento estudantil cearense, através do esforço das diretorias em darem assistência aos estudantes e, frente às lutas empreendidas pela agremiação, o exemplo maior desse projeto assistencial foi a construção da Casa do Estudante Pobre do Ceará.

A Casa do Estudante, que nos primeiros anos da década de 1930 funcionou provisoriamente na esquina das ruas Senador Pompeu e São Paulo (no centro de Fortaleza), estava destinada a servir como morada e como ponto de abrigo e referência aos estudantes vindo do interior do Estado ou àqueles mais desprovidos de posses e em situação financeira precária. [...] A Casa serviria, então, como possibilidade de

¹²⁶ Unitário, 7 de abril de 1946.

economia (visto que cobrava taxas mais módicas que as praticadas pelos hotéis mais “populares”) e de união e entrelaçamento com outros estudantes. (MOREIRA, 2006, p. 23-24)

Os jornais, desde o primeiro momento, cedem espaço para a divulgação de notícias sobre a construção da Casa, seja as pequenas notas que mostram a ida de comissões estudantis para a arrecadação de verbas pelo interior do estado ou em outros lugares do país, ou nas matérias em comemoração à inauguração do imóvel.

Conforme aponta Moreira (2006, p. 25) a Casa do Estudante fazia parte do projeto do CEC de afirmação e legitimidade da entidade perante seus membros e a sociedade, em geral. Para a autora, a obra seria “uma espécie de marca e marco a atestar o ideal destes jovens [...]”, que demorou mais de 20 anos para ser definitivamente inaugurada. Sua primeira inauguração se deu em 11 de agosto de 1941, data essa que também firma a passagem do décimo aniversário do CEC. A Casa é finalmente concluída em 1952¹²⁷, a festa organizada para a comemoração do término, definitivo, da construção é publicizada pelos jornais *Gazeta de Notícias* e *Correio do Ceará*, em detalhes. Na imagem abaixo, o repórter clica alguns jovens inspecionando as obras da Casa, mas não esclarece a data precisa de quando foi tirada a fotografia, apenas supõe-se que foi entre as décadas de 1940-1950.

Figura 12 – Imagens das obras da Casa do Estudante do Ceará, publicadas no Correio do Ceará, 8 de agosto de 1952, p. 6.

¹²⁷ Com a extinção do Centro Estudantil Cearense na década de 1960, a Casa do Estudante passou a ter personalidade jurídica própria e prosseguindo em seu funcionamento até os dias atuais, a mesma permanece situada à Rua Nogueira Accioly, 440. Centro, Fortaleza - Ceará. De acordo com a página virtual da entidade “a receita da Casa do Estudante advém da confecção da carteira de estudante, dos ensinios fundamental e médio de Fortaleza. A Lei Municipal 8.130/98 determina que, a cada carteira confeccionada da rede mencionada, 20% do valor de confecção do documento serão destinados à Casa do Estudante do Ceará”.

Ver: <http://www.casadoestudante.org.br/index.php/casa-do-estudante-separador/historia> último acesso em: 11/08/2016.



Fonte: Correio do Ceará, 8 de agosto de 1952, p. 6.

No texto que acompanha a imagem publicada na capa do periódico juntamente com informações sobre a solenidade de inauguração da Casa, o autor afirma que, esta é “um símbolo de tenacidade e da perseverança da juventude cearense”, atribuindo um discurso idealizado do estudante forte e, que o embate às adversidades, permanece firme na luta pelos seus interesses. Os estudantes são postos como vencedores contra os obstáculos que impuseram lentidão ao pleno funcionamento do prédio e, por isso, seu prêmio seria “ter a maior ‘Casa’ de todo o país”. Na mesma linha, enfatizando a imponência do empreendimento, a chamada do *Correio do Ceará* para o evento é feita destacando a grandiosidade da obra, “A Casa do Estudante Pobre

do Ceará é a maior de todo o Brasil”¹²⁸.

Ao analisarmos a reportagem em si, percebemos a importância desse evento para o movimento estudantil cearense, no tocante à participação de autoridades ilustres de todo o país, como o Ministro da Educação Simões Filho e os deputados da bancada cearense da Câmara Federal. De acordo com a reportagem, foi criado um comitê pelo CEC, na Capital Federal, para organizar a festa.

Sobre as atividades do Comitê fundado pelo atual presidente do CEC na Capital do país com o objetivo de coordenar [ilegível] preparativos destinados à próxima inauguração da Casa do Estudante do Ceará e fazer face a outras despesas, pode-se classificar de magnífica graças aos grandes esforços desenvolvidos pela bancada cearense na Câmara Federal devendo-se destacar a ação dos deputados Crisanto Moreira da Rocha, Adolfo Gentil, Antonio Horacio Pereria e Virgilio Tavora. (CORREIRO DO CEARÁ, 8 de agosto de 1952, p. 8)

Continuando a descrição de como se deram os trâmites da organização, o texto afirma que, a bancada cearense viria à Fortaleza em avião da Força Aérea Brasileira, conseguido pelo próprio ministro da educação, Simões Filho. Ana Amélia Carneiro de Mendonça, presidente de honra da Casa do Estudante do Brasil chegaria acompanhada de uma delegação de universitários formada por ambos os sexos para prestigiar as comemorações. Outra informação relevante dada na reportagem, que reafirma a importância nacional da entidade, é que foi convidada a Agência Nacional e a cinegrafia São Luiz para filmar a inauguração da Casa do Estudante do Ceará. O próprio repórter, em êxtase, afirma que as festas do dia 11 representaram a “maior festa do decênio que atravessamos”. A grandiosidade das festividades se via, tanto pela representação célebre quanto pela grade da programação¹²⁹, que começa dia 9 e termina na data estudantil.

Nos dias que antecederam os festejos, os convidados iam chegando à cidade de Fortaleza e a imprensa estava atenta aos detalhes do grande acontecimento. Abaixo, podemos ver a imagem, publicada pelo *Correio do Ceará*, do desembarque de Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça, no aeroporto Pinto Martins, ao lado da presidente da CEB estão os

¹²⁸ “A Casa do Estudante Pobre do Ceará é a maior de todo o Brasil”. CORREIO DO CEARÁ, 8 DE agosto de 1952. p. 6

¹²⁹ Na programação geral, publicada pelo *Correio do Ceará*, encontramos eventos no Estádio Presidente Vargas (Torneio Inter-estudantil de Futebol), Baile no Clube dos Diários aos convidados de honra e à sociedade de Fortaleza, sessões de cinema (Cine Jangada para as moças e Cine Majestic para os rapazes), recepção do Ministro e sua delegação no Aeroporto e, por fim um banquete de confraternização na Sede Social do Náutico Atlético Clube. Percebemos a influência da entidade tanto na grandiosidade dos festejos quanto nos espaços onde ocorreram os eventos.

dirigentes do CEC.

Figura 13 - Imagens da chegada da presidente da Casa do Estudante do Brasil, Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça, no Aeroporto de Fortaleza.



Fonte: Correio do Ceará, agosto de 1952. p. 8.

O periódico, também, publicou entrevistas com os convidados da solenidade, a senhora Ana Amélia Carneiro de Mendonça é a primeira a conceder algumas palavras aos Diários Associados, em breve palestra¹³⁰, na qual compara os responsáveis pela construção da Casa a “autênticos heróis” e, ainda afirma que “encontrou no Ceará uma resposta que honra a classe estudantil de todo o país”.

Em mais uma matéria em comemoração à inauguração da Casa do Estudante, a Casa é comparada a um “Palácio” pelo jornal e, no título da reportagem a obra é chamada de Epopeia. Ao descrever a luta pela construção da Casa, o repórter Alencar Monteiro, relembra nomes importantes e momentos difíceis pelos quais passaram os dirigentes do CEC ao longo da construção.

COMEÇO – 1933. A CASA DO ESTUDANTE teve o seu início em 1933. Era ali à rua São Paulo. Um pardieiro sem espaço, mal arrumado e anti-higienico. Para se ter uma idéia do que era a Casa do Estudante no seu nascedouro basta lembrar que, depois, o prédio serviu de “espelunca”, casa de jogo, clube de garçons e [ilegível], sem sofrer qualquer remodelação. O “solar” era alugado e não comportava mais de vinte estudantes razoavelmente. Apesar das desaconselháveis condições a CASA funcionou

¹³⁰ Correio do Ceará, 9 de agosto 1952, p. 6.

alguns anos, até quando movimentos mais construtivos, a localizaram em ambiente mais próprio. (sic) (CORREIO DO CEARÁ, 12 de agosto de 1952, p.8)

O periódico apresentou, em todas as reportagens sobre o festejo, um discurso que eleva a categoria estudantil, num todo, ao patamar de classe sobrevivente. Se recorrermos ao trecho acima, podemos perceber as agruras que estes passaram para ver concluído o sonho que era a finalização da obra da Casa do Estudante.

Ainda no texto, Alencar Monteiro descreve as muitas dificuldades enfrentadas pelos estudantes nos primeiros anos de funcionamento da Casa, mas com muita “coragem, arrojo, e audácia, e de permeio com sofrimento e suor” a construção de cimento e cal, para o autor, é como um poema épico. As muitas campanhas desenvolvidas para dar viabilidade ao empreendimento, como as “Festas da Mocidade” e a “Campanha dos mil Réis” e as subvenções do poder público, depois, vieram os donativos, as quermesses e auxílios de particulares que contribuíram para a construção estudantil. A partir da análise desses textos comemorativos, não esquecendo que são cheios de exaltação aos feitos dos sujeitos, podemos identificar como foi conquistado pelos estudantes espaço na dinâmica do poder no Estado.

Figura 14 - Imagens da fachada da Casa do Estudante do Ceará, após sua conclusão em 1952.



Fonte: Correio do Ceará, agosto de 1952.

Acima podemos observar como ficou a fachada original da Casa do Estudante. A imagem foi publicada pelo jornal *Correio do Ceará*, em agosto de 1952, ela foi publicada no lado oposto ao texto que descreve os percalços enfrentados para a finalização da obra. Supomos que a publicação da imagem tenha como objetivo enaltecer as ações estudantis em prol da construção do prédio, pois com tantas dificuldades, principalmente financeiras, a Casa traz um aspecto grandioso, assim como o significado da luta centrista.

São inúmeras notícias sobre os estudantes espalhadas pelas páginas da imprensa cearense, são acontecimentos locais e nacionais que ganham espaço nesse meio de comunicação. Durante todo o recorte, multiplicam-se notas, matérias e reportagens que estão ligadas ao cotidiano estudantil, são as querelas entre a categoria e a Ceará Light por conta do preço dos bondes, são os festejos do Dia do Estudante, os concursos da Rainha do Estudante, eventos esportivos, culturais, campanhas em prol do povo, como a fiscalização dos comerciantes que não cumpriam a tabela estabelecida pelo governo sobre os preços dos alimentos. A partir de uma visão geral, já podemos concluir que os estudantes vão conquistando seu espaço dentro da dinâmica social e tomando para si uma posição de intervenção no cotidiano da cidade. Antes se encontrávamos esses sujeitos dentro dos muros da escola, aqui, se voltarmos às memórias de Blanchard Girão, que com grande saudosismo relembra as traquinagens dos liceístas nos bondes ao fim do semestre escolar, podemos perceber que a partir da década de 1940, não só o Centro Estudantal esteve impulsionando os estudantes a refletirem sobre si, mas outras entidades vão garimpar esses espaços de poder.

Destarte, ao entendermos que os discursos sobre o que é *ser estudante* vão se construindo através da experiência do dia a dia que, além de analisar o que a imprensa local diz sobre o estudante, devemos procurar compreender o que esse sujeito fala sobre si. Assim, passemos a analisar os periódicos escritos pelos estudantes da capital do Estado, nos quais podemos encontrar um vasto material desenvolvido pelas entidades locais e com algumas contribuições de estudantes e agremiações de outros estados do país.

3.2 Os impressos estudantis e sua importância para a compreensão do *ser estudante*.

Quando em 1974, Geraldo da Silva Nobre escreveu, o seu já citado *Introdução ao*

Jornalismo Cearense, ele justificou a necessidade de tal empreendimento afirmando que era preciso que fossem registrados e narrados “fatos marcantes da atividade jornalística do Estado, procurando interpretar as condições em que ela se desenvolveu, e sua repercussão no processo cultural [...]”. (NOBRE, 2006, p.11).

Mais de 40 anos depois que Geraldo Nobre materializou seu projeto, a obra tornou-se uma espécie de passagem incontornável para quem deseja atravessar a relação entre imprensa e História no Ceará.

No tópico que segue partimos de pistas e marcas deixadas por Nobre. Procuramos identificar, através do levantamento feito pelo autor, quais revistas e periódicos estudantis circularam no Ceará, dos anos 1920 a 1960. Desse modo, caminhamos em direção a uma compreensão do papel desses impressos na construção e afirmação de um perfil do sujeito/estudante.

Logo no início de sua exposição sobre quais os jornais ou revistas estudantis que circularam em Fortaleza, nas décadas de 1920 a 1960, o autor afirma que foi por meio da experiência estudantil na confecção desses impressos, em suas instituições de ensino ou nas agremiações em que eram sócios, já no começo dos anos 1940, que “se iniciaram quase todos quantos, no decênio seguinte, apareceram nas redações dos diários fortalezenses”. (Nobre, 2006, p.147).

Um dos muitos exemplos de jornalistas ilustres que começaram ainda estudantes foi o próprio Geraldo da Silva Nobre, que, enquanto estudante do Liceu do Ceará, colaborou com a revista *A Jangada*, órgão do grêmio escolar desta instituição e, em 1939, passou a escrever e trabalhar na *Gazeta de Notícias*.

Nos anos que compreendem a década de 1920, ainda de acordo com Nobre (2006, p. 142) “começam a multiplicar-se, então, as revistas estudantis, algumas das quais teriam vida relativamente longa [...]”. O autor faz um apanhado de várias dessas publicações estudantis, porém, este nos apresenta apenas os nomes dos impressos e os grupos responsáveis por sua produção, já o conteúdo ou minimamente de que tratavam não podemos identificar na relação por ele listada. Em todo caso, a lista de revistas não era desprezível:

“A Escola”, do Grêmio Literário Pe. Tabosa, do Instituto São Luís; “O Palinuro”, de alunos do Liceu do Ceará; “A Clava”, de alunos do Colégio Militar de Fortaleza; “A Idéia”, também de liceístas, e de todas a que mais durou, saindo cerca de cem números;

a “Revista Escolar”, das alunas da Escola Normal Justiniano de Serpa; “O Estímulo”, igualmente do Instituto São Luís; a “Revista do Colégio Nogueira”, reaparecida depois de vários anos em que não fora publicada; “Terra da Luz”, excelente órgão do Grêmio Literário Odorico Castelo Branco, do Colégio Castelo Branco; “Gotas de Orvalho”, das normalistas do Instituto da Santa Dorotéia; “Terra do Sol”, do Grêmio Lútero-social Gustavo Barroso, também de alunos do Colégio Castelo Branco; e “Germinal”, que, a exemplo d’ “a Clava”, era de alunos do Colégio Militar de Fortaleza. (NOBRE, 2006, p.142)

Podemos perceber pela listagem feita por Nobre, que várias entidades participavam ativamente na produção desses jornais e revistas. Algumas chegaram a ter mais de um título publicado, como por exemplo, as muitas publicações dos alunos do Liceu do Ceará.

Dentre os impressos referentes ao Liceu do Ceará, citados por Geraldo Nobre, no seu levantamento, não conseguimos encontrar nenhum dos títulos, mas tivemos acesso a dois impressos não citados pelo autor, *O Liceu* de novembro de 1960 e *Cultura e Educação* de agosto de 1962, este em especial foi produzido pelo Departamento Feminino do CLEC. Analisaremos estes exemplares, mais adiante, no tópico “O Centro Liceal e seus jornais”.

O interesse estudantil na exposição de suas ideias, seja entre pares ou em publicações que circularam para além dos muros de seus estabelecimentos demonstra a vontade de fazer-se ouvir como categoria que tentava se afirmar perante a sociedade cearense. Alguns desses impressos não tiveram vida longa, porém, o fato de terem sido pensados e com todos os esforços e dificuldades terem sido publicados, pelo menos uma vez, mostra a determinação dos estudantes em publicizar seus pensamentos e valores, na busca de legitimidade para a categoria.

Ainda segundo o autor, os primeiros números das publicações dos alunos secundaristas da capital cearense, excluindo a Revista do Colégio Nogueira¹³¹, datam respectivamente dos anos 1921, 1924, 1925, 1926, 1927 e 1928¹³². Percebemos que estas revistas estão sendo publicadas dentro de um ciclo fechado de escolas, como o Liceu do Ceará, Colégio Castelo Branco, Escola Normal e Colégio Militar de Fortaleza. Nesse levantamento

¹³¹ A “Revista Escolar”, impresso do Colégio Nogueira, antigo Instituto de Humanidades, fundado nos primeiros dias do mês de janeiro de 1904, é tratada pelo autor de maneira diferenciada, pois suas primeiras publicações datam de 14 de julho de 1904. O impresso, que buscava difundir o gosto do autor pelas letras, foi editado por seu filho, José de Mendonça Nogueira. A revista é suspensa em 28 de outubro de 1914, pois José de Mendonça Nogueira é assassinado em uma festa no Clube dos Diários. Somente em julho de 1925 que a revista volta a ser publicada, mas logo em outubro de 1926 é suspensa novamente por falta de auxílio do Governo do Estado. AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). Cronologia ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural. Fortaleza: Casa José de Alencar – UFC; Banco do Nordeste, 2001.

¹³² As datas precisas são: 6 de março, 11 de junho e 12 de outubro de 1921, 3 de maio de 1923, 13 de maio e 23 de novembro de 1924; 9 de outubro de 1925; 31 de agosto de 1926; 13 de janeiro de 1927; e 14 de julho de 1928. (NOBRE, 2006, p. 142)

feito pelo autor, como já foi dito, não consta uma descrição dos assuntos tratados por esses impressos.

Já no decênio de 1930-1939, período que encontra-se a fundação do Centro Estudantal Cearense (1931) e da organização do Centro Liceal de Educação e Cultura (1935), foi marcado, de acordo com Nobre (2006), por uma intensa atividade do jornalismo em Fortaleza. Nesse período a imprensa destacava os acontecimentos mundiais, nacionais e locais, cabendo sempre um espaço para as atividades e ações estudantis. E é nesta mesma ocasião que o autor declara ser a “fase mais brilhante” da imprensa estudantil, pois além das revistas já citadas, outras mais¹³³, vieram juntar-se como, por exemplo, “A Jangada” do Centro de Estudos Juvenal Galeno, “O Infantil”, da escola centrista 11 de agosto e a partir de 1932, um ano após a fundação do CEC, este publica a “Folha Estudantal”¹³⁴, que seria o órgão responsáveis pela propaganda e divulgação dos ideais centristas.

Nem todo o material citado por Nobre está disponível ou acessível nas instituições responsável pela guarda e preservação de documentos históricos. Em nossas pesquisas pelas hemerotecas do Instituto Históricas e Geográfico do Ceará e no setor da Biblioteca Pública Menezes Pimentel, encontramos apenas alguns exemplares referentes ao Centro Estudantal Cearense e ao Centro Liceal de Educação e Cultura. Poucos impressos restaram para nós pesquisadores, mas são esses vestígios, mesmo que escassos, que vão nos ajudar a compreender quais os ideais, valores e lutas defendidas por essa categoria social e, o mais importante, como estes se viam como sujeitos sociais, ou seja, o que era *ser estudante*?

Seguindo o fio que escolhemos para conduzir este trabalho, analisaremos não apenas os impressos produzidos pelos estudantes, mas também, textos, matérias e notas que estes sujeitos publicaram em alguns jornais de grande circulação da capital cearense, pois

¹³³ Outras revistas citadas pelo autor: “O Lar” (15 de dezembro de 1938), da antiga Escola Doméstica São Rafael; “Terra do Sol” da Escola de Comércio da Associação do Merceeiros; “Pátria”, do Grêmio Literário e Cívico do Colégio Militar; “Jardim”, do Grêmio Lútero-recreativo Pio XI; “O Mercantil”, do Grêmio Mercantil dos Estudantes Fenixtas; “Amo-ara”, do Ginásio São João; “Via Láctea”, do Ginásio Santa Cecília; “Infância”, do curso primário do Ginásio Farias Brito, e “Estudos”, do curso secundário do mesmo estabelecimento; “Cultura”, do Clube dos Estudantes Complementares do Liceu do Ceará (curso Pré-jurídico); “A Voz do Seminário”, do Seminário Arquidiocesano de Fortaleza; “Mocidade”, do Centro de Cultura Estudantil, uma das muitas agremiações de jovens que então funcionavam na Casa Juvenal Galeno; [...]. (NOBRE, 2006, p. 147)

¹³⁴ Quando escolhemos o Centro Estudantal Cearense para fazer parte desta pesquisa nos foi informado que o impresso “Folha Estudantal”, que se encontrava a disposição para pesquisa na Biblioteca Pública Menezes Pimentel já não estava mais disponível, pois havia sido destruída, junto com grande número de exemplares do século XIX, num dos incêndios que a instituição sofreu em 1987. Assim, nos utilizamos de algumas cópias de exemplares que nos foram disponibilizados pela Profa. Dra. Afonsina Maria Augusto Moreira.

entendemos que mesmo não sendo um material publicado pelos estudantes, estes também revelam o esforço da categoria para se fazer ver, nesse caso específico se fazer ler, pela sociedade e por seus pares.

3.2.1 *Folha Estudantal: a revista da classe estudantina do Ceará.*

A primeira publicação que analisaremos neste tópico será a revista *Folha Estudantal*, impresso do órgão de propaganda oficial do Centro Estudantal. Fundada em 1931, a folha dava espaço aos mais variados escritos, desde os escritos literários dos estudantes colaboradores quanto, logicamente, às ações desenvolvidas pelo centro. Encontramos uma nota, no jornal *O Debate*, sobre o nascimento da revista do centro estudantal, no texto, elogioso, aparece trechos do primeiro editorial da folha, onde podemos observar quais são os valores e características primados pelos responsáveis do impresso e traz, também, seu primeiro quadro expediente.

Acaba de surgir, em Fortaleza, esta bem feita revista, órgão do “Centro Estudantal Cearense”. Tem como diretores os talentosos jovens J. Jacaúna de Souza e Claudio Martins, como redator-chefe o sr. João da Rocha Moreira e gerentes os estudiosos moços Juarez Aires e Tancredo Alcantara. O primeiro número veio cheio de ótimas colaborações, firmadas por penas adamantinas. Diz no seu primo editorial: “Surgimos trazendo, aos lábios, palavras que são afirmações no terreno das idéias (sic). Não queremos destruir. Almejamos a realização das aspirações do estudante cearense mas pelo trabalho conciente (sic) de cada dia, dentro da ordem”.

E mais adiante: “Não pedimos clemencia às opiniões que sobre nós fizeram. Temos bem assente, em nossas convicções de moços, que melhor é conquistar e impor-se por ações que falem claro irrefutavelmente às inteligências, esclarecidas, que esperar por essa mentida fraternidade humana que embora levada em pregão por todo orbe, tem a formal negação na vida cotidiana das sociedades onde a caridade é interesse ou ‘ vaidade’ ”.

Nós, os dirigentes do o “O Debate”, faremos ardentes e sinceros votos para que a “Folha Estudantal” consiga transpor todos os óbices, na caminhada espinhosa do jornalismo. (O DEBATE, 1931, p.4)

O Editorial transmite um tom imponente no que diz respeito à decisão de criar um espaço para a divulgação das ideias centristas. Ao colocarem que não precisam das opiniões dos outros e, que apoiados em suas próprias “convicções de moços”, vão conquistar por meio de suas ações as “inteligências esclarecidas”. Assim, com o uso dessas palavras e construções textuais a mocidade que faz parte do centro dá ao editorial uma vitalidade e concretude a principal proposta do centro, que é a união da classe estudantina.

De acordo com Moreira (2006, p. 66) a *Folha* tinha uma periodicidade regular, nos exemplares vinham descritos os colaboradores, os responsáveis, o valor do impresso e alguns vêm com sumário. Se passarmos os olhos nas revistas do centro, encontramos muita publicidade,

são diversos os anúncios, alguns ocupam páginas inteiras outros dividem o espaço com poesias, contos e matérias que descrevem atividades do CEC. Podemos supor que essa grande quantidade de publicidade se dá por conta da importância que era dada ao impresso, já que os assinantes não se restringiam somente à capital cearense. Na edição de maio de 1932, que conta com 25 páginas, encontramos seis anúncios, sendo dois de página inteira e o restante espalhado entre o conteúdo da revista. As propagandas vão da alfaiataria aos armazéns.

Figura 15 - Anúncios publicados na Folha Estudantil, 11 de agosto de 1935, p.8.

FOLHA ESTUDANTIL

O Emporio das Louças

AVISA a sua distinta freqüencia desta capital e do interior do Estado que acaba de receber pelos vapores chegados ultimamente, grande e variado sortimento de Louças nacionais e estrangeiras. Colheres e Talheres de alpaca de todos os tipos. Vidros, Cristais, Metais, Porcelana, ágath, Aluminium, Cutelaria, Aparelhos para jantar, chá e café, vasilhames para leite desde 1/2 a 20 litros. Bacias de ferro estanhado de todos os tamanhos, que sera vendido a PREÇOS EXCEPCIONAES

Todos ao EMPORIO DAS LOUÇAS
(Visinho ao PARC ROYAL)

Praça Capistrano de Abreu, 382

Dr. Madaleno Girão Barroso

Advogado do "CENTRO ESTUDANTIL CEARENSE"

Atende na «Gazeta de Noticias» de 16 as 18 horas, em sua residencia a

Trv. São Paulo 527

Ceará Fortaleza

ASSISTENCIA DENTARIA

DO

CENTRO ESTUDANTIL CEARENSE

Sob a direção do cirurgião dentista

Dr. Walfredo Chagas

Atende na «CASA MARANGUAPE» Sala 8
De 9 às 11 e de 12 às 16 horas

Dr. Costa Araujo

Clinica—Medica—Cirurgica

Doenças do aparelho digestivo, coração, pulmões e vasos

TRATAMENTO ESPECIALISADO DAS DOENÇAS DE SENHORAS

Das 7 às 10 e das 15 às 18 horas

Consultorio: Edificio Granito, sala 4 1. andar

Residencia: Praia de Tracema, 515

Mecido do CENTRO ESTUDANTIL CEARENSE

Fonte: Folha Estudantil, 11 de agosto de 1935, Ano V, Num. XXVIII, p.8.

Entre os diversos anúncios publicados na *Folha* encontramos ofertas de serviços médicos, farmácias e laboratórios, lojas de roupas femininas, de fardamento escolar, de chapéus, livrarias, mercearias, colégios etc. Destacamos alguns anúncios, na imagem acima, em que os

anunciantes se dizem exclusivos, por exemplo, na Folha de 1935, o Dr. Madaleno Girão Barroso, se diz Advogado do Centro Estudantal Cearense e o Dr. Walfrido Chagas, dentista, oferece assistência dentária para o CEC.

Se fizermos uma comparação entre um exemplar da década de 1930 e um de 1940 podemos observar um maior uso das imagens, mesmo estas ficando a cargo de fotografias dos dirigentes centristas ou das rainhas e princesas de cada ano, não esquecendo das homenagens prestadas aos ex-centristas, políticos locais e a mais expressiva ao presidente Getúlio Vargas na edição comemorativa dos 12 anos de fundação do CEC, em 1943. A diagramação dos textos é semelhante à formatação dos periódicos locais onde aproveitam-se os espaços em outras páginas mais avançadas para a continuação do escrito que não coube na anterior.

Podemos identificar nessa atitude de celebração à imagem de políticos importantes, no caso das imagens acima homenagens ao Presidente Getúlio Vargas e ao Interventor Federal Dr. Menezes Pimentel, mecanismos para o reconhecimento do Centro como uma instituição oficial e, também, uma forma de aproximação da entidade com o poder executivo buscando assim, auxílio na concretização de seus objetivos e ideais.

Um exemplo dessa estratégia encontramos no caso analisado pela historiadora Afonsina M. A. Moreira (2006), quando o CEC vai solicitar, por meio de uma mensagem enviada ao presidente Getúlio Vargas, verbas para a construção da Casa do Estudante Pobre do Ceará.

Era a partir de pressupostos presentes no discurso presidencial que o Centro Estudantal arquitetava suas ambições, desejos e vontades. Partindo de elementos presentes nos próprios discursos presidenciais – como a inserção da Pátria entre as grandes nações e a importância da juventude – ou, além disso, caracterizando Getúlio Vargas como um guia, e também, falando da fé que os jovens estudantes depositariam no chefe do Poder Executivo, o documento expedido pelo CEC intentava mostrar a legitimidade dos pedidos feitos. Se tais pedidos estavam em consonância com as ideias e os ideais apregoados pelo governo de Vargas, caberia então cobrar deste governo a coerência com estes juízos, demonstrada na forma de apoio e subvenções conferidos aos Centro. (MOREIRA, 2006, p. 46)

Do ponto de vista material da *Folha Estudantal*, não temos como precisar qual o tipo de papel que era utilizado na impressão dos exemplares, pois só tivemos acesso as cópias de alguns números (a tiragem original foi destruída após incêndio ocorrido na Biblioteca Pública do Estado do Ceará), entretanto podemos supor, pela cópia xerocada que a revista era impressa em papel A4. As edições variavam de volume, pois algumas contavam com 25 páginas já outras, como a edição de 11 de agosto de 1935 em comemoração ao dia do Estudante, contou

com 75 páginas.

Num primeiro momento, as tiragens eram produzidas por tipografias da capital cearense, por exemplo, a *Tipografia Moraes, Mendonça & Araripe, Tip. Carneiro*. Porém, em matéria de capa da *Folha Estudantal* de 1954¹³⁵, intitulada *Missão Cumprida* é informado à sociedade centrista que “neste 7 de novembro de 1954, pela primeira vez (a *Folha* seria) impressa em suas próprias oficinas”.

O CEC tem afinal a sua imprensa, e os estudantes centristas a oportunidade de se exercitarem nas lides jornalísticas. FOLHA ESTUDANTAL circulara mensalmente, até que possa vir à rua quinzenalmente ou semanalmente. Não é mais o sonho, é a realidade que bate à porta. (FOLHA ESTUDANTAL, 7 de novembro de 1954, p.1)

Entre os colaboradores da *Folha* estavam sujeitos internos e externos ao departamento oficial da publicação, pois ao reforçar que “os conceitos emitidos em artigos assinados são de caráter exclusivamente pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores”, o órgão estava se resguardando de possíveis críticas ao conteúdo veiculado em suas páginas, que poderiam ser contrárias às ideias defendidas pelo CEC.

Sobre a circulação do impresso, acreditamos que a *Folha* não ficava restrita à capital do estado. Identificamos em apenas dois números (III/1932 e XXII/1934) o valor pago por cada revista. Em 1932, na capa do impresso havia a discriminação do preço avulso, \$800 réis, já o número XXII, de setembro de 1934, aparece o valor tanto da publicação avulsa quanto da assinatura para os estudantes de Fortaleza, do interior e fora do Estado. Os preços variam, respectivamente, entre \$500 réis, 5\$000 e um pequeno acréscimo de 1\$000, referente ao último caso de aquisição. Além disso, voltando a falar sobre a variedade e quantidade de anúncios, por haver residentes de muitos municípios do Ceará na Casa do Estudante, estes poderiam expandir essa circulação ao retornarem nas férias ou feriados para suas cidades natais, compartilhando os escritos com seus amigos e parentes.

Aprofundando as análises ao conteúdo escolhido para a publicação no periódico identificamos a grande quantidade de textos literários, estes dos mais variados tipos e estilos. São poesias, trovas, contos, trechos de livros, uns já publicados outros em confecção, críticas aos autores, comentários sobre a História do Ceará. Entendemos essa grande quantidade de textos literários como uma forma de dar vazão às produções da Academia Centrista de Letras,

¹³⁵ Bráulio Ramalho (2002, p. 28) afirma que “Nos anos 50, a *Folha Estudantal* assumiria a forma de tablóide, com um número reduzido de páginas e uma feição informativa e jornalística”.

já que esse departamento do CEC tinha como um dos objetivos a produção literária de seus membros. Podemos citar, como exemplo, a edição de 1943, que traz muitos textos de Ciro Colares, que no período era redator da *Folha* e membro da Academia Centrista de Letras.

Percebemos que o período que compreende o recorte desta pesquisa, havia entre os estudantes um certo apreço pelo aprimoramento da escrita. Observamos esse interesse tanto pelos diversos textos sobre a temática na *Folha*, quanto na criação de um departamento que fomentava a formação nas “belas-letras”, a Academia Centrista de Letras.

A Academia Centrista de Letras constituiu-se, na área cultural, outro ativo departamento do CEC. Fundada em 1943, teve como primeiro diretor José Cláudio de Oliveira, sendo composta, à época, por vinte sócios. Tinha como “finalidade promover, por todos os meios ao seu alcance, o desenvolvimento das letras estudantis”. (Art. 1º dos Estatutos d ACL). As sessões literárias da Academia eram realizadas nas manhãs de domingo, no auditório da Casa do Estudante. Segundo José Cláudio de Oliveira, os acadêmicos compareciam de paletó e gravata a essas reuniões e eram obrigados a apresentar uma produção literária: um conto, uma crônica, uma poesia, um soneto ou a síntese de um livro lido na semana. Para se tornar membro da sociedade o estudante teria que apresentar um trabalho sobre a vida e obra de um dos Patronos que emprestavam seu nome às cadeiras da Academia 9Art. 9º dos Estatutos da ACL). (RAMALHO, 2002, p. 25-26)

Era corrente na fala dos estudantes que enviavam suas colaborações à *Folha*, a preocupação com uma formação intelectual, como podemos ver no texto de abertura da edição de 11 de agosto de 1943. Ali se ressalta que “a juventude cearense ainda se empolga e se entusiasma com a mágica atração das coisas do espírito, amando o cultivo das belas-letras”. Talvez possamos pensar que esse incentivo deu frutos, uma vez que identificamos grandes nomes¹³⁶ da intelectualidade cearense nas listas de colunistas, literatos e colaboradores que assinaram textos publicados pela *Folha*.

Essa sede por imprimir seus anseios, sentimentos, valores e desejos nas páginas de uma revista, de acordo com texto enviado à *Folha* pelo Pe. J. Linhares, se deu pelo novo ritmo que se encontrava a mocidade. Na passagem abaixo, publicada no início da década de 1950, podemos ver o discurso que vai permear tanto as falas estudantis, quanto a dos demais agentes que vão propor um perfil de estudante ideal, pois são os jovens estudiosos que serão o futuro da nação e a eles que será entregue a salvação econômica e moral do país.

Os jovens querem porque querem, imprimir às coisas um novo ritmo, construir uma nova ordem, dar ao tempo uma feição nova, porque este presente que lhes legaram, insípido, todo errado. Querem os novos opor um dique a esta avalanche de leviandades,

¹³⁶ Citamos como exemplo, o jornalista Ciro Colares, os escritores Fran Martins e Aroldo Mota entre outras personalidades políticas do Estado.

de ilogismos, de paralogismos, de incongruências, de venalidade, de traições, - que os homens de idade madura deixaram germinar e proliferar no mundo. (FOLHA ESTUDANTAL, 1954, p. 3)

Se voltarmos aos estatutos e regimentos do CEC e CLEC, a promoção do “alevramento” cultural da classe, estava presente nas descrições das funções e finalidades das agremiações.

§ único – A entidade, de duração imprevista e número ilimitado de sócios, não terá caráter filosófico, religioso ou político-partidário, sem outros objetivos além do desenvolver o espírito de seus representados na parte da cultura e do civismo, por todos os meios possíveis, não ilícitos. (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO CEARÁ, Carta Magna do Centro Liceal de Educação e Cultura, 17 de maio de 1956, p. 11) (Grifo nosso)

Art. 1º a) congregar todos os estudantes, trabalhando pelo seu aperfeiçoamento moral, social, eugênico e intelectual. (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO CEARÁ, Estatuto do Centro Estudantal Cearense, 12 de janeiro de 1939, p. 7) (Grifo Nosso)

Destarte, entendemos que os esforços para estimular a formação intelectual dos sócios iam além da publicação dos escritos nas revistas, dos debates e discussões desenvolvidos nas reuniões da Academia Centrista de Letras, E estas ações eram reconhecidas e louvadas em outros estados do país, como podemos ver no texto intitulado “Uma vitória da classe estudantal cearense”, publicado na revista pernambucana *A Economista*, de 1935 e reproduzido pela *Folha Estudantal* do mesmo ano.

Oxalá, muito em breve tenhamos em cada Estado da Federação um Centro Estudantal, para que seja possível o mais perfeito conagraçamento moral-intelectual dos moços que estudam e que são, por isto mesmo, as nossas esperanças melhores. (FOLHA ESTUDANTAL, 11 de agosto de 1935, p. 42)

Muitos são os textos que, não tendo cunho institucional, vão nos dar indícios sobre quais valores e ideais que eram defendidos pelos estudantes cearenses. Teremos, também, discursos e ofícios da agremiação, reprodução de cartas de centros e entidades de outros estados da federação que corroboram com o discurso do estudante honrado, patriótico e responsável pelos rumos futuros do Brasil.

O texto de abertura da *Folha* de número XXVIII, *O Centro Estudantal Cearense*, nos é descrito como se deu o processo de criação do centro. Nele encontramos as qualidades dos moços que levantaram o CEC, estes envoltos de novas perspectivas para a classe estudantil.

Os novos ventos, varrendo a atmosfera (sic) pesada que envolvia o pensamento dos nossos círculos estudantis, inspiraram de beleza, porque de renúncia e altruísmos, a um punhado de moços que se entregou a tarefa de alicerçar uma sociedade cujo programa pugnassem pelo engrandecimento da classe. Surgiram os obstáculos, mas a

fôrça (sic) interior do movimento arrostava-os e vencia-os. E assim, 1931 findando, deixava impressas, na esteira do destino daqueles moços, as gotas de sangue do sacrifício. Mas, de par com isto, uma vontade imensurável de vencer, no imo (sic) de cada qual.¹³⁷

Percebemos que a fundação de uma entidade que promovesse o “engrandecimento da classe” foi colocada como tarefa sagrada, movida por renúncia e altruísmos, cheia de obstáculos a serem vencidos. É importante atentarmos ao uso das palavras, pois são elas que vão dar ao texto um ar de esforço hercúleo aos jovens que tomaram para si esse trabalho. A sensação que é passada ao leitor é que mesmo com todas as dificuldades e sofrimento por eles passados a missão foi cumprida e, é esse o poder imputado aos estudantes frente às responsabilidades futuras.

Em outro trecho desse mesmo escrito, é feita uma comparação entre os estudantes do passado e do presente. Onde o primeiro era tomado como irresponsável e distante das lutas da categoria. Já o estudante do presente, onde se encaixavam os fundadores do CEC foram representados como exemplares dos “novos ventos” que sopravam glórias à categoria.

Longe está aquela época em que o nosso estudante mergulhava na água turva da irresponsabilidade, cérebro vazio (sic) de preocupações, energias embotadas, vontade aniquilada. Hoje, todo êle inteira (sic) a falange formidável que, assinalando o sentido de uma época, dá à carta cronológica dos acontecimentos hodiernos os maus significativos exemplos de trabalho e amor (sic).¹³⁸

Finalizando o texto, após discorrer sobre as atividades realizadas pelo centro nesses primeiros anos de funcionamento, o autor atribui aos estudantes cearenses as características de guerreiro e heroico e, por conta dessa vontade pela luta, os ideais defendidos pelo CEC vão se alastrar feito chama pelo país.

Eis, a traços largos, o que a nossa pena vai buscar, no dia de hoje, à trajetória fulgurante do CENTRO ESTUDANTAL CEARENSE. Muito ainda está por conseguir, mas a vertigem do seu destino continuará, porque cada peito de moço, no Ceará, é uma fogueira crepitante, na qual se convulsionam labarêdas (sic) ardentes de vontade e de fé. E elas incendiarão o Brasil.¹³⁹

É por meio dessa nova concepção de atuação estudantil no meio social, que vão se pautar as ações, os textos e discursos oficiais do CEC. Dessa forma a construção de um novo sujeito/estudante, este agora tomado pelo ideal “salvador da Nação”, passa a ser discurso corrente, nos impressos centristas, já nos jornais do Centro Liceal de Educação e Cultura,

¹³⁷ “Centro Estudantal Cearense”. Folha Estudantal, 1935, p. 1.

¹³⁸ “Centro Estudantal Cearense”. Folha Estudantal, 1935, p. 1.

¹³⁹ “Centro Estudantal Cearense”. Folha Estudantal, 1935, p. 1.

datados de 1960, ou seja 30 anos à frente, a postura adotada nos discursos é outra, estes são mais voltados aos interesses, lutas e atividades da classe estudantil. Porém, sem esquecer que os estudantes têm um papel importante no seio da sociedade.

Ainda analisando a *Folha Estudantal*, agora de alguns anos mais adiante, a edição de 1943, em comemoração ao 12º aniversário de fundação do CEC, logo na capa traz um discurso sobre o que significaram esses doze anos de funcionamento e, que o impresso seria o resultado da luta da entidade contra a “descrença nas possibilidades da juventude centrista”.

A presente edição da “Folha Estudantal”, que é o fruto de um labor hercúleo e fatigante, o resultado de uma luta sem trégua contra o derrotismo improdutivo surgiu para desanuviar os horizontes turvados e obnubilados pela água da descrença nas possibilidades da juventude centrista, para despertar todas as energias dormidas, para levar ao seio da massa estudiosa do Ceará o brado de guerra ao marasmo e a letargia.

Acreditamos que esse discurso de afirmação das atividades que o Centro pôs-se a desenvolver foi uma resposta ao ceticismo inicial mostrado por alguns setores da cidade para com a agremiação. Lembremos que, de acordo com Bráulio Ramalho (2002, p. 20), o nascer da entidade não foi pacífico, já que alguns diretores de instituições de ensino da capital a viram como “um modelo passível de minar o princípio da autoridade”.

Analisando os discursos publicados na *Folha Estudantal* com o intuito de falar sobre o estudante, encontramos algumas referências de como seria o estudante ideal, mais especificamente, quais características eram destinadas ao estudante modelo. O texto assinado pela estudante Lirêda Facó, intitulado “O Estudante”, publicado na *folha* de 1935, já em seu primeiro parágrafo afirma que a esperança está “concentrada no estudante de nossos dias, despreocupado e feliz”. Continuando o texto, ao refletir sobre o papel que deveria desempenhar o estudante, a autora afirma que a formação do estudante desencadearia a defesa da Pátria, não somente como militar, mas através dos conhecimentos adquiridos durante seu período de estudo.

A glória majestosa, fêrvida e delirante, a honra, a heróica defesa do país, toda grandeza enfim que a nós compete, está em suas mãos”. Ele se torna o alvo a que vão as setas da esperança, o astro refulgente ao redor do qual vagueiam as ideias alevantadas da ciência futura, o arco-íris que parece anunciar a claridade bonançosa, que se há de suceder sem deixar desabar a procéla da ignorância!

Ainda sobre a essência do *ser estudante*, a autora dá ao sujeito/estudante as características que o identificam ao ser que ilumina-se com o conhecimento e, é por meio desse conhecimento que defenderá a Pátria.

É preciso, porém, encarar o estudante na sua verdadeira e única acepção, isto é: um ser que se ilustra, esclarece e ilumina; uma alma que cresce, se eleva e busca o belo; um coração que se amolda, que pulsa ao ritmo compassado que a vontade marca magistralmente com seu condão divino! E, só assim, o estudante será um sonho lindo, augusto e sobranceiro, uma visão eloqüente, de um militar que irá as fronteiras da Pátria defende-la, de um bacharel que se há de bater pela causa pura e sacrossanta da Justiça, de um engenheiro sábio, de um pintor, de um poeta que arrebatava com a magia de um verso cantante e ritmado, repleto daquela suavidade que a poesia sabe inspirar, calando maravilhosamente no coração de quem a lê, entende e sabe sentir! ... (FOLHA ESTUDANTAL, 1935, p. 56).

No caso das moças, o texto apenas afirma que a estas “competiam o fazer renascer, para a grandeza sublime da formação perfeita e bem entendida, a sociedade que se há de suceder...”. Esse renascer a sociedade nos remete ao papel maternal, onde à mulher cabe a maternidade. Nesse caso, as moças teriam a responsabilidade de contribuir com o desejo de salvaguarda da nação em processo de desenvolvimento, a estas cabiam a educação infantil, pois havia a crença, desde o final dos oitocentos, na vocação feminina para a docência. De acordo com Jane Almeida (2004) “enquanto o magistério de crianças se tornou um espaço feminino, afastou também das salas de aula os homens que buscaram outras opções na estrutura hierárquica escolar ocupando cargos administrativos”.

A feminização do magistério, que dava mostras incipientes já a partir dos finais do século XIX, seria fortalecida após a República. Na reconfiguração da sociedade que se desejava progressista e esclarecida, com o potencial de regeneração nacional, havia a crença numa visão de escola que doméstica, cuida, ampara, ama e educa. Essa crença vai ter seu prolongamento nas décadas seguintes à proclamação e, juntamente com as aspirações de unidade política e a proliferação de um discurso alvissareiro sobre educação, vai colocar nas mãos femininas a responsabilidade de guiar a infância e moralizar os costumes. Nessa visão se constrói a tessitura mulher-mãe-professora, aquela que ilumina na senda do saber e da moralidade, qual mão amorosa debruçada sobre as frágeis crianças a serem orientadas e transformadas por dedos que possuem a capacidade natural de desenhar destinos e acalentar esperanças, coadjuvantes inspiradas de uma escola que se erige como transformadora de consciências. (ALMEIDA, 2004, p. 1)

O citado texto de Lirêda Facó encontra-se incompleto, a edição chega ao fim sem publicar o restante da reflexão, o que não impede de ser um veículo de promoção sobre o que é *ser estudante*, na visão de uma futura professora¹⁴⁰.

Diante da maioria dos textos publicados pelos estudantes na *Folha Estudantal*, seja ao falar diretamente sobre si ou dissolvido em outros assuntos, o discurso que reverbera desde a década de 1930, quando começa a se publicar a revista do CEC e, consequentemente os escritos estudantis são publicizados em vários locais do Estado, é que a missão do estudante

¹⁴⁰ Em 23 de novembro de 1936, Lirêda Facó recebe seu diploma de professora, em cerimônia no Colégio das Dorotéias, com turma tendo como paraninfo o Governador Menezes Pimentel.

brasileiro é de salvar a pátria, os textos sempre vão apresentar chamadas para a ação estudantil em prol desse ideal salvador. A juventude estudantil das primeiras décadas do século XX é invocada a fazer-se ativa no processo de desenvolvimento do Brasil, sendo esta a geração que levaria o país ao topo das nações desenvolvidas. “O Brasil espera que cada um cumpra seu dever!”¹⁴¹

3.3.2 O Centro Liceal e seus jornais.

Os estudantes do Liceu do Ceará, ao longo de sua passagem pelos bancos da instituição, vão publicar vários impressos que têm como temática as comemorações de fundação do Colégio, programações sobre o dia do Estudante, opiniões e assuntos diversos do cotidiano estudantil. Em nossas idas aos acervos hemerográficos da Biblioteca Pública Menezes Pimentel e do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará encontramos apenas dois exemplares publicados dentro do recorte que orienta a pesquisa. Mas o pouco material sobre os escritos dos estudantes e dos representantes do Centro Liceal de Educação e Cultura nos dão subsídios para compreender a mudança que estes sujeitos vão passar ao longo dos anos 1940 e 1960.

Esses jornais, por encontrarem-se conservados no acervo da hemeroteca do Instituto do Ceará, permitem uma visualização e, conseqüentemente, mais aprofundada análise de suas materialidades, ao contrário da *Folha Estudantil*, que, como dissemos, não existe mais exemplares originais.

As matérias aparecem organizadas em colunas, seguindo os termos da imprensa do período, contendo informações sobre a vida dos liceístas e dando visibilidade aos escritos estudantis, onde esses sujeitos vão aproveitar o espaço para difundir suas ideais e valores entre seus pares e, talvez, perante a sociedade. As edições contam com alguns textos assinados, apresentam o expediente responsável pelo periódico¹⁴², o preço daquela publicação e algumas

¹⁴¹ Chamada inicial do texto de Maria Pontes, intitulado “A Educação”, publicado na edição da *Folha Estudantil*, de 1935, p. 38.

¹⁴² Estavam à frente da edição do *O Liceu*, os estudantes: João Gualberto Lima (diretor), José Nunes Bezerra (Secretário), Johnson Coêlho (Redator-chefe) e Francisco Rangel Araújo (Gerente), o exemplar custava Cr\$ 3,00 (três cruzeiros) e, abaixo dessas informações, havia a seguinte inscrição: “propriedade do Centro Liceal de Educação e Cultura”. Já o jornal *Cultura e Educação*, do departamento feminino do CLEC, tinham como estudantes responsáveis: Raílda Porto Pinheiro (Diretor responsável), Maria Auxiliadora de V. Cruz, Rita Lima Gurgel, Maria Assunção Carlos, Maria da Conceição, Maria Luíza Rocha, Maria Célia Eridan Alves e outros como

propagandas, pois que estas são fonte de patrocínio e barateio nos custos de produção. Nos jornais estudantis do Liceu, como em qualquer outro impresso da categoria, havia espaço para os textos literários produzidos pelos alunos, pois não podemos esquecer, que um dos objetivos do CLEC era o alevantamento social e cultural do estudante.

Como já dissemos, o periódico *O Liceu* é datado de novembro de 1960, assim dentro da edição¹⁴³ vamos encontrar textos em alusão ao aniversário do Colégio Estadual do Ceará (Liceu), que aconteceu em outubro, e as festividades que marcam a data magna do estudante brasileiro, o 11 de agosto. O exemplar conta com imagens, como a fotografia da fachada do Liceu, reproduzida pelo *Correio do Ceará*, suas páginas são impressas frente e verso e a edição conta em sua totalidade com apenas seis páginas, outra diferença do impresso do Centro Estudantal que contava com mais de 30 páginas, chegando a ter edições com mais de 60. Sobre este fato devemos lembrar que o Centro Estudantal contava com muitos sócios, inclusive alunos do Liceu e que este se mantinha por meio do valor pago de cada associado. Já o Centro Liceal, de acordo com sua Carta Magna, não cobrava nenhum tipo de valor aos membros.

Nas diferentes matérias publicadas nesse exemplar nos chamou atenção o texto assinado por Jaime Alencar¹⁴⁴ sobre a participação estudantil nos congressos da classe. Quando analisamos o conteúdo do texto, observamos que a intenção do mesmo era impulsionar os liceístas a colaborarem na organização de um congresso interno do Liceu. Logo nos primeiros parágrafos, o autor afirma que houve uma mudança na mentalidade dos jovens quando se trata de sua participação nesses eventos do movimento estudantil, pois que a “[...] classe estudantil considerada ‘padrão’ do Estado, como o é o Liceu do Ceará, já não se obscurece ante certos fatos que a enegrecem”¹⁴⁵. Essa mudança apontada pelo autor, que se justifica pela ação do movimento estudantil liceísta, na promoção constante de discussões e debates realizados nas

editores. Nesse jornal não há informações sobre o preço do exemplar, assim, supomos que este não foi vendido aos demais alunos.

¹⁴³ Nessa edição encontramos algumas informações sobre o conflito ocorrido entre os estudantes do Liceu e alguns soldados do Corpo de Bombeiros, em 6 de maio de 1960. Na ocasião houve um desentendimento dentro de um coletivo que vinha em direção ao Colégio. O ônibus foi estacionado na garagem do corpo de bombeiros, onde lá ocorreram espancamentos e prisões do liceístas envolvidos. Foi aberto o inquérito para apurar os fatos e oito bombeiros foram punidos por conta das agressões.

¹⁴⁴ Jaime Alencar de Oliveira, nasceu em 27 de janeiro de 1939, na cidade de Iguatu. Estudou no Colégio Liceu do Ceará durante a década de 1960, como militante estudantil do Liceu foi presidente do Centro Liceal de Educação e Cultura no ano de 1960.

¹⁴⁵ Se analisarmos algumas memórias de ex-liceístas, podemos encontrar um discurso enaltecedor sobre ser estudante do Liceu. No caso específico da citação, supomos que essa diferenciação entre o estudante do Liceu e qualquer outro, por meio da palavra *padrão* é referendada por conta do *status* obtido por quem frequentava o Colégio, este sempre representado por ser a instituição que era tida como referência para outras escolas do Estado, desde a sua criação.

colunas de alguns periódicos¹⁴⁶ que circulavam na instituição. Seu discurso é referendado quando cita o acontecimento da *Jornada de Estudantes Secundários da Zona Norte do Estado*, organizada pelo Centro Estudantil, com sede em Crateús. Para Jaime Alencar, a participação dos estudantes nesses congressos, seminários e outros eventos que se propõem a discutir sobre as pautas da classe, dentre outros assuntos, são frutos desse trabalho de conscientização da importância na participação estudantil nesses congressos.

Quando da realização do último congresso, em que se viam bancadas de todos os municípios do Estado, o promovido pela União Cearense dos Estudantes Secundários, tivemos a desdita de, mais uma vez, sermos desacreditados pelas autoridades que havemos de sucedê-las. Como os constantes alertas que se pregou pelas diversas colunas estudantis de nossos periódicos, parece que se forjou uma nova mentalidade, desta vez renovadora e merecedora de todos os encômios. (O LICEU, 1960, p.) (Grifo nosso)

Nos tantos textos que vão fazer parte dessa edição primeira d'*O Liceu*, todos buscam de alguma forma, mostrar o lado pioneiro do liceísta. Encontramos nos escritos de diversos temas, esse discurso de criação de uma nova mentalidade pelos estudantes do Liceu. Por exemplo, no texto intitulado “Cinema Educativo”¹⁴⁷, publicado nessa edição do impresso liceísta, encontramos novamente o discurso de formação de uma nova mentalidade, dessa vez, ligada ao uso do cinema.

Desenvolve-se entre nós, e com crescente entusiasmo, nova modalidade de emprêgo do cinema e vai-se criando nova mentalidade com relação a êste cinema. Empregado pelos Americanos, Europeus e Asiáticos, vem dando novos passos o cinema assim dito educativo e o de propaganda aqui no Brasil. (O LICEU, 1960, p.4) (Grifo nosso)

No caso acima, trata-se de um texto que vem discutir sobre uma nova forma de pensar o uso do cinema como ferramenta educativa. Essa “nova mentalidade” com relação ao cinema, acreditamos que deveria ir ao encontro das primeiras experiências dos cineclubistas cearenses¹⁴⁸. Ou seja, o cinema em sua concepção deveria ir além de uma ferramenta de

¹⁴⁶ O texto não cita o nome de nenhum periódico, onde supostamente teriam ocorrido esses debates.

¹⁴⁷ O texto foi apresentado na 1ª Convocação de Crítica Cinematográfica por T.J. Farkans, sendo cedido a equipe editorial do jornal pelo representante cearense no evento, Darcy Xavier Costa. Darcy (ex-aluno do Liceu, na década de 1940), no ano de 1948 funda o Clube de Cinema de Fortaleza, ao lado de Antônio Girão Barroso (sócio da Escola Moça de Cultura – CEC) e Aderbal Freire. Ver mais informações sobre o Clube de Cinema de Fortaleza em PEREIRA, Raul K. Gondim. O CLUBE DE CINEMA DE FORTALEZA: SOCIABILIDADE E AGITAÇÃO EM TORNO DE UMA CULTURA CINEMATOGRAFICA (1940 E 1950). Anais da Semana de História da FECLASC. Disponível em: http://uece.br/eventos/semanadehistoriadafeclesc/anais/trabalhos_completos/245-20678-23082016-114321.pdf Último acesso em: 13/06/2017.

¹⁴⁸ Citando o trecho do Estatuto do Clube de Cinema de Fortaleza, Raul K. G. Pereira (2016, p. 3) destaca as finalidades da associação: “O CCF tem por finalidade: a) Defender o cinema brasileiro; b) divulgar as obras representativas da sétima arte; c) Divulgar a cultura cinematográfica entre o grande público e com seu esforço para a alta cultura fílmica; d) Proteger e estimular o desenvolvimento do filme experimental; e) Impulsionar e auxiliar o cinema didático e educativo nos estabelecimentos de ensino do Estado; f) Colaborar com todos os cineclubes em prol do cinema; g) Defender o Cinema com Arte e como Linguagem”. (**Estatuto do Clube de Cinema de**

entretenimento, mas sim, deveria ser utilizado também em prol do sistema educacional.

Podemos supor que essa dita “nova mentalidade”, é pensada a partir da ação efetiva dos estudantes em todos os setores da sociedade. Na primeira citação, vemos esse chamado explícito, o autor (sendo ele estudante) convoca o grupo à participação nos congressos e eventos organizados pelo movimento estudantil, seja ele interno como é o caso do Liceu, ou externo organizado por outras entidades. Já no segundo exemplo, identificamos o chamado à ação de forma implícita, pois que não foi um membro do corpo estudantil que escreveu, mas mesmo assim, o texto foi selecionado para dar visibilidade às novas formas de intervenção nas políticas educacionais do país, assunto que atinge diretamente a classe estudantil.

Analizado os demais textos deste impresso, encontramos mais especificidades sobre sua publicação e periodicidade. Havia dois anos que este não era confeccionado. Os membros do CLEC contratavam o serviço de uma tipografia para sua reprodução, as verbas para esse trabalho eram escassas, pois muitas vinham de cotas feitas entre os alunos. Os textos, que também eram produzidos pelos liceístas, não davam conta para fechar a edição. A nota explicativa intitulada “Desculpem-nos, Liceístas”, os editores vão se desculpar com os demais alunos por não conseguirem manter a promessa de periodicidade mensal do *O Liceu*.

Ainda sobre as desculpas, ao explicarem os motivos pelo atraso da produção do jornal, encontramos uma passagem que nos cabe refletir. Os responsáveis pela publicação vão dizer que alguns alunos os classificariam como fracassados, mas “[...] o estudante não fracassa, muito menos uma entidade que o representa”. Encontramos o mesmo discurso de incapacidade/fracasso na *Folha Estudantil*, de 1943, quando os representantes do CEC vão afirmar que aquele número da revista é a prova da capacidade da entidade para com seus sócios e para os descrentes da atuação estudantil. Todos os discursos que tratam sobre o *ser estudante*, vão apresentar esse sujeito como aquele que não desiste, que vence as batalhas ao longo de sua formação, mesmo em meio as adversidades, e que as entidades estudantis estão sempre a lutar pela legitimação da categoria como força atuante na sociedade.

O jornal, ainda traz, informações sobre as eleições para o Centro Liceal do ano

Fortaleza. Cartório Moraes Correia, Fortaleza, Registro 00263, Livro A-1, fls, 512, em 20 de março de 1964). ver: PEREIRA, Raul K. Gondim. O CLUBE DE CINEMA DE FORTALEZA: SOCIABILIDADE E AGITAÇÃO EM TORNO DE UMA CULTURA CINEMATOGRAFICA (1940 E 1950). Anais da Semana de História da FECLESC. Disponível em: http://uece.br/eventos/semanadehistoriadafeclesc/anais/trabalhos_completos/245-20678-23082016-114321.pdf Último acesso em: 13/06/2017.

seguinte. Dentre as disputas que surgem em torno do pleito, a preocupação é que os estudantes não votem às cegas, que tenham seriedade na escolha do candidato, pois é por meio dessa escola responsável que as lutas da classe seriam levadas adiante.

A quantos hoje fazem o corpo de discentes liceais, e aos que futuramente hão de compô-lo, deve-se incrementar um meio de não votarem às cegas, em candidatos que não conhecem, elegendo elementos de reconhecida inépcia para um cargo de tão alta responsabilidade como o é a direção do nosso Centro Liceal de Educação e Cultura. Para que tenhamos um grêmio em franca atividade se faz mister que elejamos um candidato digno dele, que seja capaz de por em atividade seus seis departamentos, não vale apenas pelos vilipêndios que lhe venham assegurar uma situação de cambalacho satisfatória. Mesmo sem que conheçamos os nomes dos futuros candidatos, nós que fazemos O LICEU desejamos, para o alevantamento intelectual dos liceístas, que as eleições de 1961 sejam de um cunho altamente significativo e dê as redes do CLEC a quem realmente tiver a capacidade para dirigi-lo. “Alea jacta est”. Até lá, então! (O LICEU, 1960, p. 5)

O jornal *Cultura e Educação*, órgão de publicidade das moças do Liceu, traz mais textos e pensamentos que permeavam os debates e discussões dos estudantes, nesse caso das estudantes desse estabelecimento de ensino. A edição que chegou até nós, referente à 11 de agosto de 1962, dois anos após a publicação do primeiro número do *O Liceu*. Lembramos que em 1960 os editores do *O Liceu* escreveram uma nota sobre a importância dos escritos do movimento feminino liceísta para o engrandecimento da “massa estudantil do Ceará”. Porém, por conta de algumas adversidades, como a falta de demanda dos textos, não foi possível a concretização da publicação feminina naquele ano.

Não encontramos outra publicação do departamento feminino do ano de 1961, assim, não podemos afirmar que a edição de 1962 seja a primeira a ser publicada. No editorial encontramos indícios da ausência de outro impresso do gênero, porém ao continuarmos folheando o impresso, na parte do “Noticiário Educacional”, as moças do departamento feminino afirmam que o jornal *Educação e Cultura* continuará a circular entre os estudantes.

O jornal “Educação e Cultura” ficará agora frequentemente circulando entre nós como um órgão de departamento feminino. Assim sendo, além da nossa revista teremos um jornal que nos dará oportunidade de uma maior participação no meio estudantil do Liceu do Ceará, do Brasil e do mundo. (EDUCAÇÃO E CULTURA, 1962, p.2)

O jornal feminino tem quatro páginas, impressas frente e verso, seus textos na grande maioria são assinados, assim podemos identificar quem eram essas moças que estavam responsáveis pela confecção do periódico estudantil. Logo na capa, encontramos uma reflexão sobre a consciência política do estudante. Assinado pela aluna Maria Assunção Carlos, o texto é bem curto, com algumas provocações aos próprios estudantes e aos demais cidadãos que não

querem se envolver politicamente. Por fim, a autora faz um chamado aos estudantes, que estes possam repensar sobre suas atitudes para com a política do país.

[...] E são eles quem recebe nossos votos impensados. Então é esta, estudante esclarecido, a vossa política? É esta a vossa contribuição para um Brasil melhor? É assim que sois cidadãos brasileiros, contribuindo para o seu desmoronamento moral, econômico e social? Não meus colegas, o nosso voto deve ser a primeira arma que devemos lançar mãos para a moralização de uma nação democrática e independente elegendo homens dignos e competentes, analisando o passado e os atos daqueles que serão nossos representantes junto aos poderes públicos, elegendo homens capazes de levantar sua voz contra a injustiça, contra a infâmia, contra a desonestidade, contra a miséria, dêste Brasil muito amado.

No discurso apresentado pela estudante podemos notar esse chamado à participação dos estudantes, de forma consciente, na política do país. Lembremos que a publicação é de agosto de 1962, ainda estávamos passando momentos de tensão no cenário político nacional, já que um ano antes tivemos a renúncia de Jânio Quadros e, a conturbada posse de João Goulart, à contragosto de setores das Forças Armadas.

A coluna, já citada, “Noticiário Educacional” é exemplo dos escritos que davam informações sobre os acontecimentos no meio estudantil e educacional do Liceu e do Ceará. Dentre as rápidas informações sobre a greve universitária de 1962, informes sobre a nova revista estudantil do Liceu e novos números de *Cultura e Educação*, o que nos chamou mais atenção foi a incisiva demonstração de preocupação com a política nacional e, mais uma vez, no quesito de reforçar a importância da participação estudantil nas eleições, de forma consciente e coerente que visasse diminuir os problemas sociais do país.

[...] Aproxima-se as eleições e é necessário que haja uma politização para preparar o povo a votar. Urge que tome consciência da responsabilidade que temos para com a nação e a justiça social pela qual respondemos. É chegada a hora de nós, estudantes nos politizarmos. (CULTURA E EDUCAÇÃO, 1962, p. 2)

Se continuarmos a leitura do texto veremos que esse chamado a uma nova consciência política, não é apenas sobre participar mais efetivamente nas discussões e debates ou no mais prático que seriam as eleições, mas o chamado vem por parte da análise dos feitos dos políticos, refletindo sobre os atos dos governantes.

O jornal *Cultura e Educação*, produzido pelas liceístas trouxe textos bem diversos, mas todos de alguma forma retratando o cotidiano da escola e da educação no Estado.

Figura 16: Capa do impresso *Educação e Cultura* - CLEC

[...] A nação espera com ansiedade a reunião do Congresso onde será debatida a importante entrega de poderes especiais ao Conselho de Ministros. Nós particularmente, esperamos que nossos deputados saibam agir com prudência e que se Sr. Brochado da Rocha conseguir a delegação de poderes saiba usá-los com energia para a solução dos nossos problemas mais graves. (CULTURA E EDUCAÇÃO, 1962, p. 2)

Não devemos esquecer de um detalhe importante sobre esse exemplar de *Cultura e Educação*, este é publicado no dia 11 de agosto, data magna dos estudantes brasileiros. Desse modo, as editoras da publicação não poderiam deixar de comentar sobre o dia comemorativo da classe. Na coluna “O Estudante na Sociedade”, escrita por Rita Gurgel aluna representante do 2º ano clássico¹⁴⁹, encontramos algumas características sobre o *ser estudante*, mesmo sendo um texto opinioso, levamos em consideração que a escolha dessa produção para compor a publicação do departamento seja um sinal de concordância das demais responsáveis envolvidas e, que possivelmente, seriam características e valores que muitos estudantes sentiam-se contemplados.

No corpo do texto a estudante tende a afirmar sua posição enquanto participante ativa diante dos acontecimentos. Assim, mesmo com sua contribuição no movimento estudantil, “autêntico e entusiasmado”, não deixa que sua atitude participativa a desvie da condição de Estudante. E, é aqui que a jovem vai apresentar sua visão sobre como o estudante pode militar sem esquecer de suas obrigações para com os estudos.

Uma contribuição autêntica e entusiasmada, mas que não me desvie de minha condição de jovem estudante, porque, quando dominado pela sede de justiça e de amor, empregando todos os seus esforços em causas realmente grandes e belas, sendo um membro ativo e disponível para os movimentos, que visem elevar e desenvolver o meio estudantil, creio ter o estudante importância no seio social. (CULTURA E EDUCAÇÃO, 1962, p. 4) (Grifo nosso)

Para a jovem liceísta, quando o estudante é tomado pelos preceitos da justiça e do amor, estes engajam-se nos movimentos em prol do desenvolvimento da classe, adquirindo uma certa importância para o alevantamento da categoria e da sociedade. Assim, esses dois valores (Justiça e Amor) são características, aceitas pela moça, que fazem parte do estudante ideal.

Acerca do *ser estudante*, a autora fala sobre como o “verdadeiro jovem estudante” deve portar-se em relação aos estudos.

Sim, porque cabe ao verdadeiro jovem estudante, estudar para libertar-se da terrível cegueira da ignorância, abrindo tôdas as janelas e portas, com tôdas as suas disponibilidades juvenil, não só para contemplar a natureza, mas sair pelas ruas, misturar-se com a gente que passa, procurando entendê-la e amá-la, para ajudá-la. (CULTURA E EDUCAÇÃO, 1962, p. 4) (Grifo nosso)

Em outro trecho do texto, Rita Gurgel afirma que ao tomar gosto pela participação

¹⁴⁹ O ensino clássico era parte integrante do Ensino médio, junto com o curso científico. No curso clássico dava ênfase nas Ciências Humanas e Área de Letras. Tanto o Clássico quanto o Científico tinham duração de 3 anos e, permitia o ingresso no Ensino Superior.

no cotidiano social, o dito “verdadeiro jovem estudante” passa a querer mais e mais tomar parte dos acontecimentos, dessa forma, “[...] não consegue mais parar. Vai querer crescer, crescer muito, para ser uma esperança e posteriormente uma fortaleza, uma resposta aos problemas culturais, sociais e econômicos”.

Por fim, para a autora, o caminho a ser percorrido pelos verdadeiros estudantes perpassa a luta e os estudos, a formação do estudante ideal seria a junção do militante e do intelectual.

Dito tudo isso, ao fazermos um paralelo com os escritos estudantis do final dos anos 1930 e início da década de 1940, inclusive de outras entidades espalhadas pelo país, como é o caso do jornal *Mocidade*, órgão dos moços alagoanos do Colégio Guido de Fontgalland, encontramos o discurso estudantil ainda muito voltado apenas aos interesses do grupo, preocupados com uma formação pensada para o engrandecimento futuro do país, no qual o estudante é a esperança para o desenvolvimento do Brasil.

Já se tem dito em todos os tons que a juventude é a esperança da Pátria. De fato, é na juventude de hoje que se situam as esperanças de um futuro melhor. Entretanto, vivendo num mundo complexo como o nosso, em que se procura disseminar o cepticismo, a indiferença, em que valores morais sofrem tremenda crise, ela, a juventude tem necessidade de fortes estímulos, afim de elevar seus ideais da terra – a – terra da vida cotidiana. (sic) (MOCIDADE, 1947, capa)

É no final dos anos 1940 e início da década de 1950 que já começamos a notar algumas reflexões sobre qual a atuação e como deveria ser o papel do sujeito/estudante na sociedade. Pudemos notar que esse pensar sobre si, acerca de suas ações e de como deveriam ser empreendidas em coletivo, como vimos nos impressos acima, nos possibilitou identificar qual o lugar social que os estudantes buscaram ocupar.

No tópico a seguir vamos analisar a sessão estudantil do *Gazeta de Notícias*, denominada *Gazeta Estudantil*. Nela buscamos identificar como os estudantes cearenses vão, em muitos textos, corroborar com a estrutura do cidadão-modelo formado para servir a Pátria e, em outros momentos vão tentar transpor com esse perfil construído desde os anos 1930, com a ajuda do Centro Estudantal.

3.3.3. *Gazeta Estudantil*: a sessão dominical dos estudantes cearenses na grande imprensa.

A *Gazeta Estudantil* aparece no final da década de 1950, como página domingueira do matutino independente do Ceará, a *Gazeta de Notícias* (GN). A proposta do GN feita ao

educador Filgueiras Lima, diretor do Colégio Lourenço Filho, era que indicasse um nome para a editar o GN Estudantil. O educador faz a indicação de João Bosco Serra e Gurgel para redator-chefe, este convida alguns estudantes (José Linhares Filho (Secretário), José Albuquerque Nobre, José Geraldo Duarte Pinto e Vicente de Paulo Leitão de Carvalho, sendo os três últimos repórteres) para se responsabilizarem pelas matérias, textos e demais conteúdos que integrariam a página.

Assim, a *Gazeta Estudantil*, não era um jornal em si, mas era parte integrante do “matutino independente” *Gazeta de Notícias*. O *Gazeta de Notícias*, de acordo com Geraldo da Silva Nobre (2006, p. 18), “apareceu como diário, em 1927, e foi convertida em semanário em 1972”. Essa folha, ainda de acordo com Nobre, era de “grande aceitação popular”, pois tinha uma tradição combativa desde sua fundação, com os “editoriais vibrantes” de Antônio Drummond.

Por ser apenas uma sessão menor dentro do *Gazeta de Notícias*, o GN Estudantil apropria-se de todo espaço de uma página para apresentar as mais diversas notícias da categoria estudantil do Ceará. São entrevistas com professores e figuras importantes do meio educacional, colunas de opiniões sobre várias temáticas, publicidade dos eventos estudantis etc. Na coluna permanente “Roteiro Estudantil”, os repórteres informam sobre os fatos cotidianos de relevância para os estudantes. A sessão apresenta algumas colunas fixas¹⁵⁰, uma que já citamos é o “Roteiro Estudantil”, outra que parece ser o editorial é denominada “Nossa Opinião” e tem também a “Entrevista da Semana” espaço para as entrevistas com professores, estudantes e autoridades ligadas ao ensino local e nacional.

Em algumas edições são publicados em caráter especial trechos das legislações e de documentos considerados importantes para o Estudante, chamada de “O que o estudante deve saber”, tendo como colaborador dessa coluna a da Secretaria de Educação e Cultura. Temos como exemplo, de documentos que foram publicados nesse espaço, a lei que discorre sobre os símbolos nacionais.

Na edição do dia 11 de outubro de 1959, a coluna “Nossa Opinião” vem trazendo o texto intitulado *Nova fase*. Observamos em nossa leitura que o título faz todo o sentido, já que o

¹⁵⁰ Os editores, na edição de 22 de novembro de 1959, afirmam que a partir de dezembro do mesmo ano vão ser incorporadas novas colunas na página.

responsável pelo editorial fala sobre a importância da publicação para os estudantes cearenses.

Amigos estudantes, iniciamos hoje uma nova fase, [ilegível] mentalidade dirigida para os interesses desta [ilegível] classe flor que se desabrocha, neste jardim florido que é o Brasil. Aqui nos apresentamos, prometendo expor nosso [ilegível] lútero, educacional e artístico, de acordo com nossa capacidade revelando fatos de nossa vida estudantil, proporcionando a todos o desenrolar do que se passa no ambiente festivo, onde os jovens, moções e moças, são [ilegível] do Brasil. [...] (GAZETA DE NOTÍCIAS, GAZETA ESTUDANTAL, 1959, p. 5)

Podemos, através da citação acima, identificar o mesmo discurso que a *Folha Estudantil* (FE) proclama em sua fundação, pois o que vemos é que o autor coloca a sessão como porta-voz dos assuntos estudantis. Assim, o GN Estudantal, igualmente a FE, declara-se como principal meio de divulgação das ações estudantis no Estado. E, para isso, em algumas notas, os estudantes responsáveis pela sessão pedem a colaboração de outros estudantes no envio de notícias, incluindo seus pares do interior do Ceará¹⁵¹.

Em mais um editorial, este intitulado “Triste Término”, do dia 29 de novembro de 1959, o autor vai apresentar uma história sobre a reprovação de um estudante nos exames da escola. Por meio dessa história, o editor vai buscar nesse exemplo uma forma de mostrar aos leitores sobre os deveres do estudante ideal.

O jovem chegou à sua residência, com o andar combalido por um abatimento moral, sofrido minutos antes, entrou evitou o pai, sentado na sala de estar, lendo um jornal, atingiu a cozinha, onde sua mãe coordenava os serviços das empregadas, e lhe disse tristonho: “Mamãe, fui reprovado”.

Os estudantes, em muitos de seus textos, vão apelar para histórias exemplares na tentativa de definir quais características e valores devem ser cultivados pelos demais. Entendemos que promover o modelo ideal do *ser estudante* uma forma de legar à categoria mais legitimidade perante a sociedade e seus pares. Pois, assim, ao ler sobre qual comportamento os estudantes defendem, tanto o grupo estudantil quanto a sociedade fazem a distinção entre o bom estudante e o mal, sendo que este último é tido como exceção ou um jovem irresponsável.

Quantas cenas desta natureza, desenrolam-se neste fim de ano, demonstrando o término de uma epopéia, consubstanciada de uma maneira triste, dolorida de qualquer sentimento a elevar ou a dignificar a personalidade do estudante, enquadrado na

¹⁵¹ Em pequena nota na edição de 1º de Maio de 1960, os responsáveis pelo GN Estudantal fazem um chamado aos colegas do interior do Estado para o envio de textos e notícias de suas localidades. A nota dizia o seguinte: “Estudantes do interior: atenção. A vida estudantil do interior do estado é desconhecida! GN espera sua correspondência. Relate-nos os fatos estudantis de sua cidade. Envie-nos seus comentários, crônicas, contos, poesias e notícias. Nosso endereço é: GN Estudantil, Rua Clarindo de Queiroz, 933. Fortaleza, Ceará”.

irresponsabilidade de seus atos, no círculo da vadiagem. Os frutos da brincadeira nas coisas sérias são amargosos, ferindo, muitas vezes, a consciência. (GAZETA DE NOTÍCIAS, GAZETA ESTUDANTIL, 1959, p. 3)

Ainda sobre o desvio estudantil, o texto afirma que estes que usaram de seu tempo para os divertimentos “[...] apresenta-nos como um personagem sem dispositivos de vitórias no campo da vida, uma vez que deixou patenteado sua pretensão de gozar e viver pelo prisma condenável dos caminhos do vício...”.¹⁵² E, o texto continua suas impressões sobre esse comportamento desviado do estudante, falando sobre a relação estabelecida com esses vícios e a consequência de sua irresponsabilidade.

Para êle o cinema constitui-se o mestre, ensinando-lhe e educando-lhe por uma realidade desconexa com sua formação moral, os máus livros os amigos, associando-lhe resoluções impróprias a sua mentalidade, envolta na periferia da degenerescência e as ações de maldade as amigas, arrastando-lhe ao mais completo fracasso, no perímetro da miséria. (GAZETA DE NOTÍCIAS, GAZETA ESTUDANTIL, 1959, p. 3)

Como já dissemos, o uso de uma história exemplar para divulgar as supostas virtudes e os maus costumes dos estudantes, fazem parte do discurso construtor do estudante ideal.

As nossas análises se voltam, principalmente, para a coluna “Nossa Opinião”, mesmo com a grande variedade de notícias sobre o meio estudantil em outras partes do impresso, porque é através do editorial que são perpetradas as opiniões, os valores e ideais que os responsáveis defendem para o *ser estudante*.

O texto do editorial do dia 20 de dezembro de 1959 se apresenta com a temática do *Estudante e a Política*. Observando as demais notícias dessa e de outras edições posteriores, os estudantes cearenses estavam em plena época eleitoral de algumas entidades, entre elas estão o CEC e o CLEC. Assim, não poderia ser diferente o tema do editorial, a pergunta é: qual o papel do estudante na política?

Logo nas primeiras linhas da opinião, o editor afirma que “o estudante deve ser anti-partidarista, mas político. Pois, neste caso, mostraria desinteresse pela Pátria”, já que os muitos partidos, de divergentes ideologias apenas perturbam as aspirações da Pátria. Assim, os estudantes não deveriam participar ou defender os partidos, mas deveria ser um ser político avesso aos grupos ideológicos.

O estudante por nobreza de seu caráter e pela sua consciência age sensatamente,

¹⁵² GAZETA DE NOTÍCIAS, GAZETA ESTUDANTIL, 1959, p. 3.

quando se [ilegível] vassalagem corrompida, que teima em desprestigiar [ilegível] patriótico de nosso povo. A unidade estudantil, coesa em suas atitudes, [ilegível] a participação nas fileiras destes grupos, que aí [ilegível] difamando o cômico dever de dignificar a Pátria, faz uma barreira firme contra as pretensões[ilegível] destes nossos homens. (GAZETA DE NOTÍCIAS, GN ESTUDANTIL, 20 de dezembro de 1959, p. 4)

O restante do texto vai reafirmar a necessidade da participação estudantil na política, porém sem os vínculos partidários que não contribuem para o levantamento moral da nação. Por fim, o chamado ao exercício político é feito aos “jovens incorruptos” para a libertação dos vícios ideológicos que o país está submetido.

Chegou o momento oportuno para os estudantes [ilegível] perante a nação brasileira, que em [ilegível] compartilham da miséria partidária que nos afligem [ilegível] dedicam seus idealismos à política enobrecedora da [ilegível] e da democracia. (GAZETA DE NOTÍCIAS, GN ESTUDANTIL, 20 de dezembro de 1959, p. 4)

Encontramos na mesma data, na coluna “Roteiro Estudantil”, que o GN estudantil estava empreendendo uma campanha com a ajuda da Polícia Estudantil, contra a militância de ex-estudantes nas agremiações estudantis. De acordo com a pequena nota, o objetivo da ação era intervir na permanência de ex-alunos infiltrados nas entidades de classe do Estado. Na ocasião, não havia uma explicação mais detalhada sobre o porquê da ação, mas supomos que estes ex-estudantes estivessem usufruindo de prerrogativas da categoria ao manter-se dentro das entidades. E, porque não, ao falar sobre o anti-partidarismo no editorial, ser uma justificativa para esses ex-estudantes fossem expulsos das entidades por estarem ligados aos partidos e outras organizações políticas.

Numa outra nota exposta no “Roteiro Estudantil” de 29 de maio de 1960, encontramos informações sobre a relação entre as entidades estudantis e a imprensa local. As atividades de visita às redações podem ser interpretadas como uma forma de prestígio que os estudantes conquistaram perante a classe jornalística, já que muitos começaram suas carreiras nas letras informativas ainda na fase estudantil.

Essa relação que a imprensa, seja ela a imprensa comercial ou a estudantil, mantém com os grupos estudantis nos mostram que a categoria dos estudantes gozava de grande estima por muitos setores da sociedade. Pois, ao selecionar notícias para as publicações diárias, os responsáveis pela edição dos periódicos, minimamente, devem saber o que a população quer saber. Não é qualquer matéria que vai ser veiculada na imprensa. Os jogos do poder estão em pleno movimento no mundo dos jornais, pois o que interessa se reverte em lucro com o aumento das vendas, já o contrário também é verdadeiro.

Os estudantes, por saberem a importância que era ter suas ações e atividades de classe publicadas nos principais meios de comunicação do Estado, vão se utilizar desse espaço para refletir sobre si e, defender seus valores e ideias perante seus pares e a sociedade. Desse modo, as relações estabelecidas entre esses dois setores sociais podem nos facilitar o entendimento de como os estudantes construíram e conseguiram ter visibilidade diante de tantos outros grupos¹⁵³ que tinham a mesma intenção, a legitimação de sua fala nas esferas de poder do Estado. Por isso, era cada vez mais necessário a ocupação dos espaços, sejam eles entre os demais cadernos da imprensa ou criando e defendendo a publicações específicas dos estudantes.

Essa defesa por uma imprensa estudantil é feita pelo Gazeta Estudantil, de 28 de agosto de 1960. No editorial, desse dia, é descrito a importância da consolidação de uma imprensa genuinamente estudantil, pois para o autor, os assuntos ligados à categoria ganharam mais força e por isso, se torna necessário a fundação de um periódico que pertencesse aos estudantes. Esse tipo de reclamação em prol da elevação do grupo no meio social é importante para identificarmos qual o papel que o estudante estava tomando para si e, também, quem era esse estudante e o que pensava sobre si. Enfim, o que era ser estudante?

Michel Foucault (1996), ao questionar sobre os perigos da proliferação de falas e discursos indefinidamente na sociedade, nos fez refletir acerca da grande quantidade e diversidade de formas e suportes, pelos quais se tentou disseminar um determinado modelo de estudante, a partir do pós guerra. A partir desse questionamento, no próximo tópico, analisaremos outras tipologias documentais, os hinos, músicas e código de ética voltado para o estudante, que também deram sua colaboração com a perpetuação de determinados discursos sobre o *ser estudante*.

3.4 O *SER ESTUDANTE* EM OUTRAS VOZES: OS HINOS, MÚSICAS E PROPOSTAS NORMATIVAS QUE SE PROPUNHAM A DEFINIR O ESTUDANTE BRASILEIRO.

Como já foi dito ao longo deste trabalho, muitas foram as formas que procuraram para, de certo modo, estabelecer valores e ideias a serem seguidos pelos estudantes. Esses discursos que tentavam imprimir comportamentos que seriam ideais para a formação de um

¹⁵³ Bráulio Ramalho, em sua obra “Foi Assim! O movimento estudantil no Ceará (1928-1968)”, faz um levantamento dos vários grupos estudantis que movimentaram a cena pública de Fortaleza. Citamos a título de exemplos, o Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua, a União Democrática Estudantil, a União Cearense dos Estudantes Secundários, a União Estadual dos Estudantes, o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Ceará e muitos grêmios estudantis, como o Grêmio dos Estudantes Fenixtas, da Escola Técnica de Comércio da Fenix Caixerai.

cidadão útil à Nação vão se perpetuar por diversos canais, identificando o bom estudante e excluindo e/ou taxando quem não se encaixasse no padrão estabelecido, o mau estudante.

Desse modo, procuramos analisar neste tópico outras fontes que, também, deram significação ao que seria o estudante brasileiro e enunciaram o estudante patriota e viril. Assim, para essa análise, selecionamos algumas músicas e outros documentos, hinos, canções e códigos de ética estudantis que falavam sobre o ser estudante e, que de certa forma, perfilavam um ideal estudantil.

Se pensarmos sobre a produção dos discursos, Foucault (1996, p.8-9) afirma que essa produção “[...] é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos [...]”, assim, por extensão, podemos pensar que esses discursos sobre o estudante honrado e preocupado com os destinos da Pátria, passa pelos procedimentos que o autor identifica (controle, seleção e organização), tendo um objetivo a ser cumprido, nesse caso, condicionar e normatizar o estudante para que, no futuro, este se transformasse no sujeito ideal para dar continuidade ao projeto de desenvolvimento e engrandecimento proposto pelo Estado.

Supomos que os hinos tinham como objetivo definir um modelo para o estudante, já que simbolizam cânticos ou poemas que celebram algo ou alguém, e ao celebrar e glorificar idealizam os sujeitos de que falam. Porém, no caso das canções e músicas presumimos que essa forma de expressão embora não tenha a presunção, como ideal primeiro em sua essência, mas no momento em que estas reivindicam para si o *status* de hino, vão assumir as mesmas características celebrativas e idealizadoras. Dessa maneira, ao analisar os discursos, que eram empreendidos por estes tipos diferentes de linguagens, pudemos identificar nos seus usos contributo aos demais dispositivos definidores, como os códigos de ética do estudante, que traziam como prioridade a ideia do estudante salvador da pátria.

Atentamos, ainda, que essas produções são calcadas e legitimadas pelo lugar social¹⁵⁴ que seus autores ocupavam na cena intelectual e artística do país. Sabemos, também, que essas produções, ao não se dissociarem de seus autores, passam a ser formas de construção

¹⁵⁴ Utilizamos o conceito de *Lugar social* apresentado por Michel de Certeau (1982), em sua obra *A Escrita da História*, pois entendemos que ao identificar o lugar no qual se escreve e o peso das instituições que o autor representa podemos compreender como a produção desses discursos sobre o ser estudante, oferecidos pelas músicas e hinos aqui selecionados, puderam legitimar e dar sentido ao perfil ideal do que era ser estudante no período estudado.

de uma identidade estudantil, pois para reivindicar o título de estudante brasileiro, o sujeito deveria adequar seu comportamento e pensamento aos discursos impressos nesses (e por meio desses) dispositivos modeladores.

Nesse primeiro momento, buscamos identificar quem são os autores, qual lugar social que esses autores ocupam, se estão ligados a alguma instituição que possa autorizar sua escrita e legitimar seu uso pelas categorias de quem falam. Num segundo momento, passaremos para a análise efetiva das letras, procurando visualizar as semelhanças e diferenças entre os discursos sobre o *ser estudante*.

Com letra de Filgueiras Lima e música do maestro Euclides da Silva Novo, o *Hino do Estudante Cearense*, por muitos anos foi utilizado em eventos e celebrações estudantis na cidade de Fortaleza, em algumas fontes por nós pesquisadas a maioria cita a apresentação do hino no início de solenidades do movimento estudantil, podemos citar o exemplo das comemorações referentes ao Dia do Estudante organizadas pelo Centro Estudantil Cearense que, ao publicar sua programação de atividades em alguns periódicos da capital do Estado, faz chegar até nós o ritual das solenidades.

Filgueiras Lima, desde a década de 1930, está à frente de importantes discussões em torno da educação brasileira, sendo reconhecido como um importante intelectual que pensou e promoveu diversas campanhas educacionais em todo o Estado do Ceará, transbordando suas experiências locais no âmbito nacional. Logo em 1932, Filgueiras Lima ¹⁵⁵, junto a outros

¹⁵⁵ Em 29 de julho de 1927, aos 18 anos de idade, ocupou as funções de Inspetor Regional do Ensino, cargo em que se efetivou, por concurso, em 1931. E em 1932 fundou, com outros a revista pedagógica "Educação Nova" de que foi redator - chefe, depois transformada em órgão da Antiga Diretoria Geral da Instrução Pública do Ensino no Ceará. Foi, em fevereiro desse mesmo ano, nomeado chefe do Serviço de Estatística Educacional daquela Diretoria. Nos anos de 1931 e 1932 ocupou, interinamente, o cargo de Diretor Geral da Instrução. Em dezembro de 1933, conquistou em concurso, classificado em 1º lugar, a cadeira de Didática da Escola Normal Pedro II, hoje Instituto de Educação. Em 1934, exerceu os cargos de Inspetor do Ensino Normal e de Assistente Técnico do Ensino. Em dezembro de 1933 colou grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Estado do Ceará. Manteve durante o ano de 1937 uma Página Pedagógica no jornal "O Povo". Manteve pela estação da Ceará Rádio Clube, um programa cultural intitulado "Arte e Pensamento". Em fevereiro de 1938, fundou com o Dr. Paulo Sarasate o Instituto Lourenço Filho, hoje Colégio Lourenço Filho, de que foi diretor mais de 25 anos e onde ensinou os Métodos e Técnicas da Pedagogia Funcional. Era seu Orientador e Supervisor, na qualidade de Presidente de seu Conselho Técnico Educacional. Em fevereiro de 1946 foi convidado pelo Interventor Federal Ministro Pedro Firmeza a ocupar, em caráter Técnico, as funções de Secretário de Educação e Saúde do Estado do Ceará, cargo em que permaneceu nas Interventorias do Coronel Machado Lopes e do Desembargador Feliciano de Atayde. Durante a sua administração fundou 350 escolas, instalou gabinetes dentados para grupos escolares do interior, Delegacias Regionais do Ensino, reformou o ensino normal e primário, criou a Diretoria de Fiscalização e Orientação de Ensino, promoveu várias campanhas educativas. Representou o Ceará no 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos, em fevereiro de 1947, de cuja sessão de instalação foi orador oficial pronunciando urna conferência sobre "A Educação de Adultos na Democracia". Também representou os diretores de escolas privadas do Ceará no II Congresso promovido pela Federação dos Estabelecimentos

intelectuais da educação, funda a revista pedagógica "Educação Nova" na qual foi redator-chefe, esta revista posteriormente foi transformada em veículo oficial do Estado, vinculado à Diretoria Geral da Instrução Pública do Ensino no Ceará.

Voltando ao *Hino do Estudante Cearense*, este é dividido em quatro estrofes, contendo cada uma delas quatro versos, que tratam sobre o universo que envolve o estudante: os livros como instrumentos de esclarecimento e o chamado de salvaguarda da pátria, a qual é imposta ao estudante cearense.

Já o *Hino do Estudante Brasileiro*, composto por Paulo Barbosa¹⁵⁶, Aldo Taranto¹⁵⁷ (Letra) e música de Raul Roulien¹⁵⁸ é gravado durante a década de 1960, mais especificamente em 1963, em álbum lançado pela gravadora Copacabana, tendo como intérprete Inezita Barroso¹⁵⁹. O LP “A moça e a banda – Inezita Barroso e a banda da Força Pública de São Paulo”,

Particulares de Ensino, em Belo Horizonte, em julho de 1946. Em nome das delegações dos Estados, pronunciou, na sessão inaugural, um discurso em que defendeu o tema "Educação para a Liberdade e para a Paz". Em 1949, representou o Ceará no Congresso de Educadores, realizado na capital da Bahia, no qual apresentou uma tese sobre "Metodologia das Ciências Sociais" impressa pela Editora Instituto do Ceará. Em 1950, por solicitação do Ministério da Educação e Cultura, prestou sua colaboração ao Departamento Nacional de Educação, cooperando com a Campanha de Educação de Adultos. Em 1951, foi nomeado Diretor do Instituto de Educação do Estado do Ceará. As informações contidas nesta nota encontram-se disponíveis em: <http://www.poetafilgueiraslima.art.br/biografia.php> último acesso: 27.09.2016

¹⁵⁶ Paulo Barbosa nasceu em 29 de abril de 1900, no Rio de Janeiro, é irmão do sambista Luis Barbosa e do comediante Barbosa Júnior, faleceu em 4 de dezembro de 1955. O compositor Paulo Barbosa compôs valsas, sambas e marchinhas, seus principais intérpretes foram Carlos Galhardo, Silvino Neto e Osvaldo Santiago. Biografia em “Dicionário cravo Albin da Música Popular Brasileira”. Disponível em: www.dicionariompb.com.br/paulo-barbosa/dados_artisticos último acesso em: 04/10/2016.

¹⁵⁷ Aldo Taranto iniciou sua carreira artística como compositor no começo da década de 1930. Compôs diversas obras importantes para a música popular brasileira como “Quando você morrer” (em parceria com Donga) e “Agora Não”, todas duas interpretadas por Carmem Miranda. Vários intérpretes famosos gravaram suas composições, entre eles estão Vicente Celestino, a já citada Carmen Miranda, Angela Maria, Silvio Caldas Ary Barroso, entre outros. Biografia em “Dicionário cravo Albin da Música Popular Brasileira”. Disponível em: www.dicionariompb.com.br/aldo-taranto/dados_artisticos último acesso em: 04/10/2016.

¹⁵⁸ Raul Entini Pepe Acolti Gil nasceu em 8 de outubro de 1902, no Rio de Janeiro. Destacou-se primeiramente no teatro ligeiro. Foi o maior galã brasileiro de sua época. Entre 1928 e 1930, gravou nove discos na Odeon, com músicas quase todas de sua autoria. Além de ator, foi diretor de teatro e cinema. Em 1931, foi para Nova Iorque, onde conseguiu um contrato na Fox. De 1931 a 1934 atuou no cinema americano, numa série de filmes dentre os quais “Delicious”, dirigido por David Butler, no qual cantava “Delicious”, dos irmãos Gershwin. Em 1937, de volta ao Brasil, dirigiu o filme “Grito de Mocidade”, no qual também atuou. Em 1995, vitimado por um derrame afastou-se definitivamente da carreira artística. Biografia em “Dicionário cravo Albin da Música Popular Brasileira”. Disponível em: www.dicionariompb.com.br/raul-roulien/dados_artisticos último acesso em: 04/10/2016.

¹⁵⁹ Ignês Madalena Aranha de Lima, Inezita Barroso, nasceu em 4 de março de 1925, em São Paulo. Foi uma das mais premiadas artistas brasileiras, recebeu inúmeros troféus e condecorações, sendo que nos anos 1950 recebeu seis troféus Roquete Pinto, o que lhe valeu receber em 1960 o Roquete Pinto de Ouro sendo a partir de então considerada *horsconcours*. Ficou conhecida como "A Rainha do Folclore" e é identificada com o que muitos definem como a "genuína música sertaneja". Por muitos críticos, é considerada uma das cinco cantoras mais importantes do Brasil, graças às suas centenas de gravações e sua firmeza e coragem em se manter sempre íntegra no seu repertório. Biografia em “Dicionário cravo Albin da Música Popular Brasileira”. Disponível em: www.dicionariompb.com.br/inezita-barroso/dados_artisticos último acesso em: 04/10/2016.

teve como produtor Hervé Cordovil¹⁶⁰ e acompanhando Inezita nas composições estava à frente da banda da força pública de São Paulo o maestro Capitão Alcides J. Degobbi. Selecionamos entre os dez hinos e canções¹⁶¹ que pretendem celebrar alguns sujeitos e setores nacionais presentes no LP, além do *Hino do Estudante Brasileiro*, o *Hino à Mocidade Acadêmica*, com música de Antônio Carlos Gomes¹⁶² e letra de Bittencourt Sampaio¹⁶³, uma composição de 1895. Entendemos que mesmo esta última ainda sendo uma composição do século XIX, ao estar incorporada ao LP continua uma referência e, também, uma forma de celebração à categoria estudantil.

Outra canção que vai tentar dizer sobre o *ser estudante* é o *Hino dos Estudantes*, composição de Vitor Mateus Teixeira, o Teixeirainha¹⁶⁴. Gravada pela Warner Music Brasil, em

¹⁶⁰ Hervé Cordovil nasceu em 3 de fevereiro de 1914, em Viçosa, Minas Gerais. Pianista, compositor e regente foi o autor de diversas músicas de sucesso como, “Me leva”, “Sabiá lá na Gaiola” e “cabeça Inchada”, interpretadas por Carmélia Alves. Outra de suas obras que teve grande repercussão foi a versão brasileira de “Biquini de bolinha amarelinha” (Itsy-Bitsy Teeny -Weeny –Yellow Polka-dot bikini). Hervé faleceu em 1979.

¹⁶¹ Faziam parte do repertório de Inezita Barroso, em “A Moça e a Banda”, as seguintes composições: o hino “Cisne Branco (Canção do Marinheiro)”, de Antônio Manoel do Espírito Santo e Benedito Xavier de Macedo, o “Hino à Bandeira”, de Francisco Braga e Olavo Bilac, o “Hino Do Estudante Brasileiro”, de Paulo Barbosa, Aldo Taranto e Raul Roulien, o “Hino do C F A”, de Alcides Jacomo Degobbi e Edgar Pimentel Resende, “Hino da Independência”, de D. Pedro I e Evaristo Ferreira da Veiga, “Hino à Mocidade Acadêmica”, de Carlos Gomes e Bittencourt Sampaio, e o “Hino da Proclamação da República”, de Leopoldo Miguez e Medeiros e Albuquerque, as canções “Canção do Expedicionário”, de Spartaco Rossi e Guilherme de Almeida, e a “Canção do Soldado”, de autor desconhecido, além do dobrado “Avante Camaradas”, de Antônio Manoel do Espírito Santo.

¹⁶² O compositor e maestro Antonio Carlos Gomes, nasceu em 11 de julho de 1836, na Vila de São Carlos, atualmente Campinas. Filho de Manuel José Gomes, pianista, organista e violinista, que além de ensinar música era também professor de canto, sendo conhecido pelo apelido de Maneco Músico, em sua cidade natal. Cedo herdou a vocação para a música e em 1846 já integrava a Banda Marcial, apresentando-se para Pedro II, durante uma visita do imperador à Vila de São Carlos. Na ocasião, a banda foi regida por seu pai e Carlos Gomes tocou triângulo, enquanto o irmão, José Pedro de Santana Gomes, tocava clarineta. Esta seria logo depois o instrumento do compositor, pouco antes de experimentar o violino, ainda na infância, no qual iria aprimorar os estudos musicais na capital paulista com Paul Julien, violinista premiado pelo Conservatório de Paris. Carlos Gomes faleceu em 16 de setembro de 1936, em Belém do Pará. Biografia em “Dicionário cravo Albin da Música Popular Brasileira”. Disponível em <http://dicionariompb.com.br/carlos-gomes> Último acesso em: 04/10/2016.

¹⁶³ Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, nasceu em Laranjeiras, província de Sergipe, à 31 de janeiro de 1834. Estudou Direito na Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo. Sabe-se que gostava de fazer experiências de magia branca nas “repúblicas” ou casas de família, distraindo a todos com sua alegria e bom-humor. Promovia saraus literários e musicais e gostava de acompanhar-se ao violão. Fez carreira política, chegando a administrar a província do Espírito Santo. Foi também diretor da Biblioteca Nacional. Escreveu em diversos periódicos da época, entre eles, a “República”. Faleceu, no Rio de Janeiro, a 10 de outubro de 1895. Autor da letra do famoso “Hino à Mocidade Acadêmica” da Faculdade de Direito de São Paulo. É dele também a letra de uma das cantigas mais conhecidas do Brasil: “Quem sabe?” (Tão longe de mim distante). Ambas composições em parceria com o maestro Carlos Gomes. Representante do romantismo literário no Brasil. O “Hino acadêmico” foi gravado em 1961, na voz de Inezita Barroso em companhia da banda da Política Militar de São Paulo, no LP “A Moça e a Banda”, também foi gravada uma versão instrumental, em 1974, pela Editora Três - Companhia Brasileira de Discos Phonogram (Detsche Grammophon 2.530.506-B, 3). Bittencourt Sampaio faleceu em 10 de outubro de 1895, na cidade do Rio de Janeiro. Biografia em “Dicionário cravo Albin da Música Popular Brasileira”. Disponível em <http://dicionariompb.com.br/bittencourt-sampaio> Último acesso em: 04/10/2016.

¹⁶⁴ “VITOR MATEUS TEIXEIRA – Teixeirainha - nasceu na cidade de Rolante, distrito de Mascaradas, Rio Grande do Sul, em 03 de março de 1927. Filho de Saturno Teixeira e Ledurina Mateus Teixeira, teve um irmão e duas irmãs. [...] Em 1959 foi convidado para gravar em São Paulo seu primeiro 78RPM; com as músicas: “Xote Soledade” e “Briga no Batizado”. [...] Teixeirainha começou a viajar para todo o Brasil conhecido como o “Gaúcho

1961, no LP “Um Gaúcho canta para o Brasil”, a canção toma pra si o *status* de hino e vai saldar o estudante brasileiro em todo seu afã estudioso. Teixeira nasceu em 1927, no Rio Grande do Sul. Aos 16 anos alista-se no Exército, mas acaba por não servir. Assim, vai trabalhar no DAER (Departamento de Estradas de Rodagem/RS), como operador de máquinas durante seis anos. Sua carreira como compositor e interprete inicia aos 20 e poucos anos quando começa cantando nas rádios das cidades do interior do Rio Grande, como Lajeado, Estrela, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul.

Se avaliarmos a história de vida de cada um desses artistas, ou intelectual, no caso cearense, todos são figuras públicas que, de alguma forma, tiveram uma grande expressão a nível nacional e internacional. Dessa forma, supomos que essa importância e, de certa maneira, influência que os discursos propagados por esses indivíduos em suas canções reverberaram tanto em sua época quanto em outras, tendo sido referência para muitos estudantes que ao se inspirarem nas letras puderam tecer sua carreira acadêmica aos moldes por elas apresentados. Já que muitos desses hinos e canções fizeram parte de inúmeras comemorações e homenagens aos estudantes, supomos que os discursos por estes cantados foram aceitos e incorporados por muitas entidades estudantis, em busca de legitimidade perante os diversos setores sociais e entre seus pares.

A primeira vez que encontramos uma citação referente à utilização do *Hino do Estudante Cearense*, foi nas comemorações, ainda na década de 1930, do Dia do Estudante e em solenidades que o Centro Estudantil Cearense promoveu em Fortaleza. Não podemos

Coração do Rio Grande”. Em 1963, ganhou o troféu “Chico Viola”, outorgado pela TV Record de São Paulo “Astros do Disco” - um programa de gala da televisão brasileira, que tinha por objetivo premiar os melhores do disco de cada ano, Teixeira ganhou por ter sido o cantor campeão de vendagem por dois anos consecutivos, em 1962/1963. Internacionalmente ganhou o troféu “Elefante de Ouro” com a maior vendagem de discos em Portugal. [...] A música “Coração de Luto” vendeu mais de vinte e cinco milhões de cópias, é a única no mundo, mais vendida superando cantores como Michael Jackson, Julio Iglesias, cantores contemporâneos de grande vendagem de discos, mas não de uma única música, como o caso de “Coração de Luto”, que continua na cotação de uma das músicas mais executadas. Em 1964, Teixeira escreveu o argumento do filme “Coração de Luto”, que foi produzido por Derly Martinez, através da Leopoldis Som, em 1966, outro recorde de bilheteria. Em 1969, foi protagonista no filme “Motorista Sem Limites”, tendo no elenco nomes como Walter D’Avila e Jimmy Pipiolo, produzido por Itacir Rossi. Em 1970 criou sua própria produtora, “Teixeirinha Produções Artísticas Ltda, pela qual escreveu, produziu e distribuiu dez filmes: “Ela Tornou-se Freira” (1972); “Teixeirinha, 7 Provas” (1973); “Pobre João” (1974); “A Quadrilha do Perna Dura” (1975); “Carmem a Cigana (1976); “O Gaúcho de Passo Fundo” (1978); “Meu Pobre Coração de Luto”(1978); Na trilha da Justiça (1978); “Trapeiro Velho” (1980); “A Filha de Iemanjá” (1981). [...] Recebeu nove discos de ouro, foi cidadão emérito de vários municípios como Passo Fundo, Santo Antônio da Patrulha, Rolante e etc. Em 1973 foi contratado para fazer quinze apresentações nos Estados Unidos da América. Em 1975 foi para o Canadá, onde realizou dezoito espetáculos. Fez shows na maioria dos países da América do Sul. [...] Teixeira faleceu dia 04 de dezembro de 1985, e está sepultado no Cemitério da Santa Casa, quadra n.4, túmulo n.4, na capital gaúcha”. Ver mais informações em: <http://www.teixeirinha.com.br/biografia.php> último acesso: 13/06/2017.

precisar a data da composição, pois em nossas pesquisas não encontramos referência ao ano da obra, apenas seus autores e que muitas escolas, também, se apropriavam da composição em suas solenidades estudantis.

Em suas quatro estrofes, identificamos algumas características que deveriam ser expressadas pelos estudantes tanto cearenses quanto os brasileiros como um todo. Logo nos primeiros quatro versos, Filgueiras Lima, fala que existe um “ideal puro e grandioso” que ilumina os esforços estudantis, esse ideal seria o futuro do Ceará e do Brasil. Se fizermos uma comparação com outros documentos, como os discursos ou mensagens presidenciais¹⁶⁵, que não falam diretamente sobre o estudante, mas que pensam sobre a educação nacional encontraremos o discurso exposto nesse primeiro momento do *Hino do Estudante Cearense*, sobre o estudante como sujeito primordial para o desenvolvimento futuro da Nação. Veremos, também, que esse discurso vai perdurar até a década de 1960, pois que para dar conta do progresso do Brasil, os estudantes, como geração subsequente deveriam portar-se da maneira exigida por esse progresso¹⁶⁶.

Teixerinha, em sua composição, também nas primeiras estrofes, vai conclamar os estudantes à ação pelo futuro do país.

I
Estudante brasileiro
Vai em frente sem temer
Pelo Brasil de amanhã
Vamos lutar e vencer

II
Estudantes brasileiros
Desta terra varonil
Hoje somos o futuro
Homens fortes do Brasil (grifo nosso) (TEIXEIRA, Vítor Mateus. Hino dos Estudantes. Interprete: Teixeira. In: Um Gaúcho Canta para o Brasil, Warner Music do Brasil, 1961. LP, Lado A.)

Na composição interpretada por Inezita Barroso, em 1961, vai cantar sobre esse dever e missão que é imposta ao estudante, de sujeitos responsáveis pelo desenvolvimento e

¹⁶⁵ Analisaremos estes documentos mais especificamente no próximo tópico deste capítulo.

¹⁶⁶ Em mensagem ao Congresso Nacional, o presidente Juscelino Kubitschek, em 1956, descreve o objetivo primeiro da Educação brasileira. Em suas palavras “O vigoroso e crescente desenvolvimento da estrutura econômica do País [sic] vem criando novas condições de vida social. Consequentemente, impõe-se a adoção de novos processos educativos e a atualização dos em vigor, a fim de que encaminhem as novas gerações ao estágio de comportamento sócio-cultural requerido por esse [sic] progressivo e acelerado desenvolvimento. Só assim educada, poderá a geração nova, participando do progresso nacional, contribuir para a conquista da grandeza econômica do Brasil”. (grifo nosso) Podemos observar na leitura do trecho grifado, que as mudanças que a educação deveria passar eram para adequar as novas gerações (os estudantes do presente e cidadãos do futuro) para o progresso da Nação.

sustentáculo do progresso, apenas na terceira parte da canção. E, de forma indireta. No hino inteiro não aparecerá nenhuma vez a palavra *futuro*, mas ao observarmos a passagem abaixo, identificamos que essa intenção fica subentendida.

Estudante do Brasil!
 Tua missão é a maior missão: Batalhar pela verdade,
 Impor a tua geração!
 Estribilho Marchar, marchar para a frente!
 Lutar incessantemente!
 A vida iluminar, Idéias avançar!
 E, assim, tornar bem maior,
 Com todo ardor juvenil:
 A Raça, o Ouro, o esplendor
 Do nosso imenso Brasil! (BARBOSA, Paulo, TARANTO, Aldo, ROULIEN, Raul.
 Hino Do Estudante Brasileiro. Interprete: Inezita Barroso. In.: A moça e a banda –
 Inezita Barroso e a banda da força pública de São Paulo. São Paulo: Copacabana CLP
 11319, 1963. LP Lado A)

Já no *Hino à Mocidade Acadêmica*, a palavra *futuro* continua na letra, porém a missão da categoria estudantil é mais explícita do que na canção anterior. No trecho abaixo vamos encontrar além da palavra *futuro*, que vai denotar o tempo do qual o estudante seria o responsável, também, o substantivo *esperança* que vai imprimir o mesmo sentido temporal à estrofe.

Sois da patria esperança fagueira,
 Branca nuvem de um rosco porvir,
 Do futuro levas a bandeira
 Hasteada na frente a sorrir.
 Mocidade, ela avante, ela avante,
 Que o Brasil sobre vós ergue a fé,
 Esse imenso colosso gigante
 Trabalhe por ergue-lo de pé. (grifo nosso) (GOMES, Antônio Carlos,
 BITTENCOURT, Sampaio. Hino à Mocidade Acadêmica Interprete: Inezita Barroso.
 In.: A moça e a banda – Inezita Barroso e a banda da força pública de São Paulo. São
 Paulo: Copacabana CLP 11319, 1963. LP Lado B)

Outro discurso presente nos hinos e canções, aqui analisados, é que cabia ao estudante, além de dar suporte ao desenvolvimento do Brasil, salvar a pátria. Em todas as composições encontramos os verbos *salvar* e *lutar* intimando o estudante à ação em momentos de perigo. Vemos esse chamamento ao estudante na segunda estrofe do *Hino do Estudante Cearense*, Filgueiras Lima conclama a “Mocidade vibrante e viril” para a luta, pois que é chegado o momento dos jovens salvarem o Brasil.

II

É chegado o momento da luta,
 Mocidade vibrante e viril,
 Este brado de angústia se escuta;
 Vinde, jovens, salvar o Brasil. (LIMA, Filgueiras, NOVO, Silvio. Hino do Estudante

Cearense, sem data.)

Já na canção de Teixeira, o autor chama o jovem estudante a unir forças para lutar pela Pátria.

Vamos lutar pela pátria
Todos juntos companheiros
 Salve, salve a juventude
 Estudantes brasileiros (TEIXEIRA, Vítor Mateus. Hino dos Estudantes. Interprete: Teixeira. In: Um Gaúcho Canta para o Brasil, Warner Music do Brasil, 1961. LP, Lado A.)

Ao invocar essa necessidade de salvaguarda e responsabilidade do estudante em prol da proteção do país percebemos que era exigido à categoria uma postura de defesa que pode ser entendida, também, em alguns casos, como um chamado ao alistamento militar. Atentemos que o estudante ideal deveria ter mais ou igual disciplina quanto um agente das forças armadas e é tão ou mais responsável pela segurança e prosperidade do país quanto o soldado, a ponto de ser oferecida a morte em glória da nação, num trecho do hino de Antonio Carlos Gomes.

Orgulhoso bretão lá dos mares,
 Respeitar-nos então há de vir,
 São direitos sagrados os lares
 Nunca mais ousarão nos ferir.
 Auri-verde pendão fulgurante,
 Hastene-o mancebos, com fé.
 Esse imenso colosso gigante
 Trabalhae por ergue-lo de pé.
 [...].
 Nossoa paes nos legaram guerreiros
 Honra e gloria, virtude e saber,
 Nós os filhos de paes brasileiros
 Pela pátria devemos morrer. (sic) (GOMES, Antônio Carlos, BITTENCOURT, Sampaio. Hino à Mocidade Acadêmica Interprete: Inezita Barroso. In: A moça e a banda – Inezita Barroso e a banda da força pública de São Paulo. São Paulo: Copacabana CLP 11319, 1963. LP Lado B)

Porém, com todo esse clamor de luta e salvação não vamos encontrar, de maneira direta, se esse chamado à luta é devido a perigos externos que ameaçam o Brasil, como dar a entender em algumas canções, como o trecho citado acima, ou se a questão do emprego do verbo *lutar* ainda vai se relacionar com o projeto de desenvolvimento nacional.

O discurso apresentado por essas canções vai de encontro do que foi pensado para a juventude desde o pós-guerra, o estudante centrado em seus estudos para o fortalecimento da sociedade e engrandecimento do país. Pensamento este que vamos encontrar, também, em muitos outros documentos que vão se dedicar em ditar normas e comportamentos para a

categoria, como o *Código de Ética do Estudante*, publicado em 1946, pelo Partido de Representação Popular¹⁶⁷. Ao entrecruzarmos os hinos e esses documentos encontraremos muitas semelhanças entre os dois discursos. Resolvemos fazer esse cruzamento pois, que entendemos que tanto os hinos quanto o código de ética desenvolvido por Plínio Salgado vão ser dispositivos que serviriam como ferramenta de disciplinarização do estudante. Há uma junção entre as noções de Ação e História, a ideia de controle do corpo e da mente como necessária ao controle da História. No fundo, esses dizeres expressam a ideia, herdeira do positivismo – vide Hino Nacional - de que a razão e a ação humana são responsáveis pela história.

Aqui procuramos, também, refletir como este pensamento sobre o *ser estudante*, expresso não somente pelos hinos e pelo código de ética do partido integralista, mas publicizados e difundidos por diversos estratos e instituições da sociedade vão se relacionar com a experiência, realizada pelo Centro Estudantil Cearense, um departamento de fiscalização e prevenção, criado ainda em 1933, que foi a Polícia Estudantil (PE). Consideramos de extrema importância pensar sobre as semelhanças e diferenças entre essas fontes outras e a própria atuação do ME por conta da presença das mesmas em publicações produzidas por estudantes, no mesmo período de atuação do órgão, já que alguns desses documentos foram publicados na Gazeta Estudantil, como documentos, de extrema relevância, que os estudantes deveriam conhecer e, possivelmente, seguir suas sugestões.

O *Código de Ética do Estudante*, como já citamos foi publicado em 1946, pelo Partido de Representação Popular, este documento é composto por 40 artigos, que buscavam dar um direcionamento aos estudantes, no caso como portar-se perante seu dever para com a pátria do Brasil. Dito de outro modo, encontramos nos artigos algumas “sugestões” sobre como deveria o estudante comportar-se diante da sua missão de salvaguarda do país.

No primeiro artigo do texto, o código exprime sua dimensão religiosa, pois o estudante era orientado a usar da sua “[...] crença em Deus e nos destinos sobrenaturais do Homem a luz

¹⁶⁷ O Partido de Representação Popular foi fundado no ano de 1945, por Plínio Salgado. Sua sede ficava na cidade do Rio de Janeiro, tendo como base ideológica o Nacionalismo. Esse partido ficou conhecido, também, por Partido Populista e reagrupou uma grande parte dos ex-integrantes da Ação Integralista Brasileira. O PRP obteve, entre os anos em que ficou ativo, um percentual representativo de parlamentares no Congresso Nacional. Em 1955, lançou a candidatura de Plínio Salgado à Presidência da República, tendo sido vencidas as eleições por Juscelino Kubitschek. Após o Golpe Militar de 31 de março de 1964, mais precisamente no dia 28 de outubro de 1965, com a imposição do Ato Institucional nº 2, que extinguiu os partidos políticos, o PRP foi dissolvido, tendo a maioria de seus integrantes migrado para o partido que representava os interesses do governo militar, a ARENA.

que te guiará no meio da confusão dos desorientados e da corrupção dos costumes”. De acordo com este item, podemos supor que o sujeito que não possuísse crença ou que não estivesse em consonância com o exposto, logo de primeira, no documento, estaria excluído do perfil de estudante ideal.

Nos segundo e terceiro artigos, o texto vai tratar do país, de como os estudantes devem se inspirar nos sujeitos que os precederam e imitar os heróis da pátria, para darem continuidade ao processo de engrandecimento do Brasil, devendo assim, fazer sua parte e poder entregar às futuras gerações um país desenvolvido.

II) Toma o Brasil que herdastes dos teus maiores e transmite-o engrandecido e mais belo à geração que te suceder.

III) Imita os heróis da tua Pátria, cultua as tradições da tua gente, confia nas imensas possibilidades do teu povo, fala-lhe transmitindo-lhe o fogo do teu ideal; e, falando ou escrevendo, estudando ou agindo, crê no futuro do Brasil. (CÓDIGO DE ÉTICA DO ESTUDANTE – PRP, 1946)

Já no quarto artigo do código de ética, podemos observar a importância que o PRP dava ao princípio da Família. Esta, ao ser “[...] o primeiro grupo natural, é o próprio fundamento da Pátria [...]”. Dessa forma, se o estudante fosse um bom filho e honrasse sua família, conseqüentemente seria um bom patriota. Neste item, novamente, o texto toca na questão religiosa, aqui especificando a crença, pois o bom filho saberia “[...] um dia construir o seu lar com dignidade cristã e sentimento de responsabilidade histórica”.

Dentre os quarenta artigos dispostos pelo código de ética, muitos vão exaltar a construção de um indivíduo acrescido moralmente, desprendido das paixões que o podem cegar durante a sua caminhada para a vida adulta e, em seu dever de agir em prol do engrandecimento do Brasil.

XVII) Habitua-te a consultar o mais íntimo da tua consciência, afim de que te não iludas por alguma vós (sic) que te engana falando em lugar dela, nas horas em que te deixas levar pelas paixões ou pelo desejo de desempenhar um bonito papel cortejado a fácil popularidade. (Artigo 17 do CÓDIGO DE ÉTICA DO ESTUDANTE – PRP, 1946)

XXIV) Sê um homem de pensamento, mas sê um homem de ação. O pensamento para transformar-se em ação precisa, primeiro, transformar-se em sentimento. Idéia (sic) que não é sentida é idéia (sic) morta. A ação é forma objetiva de idéias (sic) vivas, oriundas de realidades e criadoras de novas realidades. Cultiva o ideal, mas sê realista. (CÓDIGO DE ÉTICA DO ESTUDANTE – PRP, 1946)

Os artigos vão versar sobre diferentes comportamentos, em diversas ocasiões, que devem ser incorporados pelos estudantes éticos do Brasil. Alguns vão discorrer sobre como o estudante deve se relacionar com os conhecimentos adquiridos na escola e na vida, com suas

aspirações profissionais e políticas, com os problemas sociais, nas relações com a categoria, com o próximo e consigo mesmo.

XIX) Ensina o povo a raciocinar; é êsse (sic) o meio de o libertar dos tiranos, dos aventureiros e mestificadores.

XXV) Procura conhecer a fundo a profissão que abraçares; faz dela um instrumento da tua cooperação na obra de felicidade humana e da prosperidade da Pátria.

XXXII) Pergunta diariamente à tua consciência: que fiz hoje para enriquecer minha inteligência, para aprimorar as minhas virtudes, para beneficiar os meus semelhantes, para servir a minha Pátria e para agradar a Deus? (CÓDIGO DE ÉTICA DO ESTUDANTE – PRP, 1946)

O artigo de número 33, nos chamou uma maior atenção, pois vai tratar da forma que o estudante deve estudar a História do Brasil. Para Plínio Salgado, o estudante ético deve estudar a História do país através do olhar participante e, não, de um mero espectador. Já que “[...] no momento em que a estudas, constitues uma continuidade da narrativa heróica (sic); és a derradeira palavra do passado e a primeira palavra do futuro”. Esse pensamento, no qual o estudante, é a todo momento lembrado do seu papel ativo na construção de uma grande nação, investindo no presente (através do estudo) em prol de um futuro maior que a sua própria vida adulta (em prol do Brasil), vai permear todos os artigos desse documento.

Outro artigo que tomou nossa atenção e nos levou a refletir sobre qual visão o autor detinha acerca do papel da História, naquele período, foi o de número 23. No texto, o autor afirma que ao escolher entre um lugar no governo ou na História, o estudante deveria selecionar o segundo, pois que “[...] ninguém poderá remover-te, nem demitir-te, nem aposentar-te”. Dessa forma, coadunando com o item 33, identificamos a importância dada pelo autor à História *magistra vitae*, uma História calcada na exemplaridade dos heróis e vultos do passado.

Como podemos perceber, ao analisar esse código de ética produzido pelo PRP, várias são as semelhanças que podemos encontrar entre seu discurso e o proposto pelos hinos e canções que analisamos alguns parágrafos acima. O modelo ideal defendido por esses dois tipos documentais é o de um estudante que deve se preocupar tanto com sua educação, presando seu alevantamento intelectual, quanto sua missão no processo de desenvolvimento social, cultural, político e econômico da pátria. Esses discursos todos, portanto, fazem parte de um tempo, de uma visão de mundo e a imagem de estudante não estava solta nesse mundo.

Se pudéssemos sintetizar, em um único artigo, o discurso predominante nas duas tipologias de fontes, escolheríamos o de número seis, pois este afirma que, o estudante deve atentar-se aos deveres de sua educação, aos prazeres de sua juventude, mas jamais deveria

esquecer, de seu dever para com o Brasil.

VI) És estudante e deves estudar; és moço e podes divertir-te; lembra-te, entretanto, de que és também brasileiro e deves uma parte do teu tempo aos interesses da tua Pátria. (CÓDIGO DE ÉTICA DO ESTUDANTE – PRP, 1946)

Diante do exposto, podemos observar que os discursos empreendidos por essas diferentes vozes, tanto os hinos e canções, quanto o código de ética do PRP, estão diretamente ligados a invenção/construção de um modelo ideal de estudante que se queria formar no Brasil. Aqui no Ceará, esses discursos vão tomar fôlego por meio da sua divulgação em jornais e impressos voltados para o público estudantil e no próprio cotidiano escolar, quando reproduzidos e cantados em celebrações da categoria.

Tomamos como exemplo a reprodução na íntegra, por partes, do *Código de Ética do Estudante* na seção dominical estudantil no jornal *Gazeta de Notícias*, para entendermos como estes discursos chegaram ao Ceará. A primeira vez em que este documento é mencionado no *Gazeta Estudantil* é na edição de primeiro de outubro de 1959, são publicados os dez primeiros artigos do código. Nas outras edições do mês de outubro, no cantinho da sessão, virão os outros artigos em continuidade. Supomos que a publicação ou, digamos, a presença deste tipo de documento numa página feita por estudantes para estudantes é, no mínimo, inquietante. Pois entendemos que havia um interesse, podemos dizer, educativo, por parte dos editores de expor aquela forma ideal de comportamento para os estudantes cearenses, como também, em muitos exemplares foi publicada uma coluna, em parceria com a Secretaria de Educação e Cultura, chamada “O que o estudante deve saber”, com trechos da legislação do país, como por exemplo, os símbolos nacionais.

Destarte, a produção desse tipo de coluna, a reprodução de códigos de conduta, como é o *Código de Ética do Estudante*, ou de textos que de alguma forma, traziam discursos sobre o comportamento ou como o estudante deveria se moldar torna-se de extrema importância, em nossa investigação, pois podemos entender os múltiplos meios e estratégias pelas quais os vários setores sociais, inclusive os próprios estudantes, ditavam normas ou, dito de modo menos impositivo, procuravam sugerir determinados comportamentos ideais aos estudantes cearenses.

No próximo capítulo vamos refletir sobre como esses discursos foram rejeitados ou apropriados, de forma prática, pelos grupos estudantis estudados. A proposta é identificar como o Centro Estudantil e o Centro Liceal organizaram suas ações e intervenções no cotidiano da cidade de Fortaleza. Buscamos compreender como esses discursos sobre o *ser estudante*

estavam dissolvidos em atividades como os concursos para a escolha da Rainha dos Estudantes, nas comemorações do Dia do Estudante, nas ações políticas em prol do social e, por fim, nos momentos de vigilância por parte da Polícia Estudantal.

4 OS ESTUDANTES NA DINÂMICA DA CIDADE: PRÁTICA/CULTURA POLÍTICA E AÇÕES DE SOCIABILIDADE NA BUSCA DA LEGITIMAÇÃO ESTUDANTIL.

4.1 O 11 DE AGOSTO: CELEBRAÇÃO DOS ESTUDANTES, COMEMORAÇÃO DA SOCIEDADE.

Ao se pretender contar a história da movimentação e organização dos estudantes brasileiros, que vem desde os tempos em que o país foi colônia de Portugal, como afirma Arthur Poerner (2004), é de praxe que nos remetamos à criação da União Nacional dos Estudantes, a UNE. Porém, o que não devemos fazer é menosprezar a atuação de outras entidades que se organizaram em âmbito regional, tendo sua existência legitimada perante o Estado e a Sociedade, como é o caso do Centro Estudantil Cearense. Pois como afirma, Manuel Aguiar de Arruda, antigo membro do Centro Estudantil, em entrevista a Bráulio Ramalho (2002) “[...] o período iniciado pela criação do CEC até meados da década de 50 no Ceará, talvez tenha sido a fase mais rica do movimento estudantil brasileiro”.

Em defesa de sua tese, assegura que o ME cearense tinha organização, tinha estrutura, tinha prestígio e tinha força. Defendeu, ainda, ser o ME a única força na fase da ditadura Getulina a ser temida pelo interventor cearense Menezes Pimentel, a única força a fazer frente à repressão policial, à temida e truculenta Polícia Especial. (RAMALHO, 2002, p. 46)

Ao tomarmos estes grupos como menores, pelo fato de serem regionais, perdemos muitas possibilidades de análise e continuamos reproduzindo uma história focada num só eixo, Rio-São Paulo.

A atuação estudantil, como movimento que se identifica como grupo, não pode ser conceituada como evento isolado só porque não era tomado como uma ação de caráter nacional. Um exemplo de movimento estudantil, organizado, presente e respeitado nos espaços estudantis foi o Centro Estudantil Cearense, que em 1931, seis anos antes da criação da UNE, já propunha-se a representar a totalidade dos estudantes do Estado do Ceará e, fomentava a criação de outros centros pelo país, como poderemos ver ainda neste capítulo.

Se analisarmos os documentos que datam a criação do Centro Estudantil Cearense, este pensado a partir da experiência da Casa do Estudante do Brasil, mesma referência que Poerner (2004) afirma ser para a fundação da UNE, o CEC foi muito mais que uma agremiação que não conseguia ultrapassar os muros de universidades e faculdades¹⁶⁸. O Centro buscou, desde seus primórdios, representar e lutar pelos interesses de quantos estudantes fossem, de

¹⁶⁸ Poerner (2004, p. 120) vai afirmar que antes da criação da UNE, em 1937, houveram “[...] dois males [que] minaram todas as tentativas de dar organicidade ao movimento estudantil, só permitindo o funcionamento de entidades cujo raio de ação raramente ultrapassava o limite dos muros da faculdade em que tinham sede, tais como grêmios e os centros acadêmicos, ou as associações e agrupamentos de caráter específico”.

quaisquer graus de ensino e escolas, em território cearense.

Podemos ver essa organização estudantil a partir da própria produção de um jornal, com mais de 50 páginas cheias de conteúdo e publicidades, que buscava apresentar as ações realizadas pela entidade e publicizar a produção intelectual de seus sócios. Outro exemplo, mais significativo, foi a proposta de construção de uma casa aos moldes da Casa do Estudante do Brasil, que tem como início de suas obras o ano de 1933. Podemos citar muitos outros exemplos de ação estudantil, aqui no Ceará, que desconstrói a afirmativa de Poerner, na qual só é possível escrever uma História do Movimento Estudantil, se pensarmos, apenas, a partir da criação da UNE.

Ao refletirmos sobre a inclusão da homenagem no calendário cívico do país e, posteriormente, em alguns estados feriado, podemos supor que a categoria detinha prestígio nos mais variados espaços de poder. Além de uma data comemorativa, instituída pelo Estado, encontramos referência de outra data celebrativa reservada aos estudantes, no exemplar da *Folha Estudantal*, de setembro de 1934. Neste caso, o dia 21 de setembro marcaria o dia dos estudantes pan-americanos.

A instituição do “Dia do Estudante Americano” – póde-se dizer, por ser justiça proclama-lo – foi uma das maiores vitórias da classe estudantil da América. Êle representa, para os que têm o senso de organização, a resolução do serio problema da união de vistas da mocidade, o sentimento de confraternização de milhares e milhares de moços, o pensamento livre de inúmeros cérebros cheios de vida e a ação desinteressada de braços sem conta de jovens batalhadores, esteios da sociedade de amanhã da America inteira, que, já hoje, compreendendo a sua finalidade no mundo, calejam, sabe Deus e que trabalhos rudes, as mãos acostumadas a dobrar páginas de livros, na gloriosa ambição de mostrar a todos que a mocidade dos dias atuais é senhora de si e dos seus atos, e tanto tem cérebro para pensar como braços para construir.¹⁶⁹

Seguindo o texto comemorativo, o autor afirma que o CEC, juntamente com outras entidades estudantis, estava buscando um maior intercâmbio com “[...] os colegas de outros Estados, ora lutando para mostrar a todos – brasileiros ou não – a grandeza do seu ideal [...]”, ou seja, ao se afirmar que somente com a criação da UNE, houve uma tentativa concreta de unificação da categoria não respeitaria a atuação de outras entidades que buscaram, antes de 1937, romper com as fronteiras territoriais na divulgação da luta estudantil.

Para nós, os que formamos, neste rincão querido da imensidade do Brasil, o “Centro Estudantal Cearense” – sociedade que abriga, sob a sua bandeira vitoriosa, sem distinção de cores ou credos, a alma moça da terra alencarina – a transcorrência de tal efeméride só poderia calar fundamente em nosso espírito, dada a sua alta e mobilidade significação social.¹⁷⁰

De forma alguma estamos menosprezando a fundação da entidade que buscou congregar todos os estudantes do país, mas devemos dar crédito ao Centro Estudantal Cearense

¹⁶⁹ FOLHA ESTUDANTAL, 21 de setembro de 1934, p. 3.

¹⁷⁰ FOLHA ESTUDANTAL, 21 de setembro de 1934, p. 3.

por sua pioneira organização, luta e representação estudantil fora dos muros escolares.

Essa representação se dava de muitas formas, seja na publicação da *Folha Estudantil* ou na luta pela meia-entrada nas casas de diversão da cidade e nos transportes públicos. Porém, nos focaremos neste tópico nas comemorações do *Dia do Estudante*, evento de grandes proporções não somente para a categoria, mas mexia com o cotidiano da sociedade fortalezense, com festejos que chegavam a durar a semana inteira e que ganhavam páginas inteiras de alguns jornais locais.

Assim, primeiramente, devemos entender como se deu a incorporação do dia 11 de agosto como *Dia do Estudante Brasileiro*.

O 11 de agosto marca a data de criação dos primeiros cursos jurídicos do Brasil, inaugurados em 1827, em São Paulo e Pernambuco, sendo considerados como o começo do ensino superior no Brasil. A conquista para os estudantes brasileiros, que a partir dessa data não precisariam mais sair do país para concluir seus estudos, foi tornada data comemorativa da categoria, pelo decreto nº 17.874 – A, de 9 de agosto de 1927, assinado pelo presidente Washington Luis P. de Sousa, que declarou “feriado nas escolas superiores officiaes e equiparadas o dia 11 de agosto do corrente anno”.

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, usando da attribuição que lhe confere o art. 48 n. 1, da Constituição, resolve declarar feriado, nas escolas superiores officiaes o equiparadas, o dia 11 de agosto do corrente anno, data em que se commemora o centenario da creação dos cursos juridicos no Brasil. Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1927, 106º da Independência e 39º da República.¹⁷¹

A instituição de uma data comemorativa, em homenagem a categoria estudantil, no calendário cívico do país mostra-nos como os estudantes eram tidos como grupo social de extrema relevância para a sociedade, visto que em muitas situações foram os estudantes que encabeçavam movimentos em prol das camadas populares, como por exemplo, a campanha para a construção da Maternidade Popular de Fortaleza, que falaremos ao longo deste capítulo.

Joël Candau (2012) ao refletir sobre os usos da comemoração cita Auguste Comte, pois segundo este autor, o ato de comemorar pretende desenvolver um laço, “[...] entre a geração atual, o espírito histórico e o sentimento de continuidade”. (COMTE, 1849, p. 11 *Apud* CANDAU, 2012, p. 147)

No espírito dos preceitos de Comte, aniversários e comemorações invadiam os calendários para organizar as memórias com a esperança de unificá-las, de tal maneira que pudessem participar do jogo identitário no sentido desejado pelos grupos ou indivíduos: legitimação, valorização, conjuração, exclusão, adesão aos acontecimentos fundadores, manutenção da ilusão comunitária, da ficção da permanência e do sentimento de uma cultura comum, revitalização, “enrijecimento”

¹⁷¹ Decreto nº 17.874-A, de 9 de agosto de 1927. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-17874-a-9-agosto-1927-518730-publicacaooriginal-1-pe.html> Último acesso em 03/02/2017.

ou “congelamento” da identidade quando considerada ameaçada. (CANDAU, 2012, p. 147)

A data comemorativa era uma homenagem que ultrapassava o grupo e glorificava o avanço educacional do país com a implantação dos primeiros cursos superiores de Direito. Destarte, o Dia do Estudante Brasileiro, como ponto no calendário cívico, sacramentava a importância da categoria nos espaços de poder sociais e, para além do conagraçamento, possibilitava a construção de múltiplos discursos sobre “o que é ser estudante no Brasil?”. Esses discursos variavam entre os que defendiam o controle social da categoria, expondo características de um modelo a ser seguido, como de exclusão para os que não se encaixassem ou, ainda, construções de si, dando assim um movimento de identificação/unicidade entre milhares de sujeitos num só, o Estudante Brasileiro.

Encontramos muitas fontes que mostram, em certa medida, a importância da categoria nos mais diferentes espaços de poder. Uma delas são as propagandas e notas em homenagem aos estudantes publicadas tanto nos jornais privados como no periódico estudantil. A grande quantidade de anúncios que preenchiam as páginas da *Folha Estudantil*, nos fazem concluir que os anunciantes enxergavam nos estudantes e, no próprio periódico, um importante meio de divulgação e consumo de seus produtos.

Figura 17:



Fonte: *Folha Estudantil*, 11 de agosto de 1935, p. 65

Na imagem acima, a loja de calçados “A Garôta”, faz uma pequena homenagem a categoria estudantil cearense pelo seu dia. Porém, se dermos mais atenção ao texto, observamos que o 11 de agosto transborda sua significação, já que se comemora, também a fundação do

Centro Estudantal Cearense.

As homenagens aos estudantes, pelo seu dia, já aconteciam de forma mais grandiosa, desde a fundação do CEC, em 1931. Mas a data só foi oficialmente posta no calendário cívico do Estado, quatro anos depois. Em 9 de agosto de 1935, o Governador do Estado do Ceará, Dr. Menezes Pimentel, decreta oficialmente o feriado do Dia do Estudante, o 11 de agosto.

Entendemos esse gesto, do Governo do Estado, como uma importante afirmação da entidade, pois se analisarmos o texto de justificativa do decreto, podemos identificar que a data refere-se, mais especificamente, como um reconhecimento da fundação do CEC.

Se fizermos uma comparação dos textos que justificam os decretos referentes ao dia do estudante, o nacional e o conferido pelo governador do Ceará, identificamos que no segundo há maior ênfase na fundação do CEC e não na criação dos primeiros cursos jurídicos do país. Assim, supomos que perante o governo do Estado do Ceará, a entidade estudantil contava com bastante prestígio.

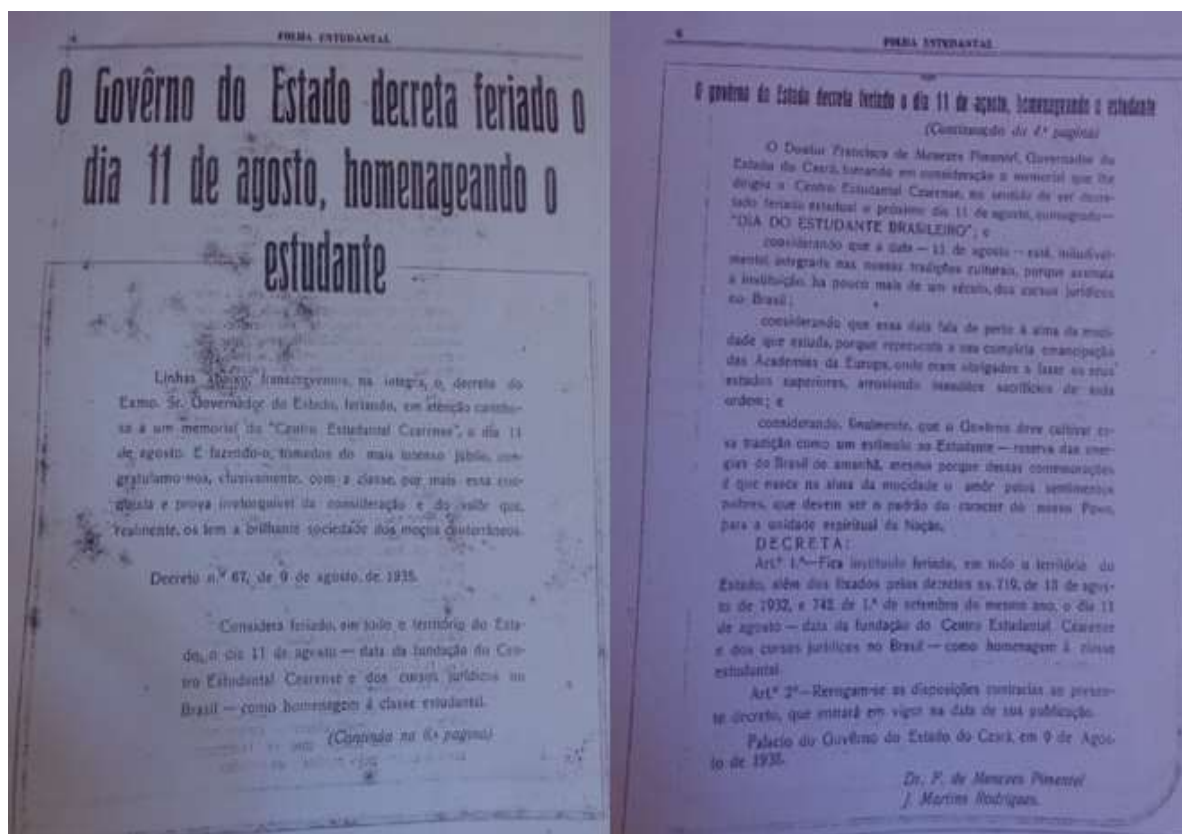
Outra diferença entre os dois decretos é que o assinado pelo presidente Washington Luís, o decreto nº 17.874-A, de 9 de agosto de 1927, estabelece feriado apenas para as escolas superiores e equiparadas no corrente ano, ou seja, a data seria limitada a comemoração do centenário dos cursos jurídicos e não ao sujeito estudante. Já no decreto nº 67, de 9 de agosto de 1935, é considerado feriado em todo o território do Estado, sem nenhuma limitação ao ano corrente e nem as escolas superiores, pois este homenageava a fundação do CEC e a criação dos primeiros cursos jurídicos do Brasil.

O gesto do governo do Estado do Ceará para com a classe estudantil e o CEC é tomado pelo Centro como reconhecimento de suas lutas e, não podemos esquecer, como uma forma de legitimar sua posição de representante maior da classe no Estado. O decreto é publicado na íntegra no exemplar da *Folha Estudantal* de agosto de 1935, acompanhado com o seguinte texto de apresentação.

Linhas abaixo, transcrevemos, na íntegra, o decreto do Exmo. Sr. Governador do Estado, feriado, em atenção carinhosa a um memorial do “Centro Estudantal Cearense”, o dia 11 de agosto. E fazendo-o tomados do mais intenso júbilo, congratulamo-nos, efusivamente, com a classe, por mais essa conquista e prova irretorquível da consideração e do valor que, realmente, os tem a brilhante sociedade dos moços conterrâneos.¹⁷²

Figura 18:

¹⁷² FOLHA ESTUDANTAL, 11 de agosto de 1935, p. 4.



Fonte: Folha Estudantal, 11 de agosto de 1935, p. 65- 66.

Ao analisarmos o texto que acompanha a publicação podemos inferir que houve uma comunicação entre a diretoria do CEC com o gabinete do governador, pois é dito que foi enviado ao governador do Estado do Ceará um memorial pedindo que fosse decretado feriado estadual, em homenagem aos estudantes, no dia 11 de agosto. Podemos identificar, também, uma visão do papel imputado a “mocidade que estuda”, que seria a “reserva de energias do Brasil de amanhã”. Assim, as comemorações e homenagens serviriam para cultivar “na alma da mocidade o amor pelos sentimentos nobres, que devem ser o padrão do caráter do nosso Povo, para a unidade espiritual da Nação [...]”.

Outra informação relevante é que, de acordo com o autor do texto presente no decreto, a data do 11 de agosto estaria “[...] iniludivelmente, integrada nas nossas tradições culturais [...]”, já que ao assinalar a criação dos primeiros cursos jurídicos no país, os estudantes brasileiros deixaram de ser “obrigados a fazer seus estudos superiores, arrostando inauditos sacrifícios de toda ordem [...]”, nas universidades europeias.

Podemos perceber que na justificativa que estabelece o 11 de agosto como feriado estadual existem, implicitamente, a promoção dos valores que devem ser cultivados pelos estudantes que estão sendo agraciados por uma homenagem. Esses elementos, chamados pelo autor do texto, de “sentimentos nobres”, são os valores que sempre se repetem (Estudante ordeiro, disciplinado, honrado e salvador do futuro da pátria) e, que a todo momento estavam

sendo verbalizados e incentivados nos eventos de classe ou mesmo no cotidiano das escolas, nos ritos de acolhida dessas instituições, características essas cantadas pelos “hinos do estudante”, que analisamos no capítulo anterior¹⁷³.

As comemorações do *Dia do Estudante* no Ceará vão tomar maiores proporções desde o início da década de 1930, por estarem ligadas diretamente ao Centro, uma vez que as festividades buscavam unir as homenagens aos estudantes e a fundação de sua entidade representativa, construindo assim, uma ideia de pertencimento e identificação. Pois como afirma Candau (2011, p. 149) “A atividade da memória que não se inscreve em um projeto do presente não tem carga identitária, e, com mais frequência, equivale a nada recordar”.

Figura 19: Capa do *Gazeta de Notícias* referente aos festejos do Dia do Estudante de 1935.



Fonte: GAZETA DE NOTÍCIAS, 11 de agosto de 1935, capa.

Na imagem acima podemos observar que o *Gazeta de Notícias*, de agosto de 1935,

¹⁷³ Em nossas pesquisas no meio digital, encontramos em vários blogs e sites, de ex-alunos do Liceu do Ceará ou de outras instituições de ensino, que muitas escolas do Estado do Ceará utilizavam os hinos, mais especificamente o Hino do Estudante Cearense, para receber os alunos a cada turno escolar e, também, nos eventos destinados aos estudantes. Dessa forma, a repetição de tais características e valores do “verdadeiro estudante” deveriam ser absorvidas pelos demais, assim, buscando construir e promover um modelo para o estudante cearense.

dedica a capa da edição em comemoração ao *Dia do Estudante*. A publicação ainda conta com as fotografias dos principais dirigentes e representantes dos estudantes, daquele ano, além de divulgar a programação dos festejos promovidos pelo CEC.

Abrimos esta página prestando uma homenagem muito merecida ao estudante Cearense, pela passagem do dia risonho que lhe é consagrado, associando-nos, destarte, às alusivas manifestações de alegria que enchem esta data. Nós que sempre vivemos em contacto com a valorosa mocidade do <<Centro Estudantal>> não poderíamos deixar de manifestar também o nosso entusiasmo pelas suas realizações, não poderíamos calar nosso sentimento quando toda a alma do estudante é vibração, celebrando o transcurso de mais um ano de vitórias na sua jornada luminosa de reivindicações.¹⁷⁴

Dentre as fotos publicadas estão as duas princesas¹⁷⁵, Senhorita Zilma de Castro e Altair Sampaio, a Rainha dos estudantes de 1935, Suzana Dias, o presidente do CEC, Francisco Vasconcelos Arruda, o 1º secretário do CEC, Yaco Fernandes e, por fim, o diretor da *Folha Estudantal*, Germano Holanda.

Faz jús integralmente às expressivas manifestações de simpatia do povo cearense quem, de modo tão galhardo, vem batalhando como a agremiação dos nossos educandos, em demanda de um futuro melhor, realizando um destino grandioso, iluminado de dolradas esperanças. E aqui vai o nosso aplauso sincero á essa obra de são patriotismo, certos de que conosco sintoniza o coração de todo Ceará, incentivando a epopéia harmônica de empreendimentos que é hoje, a vida do estudante cearense e o será amanhã igualmente, porque é inexgotável o manancial de suas energias, para a grandeza futura do Brasil. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 11 de agosto de 1935, capa)

Entre as fotografias, o autor da matéria, homenageia a classe estudantil, descreve em poucas palavras algumas realizações do Centro Estudantal em prol dos estudantes cearenses, fala um pouco do ideal centrista e, ao final, dá a programação que ocorrerá durante todo aquele dia de conagração.

O <<Centro Estudantal Cearense>> realizou o milagre soberbo de congraçar num elo estreito de fraternidade todas as energias moças de nossa terra, até bem pouco dispersas e voltadas para fins diversos. Hoje toda a classe é um só pensamento, um só ideal. <<Hontem o estudante cearense era padrão de desordem. Hoje ele é modelo de disciplina>>. [...] O ideal centrista, grande como é, não se podia circunscrever aos limites do nosso Estado. E assim é que, já se acham fundados Centros iguais ao nosso em Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte, onde a data de hoje, será festivamente comemorada. No interior do Ceará, Crato, Aracaty e Sobral têm, do mesmo modo a sua sociedade estudantina. E confia a mocidade cearense ver dentro em breve este ideal difundido amplamente em todo o território do Brasil, com a fundação do <<Centro Estudantal cearense>>¹⁷⁶.

Das atividades que estavam previstas para o 11 de agosto, daquele ano, foi celebrada uma missa pela manhã pelo Arcebispo de Fortaleza, torneios de futebol e basquete,

¹⁷⁴ GAZETA DE NOTÍCIAS, 11 de agosto de 1935, capa.

¹⁷⁵ Às candidatas, que ficavam em 2º e 3º lugar no pleito, era dado o título de princesas, sendo a Rainha e as princesas formadoras da “Família Real dos Estudantes”. Outra referência a realeza, “Casa Real”, aparece em reportagem cujo título é “Reconhecendo oficialmente o novo trono estudantal”, publicado no Correio do Ceará, em 1942, em decorrência aos festejos do dia do estudante e dos 11 anos de fundação do CEC.

¹⁷⁶ GAZETA DE NOTÍCIAS, 11 de agosto de 1935, capa.

sessões gratuitas de cinema, almoço na Casa do Estudante e visita às dependências dos departamentos do CEC. Durante a noite, a partir das 19 horas, haveria a abertura da sessão solene, no Teatro José de Alencar, em celebração ao aniversário da entidade estudantil.

Como podemos observar, desde os primeiros anos de fundação do CEC, os festejos do *Dia do Estudante*, em Fortaleza, não eram apenas pequenos eventos que chamavam a atenção apenas da categoria estudantil, mas a cada ano foram crescendo e tornando-se eventos de grande porte, com a presença de autoridades estaduais e nacionais, como aconteceu nas festividades do 11 de agosto de 1952, que além de comemorar a data magna dos estudantes brasileiros, marcou a inauguração definitiva da Casa do Estudante Cearense¹⁷⁷.

Tanto nos jornais locais quanto nos impressos estudantis que pesquisamos, encontramos a programação de vários eventos que comemoraram o 11 de agosto, na capital cearense. Por meio dessas fontes, podemos afirmar que o CEC procurou conclamar a sociedade fortalezense para as atividades comemorativas dos estudantes. Assim, supomos que essa chamada de integração aos festejos poderia ser uma forma de ocupar espaços e legitimar a categoria, mostrando a relevância da entidade e de seus sócios para a sociedade. Tomamos como exemplo da importância tida para com o CEC e seus sócios, os banquetes oferecidos pelos Diários Associados, as missas em Ação de Graças celebradas pelo Arcebispo de Fortaleza e a presença das autoridades civis.

O BAILE NO IRACEMA E O ALMOÇO NO PALACE HOTEL

Ainda em regozijo pela passagem do Dia do Estudante, o Centro Estudantil Cearense oferecerá, no dia 11, às 12 horas, no Palace Hotel, um almoço às autoridades locais, à imprensa e aos estabelecimentos de ensino da capital. Após a coroação da Rainha do Estudante que se realizará no Teatro José de Alencar, o C.E.C., homenageará a sociedade de Fortaleza, com um grande baile às 22 horas do dia 11, nos luxuosos salões do Club Iracema, gentilmente cedido pela sua diretoria. Para essas solenidades recebemos atenciosos convites prometendo a elas comparecer-mos.¹⁷⁸

As festividades não se restringiam apenas ao dia 11, como já afirmamos, as programações eram divulgadas à população pelos jornais locais. A cada ano, as comemorações iam ganhando mais atividades. Por exemplo, desde a fundação do CEC junto com os festejos do Dia do Estudante, acontecia a coroação da Rainha e Princesa dos Estudantes. Esse outro evento se arrastava em longas campanhas durante os meses que antecederiam a data magna estudantil as disputas para conseguir eleger a representante de cada escola como Rainha Estudantil era acirrada, chegando a gerar conflitos entre os comitês de campanha. Sobre os concursos de Rainha dos Estudantes trataremos mais a fundo no próximo tópico deste capítulo.

As atividades realizadas pelo Centro Estudantil Cearense, em homenagem ao dia

¹⁷⁷ “A Casa Do Estudante do Ceará é a maior de todo o Brasil”, *Correio do Ceará*, 9 de Agosto de 1952, p. 6.

¹⁷⁸ GAZETA DE NOTÍCIAS, 7 de agosto de 1940.

do estudante e ao seu aniversário de fundação, tomavam os mais diferentes locais de Fortaleza. A Casa do Estudante, construída no bairro da Aldeota, o Liceu, na Jacarecanga, a Lagoa de Messejana, localizada na zona sudoeste do município, o Estádio Presidente Vargas, no bairro do Benfica, dentre outros locais públicos e particulares, eram tomados por essas atividades. Os estudantes procuravam ocupar os mais variados espaços da cidade, pois se fizermos um pequeno itinerário por Fortaleza, partindo dos citados acima, podemos identificar sua presença nos locais mais afastados como a Lagoa de Messejana que ficava distante do que nos anos 1940 seria o centro da cidade. Se observamos que neste período Fortaleza não tinha a extensão e nem a facilidade nos transportes como atualmente, os estudantes conseguiam estar presentes e vivenciar a cidade por inteiro.

Encontramos nas programações dos festejos e, posteriormente, nas notícias que descreviam como haviam sido as comemorações, as atividades que foram desenvolvidas pelas entidades para estudantes e a sociedade cearense.

Importa-nos perceber que dentre as muitas atividades organizadas pelo Centro Estudantil em homenagem à classe, outros setores sociais também vão organizar suas próprias homenagens aos estudantes. Dessa forma, entendemos esses eventos como momentos de legitimação da categoria perante a sociedade, já que ao homenagear os estudantes estes setores estão legitimando a presença e atuação da classe estudantil no meio social cearense.

Em agosto de 1940, o famoso Rotary Clube de Fortaleza homenageia os estudantes com uma Palestra do Dr. Teles da Cruz e, como afirma a nota publicada pelo Gazeta de Notícias, “algumas palavras de D. Chiquinha Rodrigues”. Ao evento compareceram os sócios de Fortaleza e alguns da filial da cidade do Crato. O evento contou com a presença, para além dos rotarianos, a “Família real” do CEC, representada pela Rainha dos Estudantes¹⁷⁹ a Sta. Marliete Fiusa e as princesas, a educadora D. Chiquinha Rodrigues, o prof. Dr. Teles da Cruz, o diretor da Imprensa Oficial e presidente da Associação Cearense de Imprensa.

Ainda no ano de 1940, o Centro dos Retalhistas, somando-se às atividades do CEC realizara sessão solene para comemorar a data.

Com a presença da embaixada do Centro Estudantil Cearense, composta do seu presidente, acadêmico Francisco Arruda, da família real e demais autoridades da mesma agremiação, foi aberta a sessão pelo coronel Antonio Mendes, que após o hino do estudante, passou a palavra para o orador oficial, professor Byron de Oliveira Freire. Este pronunciando em entusiástico e patriótico improviso, falou de modo emocionante à alma do estudante cearense aludindo ao estudante do Centro dos Retalhistas. O próprio professor Byron de Oliveira Freire foi muito aplaudido.

¹⁷⁹ Encontramos nesta reportagem o nome de Marliete Fiusa como Rainha dos Estudantes, porém ao analisarmos as eleições de 1940, pelo Gazeta de Notícias, a vencedora do concurso deste ano foi Neli Nogueira Assunção e as duas princesas, candidatas que ficaram em 2º e 3º lugares, foram Dícia Silveira e Maria Regina Picanço. Possivelmente, Marliete Fiusa seria a Rainha escolhida no ano anterior.

(GAZETA DE NOTÍCIAS, agosto de 1940).

Assim, como em 1935, no ano de 1946, as comemorações foram abertas pelo Centro Estudantil via rádio. De acordo com chamada do jornal *Unitário*, a programação dos festejos daquele ano, incluíram abertura da temporada do CEC e proclamação à classe através das ondas da PRE-9, além de visitas da diretoria centrista às escolas de Fortaleza, legitimando a posse da nova diretoria desses diretórios. As festividades de 1946 se estenderam desde o dia 1º de agosto ao dia 11, culminando com um baile no Teatro José de Alencar, coroação da Rainha dos Estudantes de 1946, coquetel oferecido à imprensa e outras autoridades, além de uma palestra transmitida pela PRE-9.

Ainda sobre as comemorações do 11 de agosto de 1946, outras entidades, além do CEC, organizaram festas em homenagem aos estudantes. A União Estadual dos Estudantes em parceria com o Grêmio Brigadeiro Sampaio, da Escola Preparatória de Fortaleza (EPF), conforme a nota publicada no *Unitário*, de 2 de agosto de 1946, “A festa terá um caráter de conagração entre os acadêmicos de Fortaleza e os alunos daquele estabelecimento de ensino militar”. Na programação publicizada pelo jornal constam como atividades o hasteamento das bandeiras das duas entidades, jogos esportivos, apresentações de ginástica acrobática e visita às dependências da EPF.

Podemos observar que em todas as programações publicadas nos jornais sobre os festejos do *Dia do Estudante*, em Fortaleza, eram oferecidos banquetes e coquetéis à imprensa e autoridades civis e militares pelo CEC. Supomos que esta era a forma que o CEC agradecia a estes setores que tanto prestigiavam as ações do Centro, e que de certa forma era um apoio não somente a entidade, mas a toda a categoria estudantil. Poucos eventos, aqui não restringimos nossa análise as comemorações do 11 de agosto, mas as demais atividades celebrativas do CEC, sempre houve um evento para homenagear a imprensa nesses espaços. Entendemos essa prática como uma forma de buscar aprovação de suas ações perante essa força que influenciava a opinião pública que são os meios de comunicação de massa. Como no caso abaixo:

[...] Em seguida, no auditório da Casa do Estudante Pobre realizou-se o anunciado cock-tail em homenagem á imprensa do Ceará, tendo falado, em primeiro lugar, o presidente do Centro, que pronunciou importante discurso. A Rainha dos Estudantes cearenses, senhorita Rita Barroso, ergueu um brinde á imprensa, seguindo-se com a palavra o dr. Valter de Sá Cavalcante que, em magnífico improviso, falou em nome de todos os jornais da cidade, fazendo referenciais elogios aos esforços da classe estudantil e, ao mesmo tempo, oferecendo-lhe integral apoio em todos os empreendimentos que, porventura, fossem levados a efeito em benefício do estudante pobre do Ceará.¹⁸⁰

Notamos, também, que as festividades não se restringiam apenas ao dia exato dos

¹⁸⁰ UNITÁRIO, 4 de agosto de 1946, capa.

estudantes. Em muitos anos as homenagens duravam uma semana chegando, algumas vezes, a durarem os dez dias que antecediam o 11 de agosto, como aconteceu em 1946. Outro ponto que não podemos deixar de observar são os rituais seguidos pelo Centro Estudantil e por outras entidades nas celebrações. Na grande maioria dos eventos sempre há o hasteamento das bandeiras, seja das entidades quanto a nacional e estadual. Outro rito é a execução do Hino Nacional e, mais especificamente, o Hino do Estudante. Dessa forma, supomos que estes rituais são uma tentativa de dar legitimidade à celebração, mostrando para a sociedade que há seriedade naquele festejo, que vai muito além de um dia de folga e equivale ao reconhecimento de uma categoria que buscava tomar parte dos espaços de poder da sociedade.

Alguns jornais publicavam sobre as festividades em outros locais do Estado, como foi no ano de 1955, que o jornal *Unitário*, lança nota das celebrações do *Dia do Estudante*, em Sobral, realizado pelo Centro Estudantil Sobralense.

Como parte das solenidades da Semana do Estudante promovida pelo Centro Estudantil Sobralense, a sociedade de Sobral tomará parte hoje em grande festa dançante, a realizar-se no Palace Clube e que, pelo interesse despertado, está prometendo ser umas das mais animadas. Para tomar parte na aludida festa, seguirá de Fortaleza hoje com destino a Sobral uma luzida caravana integrada por destacados elementos da administração e sociedade fortalezense, figurando, entre eles, o governador Flavio Portela Marcilio, o Secretário de Educação, professor Humberto Fontenele, os deputados Aquiles Peres Frota, Brasilina Freitas, Francisco V. Arruda, vereador Dorian Sampaio e os jornalistas Felizardo Mont'Alverne, secretário de UNITÁRIO, João Climaco Bezerra, Roberto Antunes e Luciano Gaspar. [...] ¹⁸¹

Porém, nem todas as comemorações são grandiosas como as organizadas pelos centristas de Fortaleza. Em nota publicada na edição do *Unitário*, de 18 de agosto, o correspondente do jornal Pe. Antonio A. Nogueira, afirma que a celebração do 11 de agosto em Iguatu foi, em suas palavras, “[...] melancólica, cuja sessão alusiva à data não teve assistência do povo e muito menos das autoridades que vergonhosamente e de modo inexplicável fogem sempre de reuniões dessa natureza”. Ainda de acordo com o autor da reportagem, muito do fracasso das comemorações se deu, além do desânimo do povo, dos políticos e dos estabelecimentos de ensino, pelo fato de estarem alguns sujeitos em vias de fundarem outro centro estudantil. O correspondente do periódico acaba seu texto convocando os representantes do Centro Estudantil de Fortaleza para que tomem providências e “não consintam que tamanha molecagem se consuma”.

Não podemos ainda adivinhar porque razão se vem devotando tão nefasto desprezo a essa entidade estudantil, cujo lema é tão somente trabalhar pela classe amparando-a em todos os setores e concitando-a à prática do bem. Mesmo diante de tudo isso o sr. Stilac Bastos levou a efeito uma sessão na sede da União Artística Iguatuense, onde se viu apenas numericamente quatro pessoas sentadas à Mesa. ¹⁸²

¹⁸¹ UNITÁRIO, 13 de agosto de 1955, capa.

¹⁸² UNITÁRIO, 18 de agosto de 1955, p. 3.

Das inúmeras atividades desenvolvidas nas comemorações do *Dia do Estudante*, o CEC promovia sessões gratuitas de cinema nas principais salas de exibição de Fortaleza. O curioso é que as sessões eram divididas entre os sexos, os rapazes só podiam assistir aos filmes listados para a exibição no Cine Majestic e as moças no Cine Jangada. Não encontramos nas programações quais filmes eram exibidos, mas supomos que faziam parte dessa lista os que estavam de acordo com as instruções da Igreja Católica, assim como, encontramos as indicações¹⁸³ nas sinopses do jornal *O Nordeste*.

Em nossas pesquisas encontramos outras notas publicizando comemorações de outras classes, mas em nenhuma das programações analisadas há registros detalhados, como aparecem na dos estudantes. Também, não são feitas matérias que consomem quase a totalidade da página dos jornais descrevendo detalhes sobre as festividades. Assim, podemos identificar uma diferenciada empolgação ou mesmo um engajamento em divulgar assuntos ligados à categoria estudantil. Além disso, observamos que antes da finalização das obras da Casa do Estudante, em 1952, as celebrações estudantis se davam nos espaços mais importantes da cidade, como o Teatro José de Alencar e Estádio Presidente Vargas. Porém, mesmo após a inauguração definitiva da Casa do Estudante muitos desses eventos continuavam a ocupar tanto espaços públicos quanto particulares, demonstrando assim, o prestígio que detinha a classe estudantil.

As reportagens que antes traziam apenas resumos e programações sobre as festividades, a partir do final dos anos 1950 e início da década de 1960, vai nos proporcionar a visualização das atividades desenvolvidas no dia do festejo. Em 1961, na sessão dominical do *GN Estudantil*, publica-se o resumo das comemorações, mas também, mostra aos leitores imagens do desfile estudantil que ocorreu na manhã do 11 de agosto. Essa maneira de comemorar, mostrando-se nas ruas, festejando em céu aberto as vistas curiosas dos cidadãos de Fortaleza é mais uma forma de ocupar os espaços. Agora os festejos não ocorriam apenas em locais fechados, que dependiam de convites ou que limitavam o acesso da população, mas buscou-se ocupar os mais variados espaços da cidade. Assim, como os desfiles comemorativos do 7 de setembro, que tem como objetivo reafirmar o lugar social das Forças Armadas, supomos que expandir a celebração estudantil para as ruas é uma tentativa de legitimação da categoria nos mais variados espaços de poder que compõem a cidade. Acreditamos que, para além da

¹⁸³ No jornal *O Nordeste*, a sessão cultural trazia informações e indicações sobre os filmes em cartaz. As sinopses vinham seguidas de adjetivos como para que os leitores pudessem ter uma pequena noção do que se tratava a película e de quem estaria apto a assistir. Por exemplo, os filmes que não estivessem de acordo com a moral cristão eram descreditados pelo produtor da coluna. Este afirmava que a história contada não era construtiva ou o enredo era ruim. Dessa forma, a Igreja Católica indicava o que seus leitores deveriam ou não consumir.

tentativa de legitimação do grupo, a ida às ruas constitui uma prática política mantida até hoje pelos estudantes, onde ocupar os espaços da cidade traz visibilidade às demandas reivindicadas. Como afirma Poerner (2004, p. 39) “Os estudantes estão nas ruas”.

Figura 20:



Fonte: GAZETA DE NOTÍCIAS, GN Estudantil, 13 de agosto de 1961, p. 2.

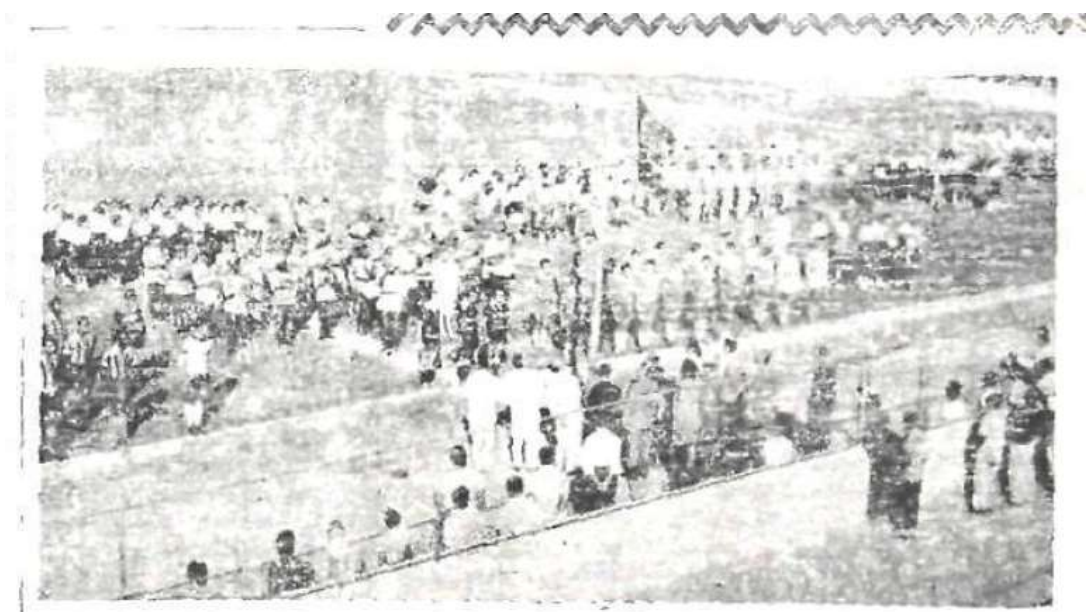
Se analisarmos, a própria chamada da matéria do *GN Estudantil* de agosto de 1961, “CLASSE ESTUDANTIL SOUBE FESTEJAR SEU DIA COM ALEGRIA, GARBO E DISCIPLINA” nos dá subsídios para refletir acerca de qual perfil estudantil estava sendo tomado como modelo para o restante da classe. Festejar com “alegria, garbo e disciplina”, comportamento desejado ao tipo estudantil ordeiro, contrariava qualquer tipo de atuação indisciplinada e fora do padrão moral defendido pelo Centro Estudantil. Ao refletirmos sobre esse comportamento almejado pelo CEC, podemos justificá-lo por conta da grande influência da União Democrática Nacional (UDN)¹⁸⁴ na entidade. De acordo com Aroldo Mota (1997, p. 137) “A UDN, por ser um partido da classe média intelectualizada, continuou com uma boa organização estudantil, participando de atos políticos e se infiltrando nas organizações da classe”, tanto que no início da década de 1950 o presidente do CEC era Aquiles Mota, militante

¹⁸⁴ A criação da União Democrática Nacional, como partido só ocorreu em 1945, com a aprovação da Lei Agamenón, que tornava obrigatório, como condição para o registro, seu caráter nacional. Assim, conforme afirma Lucilia Delgado (2003, p. 134), “A nova lei visava, portanto, garantir dois pilares principais ao sistema partidário: o pluripartidarismo e abrangência nacional”. Ainda, de acordo com Delgado (2003, p. 137) a UDN foi um partido que tinha como fundamento a crítica e oposição a Getúlio Vargas e ao getulismo. A autora ainda coloca que as críticas eram “[...] a tudo que se vinculasse ao presidente”. No Ceará, de acordo com Aroldo Mota (1997, p. 60) “A UDN estava bem estruturada no Estado, assim é que, além de manter a maioria dos Deputados na Assembléia Legislativa, tinha o jornal O Povo para divulgar os fatos e era simpática às classes comerciais do Estado, contando ainda com uma qualificada bancada de Deputados na Câmara Federal [...]”.

da UDN. Ainda de acordo com Mota (1997, p. 140), o Centro “[...] recebia dotação orçamentária por iniciativa do deputado udenista, Paulo Sarasate”. Dessa forma, não nos é estranho que o CEC defendesse que seu estudante frequentasse os melhores lugares (espaços da elite), agisse de forma elegante e ordeira¹⁸⁵.

Já estudantes que não se adequavam ao padrão eram excluídos das matérias jornalísticas. Estes, somente apareciam em momentos não comemorativos ou sob outros adjetivos. As reportagens que descreviam um outro tipo de estudante, muitas vezes não atribuíam na descrição sua ocupação e sua escola, mas estes eram encaixados em outra categoria, como veremos mais adiante, os famosos Rabos-de-Burro¹⁸⁶.

Figura 21:



Fonte: GAZETA DE NOTÍCIAS, GN Estudantil, 14 de agosto de 1960, p. 7.

Nas fotografias expostas nos jornais, referentes aos festejos estudantis, a grande maioria mostra essa disciplina das comemorações. O adjetivo “harmonioso” é o mais recorrente para descrever as atividades estudantis do Centro Estudantil, como podemos observar na imagem abaixo, onde os estudantes estão harmoniosamente contemplando o governador Parsifal Barroso hastear a bandeira brasileira no Estádio Presidente Vargas, em 1960, na comemoração de mais um Dia dos Estudantes.

¹⁸⁵ Aroldo Mota (1997) publica em seu livro, *História Política do Ceará (1950-1954)*, uma convenção produzida pelos estudantes udenistas do estado. Nesse documento, uma declaração de princípios, um de seus pontos versava sobre a formação estudantil, em plano nacional. Para eles era necessário “pugnar pela formação moral da mocidade. Buscando a elevação do nível cultural da literatura infanto-juvenil, por meio de uma seleção mais rigorosa e de um aproveitamento, em maior escala, de assuntos e motivos nacionais”. (p. 138)

¹⁸⁶ Falaremos com mais profundidade sobre os Rabos-de-Burro no tópico 2, deste capítulo.

Nos jornais em que centramos nossas pesquisas encontramos muitas notícias, entre pequenas notas e reportagens de capa, sobre as festividades estudantis, porém o jornal *O Nordeste* foi o que menos noticiou, principalmente no final dos anos 1950 e início dos 1960, os eventos estudantis. Percebemos que o foco do jornal ao falar sobre os estudantes se restringia a colunas sobre a temática da educação, uma e outra nota sobre alguma greve ou reunião de entidades, estas últimas supomos que sejam espaço de divulgação comprado pelas entidades.

Diante de tantas matérias acerca das festividades do *Dia dos Estudantes*, pudemos perceber a importância dada ao Centro Estudantil pelo periódico *Gazeta de Notícias*, pois mesmo com todas as notas, matérias e reportagens que tem como tema realizações estudantis, festejos, reuniões etc. o *Gazeta* é o que mais publica sobre essa agremiação. De todos os jornais pesquisados este é o único que mantém por mais tempo em circulação um espaço exclusivo para os estudantes e produzido por eles, o *GN Estudantil*, de que já falamos no capítulo anterior. Os demais, *Unitário* e *Correio do Ceará*, publicavam pequenas notas sobre as atividades desenvolvidas pelos estudantes, apenas dando destaque aos grandes eventos, como a inauguração da Casa do Estudante em 1952.

Voltando às atividades desenvolvidas durante as festividades estudantis em comemoração ao *Dia do Estudante*, pudemos perceber que um desses eventos permaneceu até o fim do CEC em 1963, quando este se funde com o UCES virando o CESC, que foram os certames para eleger a Rainha dos Estudantes de cada ano. Desse modo, analisaremos como se deram os primeiros concursos e como essa tradição estudantil permaneceu durante os mais de trinta anos de existência do Centro Estudantil Cearense, tendo um importante papel na promoção dos ideais e valores promovidos pelo centro para identificar o verdadeiro *sujeito estudante*.

4.2 OS EVENTOS ESTUDANTIS PELA CIDADE: MOVIMENTANDO FORTALEZA COM OS CONCURSOS DE RAINHA DOS ESTUDANTES.

Muitos foram os eventos culturais e desportivos organizados pelas entidades estudantis em Fortaleza, mais especificamente, realizações do Centro Estudantil Cearense. Um dos mais importantes eventos pensados pelo CEC que envolviam outros setores além da entidade, foram os concursos para eleger a Rainha dos Estudantes Cearenses, certame este, inspirado nos concursos de beleza feminina¹⁸⁷ já existentes, desde o final do século XIX.

¹⁸⁷ Em Fortaleza, vários clubes promoviam concursos para a escolha de moças que representariam o ideal de beleza e os valores de suas instituições, podemos citar inúmeros exemplos de clubes de lazer que organizavam seus concursos de Rainha, como o Clube Maguari, Clube Iracema, Clube do Líbano, Clube Massapeense, etc.

Surgidos na Europa, no final do século XIX, os concursos de beleza feminina se tornam populares apenas na segunda metade do século seguinte. Depois de suspensos, em função das crises políticas e da Segunda Grande Guerra, em quase todos os países, voltam com toda a intensidade nos anos 50, chegando ao ápice do magnetismo e amplitude. (SANTOS, 2011, p. 68)

Se retomarmos a História sobre os concursos de beleza no Brasil, são encontrados registros de eventos dessa categoria na década de 1920. De acordo com Lídia Noêmia Santos (2011, p. 68) “[...] as primeiras competições iniciam com a realização da eleição da Mais bela mulher do Brasil, em sintonia com as comemorações do Centenário da Independência (1922) [...]”.

Ainda de acordo com a autora esses concursos tiveram a influência dos seus congêneres que aconteciam nos Estados Unidos da América, para a escolha da mulher mais bonita de todos os estados do país. Outros concursos se sucederam ao longo da década e, em 1930, houve no Rio de Janeiro o primeiro concurso a nível mundial, conforme afirma Santos (2011, p. 68), o primeiro Miss Universo a ser realizado fora dos EUA.

Ao refletimos mais especificamente sobre os concursos de beleza no Brasil, a maioria dos estudos nos remetem aos anos 1950, pois foi em 1954, com a derrota da baiana Marta Rocha por conta das famosas “duas polegadas a mais”¹⁸⁸ que as reportagens vão ganhando maior espaço na grade jornalística.

Sobre a polêmica das duas polegadas de Marta Rocha, os fortalezenses foram informados acerca da situação pela matéria de capa do *Correio do Ceará*, de 28 de julho de 1954.

Porém, os holofotes não se restringiam apenas aos concursos mais grandiosos como o Miss Brasil ou o Miss Universo, muitas instituições, sindicatos e clubes adotavam os concursos que elegeriam as moças mais belas e virtuosas que seriam o rosto dessas entidades. Um exemplo importante que define bem o que eram esses outros concursos foram os que

¹⁸⁸ Martha Rocha chegou a final do Miss Universo de 1954, porém não conseguiu vencer o concurso, pois estaria com duas polegadas a mais no quadril, dessa forma, não estando nos padrões dos juízes. Esse episódio ficou conhecido como “as duas polegadas a mais”. A Revista Cruzeiro, de outubro de 1954, afirmou na matéria que cobria o regresso da candidata brasileira ao país, que as medidas de Martha foram apenas uma desculpa para que o título de Miss Universo não saísse dos Estados Unidos, naquele ano. João Martins, editor da matéria, afirmou que “Vi que ela só não ganhou a coroa de Miss Universo porque, êste ano, o troféu precisava ficar na cabeça de uma norte-americana, sob a pena do concurso morrer naquele país (o que não convinha aos promotores, pois êsse concurso, antes de mais nada, representa um negócio comercial que dá grandes lucros). (Revista Cruzeiro, 16 de outubro de 1954, p. 110) Porém, essa história, de acordo com Martha Rocha, em sua autobiografia, afirma que foi uma invenção do repórter João Martins para a Revista Cruzeiro. Martha diz que tudo foi combinado em Long Beach, sede da final do Miss Universo, com outros jornalistas brasileiros, pois dessa forma consolaria o orgulho dos conterrâneos da candidata.

deveriam eleger a Rainha do Rádio. Nos referendando ainda nos estudos de Santos (2011), a diferença existente entre esses dois certames estava no poder de voto. No caso das eleições para Rainha do Rádio o maior detentor de voto era a população, os ouvintes que votavam em suas cantoras prediletas. Outra diferença é que “A escolha da Rainha do Rádio estava associada, para o eleitor, mais aos sentimentos de aproximação, completude dos perfis de artista, do que propriamente por critérios de qualidade vocal [...]” (SANTOS, 2011, p. 70)

Entendemos que o estudo desses concursos, mais especificamente neste trabalho, os concursos que elegiam a Rainha dos Estudantes são de extrema importância para compreendermos as variadas formas de sociabilidade desenvolvidas pelos estudantes cearenses, visto que esses eventos corroboravam as ideias e valores que o CEC defendia como necessárias para formar o modelo ideal de estudante. Outra suposição que levantamos, é a de que as moças escolhidas como Rainha e Princesa dos estudantes, também, representavam o CEC e a categoria estudantil nos espaços de poder da cidade de Fortaleza.

No Ceará, esses concursos de *miss* ou eleições para Rainhas de sindicatos, jornais, comércios, clubes etc. existem desde os anos 1920, e estes concursos aparecem antes mesmo do *Miss Ceará*. Não é coincidência que encontramos nos exemplares de alguns jornais de Fortaleza do início dos anos 1930, logo após a criação do CEC, em 1931, matérias, notas e reportagens de capa sobre as acirradas campanhas para eleger a Rainha dos Estudantes cearenses.

O primeiro registro que encontramos sobre os concursos para eleger a Rainha dos Estudantes Cearenses foi uma nota do jornal *O Povo*, de 1930, que fala sobre a coroação da Rainha dos Estudantes daquele ano, a escritora Raquel de Queirós. Como registrado abaixo:

Logo após a sua brilhante eleição para o throno estudantal – eleição realizada a voto descoberto pela grande maioria dos estudantes cearenses – a gentilíssima senhorinha Rachel de Queiroz, victoriosa autora do “O Quinze”, por força de suas funções no magistério, como professora da Escola Normal, viu-se na contingencia de seguir para o sul do Estado, como examinadora de vários estabelecimentos de ensino, obrigando-nos a adiar a cerimonia cívica de sua coroação, que estava marcada para 15 de junho último. (O POVO, 11 de julho de 1930, capa)

Figura 22: Matéria com a escritora Rachel de Queiroz, quando da sua eleição ao trono estudantil, no ano de 1930.

A Coroação de S. M. a Rainha dos Estudantes



Logo após a sua brilhante eleição para o throno estudantal—eleição realizada a voto descoberto pela grande maioria dos estudantes cearenses—a gentilissima senhorinha Rachel de Queiroz, victoriosa autora do «O Quinze», por força de suas funcções no magisterio, como professora da Escola Normal, viu-se na contingencia de seguir para o sul do Estado, como examinadora de varios estabelecimentos de ensino, obrigando-nos a adiar a cerimonia civica de sua coroação, que estava marcada para 15 de Junho ultimo.

Agora, porém, tendo regressado a esta capital, a jovem rainha e escriptora vae ser coroada para reinar sobre a mocidade das escolas com o scetro de seu formoso talento, reafirmado em tantas e tão brilhantes jornadas intellectuales.

Podemos annunciar ao publico que alludida cerimonia occorrerá no dia 26 de Julho corrente, no edificio da Escola Normal, onde O POVO, com a permissão do illustrado director daquela casa, fará construir bellissimo throno, sob a direcção esthetica do inspirado e fiaissimo artista patricio o gentleman Paurillo Barroso.

A cerimonia constará de uma sessão civica, havendo discursos pronunciados por um representante geral dos corpos discentes dos collegios de Fortaleza, (podendo, no entanto, cada collegio fornecer seu interprete, com discursos visados por seus directores); por um representante dos corpos docentes e por um representante deste jornal.

S. Majestade responderá em fala do throno, ladeada pelas serenissimas princezas, as exmas. senhorinhas Esther Fiusa, Leticia Ferreira Lima e Neyde Paula Lima Vieira.

Todos os collegios, desta capital e do interior, far-se-ão representar.

Diariamente publicaremos novos detalhes sobre essa festa da mocidade escolar.

Fonte: Capa do jornal O Povo, 11 de julho de 1930.

Ainda de acordo com o jornal, todos os colégios da capital se fariam representar durante a cerimônia de coroação, que contaria com a seguinte programação:

A cerimonia constará de uma sessão cívica. Havendo discursos pronunciados por um representante geral dos corpos discentes dos collegios de Fortaleza. (podendo, no entanto cada collegio fornecer seu interprete, com discursos visados por seus directores); por um representante dos corpos docentes e por um representante deste jornal, S. Majestade responderá em fala do throno, ladeada pelas sereníssimas princezas, as exmas. Senhorinhas Esther Fiusa, Leticia Ferreira Lima e Neyde Paula Lima Vieira. (O POVO, 11 de julho de 1930, capa)

O segundo registro sobre as eleições para Rainha dos Estudantes foi o discurso proferido por Reinaldo Carleial, em comemoração a coroação da Rainha de 1934, Altina Albuquerque, aluna da Escola Normal Pedro II. O discurso foi publicado na edição da *Folha Estudantal* de setembro de 1934. Nele encontramos algumas características que são dadas a eleita, mas que pertencem a todas as alunas da Escola Normal. O autor fala sobre a estima que as normalistas despertavam no restante da classe estudantil, elas são chamadas de “modernas fadas da alegria” que não haveria ninguém que não amasse vê-las passando pelas ruas toda

manhã em direção à sede da Escola Normal.

E quem não ama vel-as, sempre sorridentes e garrulas, alegorias vivas da eterna esperança? Toda manhã, élas espalham com as festivas côres de suas fardas, rubras pinceladas na paisagem monótona da cidade. São as modernas fadas da alegria. Por toda parte onde vão, levam comsigo o presente de um olhar, de um sorriso, de um afetuoso bom dia, na graciosa imagem que o poeta engastou num verso: “*Rosa que andava, que falava, que sorria*”. [...] (FOLHA ESTUDANTAL, setembro de 1934, p. 13)

No mesmo discurso pudemos identificar, também, o pensamento que o CEC emanava sobre o papel de si e da mais nova representação da entidade perante os desafios que a categoria estudantil cearense poderia enfrentar.

Nos combates que travamos em prol do estudante conterrâneo, erguendo bem alto a bandeira do “CENTRO”, lutaremos abrigados pelo vosso trono, como baluarte. Empunhando o cetro de Rainha dos estudantes cearenses, vós assumis o sagado dever de velar a lâmpada votiva dos sonhos ardentes da nova geração da terra de Alencar, mocidade que se abroqueia nos livros, e, dentro da fortaleza do pensamento, acessas as almenares do ideal, põe sentinela vigilante às esperanças da Pátria. (FOLHA ESTUDANTAL, setembro de 1934, p. 14)

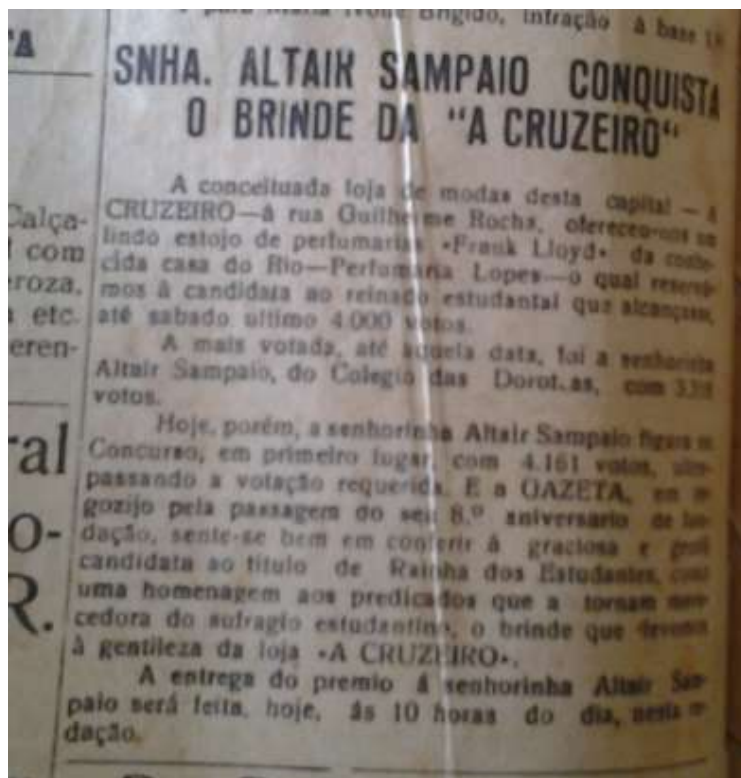
Esses concursos mobilizavam muitas pessoas, instituições e entidades estudantis. As candidatas tinham comitês de campanha e muitos cabos eleitorais. Seus perfis e entrevistas eram publicadas em alguns periódicos de Fortaleza, como por exemplo, o *Gazeta de Notícias*. Neste jornal, dos *Diários Associados*, conglomerado que, também, apoiava e organizava o *Miss Brasil*, chegava a publicar diariamente sob o título “Qual será a Rainha dos Estudantes Cearenses?” a posição de cada candidata num *ranking*.

Não eram apenas os resultados parciais, dia a dia, que eram publicados, como já afirmamos, as candidatas tinham um espaço reservado para falar sobre si e, também, eram-lhes feitas perguntas envolvendo suas qualidades e sobre sua vivência escolar, além, de sua opinião acerca do Centro Estudantil e suas propostas de representação da categoria estudantil.

O posto de Rainha dos Estudantes cearenses era visto como de extrema importância, pois aquelas moças por um ano seriam reconhecidas como as escolhidas pelos estudantes para representarem, com suas virtudes, qualidades e ideais a totalidade da categoria no Ceará. As próprias candidatas, antes mesmo do fim do concurso, eram alvo dos olhares de várias instituições, primeiramente, da escola a qual estava representando, dos comitês de candidatura, dos eleitores, mas também da sociedade em geral como podemos observar numa matéria publicada durante as eleições divulgando que a candidata Altair Sampaio recebeu um brinde de

uma loja de modas, sediada em Fortaleza, a *Cruzeiro*¹⁸⁹.

Figura 23: Gazeta de notícias, julho de 1935.



Fonte: Gazeta de Notícias, julho de 1935.

Ao cargo de Rainha dos Estudantes era imputada uma imensa responsabilidade¹⁹⁰. A escolhida deveria durante o mandato ser exemplo de civismo e delicadeza, já que a Rainha dos Estudantes carregaria os mesmos ideias defendidos pelo Centro Estudantil e, consequentemente, seguiria o perfil estudantil definido pela entidade.

A candidata de 1935, senhorita Altair Sampaio, representante do Colégio Dorotéias, descreve um pouco do que representava para ela este concurso.

[...] – A sua modéstia como que nos cerceia o campo das indagações. Mesmo assim,

¹⁸⁹ SNHA. ALTAIR SAMPAIO CONQUISTA O BRINDE DA “A CRUZEIRO”, *Gazeta de Notícias*, julho de 1935.

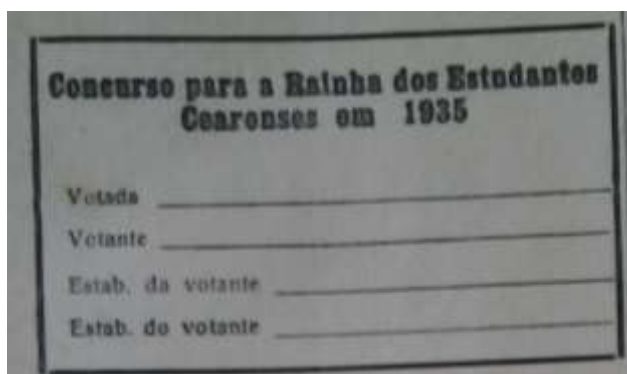
¹⁹⁰ Não encontramos muitos detalhes acerca do cotidiano das Rainhas e nem das princesas pós coroação, mas sabemos que em todas as festividades e celebrações organizadas pelo CEC, a realeza comparecia. Porém, encontramos nos jornais notas da presença da soberana em reuniões com os governadores e personalidades públicas importantes. Nessas reuniões, a Rainha, procurava intermediar pedidos feitos pelos estudantes, essas reuniões tinham um caráter mais diplomático. Afinal, as Rainhas dos Estudantes representavam uma classe bastante respeitada no meio social do Estado e a visita às personalidades era uma questão de cortesia que dava legitimidade ao Centro Estudantil perante a sociedade.

dir-nos-ia a sua maneira de apreciar o concurso?

- É uma clara e elegante pugna de virtudes. A evidencia do que digo se sobreleva ao pensarmos que a escolhida representará o “Centro Estudantal Cearense”, cujas largas iniciativas, alicerçam o edifício de suas formidáveis realizações e requerem muito de combatividade e audácia. De pra com isso, o concurso que ora se realiza foi inspirado, penso eu, por uma cogitação feliz. Esta, a de proporcionar a colaboração incentivadora e amiga de uma alma toda dedicada, em coração e pensamento, aos grandes ideais que animam aos estudantes contrerrâneos, no combate ao que empreendem de véro e elevado civismo. [...] (GAZETA DE NOTÍCIAS, 16 de Julho de 1935, p. 2)

O *Gazeta de Notícias*, junto com as notas, fotografias e entrevistas com as candidatas, trazia uma cédula para que os estudantes pudessem votar na candidata escolhida. De acordo com o edital regulador de 1940, os votos poderiam ser depositados em uma urna presente na redação do *Gazeta de Notícias* e, ao final de cada dia, seria feita uma apuração para a divulgação dos *rankings* diários, com a presença de um representante de cada corrente eleitoral.

Figura 24: Cédula para votação no concurso Rainha dos Estudantes de 1935.



Concurso para a Rainha dos Estudantes
Cearenses em 1935

Votada _____

Votante _____

Estab. da votante _____

Estab. do votante _____

Fonte: *Gazeta de Notícias*, 16 de julho de 1935.

Em outra edição do mesmo periódico, identificamos na fala de Américo Barreira, defensor da candidatura de Suzana Dias, candidata da Escola Normal, a posição da diretoria da Escola sobre a participação de uma de suas alunas neste pleito. Américo afirma que,

[...] – Embora que sem alarme, a Escola Normal se tem pronunciado pró candidatura de Suzana Dias. E agora, de último, tivemos o ensejo de um contacto mais direto, por que notâmos extraordinário entusiasmo da quase unanimidade das alunas do tradicional estabelecimento. Hoje, realizámos uma reunião no Auditorium da Escola, pela manhã, assistida por todas as normalistas presentes, no momento, ouvindo-se insistentemente, aclamação á comissão do “comitê”, de envolta com o nome de Suzana Dias. Foi um delírio. A turma está firme p’ra burro. [...] (GAZETA DE NOTÍCIAS, 19 de julho de 1935, p. 2)

Em 1935 é eleita a senhorita Suzana Dias como Rainha dos Estudantes Cearenses. A moça reinaria até o dia 11 de agosto de 1936, completando um ano de realeza. Seu rosto sai na capa da edição de 11 de agosto da *Folha Estudantal*. As princesas foram as senhoritas Zilma

de Castro e Altair Sampaio. Suzana foi eleita com 64.831 votos.

Figura 25: Capa do *Gazeta de Notícias* com as fotos das três finalistas do concurso de 1935.



Fonte: *Gazeta de Notícias*, 21 de julho e 1935, capa.

Sabemos que existia um regulamento que regia cada um dos concursos, mas só conseguimos encontrar o publicado em 1940. Dividido em dez itens, as bases reguladoras definiam que o concurso de 1940, seria patrocinado pelo *Gazeta de Notícias* e teria início em 1º de julho com conclusão do dia 31 do mesmo mês. Outra prerrogativa importante era a qual tratava da aptidão do voto, primeiramente, supomos que seriam apenas os sócios do CEC, mas o edital afirmava que “Qualquer estudante matriculado em estabelecimento desta capital terá direito de votar, mas a votada é exigido ser matriculada em instituto de ensino superior ou secundário de Fortaleza”.

Nos casos de desistência da candidatura, a comissão só aceitaria por escrito e entregue pessoalmente pela própria candidata. É importante frisar, que o edital informa que nenhum membro da comissão responsável pelo concurso poderia votar ou se manifestar em público contra ou a favor de nenhuma candidata, mantendo assim, uma imparcialidade acerca do certame.

Nesse ano de 1940, novamente, as páginas do *Gazeta* deram espaço para as matérias

e entrevistas com as candidatas a futura Rainha dos Estudantes, pois este era o patrocinador do evento. Ao fim da apuração dos votos, mais de vinte mil votos para a candidata vencedora, mais uma vez o jornal cedeu sua capa, primeira página a ser apreciada pelos leitores, para divulgação das vencedoras do concurso estudantil, mostrando, novamente, que a categoria detinha certo prestígio com o órgão comunicacional.

Figura 26:



Fonte: Gazeta de Notícias, 1 de agosto de 1940, capa.

O pleito de 1943, onde as vencedoras foram a senhorita Luzanira Costa Lima (Rainha), e Maria Emilia Medeiros e Cleide Carneiro da Cunha (Princesas), não houve um espaço significativo nas páginas da *Folha Estudantil*, assim como em 1934 e 1935, apenas encontramos o registro de seus nomes na última página da edição juntamente com a diretoria e os membros responsáveis pelos departamentos do CEC, no ano do 12º aniversário da entidade. Porém, encontramos a reprodução do discurso de saudação à nova Rainha dos Estudantes, proclamado na solenidade de coroação, pela Rainha de 1942, senhorita Geysa Wanderley.

No início de seu discurso, a senhorita Geysa Wanderley faz um apanhado dos acontecimentos mundiais, sua fala elegante dá suas impressões sobre a guerra, pois lembremos que sua fala pertence aos anos de 1942-43, refletindo o nível educacional da época.

Neste momento sombrio para os altos destinos da humanidade; quando as hordas avassaladoras de Hitler inundam as terras da Europa; quando as forças destruidoras do Imperialismo nipônico erguem-se ameaçadoras no continente asiático; quando as Américas, refúgio da paz e da fraternidade, sentem-se agredidas traiçoeira e brutalmente, vítimas da perfídia ignominiosa, própria da decadente raça humana; neste momento, digo, em que parece estarmos presenciando às tropas de Atila invadirem a França e apoderarem-se de Troles, Orleans, para serem, afinal, derrotadas em Poitier, graças ao heroísmo de Aécio, é deveras emocionante esta festa de confraternização e brasilidade que ora realizamos.¹⁹¹

No trecho destacado acima, percebemos que a Rainha Geysa não se mantinha distante dos acontecimentos mundiais, atendendo a um requisito básico dos concursos de beleza, que é a preocupação com os fatos que envolvem sua pátria. Ainda em seu discurso, afirma que mesmo numa atmosfera tão ameaçadora, aquele evento estudantil demonstra, assim como as Américas, o que nos inclui, uma atitude heroica e fraterna. Outra característica dada ao evento estudantil, a brasilidade, entendemos como ações e atitudes que engrandecem a pátria e salda seus símbolos nacionais, já que em todas as solenidades do CEC, em seu início a bandeira do Brasil é hasteada e o Hino Nacional cantado.

Assim, ao dirigir-se a nova Rainha desejando-lhe sorte em suas atribuições como realeza da categoria estudantil, Geysa encoraja e enaltece sua sucessora:

LUZANIRA COSTA LIMA – E, assim, nutrindo a maior confiança na tua gestão que se inicia quero entregar-te a COROA que conquistaste pelo sufrágio dos teus suditos, que bem souberam aferir da tua inteligência, como um dos expoentes mais elevados da classe estudantina, pela tua constante aplicação aos estudos, pelo teu devotamento às boas causas e pelo teu invulgar espírito de sacrifício. Desejo-te, portanto, LUZANIRA, um futuro promissor á tua gestão que em tão boa hora começa; que seja ela cheia de iniciativas, de realizações e empreendimentos; externo a ti, mais uma vez, minha convicção inabalável no futuro radiante da classe elevada ao ápice da glória. Pelas conquistas do CENTRO ESTUDANTAL CEARENSE.¹⁹²

Ao desejar à nova majestade estudantil uma gestão cheia de realizações, Geysa destaca as qualidades que fizeram Luzanira sobressair-se às demais. Os estudantes souberam identificar a inteligência, aplicação nos estudos, devotamento às boas causas. E o que mais nos chamou atenção: ao “invulgar espírito de sacrifício”. Não conseguimos identificar nas fontes quais sacrifícios as eleitas passaram ao longo de seus mandatos, mas podemos supor que Geysa entenda por sacrifícios situações em que as qualidades da soberana sejam postas à prova ou que

¹⁹¹ “Discurso de saudação à nova Rainha dos Estudantes”. CORREIO DO CEARÁ, 11 de agosto de 1943.

¹⁹² Idem.

no exercício do cargo sua vida pessoal seja de alguma maneira afetada, pois podemos inferir que qualquer deslize aos padrões, a imagem da Rainha dos Estudantes poderia ser manchada.

Por fim, em seus últimos momentos como Rainha, na entrega da coroa, Geysa exalta mais uma vez seus atos como representante dos estudantes para que com seu exemplo a nova majestade possa entender a relevância e, principalmente, a responsabilidade a qual está assumindo.

Nada vos prometi e fiz o que pude. A Rainha que me sucede, portanto, cabe, pela CASA DO ESTUDANTE POBRE DO CEARÁ, fazer o que puder. É meu dever render um preito de especial homenagem, aqui, ao Egrégio Sr. Desembargador Athayde, figura venerada e de escol, amigo de todos os tempos da classe estudantil do Ceará. A vós Sr. Desembargador, o meu cordial abraço. LUZANIRA: - Aceita esta côroa; ninguém mais do que tu é digna de cingi-la. Rege, rege como Rainha dos Estudantes, e por eles faze tudo quanto ditar a tua nobreza de caráter.¹⁹³

Se pensarmos que as Rainhas e princesas, assim como as *Misses*, eleitas nos diversos concursos de beleza feminina a nível local, estadual, nacional e mundial, cabia trabalhar em prol da categoria a qual representavam e, por conta disso, deveriam tecer relações¹⁹⁴ com vários sujeitos importantes da cidade como diretores de escolas, donos de comércio, diretoria de clubes sociais, políticos e quem mais pudesse interceder em prol dos assuntos estudantis. Estes não davam tantos detalhes quanto o *Gazeta de Notícias*, afinal era esse jornal que estava por trás do evento, mas deixavam os leitores atentos às etapas, reuniões ou quaisquer mudanças em relação ao pleito.

A importância dada aos concursos de Rainha dos Estudantes era tamanha que ultrapassava os limites da capital, mas ao perscrutar pequenas notas referentes ao restante dos municípios, encontramos registro de evento semelhante, organizado pela União dos Estudantes Cratenses, em julho de 1960.¹⁹⁵ Dessa expansão dos concursos para outras regiões do Ceará e, de uma organização orientada por outras entidades para além do CEC, podemos supor que este

¹⁹³ Idem.

¹⁹⁴ Lídia Noêmia Santos (2011, p. 71) afirma que “Concursos com dimensões nacionais, a que cada localidade tinha a possibilidade de “ofertar” candidata que representava a identidade de cada estado (a partir de 1959, além dos desfiles de roupa de gala e *maillot*, acrescentou-se o de roupas típicas da região), enquadrava-se muito bem na ideia de formação do Estado sob o regime federalista. Talvez por isso as misses podiam ser vistas junto a personalidades políticas, tendo a abertura de tratar, com essas personalidades, assuntos de interesse público, ainda que dentro de um tom de cordialidade e discrição, num contexto tanto teatral, de forte valor simbólico, perfeitamente ajustado à figura que a miss representava”. A partir dessa reflexão, podemos identificar esses mesmos elementos relacionais com as eleitas Rainha dos Estudantes, pois que muitos dos discursos de agradecimento, sempre citam determinadas personalidades que as receberam e atenderam a seus apelos no exercício de suas funções como representante dos estudantes. No próprio discurso da senhorita Geysa Wanderley, citado no texto, a Rainha agradece ao Sr. Desembargador Athayde por sua atenção e amizade com os estudantes cearenses.

¹⁹⁵ “*Crato elegerá Rainha*”, Roteiro Estudantil. GN Estudantil, *Gazeta de Notícias*, julho de 1960, p. 4.

tipo de evento não era apenas um mero concurso de beleza feminina, mas teria um objetivo muito maior na congregação, identificação e legitimação da categoria estudantil fora da capital do estado.

Encontramos registros dos concursos de Rainha e princesas dos estudantes até o ano de 1962. Apenas com as pesquisas nos jornais não pudemos nos certificar se houve ou não a continuação dos concursos após 1963, quando se dá o fim do Centro Estudantil Cearense, com a criação do CESC, com a fusão entre o primeiro e a União dos Estudantes Secundários do Ceará.

Figura 27:



Fonte: GN Estudantil, Gazeta de Notícias, 27 de agosto de 1961, p. 7.

Mesmo com um possível encerramento dos concursos a reflexão sobre o papel que estes eventos proporcionaram para a sociabilidade e a legitimidade da categoria estudantil no Ceará é de extrema importância, pois dessa forma podemos ter maior clareza das estratégias criadas pelos estudantes, aqui mais especificamente, pelas diretorias do Centro Estudantil, para uma maior socialização com outros setores da sociedade. E, mais importante ainda, esses concursos proporcionaram um maior sentimento de identificação entre os estudantes das diversas escolas de Fortaleza. Afinal, as Rainhas e Princesas, muitas vezes, representavam mais de uma escola quando propunham suas candidaturas. No fim, essas moças representariam os valores e ideais que definiram o perfil de estudante que seria aceito pela sociedade cearense e que estava capacitado/legitimado a participar/disputar os/dos espaços sociais de poder.

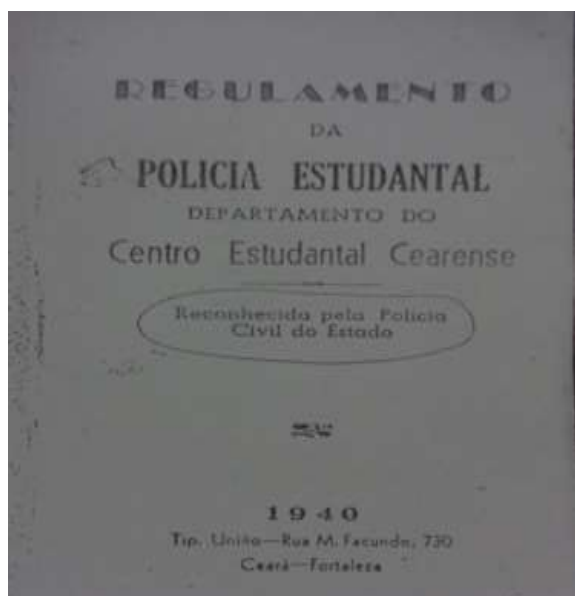
4.3 NOS CAMINHOS DA DISCIPLINA E DA DESORDEM: A POLÍCIA ESTUDANTAL VERSUS O ESTUDANTE TRANSVIADO.

4.3.1 “Amparar e Educar a classe”: disciplinarização da estudantada.

Criada em 15 de outubro de 1933 pelo Centro Estudantal Cearense, a Polícia Estudantal tinha como objetivo maior “amparar e educar a classe, impedindo violências contra a mesma e coibindo a molecagem e os vícios entre os estudantes menos disciplinados [...]”¹⁹⁶.

Mesmo tendo sido criada em 1933, seu regulamento é publicado no ano de 1940, pela Tipografia União. Sabemos que por longas décadas o Centro Estudantal Cearense foi um importante centro de representação dos estudantes cearenses, tendo expandido seu exemplo em outros estados do país. Dessa forma, a Polícia Estudantal, sendo um de seus departamentos, também, gozava desse prestígio, tanto que o órgão era reconhecido perante o Estado, por meio da sua aprovação pela Polícia Civil do Estado do Ceará, informação essa destacada na capa de seu regulamento e, em seu fim, com a assinatura do chefe de polícia em exercício, no ano de 1940, o Capitão Cordeiro Neto.

Figura 28: Capa do Regulamento da Polícia Estudantal.



Outro exemplo que podemos identificar é a relevância que esse departamento detinha no meio social. Além das notícias de suas ações em notas espalhadas em alguns jornais locais, como *O Nordeste*, se encontra no último artigo de seu regulamento que prevê o envio de

¹⁹⁶ O POLICIAL, 15 de outubro de 1953, p.1.

um ofício para as “Casas diversionais” de Fortaleza, informando que a PE, nas pessoas de seus membros, tem livre acesso a esses locais de diversão. Essa medida se tornava necessária para que pudesse haver intensa vigilância, não só dos estudantes, mas dos próprios policiais que estariam em serviço, já que estes deveriam cumprir regras estabelecidas pelo documento.

Art. 33 – Uma vez aprovado este Regulamento será enviado um ofício, assinado pelo presidente do C.E.C. e pelo Sr. Secretário de Segurança Pública, aos srs. Proprietários e gerentes de casas diversionais, levando ao conhecimento dos mesmos, de que o Diretor e Sub-diretor terão livre ingresso em todos esses centros de diversão.

Logo no primeiro capítulo do regulamento da Polícia Estudantil encontramos, descritos em seis itens, quais os objetivos a serem cumpridos pelo órgão. Entre eles daremos ênfase nos que prezam pela vigilância comportamental dos estudantes em locais públicos ou privados. O item “b” propõe que ao departamento cabia “evitar o mais possível que os estudantes frequentem casas de jogos, bars-fonds, cabarets etc”. Desse modo, os policiais deveriam cuidar para que os estudantes não frequentassem lugares que teriam a maior probabilidade de arrumarem confusão. Estes locais onde aparecem descritos no item “b” são os que mais aparecem no noticiário policial. Ou seja, estes lugares não seriam apropriados à presença do perfil estudantil, que era propagado pelo CEC; o estudante honrado, sem vícios e afinado com as normas de bom comportamento que a sociedade da década de 1940 prezava.

Desse modo, para dar funcionalidade ao proposto no item “b”, entraria em ação o item “c” que visava a instalação de um “serviço de fiscalização permanente em todas as casas de diversões”, já que se fazia necessária a presença de um policial da PE para identificar os sujeitos que estavam praticando uma contravenção.

Bráulio Ramalho (2002) fez várias entrevistas com ex-centristas para sua pesquisa sobre o movimento estudantil cearense. Assim pode colher diversos relatos e através deles pudemos entender com mais detalhes a atuação de prevenção da PE contra a indisciplina¹⁹⁷ da categoria estudantil. No trecho abaixo, o autor descreve como se dava o procedimento quando a Polícia Civil detinha algum estudante em atitude imoral, como é o caso da entrada desses em casas de jogos e pensões de mulheres.

O caráter paternalista e moralista da Polícia Estudantil, de proteger o estudante da Polícia Civil e evitar que o mesmo frequentasse cassas de jogos e pensões de mulheres,

¹⁹⁷ O comportamento indisciplinado, identificado pelos policiais, versava pela frequência em casa de jogos, pensões de mulheres, gazetas de aulas, entrada de estudantes em cinemas para ver filmes que não condiziam com a censura imposta tanto pela idade quanto pela temática da película. Supomos que comportamentos julgados impróprios pela moral social daquela época também eram alvos de repreensões policiais.

é ressaltado em uníssono por diversos ex-centristas. [...] O estudante não podia ser preso pela Polícia Civil. Quando isso ocorria, era encaminhado à Polícia Estudantil. Em seguida, um oficial, munido de ofício, acompanhava-o à casa dos pais. (RAMALHO, 2002, p. 30)

Para compor o departamento eram exigidos, de acordo com o regulamento, 40 membros¹⁹⁸. Estes estariam divididos em 3 cargos, seriam esses: 1 Diretor, 1 Sub-diretor e 38 policiais, dentre esses 38 a diretoria escolheria dois secretários, um arquivista, um orador e sete chefes de turmas e, entre estes, um Fiscal Geral. A admissão se dava por meio de uma “proposta verbal de um dos policiais ao Diretor da polícia [...]”, este após verificar que o candidato atendia aos requisitos necessários precisava apresentar a candidatura à Diretoria do CEC afim de ser aprovado e logo se pudesse expedir a caderneta que identificava os policiais perante os estudantes e a sociedade, já que era com esta que o policial poderia legitimar suas ações de vigilância e punição.

Depois de receber sua caderneta, assinada pelo Presidente do CEC, pelo Diretor da PE e pelo Secretário de Segurança Pública do Ceará, o novo policial precisava prestar o seguinte compromisso: “Comprometo-me a trabalhar com dedicação pela Polícia Estudantil e cumprir fielmente tudo o que dispõe o regulamento”. Assim, estaria completo o protocolo e o novo policial poderia começar suas funções.

Para a admissão na PE, o candidato deveria preencher os seguintes requisitos descritos no capítulo IV do regulamento. Assim, era necessário que o provável policial residisse em Fortaleza, que fosse maior de 18 anos e tivesse “aparência de maior”¹⁹⁹, ter um bom comportamento, para servir de exemplo aos demais e, por fim, estar quite com a tesouraria do CEC, ou seja, não ter nenhuma dívida gerada pela mensalidade cobrada pela entidade aos sócios.

Tomamos os capítulos IV e V, respectivamente, admissão e deveres dos policiais, como características necessárias para se identificar o ideal de estudante defendido pela agremiação, pois que os policiais eram tidos como exemplo de moral e caráter para a categoria representada pelo Centro Estudantil. Pois entre os deveres impostos aos policiais, após sua

¹⁹⁸ Bráulio Ramalho afirma que encontrou um artigo no *Gazeta de Notícias* de 17 de maio de 1953, assinado por e Bráulio Duque de França, membro do CEC, afirmando que a Polícia Estudantil era “formada por quase cem estudantes”.

¹⁹⁹ Em texto publicado em “O Policial”, jornal do departamento de Polícia Estudantil, de 15 de outubro de 1953, sob o título *Os “meninos” da Polícia Estudantil*, é feito um apelo ao diretor do órgão para que seja aceito policiais, que mesmo tendo 18 anos, não atendem a prerrogativa de ter uma “Aparência de maior”. Estes são chamados pelos “mais velhos”, ou seja, os que possuem “bigode e barba”, de meninos. “MENINOS? Meninos por que? Não têm **bigode e barba**, pois MORAL, esta palavra de difícil interpretação, eles a têm de sobra...”. (O POLICIAL, 15 de outubro de 1953, p. 3)

admissão na PE, eram perpassados por uma rígida disciplina, respeito à hierarquia e promoção da moral e ordem entre os estudantes.

CAPITULO V

Art. 8 São deveres dos policiais:

- a) respeitar e cumprir as disposições do presente regulamento, bem assim as deliberações emanadas do Diretor da Polícia e da Diretoria do CEC.
- b) aceitar o cargo para que for nomeado e comissões que lhe forem designadas;
- c) trabalhar, esforçar-se, tudo fazer para perfeita execução deste regulamento;
- d) ajudar, defender e proteger o estudante de qualquer emergência;
- e) comparecer às sessões deste departamento e às do CEC;
- f) andar rigorosamente trajado.²⁰⁰

Dessa forma, podemos supor que esse perfil estudantil representado pelo policial da PE foi tomado, pelos grupos estudantis que estiveram no Ceará, para compartilhar suas experiências com o CEC, como inspiração para criar suas agremiações em seus respectivos estados e localidades. Nossa suposição baseia-se nas mensagens trocadas entre o CEC e outras entidades estudantis, como a mensagem enviada ainda no ano de 1935, pelo Centro Estudantal Potiguar em reconhecimento pela importância do CEC como representante dos estudantes cearenses e, também, como inspiração para os demais estudantes de outros estados brasileiros criarem suas agremiações.

[...] No pequeno espaço de quatro anos, nossa voz transpôs fronteiras, Brasil afóra, indo acordar energias, sacudindo fibras e animando vontades. E o milagre do éco escolheu como favorito 1935. Vez passada, aliás, proclamávamos que o ano em curso impõe-se no calendário das nossas idealizações, sendo de alvoradas. A classe estudantal, começando no Maranhão e acabando no Rio Grande do Norte, vive desde meses, a responsabilidade acendradamente cívica do se destino glorioso. E cinco vezes se repetiu o relâmpago que, um dia, aclarou a consciência moça do Ceará. Em Mossoró, Natal, Terezina, Parnaíba e S. Luís, a mocidade das escolas experimentou a sã alegria de vêr-se confraternizar no mais estreito dos abraços, na mais apertada das aproximações. E lá existem, já, centros estudantais. [...] ²⁰¹

Outra fonte que tomamos como vestígio para corroborar nossa hipótese de que o CEC e seu perfil de estudante era tido como exemplo está no manifesto dos estudantes Baianos dos cursos secundários, representantes da Associação dos Estudantes Secundários da Bahia, que em julho de 1943 visitaram Fortaleza, para convidar representantes estudantis do Ceará, nesse caso o CEC, para o I Congresso dos Estudantes Secundários do Brasil. O manifesto assinado por Arary Muricy (um dos quatro integrantes da comitiva baiana) e a carta dirigida ao estudante secundário cearense foram publicados pela *Folha Estudantal*, de agosto de 1943, edição comemorativa dos 12 anos da fundação do Centro Estudantal Cearense.

²⁰⁰ Estatuto da Polícia Estudantal. Fortaleza: Tipografia União, 1940.

²⁰¹ FOLHA ESTUDANTAL, 11 de agosto de 1935, P. 59.

Abaixo apresentamos um trecho da carta endereçada aos estudantes cearenses conclamando a categoria para o evento citado. Nela podemos identificar alguns dos valores prezados pelos estudantes baianos que iam ao encontro dos ideais defendidos pelos centristas. Dessa forma, ao buscar uma identificação nos valores por estes apresentados proporcionaria um sentimento de reciprocidade e união em prol da luta estudantil.

[...] Nós somos o Estudante Secundário da Baía (sic). Vimos pedir-vos um pouco, o mais possível, do vosso valioso e imprescindível apoio, - não por nós mas pela classe estudantil secundária. Desejamos é que vós, cujos ancestrais gravaram profundamente os nomes na História, e deles o trabalho, principalmente no campo lítero-intelectual, a esponja bárbara do Tempo não terá o estúpido prazer de apagar – compreendais vossos próprios interesses no que diz respeito ao estudante que não teve ainda o enleiante prazer em transpor os humbrais de uma academia. [...] Foi por isso que vos visitamos. Foi porque o Destino e a Nacionalidade nos fizeram irmãos, dando-nos os mesmos santos deveres e as mesmas sagradas lutas, a mesma língua e o mesmo Deus, - foi por isso que aqui vimos trazer-vos, a vós que bem conheceis as lides estudantis, nosso grito de “erguei-vos pois sois jovens”. (FOLHA ESTUDANTAL, 11 de agosto de 1943, s/p)

Porém, mesmo o CEC sendo uma inspiração de iniciativa para outros lugares no país, não tivemos acesso a documentos de outros centros estudantis que confirmassem uma mesma estrutura organizacional e que tivessem um órgão semelhante de fiscalização e vigilância estudantil como a Polícia Estudantil do CEC.

Como todo dever tem sua penalidade por não ser cumprido, no regulamento também é descrito de quais formas os policiais poderiam perder seus direitos e quais punições estes sofreriam de acordo com seu comportamento irregular. O capítulo VI contém seis artigos que descrevem quais as atitudes seriam tomadas como inapropriadas aos policiais. Abaixo reproduzimos esse trecho do regulamento para podermos identificar quais eram essas atitudes e refletirmos sobre suas penalidades descritas no capítulo VII.

Art. 9 – OS direitos de policial perdem-se definitivamente, nos seguintes casos:

- a) pela prática de atos que desabonem a se ou sejam contrários á moral;
- b) pela verificação de ter sido policial usando de falsas provas ou pela falta de quaisquer requisitos exigidos por esse regulamento;
- c) pela eliminação, dada ou pedida por qualquer motivo.

Art. 10 – OS direitos de policial perdem-se temporariamente nos seguintes casos:

- a) pela inobservância do regulamento;
- b) procurar desprestigiar ou censurar atos legalmente emanados das Diretorias da P. E. e C.E.C;
- c) pela prática de atos de insubordinação;
- d) pela negligência no desempenho de seus serviços ou de qualquer função social;
- e) por suspeição imposta pelo Diretor da Polícia, até o máximo de tres meses.

Art. 11 – A perda de direitos, mesmo temporariamente, trará o policial, nesse período a perda de função.

Art. 12 – O policial eliminado por julgamento dos artigos 9, 10 e suas alíneas só

poderá ser readmitido por deliberação da Diretoria do C.E.C.²⁰²

No capítulo VIII são descritas as funções dos membros da PE, a burocracia do órgão é apresentada aos membros. É nesse trecho que pudemos saber detalhes específicos de cada função, como por exemplo ao 1º Secretário cabia “organizar os serviços de FICHAS da PE e dar conhecimento aos policiais das penalidades em que incorreram, bem como a sua eliminação, quando se der por qualquer motivo”. Ao identificarmos esses detalhes pudemos ter uma ideia de qual dinâmica este órgão inscrevia seus membros. Por exemplo, é por meio dessa obrigação do primeiro secretário que sabemos que existia um intenso controle sobre o comportamento e atitudes dos policiais e que estes não estavam isentos da vigilância que se exercia sobre os estudantes sócios do CEC.

Ainda sobre proibições das quais estavam sujeitos os membros da PE, o Capítulo X, chamado de “Disposições Transitórias”, apresenta alguns comportamentos que eram expressamente proibidos aos policiais, como por exemplo, “fumar nos cinemas, teatros, etc. quando em serviço”. Nesse primeiro ponto, podemos inferir que muitos estudantes tinham o hábito de fumar, hoje reprovado pelo Ministério da Saúde a qualquer indivíduo, nesse período que remonta ao final dos anos 1940, com a influência americana no Brasil, muitos jovens passam a imitar os comportamentos dos astros do cinema hollywoodiano. Refletiremos sobre a introdução da cultura norte-americana no pós-guerra no próximo sub-tópico.

Outra proibição disposta no regulamento era não “fazer serviço em zona de meretrício, fardado”. Ora se observarmos nos relatos e as reportagens de alguns jornais da capital, a presença de estudantes nesses locais, chamados, também, de “Pensões Alegres”, era comum. Marciano Lopes afirma que muitos pais levavam seus filhos como uma prova de masculinidade, pois “era nas ‘pensões alegres’ que acontecia o ‘vestibular’ dos adolescentes que tinham que provar para o pai, às vezes, contra a própria vontade, que também eram garanhões”. (LOPES, 1989, p. 209)

Nas “pensões alegres”, desde as primeiras horas da noite, o reboiço era constante, principalmente, aos sábados. Uma peregrinação, interminável de homens de todas as idades, de todas as cores, de todos os credos: políticos, comerciantes e comerciários, estudantes e jornalistas, policiais e ladrões de galinha, comendadores e chapeados, proxenetas, gigolôs, rufiões. (LOPES, 1989, p. 208)

A frequência de estudantes nesses lugares tidos como promíscuos, também era tida

²⁰² Estatuto da Polícia Estudantil. Fortaleza: Tipografia União, 1940.

como deplorável, pois atentava contra a moral. Dessa forma, os policiais estudantis, cumprindo seu dever de proteger a classe, deveriam impedir que os sócios da agremiação fizessem uso de tais serviços, denegrindo a imagem da categoria. Assim, várias batidas eram feitas para evitar a ida desses estudantes às casas de diversão da cidade, como podemos ver em nota publicada na sessão *Roteiro Estudantil*, do *Gazeta Estudantil*, do mês de julho de 1960.

Semanalmente a Polícia Estudantil vem realizando rondas especiais, destinadas a uma maior proteção aos estudantes. As batidas executadas pela PE mostram ao público o interesse não só de Hugo Castelo Benevides, Diretor do Departamento padrão do Centro Estudantal Cearense, como também dos demais membros. Interpretando as palavras do novo Diretor, podemos dizer em linguagem clara: só gosarão dos privilégios da Polícia Estudantal os que dedicarem parcela de trabalho ao departamento. (GAZETA DE NOTÍCIAS, julho de 1960, p. 3)

Então a presença da PE nesses lugares era necessária, por serem espaços propícios à desordem. Porém, mesmo sendo um lugar de atuação do policial, acreditamos que a proibição presente no regulamento seja para evitar falatórios, pois como este sujeito era tido como uma autoridade estudantil, certificada pela Polícia Civil do Estado sua presença com fardamento poderia causar uma possível descredibilidade ao órgão. Assim, podemos supor que nesses locais a PE agia secretamente, com membros à paisana.

Ao arquivista competia “[...] de trazer em ordem todos os papéis e documentos da P.E.”. Entendemos essa preocupação na organização de um arquivo muito mais do que uma função burocrática, pois uma das funções atribuídas aos arquivos é salvaguardar a memória de uma instituição e o Centro Estudantal era uma entidade muito apegada às comemorações como poderemos observar no tópico que analisaremos os festejos do 11 de agosto centrista. Havia, também, entre os membros da PE um *Orador*, este representaria o departamento nos eventos internos e/ou em qualquer apresentação pública da Polícia. Ou seja, a introdução desse cargo num departamento de segurança, no mínimo nos leva a crer que a PE cumpria os rituais sociais rigorosamente, como podemos observar na programação da sessão solene em comemoração aos 20 anos do órgão publicada em seu boletim, O Policial.

Programa da Sessão Solene

- 1 – Abertura da Sessão, pelo Diretor da P. E.
- 2 – Hino do Estudante
- 3 – Assinatura do novo Regulamento
- 4 – Serenata de Schubert – violino – pelo centrista Nelson Meneses
- 5 – Declamação pelo Acadêmico Walfrido Monteiro
- 6 – Discurso do Orador da Polícia Estudantal
- 7 – Danúbio Azul 0 de Strauss – violino – por Nelson Meneses
- 8 – Entrega d’O Policial”, aos membros da mesa e assistentes
- 9 – Palavra do Presidente do C.E.C.
- 10 – Encerramento da Sessão – Hino Nacional. (O POLICIAL, 15 de outubro de 1953,

p. 3)

A Polícia Estudantal, além de suas atribuições regidas pelo seu regulamento, também confeccionava um impresso chamado de “O Policial”, fonte supracitada. Porém, não conseguimos mapear quantos exemplares foram impressos e seu período de duração, chegando até nós apenas a edição de 15 de outubro de 1953, esta comemorativa dos 20 anos de fundação da PE.

O que podemos inferir, a partir deste exemplar, é que continha quatro páginas e que era vendido por Cr\$ 0,50. Na sua página inicial aparece o número 6, identificando uma possível quantidade de impressos, mas não podemos afirmar se seria o sexto número impresso no ano ou de toda a vida da publicação. Também conseguimos identificar, por ser uma edição comemorativa, algumas informações sobre os membros antigos e atuais, como listagem com nomes de policiais efetivos e estagiários daquele ano e, também, os nomes da nova diretoria e de ex-diretores do órgão.

Por se tratar de uma data especial para o Centro Estudantal, o vigésimo aniversário da PE, o CEC promove uma sessão solene que tem sua programação divulgada no exemplar. Dentro dessa programação, já citada por nós alguns parágrafos acima, encontramos mais indícios que corroboram nossa tese de que os hinos e músicas que falavam sobre o ser estudante, trabalhados no capítulo anterior, tinham forte influência para a categoria estudantil, pois em quase todas as programações comemorativas que encontramos em nossa pesquisa era tomado um momento do evento para ser tocado o Hino Nacional e o Hino do Estudante.

Não podemos ter certeza de qual versão era tocada, mas em Fortaleza, até o final da década de 1980, em muitas escolas o Hino do Estudante Cearense ainda era entoado nos festejos estudantis.

Essa edição, além de comemorativa, marca uma nova etapa para a Polícia Estudantal, de acordo com os editores do impresso, já que a PE encontra-se sob uma nova diretoria. Assim, no texto de capa que fala sobre o vigésimo aniversário da PE, o autor afirma que o departamento ressurgiu “[...] altivo, para como órgão crítico interno, cultivar entre os policiais – a cultura, a fraternidade e o amor à arte”. Por isso, já nesse exemplar encontramos textos que mostram um outro lado da PE, esse lado que a nova fase mostra-se mais interessada, uma elevação cultural e intelectual dos membros, como pudemos observar no canto esquerdo da segunda página, texto assinado pelo ex-policial Edson Araújo Neto, enaltecendo o trabalho

dos policiais que seriam a luz que guia os estudantes pelos caminhos escuros da sociedade.

À POLICIA ESTUDANTAL
 É noite... no céu não há mais estrelas
 Dorme a cidade envolta em braços mantos...
 Só uma criança a se curvar em prantos
 Soluça dentre as ruas paralelas...
 Quem lhe pudera amenizar os prantos?
 Eis que ao longe, esquecendo as cousas belas,
 Da noite recortando as negras telas,
 Surge, a infiltrar-se em todos os recantos,
 A costumeira ronda policial...
 E aquela, que inda há pouco soluçando...
 Vai rir de encontro ao riso paternal...
 És qual do sol, risonho e lírical,
 A lâmpada do povo, iluminando
 A memória, ó POLICIA ESTUDANTAL... ²⁰³

Muitos são os exemplos de contravenções nas quais os policiais deveriam agir. No próprio impresso é contada uma pequena história sobre a atuação “educada e diplomática” da PE. Sob o título de “O nó duro de roer”, Osvaldo Benício Sampaio, conta-nos a situação acontecida na porta do Cine Samburá. Uma moça “granfina, bonita e portadora de um sorriso encantador” pretende assistir a um filme com a classificação indicativa acima de 18 anos, porém a mesma não tinha a idade necessária para apreciar a película. Após comprar a meia entrada, garantia de todo estudante que tivesse em suas mãos a carteira expedida pelo Centro Estudantal, ao ser interrogada pelo policial, que “sempre atento, viu logo que a garota tinha apenas 14 anos”, pediu sua identificação com a intenção de prevenir que a menor assistisse um filme que não condissesse com sua idade. Abaixo reproduzimos o diálogo existente no texto, onde o autor tenta mostrar mais detalhadamente a abordagem dos policias.

[...] Em voz baixa e pausadamente êle disse:
 - Senhorita, infelizmente não lhe posso deixar entrar. O filme é impróprio até 18 anos. Rindo de uma maneira cativante e irresistível ela retrucou:
 - Hem? Ó! Não faça isso. Saí de casa para vir ver êste filme e ter que voltar!
 - Infelizmente nada posso fazer. Estou cumprindo ordens. Queira desculpar-me.
 - Ó! Por favor! Deixe-me entrar. Ninguém sabe o que estamos conversando e não notariam que eu sou menor. Eu entro?
 O policial quase não resistia à tentação. Também diante de tão linda garota! Era uma situação verdadeiramente insuportável. [...] ²⁰⁴

Numa situação dessas, onde há um conflito de interesses, podemos supor que nem todos os policiais resistiriam aos encantos de uma moça que pede tão calorosamente para cometer um ato de contravenção moral, pois, neste caso específico, o filme poderia conter cenas

²⁰³ O POLICIAL, 15 de outubro de 1953, p. 2.

²⁰⁴ O POLICIAL, 15 de outubro de 1953, p. 4.

que uma “moça de família” não deveria ver, mesmo com tamanha insistência da garota. Mas, quando damos continuidade ao texto, podemos observar que a atitude do policial perante a tal situação é rígida e disciplinada. Ao não atender ao pedido, o policial mostra sua honra e sua disciplina, pois que ao assumir essa posição que previa a prevenção da degradação da classe estudantil, não cedeu aos encantos da mocidade. Nesse caso, perderia uma possível paquera, mas não descumpriria seu dever.

[...] Uma deusa a pedir, implorar um favor e ter-se que dizer não!
 - Não, senhorita, não posso. Se a deixasse entrar não estaria cumprindo com dignidade a missão que me foi confiada. Foi então que ela quis criar dificuldades.
 - Bem, eu não voltarei! Já estou aqui e assistirei o filme.
 Esperando por isso, com um sorriso nos lábios, e calmamente, respondeu:
 - Se a senhorita agir dessa maneira, obrigar-me-á a ficar com sua carteira, que será enviada ao colégio, comunicando o ocorrido.
 - Ah, você não pode fazer isso. Haverá aula amanhã e só entra na turma quem apresenta a carteira.
 - Então a senhorita volte e eu lhe devolvo,
 - Mas você é “chato”!
 - Senhorita, estou apenas cumprindo o meu dever. Procure compreender-me.
 - Está bem. Dê-me a carteira e eu irei embora.
 O policial entregou-lhe o documento. [...]

Outro momento em que os policiais agiam era na apreensão de carteiras falsas ou em situações em que alguns sujeitos usavam as carteiras de terceiros para conseguir os abatimentos concedidos aos estudantes. Em alguns jornais de Fortaleza encontramos pedidos às associações estudantis que ficassem atentas a falsificação desse documento e que fosse criado mecanismos de identificação dos legítimos estudantes e punições aos falsos. Nesses casos, o trabalho feito pela PE era de extrema importância, pois como vimos no caso acima, a falsificação de carteiras de estudante, serviam tanto para indivíduos que não pertenciam a categoria usufruírem das prerrogativas dadas à classe, como a meia passagem e a meia entrada nas casas de diversão e cinema, ou para estudantes que não possuíam determinada idade que daria acesso a lugares não recomendados aos menores de 18 anos.

Na edição de *O Nordeste* de 22 de maio de 1957, a coluna *Fato do dia* traz uma reclamação sobre os abusos de alguns “que se dizem estudantes” e que acabam por usufruir das concessões que são destinadas a classe.

A classe estudantil faz questão de honra gozar de abatimentos nas entradas de cinemas. Isso lhe surge como necessidade vital, não concebendo que um estudante não tenha essa regalia nas casas de diversões ou nos ônibus. Não há nada a argumentar contra isso, desde que os proprietários das casas cinematográficas e das empresas de transportes concordem com êsse favor à classe estudantil. Mas fôrça é confessar que muita gente que se diz estudante abusa de tal liberalidade. Daí ser justo que se procure regulamentar essas concessões, de modo a que não saiam prejudicados nem os

concessionários nem os favorecidos no caso. Todo mundo sabe que há dezenas e até centenas de pessoas que se fazem passar por estudante, apenas com o fito de gozar de abatimentos nos cinemas e nos ônibus. Basta apresentar uma caderneta qualquer, muitas vezes fora de uso, para que tenham direito a regalia. Não há tempo para um exame meticoloso do documento nem para uma sindicância entôrnio do seu portador. [...] As associações de classe estudantis devem ser mais interessadas em afastar e mesmo punir os falsos estudantes. Assim, toda medida que vise amparar apenas os verdadeiros estudantes só pode ser bem recebida no meio estudantil. [...] ²⁰⁵

Outra nota sobre o recolhimento de carteiras de estudante falsas, sendo essa chamada mais específica para a atuação do Centro Estudantal, aparece também n' *O Nordeste*, mas na coluna *O que é que há...* ²⁰⁶ de 6 de agosto de 1958. No pequeno parágrafo é solicitado uma maior atuação do CEC na fiscalização e retirada das falsificações de circulação.

São muitas as citações sobre a atuação da PE no cotidiano da cidade, como podemos observar na nota de reconhecimento ao diretor da PE publicada na coluna *Roteiro Estudantil*, presente na sessão dominical dos estudantes no *Gazeta de Notícias*. Anterior aos agradecimentos a PE por sua dedicação em retirar os falsos estudantes das ruas de Fortaleza, J. G. Duarte Pinto, estudante responsável por essa coluna, afirma que a partir dessa semana que se inicia o *GN Estudantil* “encetará uma grande campanha contra a militância de ex-estudantes, nas diversas entidades da classe estudiosa de nossa Capital”. Nos próximos domingos serão publicados os nomes desses “espertalhões”, como os chama o autor. Logo em seguida vem a notinha que elogia a atuação do Diretor da Polícia Estudantal, Pedro Dantas, no combate a ex-estudantes que continuam utilizando suas carteiras. Duarte Pinto, chama do órgão de “Departamento Orgulho” do Centro Estudantal ²⁰⁷.

IDENTIDADES ESTUDANTIS INVÁLIDAS

São as seguintes as carteiras que vêm sendo apreendidas pela Polícia Estudantal: Ensino Supletivo, curso José Bonifácio, Instituto São Crizanto, Grupo Estocar Demócrito Rocha, Instituto S. Vicente de Paula, Instituto Joaquim D'Arc, Curso Tiradentes, Ginásio N. S. do Sagrado Coração, Associação dos Estudantes Cearenses, Externato N. S. de Nazaré, Escola Doméstica S. Rafael, Curso de Iniciação Anísio Teixeira, Externato Cristo Rei, Pantenon Santa Luzia, Grupo Municipal Mozart Pinto, Centro Professor Mariano Martins e carteiras de 1959 excessionando-as do LICEU que até o momento ainda não entregou a dêste ano, o que acontecerá no dia 18. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 10 de abril de 1960, p. 6)

Desde a criação do “Departamento Orgulho”, como é chamado por muitos entusiastas da ideia, as relações entre seus diretores e a presidência do Centro Estudantal sempre

²⁰⁵ O NORDESTE, 22 de maio de 1957, p.2

²⁰⁶ “O Centro Estudantal está recolhendo a carteira dos falsos alunos. Vai ter muito trabalho...”. O Nordeste. Fortaleza: 6 de gosto de 1958, página. 6.

²⁰⁷ “Polícia Estudantal em foco”. Gazeta de Notícias. Fortaleza: 10 de abril de 1960, página 6.

estiveram em harmonia, já que era o presidente do CEC que indicava quem seria a direção do órgão policial. Porém, no início da década de 1960, de acordo com Bráulio Ramalho (2002), essa relação passa a ser conflituosa, gerando algumas crises dentro do departamento. A primeira delas ocorre quando o diretor da PE, Hugo Castelo Benevides, vem a público “[...] denunciar haver recebido ordem do presidente [do CEC] para, contrariando determinação estatutária, fornecer carteiras de policial a todos os componentes da diretoria [...]”. (RAMALHO, 2002, p. 31)

A acusação é publicada no jornal *O Povo* de 13 de outubro de 1960, se nos atentarmos a data, restavam dois dias para a comemoração de 27 anos de existência da PE. A declaração do presidente do CEC, José Raimundo Linhares Pontes, contestando a acusação, foi publicada na mesma edição do periódico. O escândalo rendeu a demissão do diretor da PE. Ainda de acordo com Ramalho (2002), a demissão foi noticiada, na primeira página, do jornal *O Povo* de 17 de outubro de 1960.

Em 1961, nova crise abate a direção do departamento policial do CEC. Dessa vez, o atrito se deu por conta de disputas internas ao órgão. Houveram demissões na comissão de sindicância da PE, tendo essa decisão amplo apoio de outras entidades estudantis como o Centro Liceal de Educação e Cultura (CLEC) e grêmios de Fortaleza.

Já em 1963, ano que finda o Centro Estudantal, com a unificação deste com a União Cearense dos Estudantes Secundários (UCES), formando assim uma nova entidade denominada CESC, a Polícia Estudantal é incorporada a essa agremiação.

Após essa grande mudança ocasionada pelo fim do CEC e incorporação da PE à outra entidade estudantil, outras funções foram atribuídas ao órgão, como por exemplo, no ano de 1964, logo depois do Golpe civil-militar que pôs fim ao governo do Presidente João Goulart e interrompeu, mais uma vez, a democracia brasileira, a Polícia Estudantal fica responsável pela reabertura do Centro dos Estudantes Secundários do Ceará (CESC), por ordem do comandante da 10ª Região militar. Lembremos que com a tomada do poder Executivo pelos militares são fechados em todo território nacional as associações, grêmios e demais entidades estudantis, logo nos primeiros dias do mês de abril.

Porém, em 1967, após um episódio em que alguns líderes estudantis do Liceu são apontados pelo diretor da Polícia Estudantal, João de Paula Fernandes Vieira, como

responsáveis pelo quebra-quebra de coletivos²⁰⁸, ocorrido em maio de 1967, a direção do CESC aprova a extinção do órgão, no IV Congresso dos Estudantes Secundários. Ramalho (2002) afirma que para substituir a Polícia Estudantil é criado o Departamento de Assistência e Fiscalização do Estudante, este “integrado por estudantes de ambos os sexos”, já que na PE não encontramos em nenhuma fonte vestígios que as moças pudessem ser policiais.

Supomos que as normas e o regulamento da PE, por terem sido cunhados ainda nos anos 1930, a presença de moças nas forças policiais estudantis não deveriam ser apropriadas, pois como já citamos, os policiais tinham sua entrada em locais não adequados a presença das moças, como os clubes de diversões e as pensões de mulheres. Dessa forma, a não participação feminina nesse departamento centrista visava a preservação da moral e pureza atribuída às estudantes, mesmo que apenas para cumprir o trabalho de vigilância.

Ao tentarmos compreender as diversas formas de se pensar o *Ser estudante*, seu papel na sociedade cearense, percebemos a necessidade de analisar o funcionamento e atuação da Polícia Estudantil, órgão de vigilância criado pelos próprios estudantes para disciplinar a classe. Pois esses mecanismos de controle, nesse caso estabelecido pelo sujeito que punirá e, talvez, sofrerá as sanções, fazem parte das estratégias de identificação e definição de um perfil para a classe.

A proposta desse item foi de refletirmos sobre a criação e atuação de um departamento de fiscalização ligado a uma entidade, o CEC, que por mais de 30 anos foi a representante da categoria no Estado. Pensar que os próprios estudantes fundaram um órgão de vigilância de si, que punisse a má conduta perante a sociedade, seja com a delação aos pais ou aos estabelecimentos de ensino, dando assim ao estudante contraventor uma pena que muitas vezes não passava da vergonha de ser acompanhado até em casa paterna, é reconhecer as diversas formas pelas quais a categoria buscou dar visibilidade e legitimidade ao grupo, conquistando, assim, um lugar de expressão dentro dos espaços de poder.

Destarte, mesmo conclamando os líderes estudantis para uma reunião invocando o ressurgimento do Centro Estudantil, por meio de uma nota oficial, a Polícia Estudantil encerra

²⁰⁸ “Protestando contra o aumento das passagens nos transportes coletivos, estudantes do Liceu iniciam em 19 de maio de 1967, um “quebra-quebra” (GN, 20/05/67:8) que se prolonga no dia seguinte. Na avenida Bezerra de Menezes, Praça Gustavo Barroso e Praça do Carmo, diversos ônibus são danificados a pedradas. Secundaristas de outros estabelecimentos de ensino e diversos operários, inclusive feirantes do Mercado São Sebastião aderem ao movimento. (GN, 21/05/67:8)” (RAMALHO, 2002, p.32)

suas atividades em 1967, após a deliberação do IV Congresso do CESC.

4.3.2. “Eles querem é publicidade”: o estudante cearense e a juventude transviada dos anos 1950.

É sob o título “Eles querem é publicidade”, que o Pe. Adalberto de Paula Nunes, escreve para o jornal *O Nordeste*, de 4 de agosto de 1958, sobre um dos assuntos mais tocados pelos noticiários do final da década de 1950, a *Juventude Transviada*. Para o clérigo, os jovens que se enquadram nessa alcunha são apenas “moços bonitos” que “desejam movimentar a opinião pública, fazer onda, sendo falados e comentados por todo o mundo”.

A polícia faz barulho, prende os moços, êstes aparecem nas colunas dos jornais, há arremedo de prisão e finalmente tudo vem terminar na santa paz de Deus. E os play-boys continuam a fazer as suas. Aparecem numa festa e todo mundo fica preocupado. Se surgem numa sessão de cinema, ninguém tem mais sossego em acompanhar a exibição da película: a qualquer momento pode estourar um assovio, começo de arruaças e outras próprias dos “moços bonitos”. (O NORDESTE, 4 de agosto de 1958, p. 3)

E é nessa juventude desregrada e indisciplinada do final dos anos 1950, que muitos jovens vão identificar-se com o modelo de jovem americano trazido pelas películas hollywoodianas. São “rebeldes sem causa”, “play-boys” e, no caso específico do Ceará, os Rabos-de-Burro²⁰⁹. Um perfil de jovem em que os estudantes poderiam se identificar em contraponto ao sujeito respeitador da moral promovido pelo Centro Estudantil e por outros setores da sociedade.

Ao defendermos a heterogeneidade da categoria estudantil, não poderíamos marginalizar o novo contexto apresentado aos jovens após a Segunda Guerras Mundial. Neste sub tópico sairemos um pouco da análise dos grupos estudantis específicos para identificarmos este novo perfil do jovem brasileiro, perfil este que se estende ao universo estudantil, já que muitos desses jovens transgressores e indisciplinados que vão atentar contra a moral e os bons costumes estão em idade escolar e fazem parte de muitas das agremiações estudantis existentes

²⁰⁹ De acordo com a historiadora Lidia Noêmia Santos (2005, p. 149) “Rabo-de-burro qualificava a juventude iminentemente masculina, circunscrita ao universo social (especialmente na primeira geração) de classe média, mesmo, de elite, além de fortemente arrigado às especificidades da rebeldia juvenil local, ainda que nunca compreendida apenas como fenômeno isolado, mas como reflexo dos impactos negativos da sociedade hodierna”.

no Estado do Ceará.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a vitória do Bloco de países Aliados, encabeçado pelos Estados Unidos da América, o mundo passa a receber intensa infiltração da cultura norte-americana em seus territórios. Dessa forma, o cotidiano das cidades e, aqui tratamos especificamente de Fortaleza, passa a ter diversas influências em seu modo de vida, tendo como referência o *american way of life*²¹⁰. As moças foram taxadas de “Coca-cola”²¹¹, por conta de sua relação com os *yankees* que viviam em Fortaleza, por conta da base americana instalada no período da guerra; já os rapazes por aderirem ao estilo “rebelde sem causa” do personagem de James Dean em *Juventude Transviada*²¹².

De acordo com Thiago Sousa (2008, p. 30)

Os Estados Unidos passaram a vender num mesmo pacote a idéia de uma defesa incondicional do hemisfério ocidental, a integração cultural e econômica das Américas, a preservação de um mundo democrático e o compromisso de cooperação. Ainda mais, o chamado “*América way of life*”, ou seja, o modo de vida americano” que incidia em Fortaleza com forte incitação ao consumismo, inserção de inúmeros produtos industrializados e tecnológicos no comércio e nos lares fortalezenses, propagandeados pela imprensa por meio do rádio, de jornais, revistas, e também pelo cinema Hollywoodyano colocados como necessários à “vida moderna”.

Em Fortaleza, desde a implantação da base americana, a construção data de 1943, o cotidiano da cidade vai tomando novos rumos. Os soldados americanos ao interagirem com a população influenciavam os sujeitos e mostravam novas possibilidades de experimentar a vida, e assim, o *American way of life* foi tomando os espaços da capital cearense. Sabemos, muito

²¹⁰ Expressão cunhada durante os anos 1920, utilizada para definir o estilo de vida do cidadão norte americano, pregava a busca pela liberdade e felicidade. Durante os anos 1950, a expressão é muito utilizada para difundir os valores da sociedade americana em outros países.

²¹¹ Marciano Lopes, em seu livro de memórias *Royal Briar. A Fortaleza dos anos 1940*, descreve as famosas garotas coca-colas como “Eram um número de jovens cearenses que tinham amizades com os militares yankees postos na Capital cearense. Tinham, pois, acesso as festas e eventos nos escritórios dos oficiais dos EUA, e assim ao famoso refrigerante americano a Coca-Cola. Que só viria a ser comercializada nas lojas cearenses apenas ao fim do conflito mundial. As “Coca-Colas” surgiram, simultaneamente, com a chegada dos soldados americanos que aqui instalaram uma base aérea, no alvoredo dos anos quarenta. Melhor dizendo, elas foram consequência da permanência daqueles militares yankees em nossa Capital. O epíteto “Coca-Colas” surgiu do fato delas terem o privilégio de tomar o famoso refrigerante americano que, aquela época, a gente só conseguia “saborear”, através dos filmes “made in Hollywood”. Também, por ser a “Coca-Cola” um dos mais conhecidos símbolos americanos. Em suma, foi alguma mulher feia e despeitada ou algum machão desiludido quem apelidou as atrevidas moças de “Coca-Colas””. (Lopes, 1996, p. 158)

²¹² O filme “Rebel Without a Cause” (EUA: 1955) estreia no Brasil no final da década de 1950, com o título *Juventude Transviada*, faz grande sucesso entre os jovens. De acordo com Lídia Noêmia (2005, p. 139-140) o filme “[...] repete o mesmo sucesso de outras regiões do mundo deixando os *discípulos* (rapazes que adotaram o mesmo visual, compraram jaquetas vermelhas e lambretas, se envolveram em brigas de faca e corridas de carro, etc.) e *viúvas* (moças que mandavam cartas de amor ao lindo rebelde, principalmente aquelas que acreditavam que James Dean estava vivo, com o rosto desfigurado e outras tantas especulações que surgiram entre os que não se conformaram com seu desaparecimento), também no país”.

pelos relatos de memorialistas, que podia-se sentir a influência do modo de vida americano desde o final dos anos 1920, porém após a Segunda Grande Guerra mundial o processo de americanização passa a ser mais feroz. Podemos perceber essa infiltração dos produtos e modos de vida americanos quando analisamos a obra de Marciano Lopes, ao tratar da Fortaleza dos anos 40. Segundo o autor:

Na segunda metade dos anos quarenta, terminada a Segunda Guerra Mundial, enquanto a Europa arrasada, procurava recuperar-se, emergindo dos escombros, os americanos inventavam o plástico, o pyrex, as meias de nylon e a caneta esferográfica. (LOPES, 1996, p. 165)

Outro memorialista cearense, Blanchard Girão, ao relembrar sua caminhada enquanto estudante do Liceu do Ceará, ainda no início da década de 1940, afirma que a grande quantidade de produções filmicas desenvolvida pelo cinema Hollywoodiano e distribuída nas salas de exibição por todo o país, foi um dos principais agentes difusores da cultura americana na sociedade brasileira.

Com a crescente penetração das fitas hollywoodianas, começou a profunda transmutação na maneira de viver do povo brasileiro. Astros e estrelas de cinemas, deuses de uma nova mitologia, ensinam aos demais povos – e o nosso, evidentemente, se mostrou mais suscetível por consta de sua cultura mais jovem – um comportamento diferente, desde a maneira de vestir, de cortar o cabelo, de comer e beber, até como relacionar-se uns com os outros. (GIRÃO, 1996, p. 163)

Assim, por conta desse novo ambiente que se formou no pós-guerra e por entendermos a heterogeneidade dos grupos estudantis existentes no Ceará, que buscamos analisar, neste tópico, o perfil do estudante que se constrói a partir dessa nova dinâmica mundial, nesse momento de intensa americanização do mundo, onde novas possibilidades e horizontes são almejados pela juventude.

Os grupos jovens, ainda não assentados na idade adulta estabelecida, são o *locus* tradicional da alegria, motim e desordem, como sabiam até mesmo os reitores de universidades medievais, e as paixões revolucionárias são as mais comuns aos dezoito que aos 35 anos [...]. (HOBSBWAN, 1995, p. 294)

Desse modo, a proposta é identificar as atitudes, ações e novos meios de sociabilidade desenvolvidos por esses sujeitos que tiveram seus “modos de ser” enquadrados na chamada *Juventude Transviada*.

A historiadora Lídia Santos (2005), ao trabalhar com a imprensa dos anos 1950, afirma que esta foi a grande responsável pela diversidade de informações sobre o mundo dos atores, moda, novidades musicais e artigos de consumo, aos jovens brasileiros.

Nos anos 50, a imprensa local informava, aos jovens, as últimas novidades, nas colunas de cinema (todos os jornais de Fortaleza pesquisados possuíam-nas), que traziam o cotidiano dos artistas hollywoodianos e os bastidores da produção e filmagem (material distribuído gratuitamente pelos próprios estúdios de cinema). Publicava a programação das rádios, e os lançamentos da indústria fonográfica nacional e americana. Sem esquecer que, nas páginas dos jornais e revistas, estavam estampadas as propagandas dos produtos *da moda* e lojas. (2005, p 142)

Ao pesquisarmos nos textos e colunas publicados em alguns jornais que circulavam na Fortaleza dos anos 1950, podemos encontrar na grande maioria destes exemplares a programação das salas de cinema da capital, sinopses dos filmes, em alguns casos até o cartaz ou uma cena do filme destacando seus atores e o enredo. E, no caso do jornal *O Nordeste*, periódico católico produzido pela Arquidiocese, observamos a análise do filme e se este era ou não apropriado para o leitor assistir. Por exemplo, estava em cartaz em setembro de 1958, o filme *Epopéia Sangrenta*, a descrição que o jornal fazia do filme era “Far-west de pouco interesse. Inclui tôdas as impropriedades habituais para o público juvenil. Para Adultos”. Outros filmes ganharam adjetivos pouco lisonjeiros ou convidativos para o espectador, como, cenas monótonas e fatigantes, histórias bobas, vulgaridade, mau gosto, deseducativo etc.

Era por meio das páginas de variedade que muitos jovens, alguns ainda em idade escolar, passaram a conhecer e apropriarem-se dos muitos personagens e personalidades, trazidos por Hollywood, e de alguns de comportamentos que tendiam a rebeldia, ao confronto dos valores morais e, ao espetacular mundo que o cinema mostrava ser possível, um mundo onde os jovens têm novas possibilidades e novos papéis na sociedade.

Em Fortaleza, de acordo com Lídia Santos (2005, p. 147), “[...] a *juventude transviada* movimentava a cidade, principalmente após 1958, quando o termo passa a ser usado nos jornais”. Porém, a questão da delinquência juvenil, de acordo com um artigo escrito por José S. da Rocha Filho, publicado pelo jornal *Gazeta de Notícias*, de março de 1957, afirma que esse problema já vem sendo identificado desde o final da segunda guerra nos Estados Unidos. O autor continua o texto citando vários dados sobre a delinquência nos estados americanos, onde “Diariamente, milhares de crianças, rapazes e moças, com idades que variam de 10 a 18 anos praticam distúrbios nas grandes e pequenas cidades e áreas rurais dos Estados Unidos”.

Esses distúrbios consistem em fugir de casa, destruir a propriedade alheia, furtar, roubar, assaltar, praticar ofensas sexuais e muitas vezes matar. A maioria desses delinquentes tem de 14 a 16 anos de idade. Para cada cinco rapazes, há uma moça. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1º de março de 1957, pág. 3)

Nesses jornais, pudemos identificar algumas ações empreendidas por esses jovens, como por exemplo, nas reportagens que descrevem a apreensão de grupos de jovens que fazem arruaças e atentam contra a moral nas ruas de Fortaleza, os famosos “Rabos de Burro”. Essa expressão surge na imprensa local, de acordo com Lídia Santos (2005), para qualificar os jovens com atitudes rebeldes, com ações mais violentas no início dos anos 1950, pois esses jovens só seriam chamados de Juventude Transviada após a exibição do filme *Juventude Transviada*, no segundo semestre de 1958.

Muitos foram os colunistas que de alguma forma quiseram dar aos leitores informações e opiniões acerca desse novo momento em que a juventude vem atuando, nesse caso de forma a ser repreendida, nas ruas da cidade. No jornal *O Nordeste* encontramos muitos textos condenando as atitudes juvenis, colocando culpa na própria sociedade, enquanto pais, professores e setores públicos e, em outros casos, culpabilizando a Justiça que, neste caso, não pode (ou não quer?) tomar as medidas punitivas cabíveis contra os infratores por conta da posição social que estes representam.

É muito fácil por títulos espalhafatosos nos jornais, abanar a cabeça, horrorizados, do alto do nosso desprezo e da nossa cátedra de juízes improvisados diante dos renovados desmandos e tragédias dos nossos adolescentes. O fato é que no banco de réus estamos nós e não eles. Somos nós, os responsáveis, pais, professores, sociedade, enfim, Eles são, mais ou menos, o que nós fizemos, essa é que é a verdade. (*Páginas Recolhidas*, texto *Juventude Transviada*, O NORDESTE, 8 de agosto de 1958, p. 4)

A esta posição de culpabilidade por uma possível deficiência das penas imputadas ou à falta delas, encontramos um texto redigido por Faria Guilherme para o jornal *O Nordeste*, ainda de agosto de 1958. Abaixo transcrevemos o trecho onde o autor tece suas críticas à ineficiência punitiva e aos pais que reclamam da exposição dos filhos delinquentes nas páginas da imprensa.

Claro que se trata de rapazes ricos, possuidores de lambretas ou veículos semelhantes. Os pobres não pensam nessas coisas. Não que sejam diferentes, mas simplesmente porque não dispõem de verbas suficientes. cremos, reside nisso maior pecado dos pais. Franqueiam tudo aos filhinhos”, patrocinando, involuntariamente, as suas bacanais. Depois se queixam quando a imprensa os incrimina como coniventes nos desatinos cometidos pelos “inocentes” meninos. Inumeráveis já se tornaram as reuniões destinadas a encontrar uma solução para o caso. Ninguém se aventura, mais afoitamente, para equacioná-lo, justamente em razão da “posição social” dos meliantes. As penas da lei não podem ser aplicadas concomitantemente a ricos e pobres. Essa é a verdade que não se pode ocultar, infelizmente.

Na própria página estudantil do *Gazeta de Notícias*, a *Gazeta Estudantil*, de 29 de novembro de 1959, os editores vão publicar um trecho da palestra pronunciada pelo educador

Filgueiras Lima, na Rádio Dragão do Mar, sobre a questão da juventude transviada. O educador vai afirmar que a “mocidade não se transviou”, mas foram os “homens, pais, mães e homens do povo” que se transviaram. Ou seja, Filgueiras Lima é mais um autor que pondera essa alcunha imposta aos jovens desse período, ao final a maioria dos textos sobre esse problema social vai pôr a culpa no despreparo dos adultos na educação dos jovens.

“Precisamos crer na mocidade. Não foi ela que se transviou. Transviaram-se os homens, os pais, as mães, os líderes do povo. A sociedade moderna transviou-se, adotando normas de vida incompatíveis com a dignidade humana. Transviado, desfinalizado, anda o mundo de hoje com a volta da idolatria do Bezerro de Ouro e agarrado a valores efêmeros e ambições ferozes. No meio de tantos desconcertos e desacertos, não é de estranhar que a mocidade se perca em descaminhos. A mocidade é sempre idealista, generosa, genuína e vibrante, quando, em termo dela, se desfraldam as bandeiras do entusiasmo, da honra, do civismo, da beleza e da esperança”. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 29 de novembro de 1959, p. 3)

Lídia Santos (2005) vai afirmar que as páginas policiais dos jornais cearenses que antes eram preferencialmente frequentadas por sujeitos da classe mais pobre da população, bêbados, tarados, mundanas, menores abandonados, passam a trazer durante os anos 1950, sobrenomes conhecidos de famílias da elite do Estado.

[...] na primeira metade da década de 50, sobrenomes de famílias tradicionais do Estado passaram a freqüentar o noticiário policial não mais como vítimas, mas como agressores. Acusados de arruaceiros, desordeiros, depravados, moleques, *filhinhos de papai* e *playboys*, herdeiros das famílias Araújo, Colares, Portela, Alcântara, Saraiva Leão, Medeiros Dias, Sampaio Lima, entre tantas outras, se tornaram famosos pelos freqüentes atos de vandalismo e rebeldia, causando espanto e terror na população, indignação nos jornalistas e articulistas, e precaução nas autoridades. (SANTOS, 2005, p. 156)

Nesses textos, matérias e notícias espalhadas pelos exemplares, os autores vão procurar estabelecer semelhanças entre as situações ocorridas tanto nos Estados Unidos quanto no restante do Brasil, sendo alguns desses textos críticas ao modo como o Brasil vem agindo contra esses jovens delinquentes. Na coluna “Do Rio escreve: de óculos... sem grau...”, escrita por Almir Pinto, para o *Gazeta de Notícias*, em outubro de 1959, encontramos no texto intitulado “Juventude Transviada: Aqui e Lá” um resumo de um dos crimes mais famosos atribuídos a jovens transviados, no Brasil, o assassinato de Aída Jacob Cury²¹³.

²¹³ No dia 14 de julho de 1958, na cidade do Rio de Janeiro, a jovem Aída Curi fora levada a força por Ronaldo Castro e Cássio Murilo para o topo do Edifício Rio Nobre, na Av. Atlântida. Os dois rapazes ajudados pelo porteiro do prédio, Antônio Sousa, a tentarem abusar da moça. Conforme aponta a polícia da época, Aída foi submetida a pelo menos 30 minutos de tortura e luta intensa contra os três homens até perder os sentidos. Para encobrir o crime os rapazes arremessam o corpo da jovem do terraço tentando simular um suicídio. Houve três julgamentos. Ao final Ronaldo Castro foi inocentado da acusação de homicídio, e sendo condenado apenas por atentado violento ao pudor e tentativa de estupro. Sua pena foi de oito anos e nove meses. O porteiro, Antônio Sousa, também

[...] Uma noite qualquer de um ano bem próximo. Noite de lua, beleza do Rio de Janeiro. Um terraço alto de um edifício elegante da Copacabana famosa. Cariocas aproveitam a noite e a sua cidade trocando pernas pela rua, falando futilidades, gastando dinheiro suado com despesas que a esposa não pode saber. Dois rapazes representando muito bem a juventude transviada brasileira, essa verdadeira instituição nacional. Uma moça recatada que induzida por belas conversas e promessas de puras intenções, ali está, no terraço elegante da Copacabana famosa. Mas os rapazes não são rapazes e manifestam-se agora como verdadeiros tarados. A moça procura fugir, assombrada com a decepção. Certamente grita. Tapam-lhe a boca com sôcos. Espancam-na. Um homem está sobre a caixa d'água. É o porteiro do edifício que é pago para zelar para que tudo ocorra bem ali. É a sua obrigação. Mas a tudo assiste impassível: são filhos de papas ricos e não vale a pena ir contra êsses mocinhos bonitos... Além do mais, quem sabe as intenções que êle abriga consigo, para após aquela pretendida afronta à jovem indefesa? [...]

O texto continua por descrever o crime, porém a intenção não é dar nomes ou quaisquer outros detalhes sobre o ocorrido, afinal todos conheciam essa história por conta da imensa repercussão, o autor dá ênfase não no episódio, mas de como aquele crime teria sido punido nos Estados Unidos. Ao final Almir Pinto afirma “Já vêem, portanto, meus caros amigos, que a juventude daqui pode imitar e até superar a dos “yankes”: a lei daqui é muito mais branda que a de lá”.

Casos parecidos com o de Aída Cury, ou seja, que envolviam alguma violação sexual, começaram a aparecer em Fortaleza e foram chamadas de *curras*. A historiadora Lúcia Santos cita alguns desses casos em sua pesquisa, como a “Curra no Matadouro Modelo: Mulher atacada por quatro homens” e “‘Curra’ com duas menores no edifício São Pedro (praia)”, matérias publicadas na edição de 20 de maio de 1959. Em outra publicação é atribuído aos rabos-de-burro, logo na manchete, “«Rabos de Burro» narcotizaram e estupraram moça na praia”, esse ocorrido no mês de junho de 1959, sendo todas essas manchetes do jornal *Correio do Ceará*.

Com a grande repercussão destes crimes acontecidos em Fortaleza, a autora acaba encontrando no jornal *Gazeta de Notícias*, ainda em 1959, a promoção de uma campanha intitulada “Você sabe onde anda sua filha?”. O periódico tinha como pretensão, nas palavras da autora, “[...] informar aos pais o que estava acontecendo com suas filhas, além de se propor a ajudar na solução de problemas relacionados à educação, segurança e reputação”. (SANTOS, 2005, p. 150)

inocentado da acusação de homicídio, mas condenado pelas outras, desapareceu. Nada mais se soube dele. Já Cássio Murilo, menor de idade na época do crime, foi condenado pelo homicídio de Aída e encaminhado ao Sistema de Assistência ao Menor (SAM), de onde saiu direto para prestar o serviço militar. Informações retiradas do site: http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Caso_A%C3%ADda_Curi último acesso: 04/07/2017

Para o sucesso da campanha o jornal contou com a adesão de vários repórteres e colonistas da casa, como também, de radialistas da Rádio Uirapuru²¹⁴. Ao flagrar tanto rapazes quanto moças, alguns fardados “matando aula”, em encontros amorosos, que muitas vezes não eram de conhecimento dos pais, ou em atos que atentassem com a moral estabelecida pela sociedade. A campanha acabou por atrair além de elogios e apoios de indivíduos importantes no meio social, como o Inspetor de Educação Lauro Oliveira Lima. Também causou muita inquietação e repreensão em algumas pessoas e instituições educacionais, pois que muitas dessas instituições escolares reclamaram da exposição de seus estudantes, já que as reportagens vinha acompanhada de fotos onde os jovens eram mostrados com apenas uma tarja preta nos olhos.

Essa exposição acabava por provocar uma propaganda negativa da disciplina que era empregada pelos educandários que eram tão flagrados como seus estudantes, quanto também afetavam os pais e/ou responsáveis daqueles estudantes, sendo taxados de darem uma má educação.

Além de contar com a análise dos articulistas, a *Gazeta de Notícias* toma também a liberdade e a iniciativa de expor fotos de casais de namorados flagrados em bancos, praças, *pés de muro* e portões. O alerta por escrito já não era o bastante: a divulgação dos flagrantes de namorados, na primeira capa, era uma forma não só de intimidar os que se aventuravam a trocar afetos nas praças e ruas, como uma forma mais eficaz de sensibilizar pais, educadores e autoridades para o comportamento cada vez mais ousado dos casais de namorados. Dizendo “prestar um serviço, a família cearense, ultimamente tão ultrajada pelos escândalos denunciados na imprensa e no rádio, envolvendo moças e rapazes da chamada ‘gente do bem’”, passará a fiscalizar e publicizar os “excessos” cometidos longe dos pais e responsáveis. Agora era possível averiguar, se a ingênua filha passava algumas horas nos braços do sedutor, namorado não tão respeitoso como se fazia parecer, ou mesmo, de rabo-de-burro. (SANTOS, 2005, p. 153)

Os Rabos-de-burro vão implementar o terror nas ruas de Fortaleza, desde a metade dos anos 1940. Nesse primeiro momento os grupos, conforme Lídia Santos (2005, p. 157),

²¹⁴ A Rádio Uirapuru foi inaugurada em 16 de junho de 1956, sua fundação se deu pelas mãos de José Pessoa de Araújo e Aécio de Borba de Vasconcelos, estes associando-se com alguns amigos, dentre os quais se destacaram José Julio Cavalcante, Luiz Crescêncio Pereira e Afrânio Peixoto. “A Rádio Uirapuru tinha uma programação moderna e variada onde manteve de maneira diversificada, o entretenimento para os ouvintes, mas voltando-se para mantê-lo informado e prestando seus serviços aos que a prestigiavam com sua audiência. Foram firmados convênios com a Mayrink Veiga e Nacional do Rio de Janeiro e os grandes programas humorísticos da época passaram a ser apresentados também em Fortaleza em gravações. A esse estilo de programação se juntaram as produções locais, como “Almanaquinho do Ar” com Tarcísio Tavares, “Revistinhas da Cidade” com Ivan Lima; “Despertador Musical” com Juarez Silveira e “Nos Bastidores policiais” com Cidrak Ratts, que marcou época. O forte na programação da ZYH-25 haveria de ser o esporte, a notícia e a informação de um modo geral.” Atualmente é uma emissora vinculada a Igreja Universal, sendo a sua programação voltada, preferencialmente, para o público evangélico. Mais informações disponíveis em <http://temposdoradio.blogspot.com.br/2008/10/rdio-uirapuru-de-fortaleza.html>

formados por meninos do Centro da cidade, que tinham em média 10 anos de idade passam “[...] a se reunir nas imediações das ruas 24 de Maio, Pedro I e Duque de Caxias, para imitar policiais, no “patrulhamento do quarteirão”, “guerrear”, promovendo pequenos combates improvisados e lutas entre si”. Porém, esses “pequenos combates” vão tornando-se mais violentos ao ponto de ser necessária a constante intervenção da polícia.

Os meninos, com idade média de 10 anos, foram crescendo e, com eles, a gravidade dos atos. Mesmo com a intervenção constante da polícia, a tranquilidade, antes reinante, jamais voltaria a ser restabelecida, haja vista que a ação policial não resultava em punições severas dos arruaceiros. Os pais dos rapazinhos sempre encontravam um meio de livrar os filhos do poder da lei, usando da própria influência ou a de padrinhos para demover o senso e o poder de justiça das autoridades competentes, assim como remediando os atos dos filhos, comprando o silêncio e sanando os danos dos mais prejudicados. (SANTOS, 2005, p. 157)

São inúmeras matérias sobre as prisões e os crimes cometidos por esses jovens, em algumas descrições das desordens públicas causadas por rabos-de-burro, alguns suspeitos são apresentados com seus nomes, como é o caso de Ivan Paiva²¹⁵ e outros têm seus nomes protegidos aparecendo apenas suas iniciais e idades, em outros casos podemos observar que o autor da notícia apresenta mais detalhes e alguns jovens são identificados como estudantes.

Lídia Santos, acredita que os repórteres tornaram a expressão “Rabo-de-burro” um conceito, pois afirma que muitos dos delinquentes não se reconheciam por essa alcunha, a autora cita como exemplo a ameaça que um grupo denominado com o conceito fez à direção do jornal que os perseguia, o bilhete vinha assinado por “*Pínduca Boys* e não *Rabos-de-Burro*”²¹⁶.

Em reportagem, publicada em 29 de agosto de 1958, pelo repórter César Coelho, sob o título “A Inspetoria Seccional de Fortaleza Procura Resolver o Problema da Juventude Transviada”, destaca a campanha de “Educação da Juventude”, projeto destinado a apurar “as causas do transvio da nossa mocidade”.

A campanha é orientada por questionamentos que tem como foco uma possível atuação da família, da escola ou grupos fora dela, dos meios de comunicação e das autoridades

²¹⁵ Ivan Paiva ficou conhecido como o mais famoso rabo-de-burro de Fortaleza, este posava para as fotos que seriam publicadas nos jornais. De acordo com Lídia Noêmia Santos (2005, p. 179) Ivan era um “Rapaz moreno, com características físicas do negro, o *rabo de burro*, movimentava a cidade e, ao que parece, fazia-o pela satisfação que sentia em sair nas capas dos jornais, uma vez que brincava com a própria imagem, como, por exemplo, quando declarou, em depoimento que sua maior frustração é a de Fortaleza não possuir uma avenida asfaltada, com dimensão suficiente para se chegar aos 100km por hora na lambreta”.

²¹⁶ “Os “rabos-de-burro” fazem ameaças (vãs) à imprensa.” *Gazeta de Notícias*. Fortaleza: 29 de julho de 1954, última página.

do estado, como também, medidas punitivas contra os desvios desses jovens. As atividades dessa campanha iriam se dar, de acordo com um de seus membros, o professor Evaristo Linhares Lima, com “[...] uma série de atividades em prol do mais urgente soerguimento da nossa juventude [...]”. Dentre essas atividades há propostas de “mesas redondas nos clubes elegantes, criará círculos de mestres e departamentos educacionais junto a êsses grêmios, contando com o apoio de suas diretorias e programas que já se iniciaram nas emissoras locais, tratando do assunto [...]”.

Ao acompanharmos o vasto material sobre a *Juventude Transviada* de Fortaleza, o que podemos identificar é que muitos desses jovens pertenciam a categoria estudantil, mesmo que em muitos casos de prisões ou aparições na imprensa tenha se omitido a qualificação daquele jovem. Mas sabemos que as escolas e as autoridades ligadas a educação foram instituições que buscaram deter o avanço da adesão dos estudantes nesse meio de indisciplina e criminalidade. A própria Polícia Estudantil, que vimos anteriormente, foi um órgão criado pelos estudantes do Centro Estudantil para prevenção não especificamente da *Juventude Transviada*, mas o departamento devia vigiar e punir aqueles estudantes que, por ventura, não estivessem se comportando de acordo com a moral e os bons costumes que a entidade pregava, ou seja, salvaguardar o estudante ordeiro e disciplinado contra o estudante transviado.

4.4 “ENTÃO É ESTA, ESTUDANTE ESCLARECIDO, A VOSSA POLÍTICA?”: ATU(AÇÃO) ESTUDANTIL NAS REIVINDICAÇÕES POR UM CEARÁ MENOS INJUSTO.

O Centro Estudantil Cearense desenvolveu, em seus mais de 30 anos de existência, muitas campanhas em favor da coletividade. Escolhemos como primeira ação social do CEC, a criação dos grupos escolares que tinham como objetivo primordial dar condições de estudo aos indivíduos que não teriam tempo de cursar o ensino básico nos horários regulares oferecidos pelas escolas do governo ou particulares.

Em edição da *Folha Estudantil* de 1935, foi publicada uma matéria acerca das Escolas básicas fundadas pelo CEC. Em entrevista com dois diretores dessas instituições, Adail Barrêto Cavalcante, diretor do grupo 1º de março e Ernesto Santos, diretor do grupo 11 de agosto, estes falaram da importância desses empreendimentos para a sociedade, pois mesmo que seja um instrumento que possibilita oportunidades para os estudantes, também, é um instrumento a mais para os sujeitos que estariam excluídos do sistema de ensino convencional

oferecido pelo governo.

Figura 29: Imagem do prédio onde funcionava o grupo 1º de março.



Fonte: Folha Estudantal, 11 de agosto de 1935, p. 65.

De acordo com Adail Barreto Cavalcante, o grupo 1º de março, criado em 1934, no ano de 1935, suas matrículas subiram para 150 alunos, sendo estes de frequência variável, pois “[...] na sua maioria, serem pequeno operários que, muitas vezes, trabalham a noite”.

Façam-me constar isto: dêles ha, como já foi, casualmente, constatado, pela Comissão de Instrução do Centro, tão dedicados aos estudos que vêm às aulas diretamente do trabalho, sem terem, sequer jantado, gesto que mais nos anima e conforta. (FOLHA ESTUDANTAL, 11 de agosto de 1935, p. 64)

Quando lhe é perguntado se há algum incentivo do Estado ou se recebe algum tipo de verba do mesmo, Adail Barreto afirma que a escola não recebe nenhum auxílio, além de “3 ou 4 livros de matrícula, no início de cada ano, por intermédio da Diretoria de Instrução”. Notamos que na fala, ao dizer que o prédio é cedido pelo Estado, um tom hostil, pois ao final da frase completa com um, “Também se não fosse...”. O que observamos é que havia uma espera de algum tipo de apoio ou auxílio do Estado, já que essas escolas sobreviviam com o que era repassado pelo Centro Estudantal. Seus professores e funcionários eram membros do CEC e não recebiam nada por suas atribuições na instituição.

Figura 30: Imagem do prédio onde funcionava o Grupo 11 de Agosto.



Fonte: Folha Estudantal, 11 de agosto de 1935, p. 64.

O grupo 11 de agosto tinha uma melhor estrutura do que o 1º de março, pois contava com algumas instituições internas para o chamado “desenvolvimento social dos discentes”.

Temos inicialmente o Museu Escolar, com a finalidade de mostrar aos alunos os principais produtos, nos três reinos da Natureza, quer do nosso Estado quer das demais unidades da federação. Em seguida, vem a Cultura Física, sob a competente direção do sargt. Luiz Amaro Bezerra, do Corpo de bombeiros. O nosso diretor é o jovem Iaco Fernandes. Instituição importantíssima é, sem dúvida, o ORFEÃO FRANCISCO MANUEL, que recebeu este nome em homenagem ao grande compositor patricio. Nos dias que o grupo tem a satisfação de receber o Silvio Novo a frequência aumenta extraordinariamente, prova de estima de que gosa esse educador e do interesse que desperta entre os discentes o canto orfeônico. (FOLHA ESTUDANTAL, 11 de agosto de 1935, p. 66).

Se prestarmos bastante atenção ao trecho acima citado, podemos ver nomes que não são desconhecidos por nós, por exemplo, o nome do compositor Silvio Novo, este que juntamente com Filgueiras Lima compôs o Hino do Estudante Cearense, composição sempre presente nos eventos e celebrações encabeçadas pelo Centro Estudantal Cearense.

Outro elemento presente no grupo 11 de agosto é a Cooperativa Escolar, este sendo de fundamental importância, já que através da cobrança de \$100 semanais aos sócios, que “[...] servem para custear as despesas de passeios, material didático e auxílio aos sócios quando doentes”.

Além de tudo que já foi citado, o grupo 11 de agosto, também, tinha em sua posse uma Biblioteca infantil, que de acordo com Ernesto Santos, que “[...] não existe no Ceará, uma

escola primária que tenha como a ‘11 de agosto’, uma biblioteca infantil nos moldes e tão completa como a nossa”.

Toda essa diferença entre as duas escolas se dava porque o grupo 11 de agosto tinha auxílio do governo, mediante requerimento feito pelo Centro Estudantal.

Ainda no govêrno Carneiro de Mendonça obtinhamos, mediante requerimento do “Centro Estudantal Cearense”, baixasse a Interventoria, fundamentado por parecer do Conselho Consultivo, o dec. N.º 1.180, de 27 de dezembro de 1933, regulando uma subvenção de 2.400\$, e, a partir daquela data, a Diretoria da Instrução passou a fiscalizar o Grupo. (FOLHA ESTUDANTAL, 11 de agosto de 1935, p. 66)

Outras escolas foram criadas pelo CEC durante sua existência, como a também importante, Escola Moça de Cultura (EMC)²¹⁷, fundada em 10 de dezembro de 1933.

Ramalho (2002) afirma que a Escola Moça de Cultura precedeu a Academia Centrista de Letras. Como a grande maioria das agremiações ou grupos estudantis do período, a Escola Moça de Cultura não fugia a regra e tinha normas²¹⁸ a serem cumpridas por seus membros²¹⁹. Citamos abaixo a norma primeira da EMC, nela podemos identificar quais conhecimentos e valores deveriam nortear seus integrantes²²⁰.

[...] o conhecimento mais profundo da Sociologia (em especial política), da Filosofia, da História e das ciências que mais de perto lhe tocam, e a realização, por parte dos seus associados de mais completos estudos de literatura nacional, no sentido da criação de algo que represente as novas tendências da sociedade. (norma I EMC)²²¹

Na *Folha Estudantal* de setembro de 1934, encontramos um discurso em homenagem a Ernesto dos Santos, mesmo diretor da 11 de agosto, agora sendo responsável pela Escola Moça de Cultura. O discurso proferido por Valter de Sá Cavalcante afirma que a fundação dessa escola não era apenas “[...] uma escola noturna para que pudessem os moços, que, diurnamente trabalhavam, compartilhar da seiva da instrução [...]”, mas era uma instituição que possibilitava muito mais culturalmente do que a superação do analfabetismo, sendo “[...]”

²¹⁷ De acordo com Bráulio Ramalho (2002, p. 27), nas palavras de Antônio Girão Barroso, a escola era “um espécie de prolongamento do Centro”.

²¹⁸ Não tivemos acesso ao documento por completo, apenas partes publicadas nos estudos de Bráulio Ramalho.

²¹⁹ Eram sócios da EMC: Yáco Fernandes, Antônio Girão Barroso, José Maris, Moreira Campos, Fran Martins, Murilo Mota, Moacir Mota, Manuel Albano Amora, Edgar Carvalho e Aurélio Mota

²²⁰ “Composta de 18 sócios, ficavam todos obrigados a defender, mensalmente, uma monografia de caráter científico ou literário. O tema, era escolhido pela maioria, era único e compulsório. A não defesa constituía falta, remida com multa (norma XII). Além disso, todo e qualquer trabalho de autoria de um sócio publicado na imprensa deveria levar bem clara a qualidade de seu autor como membro da ‘Escola’ (norma XV)”. (RAMALHO, 2002, p. 27)

²²¹ Idem

um orfeão de todos os alunos da cidade”.

Percebemos que, além de ser um departamento que fomentava as letras, a EMC trabalhou em conjunto às outras escolas, em busca de dar instrução aos que necessitassem.

Outra iniciativa parecida, agora organizada pela União Estadual dos Estudantes, foi a instalação de uma escola de datilografia, no ano de 1962, no Bairro do Pirambu. De acordo com a reportagem publicada no jornal *O Nordeste*, de 3 de janeiro, a entidade máxima dos universitários “[...] prosseguindo no seu louvável trabalho de recuperação do pirambu, vem de lançar oportuna campanha visando a instalação, ainda neste mês, de uma Escola de Datilografia, nêsse bairro [...]”.²²²

Saindo do âmbito educacional, em 28 de maio de 1955, é lançada uma campanha para a construção de uma maternidade popular em Fortaleza. Encabeçada pelo Sr. João de Medeiros Calmon, diretor geral da cadeia dos “Diários Associados”, logo após o discurso²²³ proferido pelo senhor Calmon, a campanha já contava com 1 milhão de cruzeiros doados.

Em 12 de junho do mesmo ano, o Centro Liceal de Educação e Cultura (CLEC) e a União Estadual do Estudantes se integra a campanha, chamando todos os estudantes e estabelecimentos de ensino a fazerem-se presentes nesse empreendimento. De acordo com o jornal *Unitário*, a campanha tanto empolgou os estudantes cearenses, que muitos deixavam de merendar para colaborar com o fundo para a construção da maternidade.

Além dessa módica contribuição individual, o CLEC e a UEE reuniram se com os representantes estudantis de colégios, faculdades e grupos escolares, acertando que estes deveriam organizar vários eventos que pudessem arrecadar fundos para a campanha.

Nos colégios, é grande o entusiasmo com que as alunas da “Imaculada Conceição” aderiram ao movimento. Os colégios Lourenço Filho, Doroteias, Instituto de Educação, S. José, Santa Cecília, Liceu, Agapito dos Santos, Farias Brito, 7 de Setembro, Brasil-Estados unidos, Castelo, cearense e tantos outros trabalham colaborando conosco pelo sucesso da maior campanha de que tem notícia o Ceará. (UNITÁRIO, 12 de junho de 1955, p.3)

A arrecadação final estava nas mãos da Comissão Central dos Estudantes que após o fim das atividades marcado para o dia 28 de agosto, deveriam ser entregues na sede dos *Diários Associados*.

²²² “A União Estadual dos

²²³ O discurso foi proferido em jantar oferecido ao Diretor da cadeia dos *Diários Associados*, João de Medeiros Calmon, que ocupou o cargo de Diretor Geral dos Diários, Rádios e TV Associados.

Todas as matérias que traziam informações da campanha publicavam foto das mais variadas manifestações em prol da campanha. Ainda na reportagem que informa a inclusão dos estudantes nas atividades de arrecadação é publicada uma imagem de uma criança, aluno do grupo Escolar Presidente Vargas, entrega ao diretor dos *Diários Associados* a quantia recolhida junto a seus colegas de escola. A outra imagem que acompanha a reportagem é do Comitê Geral dos Estudantes, reunidos na Faculdade de Direito após reunião que organizou a participação estudantil na empreitada.

O uso das imagens, que confirmam a entrega das doações aos responsáveis pela campanha, dá a impressão de legitimidade e seriedade do empreendimento e suscita a participação de outros setores da sociedade civil.

Figura 31: Contribuição do Grupo Escolar Presidente Vargas e Comitê Central dos Estudantes.



Fonte: UNITÁRIO, 12 de junho de 1955, p. 3.

Figura 32: Comitê Estudantil da Campanha em prol da construção da Maternidade Popular.



Fonte: UNITÁRIO, 12 de junho de 1955, p. 3.

A campanha repercutiu em todo o país, vários jornais noticiaram a campanha, o que acabou dando maior visibilidade a obra que teve início em 3 de março de 1956, sendo inaugurada e entregue a Universidade do Ceará em 14 de dezembro de 1963.

Em virtude de convênio com a Universidade, entrou em funcionamento, oficialmente, Sábado último, a Maternidade-Escola Assis Chateaubriand, sob a direção do Dr. Galba Araújo. A solenidade, realizada às 16 horas, assinalou o importante acontecimento, que contou com a presença de destacadas autoridades do Estado e do Município. Falaram na ocasião, o jornalista Manoel Eduardo Pinheiro Campos, presidente da Sociedade de Assistência à Maternidade (SAMEAC), o Reitor Martins Filho e o governador Virgílio Távora. Em seguida, houve o batismo de Teresinha, filha do casal Maria Cardoso dos Santos e Paulo Furtado dos Santos, primeira criança nascida naquele nosocômio, tendo como padrinhos o sr. e sra. Martins Filho. Champagne foi servido aos presentes, seguindo-se uma visita às dependências da Maternidade. Com o seu funcionamento normal, Fortaleza passa a contar com mais 120 leitos para gestantes, cerca de 20 dos quais já estão ocupados. (O POVO, 18 de janeiro de 1965)

Em 1962, encontramos informações sobre a inauguração do prédio da Policlínica dos Estudantes. Na festividade, em 3 de outubro, o prefeito Paulo Sarasate se fez presente no empreendimento estudantil.

Figura 33: Inauguração da Policlínica dos Estudantes.



Fonte: Acervo do jornal O Povo.

Os estudantes cearenses estiveram à frente de várias campanhas sociais, principalmente contra as ações que de alguma forma interferiam diretamente em seus direitos conquistados. Um exemplo, são as inúmeras manifestações e protestos organizados pela categoria contra aumento de passagens de ônibus ou quando quiseram acabar com a meia estudantil nos transportes.

Quando avançamos nas pesquisas hemerográficas, as notícias que têm como sujeito da ação os estudantes começam a tomar novas formas e novos discursos. De acordo com Pontes (2014, p. 59), no final dos anos 1950 e início dos anos 1960, “a realidade política em que o movimento estudantil estava inserido era outra”. Assim, nesse novo ambiente, as ações estudantis começam a serem vistas de uma outra forma e os discursos que, anteriormente, definiam o perfil estudantil como ordeiro e disciplinado passam a atribuir características hostis a atitudes de muitos grupos estudantis.

É nessa nova conjuntura política que o movimento vai se transformando, sendo essa transformação percebida de diversas maneiras. [...] Na realidade, havia também inserida nessas críticas uma disputa simbólica, em que tentava-se impor um certo ideal de jovem, de juventude, de universitário, de movimento estudantil. A “prestigiada classe universitária” deveria ter um determinado comportamento, um comportamento identificado com certos valores, como por exemplo; ordem, moderação, disciplina e o respeito à hierarquia. (PONTES, 2014, p. 59-60)

As reportagens que divulgavam manifestações ou protestos organizados pelos

estudantes passam a entender as ações estudantis de contestação como sendo desordem ou subversão. Além da nova adjetivação das ações do movimento estudantil, o ME também era acusado de estar infestado de agentes subversivos infiltrados, informação que desacreditava ou deslegitimava as manifestações, já que o movimento estudantil já não era mais aquele grupo de estudantes que respeitavam a moral e nem eram mais ordeiros e disciplinados.

As manchetes começam a definir as manifestações estudantis como desordens ou agitações, adjetivos que anteriormente não seriam, jamais, atribuídos as ações estudantis. Nas manifestações, dos anos 1940, contra aumentos das passagens ou quando os estudantes estavam contra a elevação do preço da carne que era tabelado, chegando a formar grupos de fiscalização, essas ações sempre eram bem vistas pelos jornais, muitos noticiavam como iniciativas positivas dos grupos estudantis preocupados com a população mais necessitada.

Agora, em mais uma manifestação contra o aumento das passagens nos ônibus e a possível extinção da meia passagem estudantil, a manchete do jornal *O Povo* do dia 23 de setembro de 1962, mostra o protesto impondo a Fortaleza, um dia de “violências e excessos”, que intranquilizaram a capital. Segundo a matéria do jornal *O Povo*, um grupo de estudantes, incentivados por agitadores protestaram pelas ruas de Fortaleza, em função de um possível aumento nas passagens de ônibus e contra a extinção da meia estudantil. Ainda de acordo com a reportagem, já havia sido dito, pelo prefeito Paulo Sarasate que não haveria aumento, mas mesmo assim, os estudantes organizaram uma “baderna” em frente à Câmara Municipal.

Convocados por todos os presidentes de grêmios estudantis, compareceram os estudantes às 15 horas de ontem à praça José de Alencar, donde rumaram, em [ilegível], para a Câmara Municipal, fardados, acompanhados por bandas de música e cantando o hino nacional. Entraram na Câmara, mas, em perfeita ordem. Falou na ocasião o Presidente do Centro dos Estudantes Secundários do Ceará, sr. José Maria Barros Pinho, que deu e obteve explicação. Com três mesas danificadas, motivada unicamente pela precipitação dos estudantes com a chegada da Polícia, foi encerrado o protesto. (O POVO, 25 de setembro de 1963, p. 2)

Da Fortaleza onde os descontentes protestam depredando prédios públicos e privados, assim como aconteceu em 1942 com o famoso “Quebra-Quebra” das lojas de possíveis estrangeiros ligados ao bloco do Eixo na II Guerra, não escapou nada e nem ninguém, ainda de acordo com a matéria, foram destruídas “[...] casa comerciais, bancos de avenidas, sinais luminosos, automóveis particulares e até a sede do USIS”.

Figura 34: Capa do Jornal *O Povo*, de 23 de setembro de 1963.



Fonte: *O Povo*, de 23 de setembro de 1963.

O que podemos observar é que o discurso empregado pelo jornal e pelos órgãos oficiais do Estado, como a Secretaria de Segurança Pública e Gabinete do Governador, de que os responsáveis pelas desordens e depredações são agentes infiltrados no meio estudantil, por um lado pretende-se não macular a imagem do estudante ordeiro e disciplinado, pois custa-se a acreditar que os estudantes cearenses pudessem organizar uma manifestação que acabaria no transtorno que findou-se aquele dia do mês de setembro. Por outro lado, podemos identificar um aumento da repressão na atuação policial contra às manifestações nos espaços públicos da cidade, pois que sobrou violência até para o fotógrafo do periódico, que teve sua câmera inutilizada por um policial.

Ao compararmos as notas dos órgãos públicos, publicadas pelo periódico, observamos visões sobre a atuação do estudante no acontecido. No caso da nota explicativa da Secretaria de Segurança Pública, é pedido aos pais de alunos que mantenha-se atentos às “[...]”

manobras de agitadores, que aproveitam de todas as circunstâncias para lançar o desassossêgo público”. Esse alerta nos mostra que esse órgão mantém a visão de um estudante que, sendo modelo da ordem e disciplina, está à mercê da influência de “agitadores”, tendo os pais o dever de vigiar e guardar seus filhos dessa má influência. Nesse caso, os “verdadeiros estudantes” são aqueles que, mesmo em desacordo, manifestam-se em plena ordem e disciplina. Já o estudante que não preza por esses valores é identificado como vândalo.

Já ao analisarmos a nota de esclarecimento do Gabinete do Governador, o tom é outro. Nela os estudantes são acusados de organizarem uma manifestação que seria pacífica contra as empresas de ônibus, porém esta se converte em “[...] um movimento de violência e agitação, visando perturbar a ordem e a tranquilidade dominantes entre o povo e a família cearense”. Mesmo contendo, também, a acusação de infiltração de agitadores e o pedido de auxílio aos pais para manter seus filhos fora das desordens, o governo não isenta os estudantes da confusão, culpando apenas indivíduos externos ao movimento.

Como já foi dito, o ano de 1963 põe fim as atividades do Centro Estudantil Cearense por conta de sua fusão com a União Cearense dos Estudantes Secundários (UCES), passando a atuar como Centro dos Estudantes Secundários do Ceará (CESC).

Com o golpe civil-militar de 1964, os estudantes brasileiros continuaram sua atuação, mesmo após a instituição, em novembro de 1964, das novas diretrizes para os órgãos de representação estudantil aprovadas pelo congresso Nacional, por meio da Lei nº 4.464, conhecida como “lei Suplicy”.

Pela nova legislação os universitários seriam regidos pelas seguintes entidades: a) o Diretório Acadêmico (DA), em cada estabelecimento de ensino superior; b) o Diretório Central dos Estudantes (DCE), em cada universidade; c) o Diretório Estadual dos Estudantes (DEE), em cada capital de Estado, Território ou Distrito Federal, onde houvesse mais de um estabelecimento de ensino superior; d) o Diretório Nacional dos Estudantes (DNE), com sede na Capital Federal. Além de ser vedada a esses órgãos de representação universitária qualquer manifestação de caráter político partidário, eles agora estavam manietados pelos órgãos oficiais. (RAMALHO, 2002. p. 197)

Dessa forma, os estudantes precisarão tecer novas estratégias para dar continuidade a atuação do ME. Agora além das demandas estudantis por assistência, o ME tinha outra luta em vista, combater o governo golpista. Porém, não nos compete adentrarmos nesses eventos de violência e terror, que regeram os mais de 20 anos de regime ditatorial.

5 CONCLUSÃO

Nos vários trabalhos que orbitam a temática do movimento estudantil, seja ele específico do Brasil ou no caso macro, o mundial, a face predominante é a sua atribuição contestadora e revolucionária. Há uma naturalização destes adjetivos que começa a ser desenvolvida a partir dos anos 1960, mais precisamente com as manifestações estudantis de 1968. Dessa forma, acabou-se construindo um mito, onde os estudantes em essência seriam uma categoria revolucionária. Porém, os novos estudos que pretendem dar a compreender o Movimento Estudantil, principalmente no caso brasileiro, já caminham para reflexões que propõe uma desnaturalização dessa visão histórica.

Nosso trabalho encaixa-se nesse novo momento de análise sobre a categoria estudantil, que nem sempre foi inflamada pelo espírito renovador, mas que passou por um processo de amadurecimento durante as décadas de 1940 e 1950, para que pudesse ter desenvolvido estratégias de contraposição e combate ao Golpe civil-militar, dado em 1964.

Faz-se necessário mais pesquisas para se repensar sobre a História do Movimento Estudantil brasileiro, sem restringirmo-nos aos anos de glória que foram os idos de 1968. Pois que o processo de transformação da imagem do estudante ordeiro, disciplinado e preocupado com os rumos do país, que veio sendo construída, mais fortemente, desde os anos 1930, com a criação da União Nacional dos Estudantes, em âmbito nacional; no caso do Ceará, da fundação do Centro Estudantal Cearense e de outras entidades estudantis locais como foi o Centro Liceal de Educação e Cultura. Esse perfil foi publicizado pelos jornais, apropriado por e identificado pela categoria estudantil e legitimada pelos grupos de poder. Foi através da instituição dessa imagem que a atuação política dos grupos estudantis conquistou um lugar de peso nos espaços de poder da sociedade brasileira.

Por isso, um dos objetivos propostos neste trabalho foi de refletirmos como os múltiplos discursos tentaram construir um modelo exemplar para o *Ser Estudante*. Além de percebermos como esse discurso foi apropriado por grupos estudantis e influenciaram as práticas políticas e ações de sociabilidade desses sujeitos. Não pretendíamos fazer mais uma pesquisa de validação da substância revolucionária que naturalizou-se com “Maio de 1968”, porém, também, não buscamos, de forma alguma, esvaziá-la.

Ao analisarmos, em específico, como se deu a construção de um perfil de estudante no Ceará, a partir dos discursos de vários atores sociais, como o Centro Estudantal Cearense, Centro Liceal de Educação e Cultura, a Imprensa local e o Estado, pudemos perceber que o

estudante ideal foi personificado como um sujeito ordeiro, defensor da moral e dos bons costumes, disciplinado e, principalmente, educado para ser o responsável pela grandeza futura do Brasil.

O Centro Estudantal Cearense primou, durante seus mais de 30 anos de existência por esse modelo de estudante. Sendo um centro preocupado com a Assistência de sua categoria, possibilitava aos associados vários espaços de debates, para a formação intelectual, que se davam nas reuniões da Academia Centrista de Letras e nas publicações de poemas, ensaios, contos, variados gêneros textuais na revista centrista, a Folha Estudantal. Seja na organização de eventos esportivos pela cidade, momento que se buscava o aprimoramento do corpo, em consonância ao trabalho intelectual; sua maior forma de propagandear seu modelo de estudante se dava nas comemorações do Dia do Estudante e nos Concursos de Rainha dos Estudantes, eventos de grande porte que mobilizavam a categoria, a imprensa, o Estado e a própria sociedade. Esses momentos foram celebrações coletivas desse perfil ideal.

No caso do Centro Liceal de Educação e Cultura, mesmo seus membros também sendo membros do CEC, tiveram na sua atuação uma estratégia mais combativa. Os estudantes do Liceu, na história de Fortaleza, sempre estiveram envolvidos nas manifestações e ações mais enérgicas, muitas vezes taxadas de violentas, como no caso relatado por Blanchard Girão, “Guerra com os Deputados”, onde os alunos do Liceu organizaram um protesto dentro da Assembleia, que acabou em troca de agressões verbais com os Deputados e físicas com a Polícia do Estado.

Não podemos distinguir a atuação destas duas entidades definitivamente, ou separá-los em caixas distintas, pois como já foi dito, alguns estudantes eram membros das duas concomitantemente. O que podemos perceber é que as duas agremiações sempre estiveram, enquanto em plena atividade, presentes nas grandes e pequenas disputas por melhorias para a categoria, quanto para a sociedade em geral.

Dessa forma, a organização estudantil em prol de suas demandas, como a campanha pela meia passagem no transporte público e locais de diversão e os milhares de eventos destinados a construção da Casa do Estudante Pobre do Ceará e, principalmente, como essa atuação que podia ou não corroborar com os discursos que pretendiam definir o verdadeiro *sujeito/estudante*, ou seja, procuramos identificar as muitas vozes que tentaram dar sentido ao que era *ser estudante* no Ceará. Nossa proposta buscou entender como eram construídos os discursos sobre o estudante, a partir do que era publicado nos jornais locais, nos impressos

estudantis e, principalmente, através da atuação de suas entidades representativas.

No Ceará, falou-se sobre essa categoria social desde os primórdios de suas agremiações, sejam elas totalizadoras, como o Centro Estudantal Cearense, ou mais restritas às escolas, como Centro Liceal de Educação e Cultura e os demais grêmios estudantis. Foram muitos discursos e sujeitos que tentaram construir um modelo ideal em torno da figura do estudante. Entendemos essa multiplicidade não pela quantidade de visões diferentes divulgadas, mas pelo excesso de apresentação do ideal vencedor, que foi o estudante identificado com a ordem, disciplina e civismo, sendo o diferente, o que não se encaixava legado ao silenciamento.

A estes estudantes, os discursos preferiram dar-lhes outros nomes: subversivos, terroristas, baderneiros e vândalos. O perfil ideal, aquele que seria responsável pelo futuro da nação, foi construído e cristalizado durante anos e pelos mais diferentes discursos do Estado, da Igreja, da Imprensa e das próprias entidades estudantis. Mas nesse caminho, estes discursos também serão aos poucos transformados e os estudantes que antes seriam os próximos a preservarem a grandeza do país, com sua atuação pautada na ordem e disciplina, vão dar um novo sentido a sua reponsabilidade pátria. Com o golpe civil-militar de 1964 é que se percebe uma cisão clara na categoria estudantil, mas especificamente em Fortaleza que foi o *locus* deste estudo, os grupos contrários e combativos ao golpe serão denominados de subversivos e vândalos; já os que vão apoiar a intervenção militar são os verdadeiros “estudantes democratas”, referência dada por Bráulio Ramalho aos estudantes e grupos estudantis que deram suporte aos primeiros momentos do golpe, na capital cearense, entregando colegas e documentos que pudessem comprovar ações contrárias a nova ordem vigente.

O que é ser Estudante? Concluimos que a categoria estudantil não pode ser definida em absoluto, sendo ao mesmo tempo ação, contestação, conservadorismo, disciplina, ordem, luta, etc.. Por fim, é multiplicidade.

6 FONTES:

Estudantis:

Estatuto do Centro Estudantal Cearense, de 29 de maio de 1938, publicado no Diário Oficial do Poder Executivo do Estado do Ceará, em 12 de Janeiro de 1939.

Carta Magna do Centro Liceal de Educação e Cultura. In.: Diário Oficial do Estado do Ceará – nº 6586, pgs. 11-14, de 17/05/1956.

Estatuto da Polícia Estudantal. Fortaleza: Tipografia União, 1940.

Folha Estudantal (1932, 1934, 1935, 1954) (Fortaleza)

Educação e Cultura (1962) (Fortaleza)

O Viver (1955) (Fortaleza)

O Liceu (1960) (Fortaleza)

O Jornal (1933) (Sobral)

O Debate (1934) (Massapê)

Memorialistas:

ARRUDA, Raimundo. *Memórias de um Menino*. Fortaleza: Ed. O Povo s/a. 1986.

_____. *Itinerário de um Líder*. Fortaleza: Gráfica Editora R. Esteves Tipoprogresso LTDA., 1989.

BARROSO, Gustavo. *Liceu do Ceará*. Fortaleza: Edições UFC/Casa José de Alencar, 2000.

GIRÃO, Blanchardt. *O liceu e o bonde na paisagem sentimental de Fortaleza-província*. Fortaleza: Editora ABC, 1997.

LOPES, Marciano. *Royal Briar: a Fortaleza dos anos 40*. Fortaleza: Tipoprogresso, 1988.

Legislação:

CEARÁ. Decreto nº 67, 09/08/1935, Diário Oficial do Poder Executivo do Estado do Ceará, Fortaleza, 10/08/1935.

BRASIL. Constituição (1934). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1934. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm Último acesso: 17/05/2017

BRASIL. Constituição (1937). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 10 de novembro de 1937. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Constituicao/Constitui%C3%A7ao37.htm> Último acesso em 28/12/2016.

BRASIL. Decreto-lei nº 6.141, de 28 de dezembro de 1943. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6141-28-dezembro-1943->

[416183-publicacaooriginal-1-pe.html](#) Último acesso: 09/01/2016.

BRASIL.Constituição (1946). Constituição dos Estados Unidos do Brasil De 18 de setembro de 1946. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao46.htm

Último acesso em 28/12/2010.

Mensagens governamentais:

- CEARÁ. Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1º de julho de 1936 pelo governador do Estado Dr. F. de Menezes Pimentel. Fortaleza: Imprensa oficial, 1936.

Estatísticas:

- Anuários Estatísticos do Brasil. (1936, 1938, 19041/195, 1946 3 1949) Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=720>

Hemerográficas:

O Nordeste (1940 – 1964)

Gazeta de Notícias (1945 – 1963)

Unitário (1945 – 1962)

Correio do Ceará (1934 – 1963)

O Povo (1962)

Manifesto e Código de Ética

Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. In: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer fontes/acer histedu/manifesto%201932.pdf>

Código de Ética do Estudante Brasileiro (1946) – Documento para a Juventude do Partido Integralista. In: <http://www.integralismo.org.br/?cont=79>

REFERÊNCIAS

AGULHON, Maurice. **EL círculo burgués**. Buenos Aires: Siglo Vientiuno Editores, 2009.

ALMEIDA, Jane Soares de. **As professoras do século XX**: as mulheres como educadoras da infância. In: Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação, 2004. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo3/482.pdf>> Acesso em: 04 maio 2016.

ALVES, Plauto Daniel Santos. **O fazer intelectual brasileiro (1930-1946)**: Rachel de Queiroz e o Congresso de 1946. 2015. 143 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/134155>>. Acesso em: 04 maio 2016.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **Memórias Estudantis, 1937 – 2007**: da fundação da UNE aos nossos dias. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 2007.

ARRUDA, Raimundo. **Memórias de um Menino**. Fortaleza: Ed. O Povo s/a. 1986.

_____. **Itinerário de um Líder**. Fortaleza: Gráfica Editora R. Esteves Tipogresso LTDA., 1989.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). **Cronologia ilustrada de Fortaleza**: roteiro para um turismo histórico e cultural. Fortaleza: Casa José de Alencar – UFC; Banco do Nordeste, 2001.

BARROSO, Gustavo. **Liceu do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC/Casa José de Alencar, 2000.

CAMPOS, Eduardo. **As atividades do Centro estudantil Cearense**. Revista do Instituto do Ceará – Anno XCVII, 1983.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do Ensino no Ceará**. Fortaleza: departamento de Imprensa Oficial, 1970.

CAVALARE, Fernanda Caetano; LIMA, Márcia Amarante de; PEREIRA, Monique de Sousa. **Civilidade, civismo e cultura escolar**: o cotidiano dos primeiros grupos de Juiz de Fora revelados através das reuniões de leitura (1930-1960). Juiz de Fora, MG: Ed. Foco, n. Especial p. 197-209 – mar/ago 2007.

COSTA, António Firmino da; MACHADO, Fernando Luís, e ALMEIDA, João Ferreira de. “Estudantes e amigos: trajectórias de classe e redes de sociabilidade”. **Análise Social**, nºs 105/106, Vol. xxv, 1990, pp. 193-221. Disponível em:

<http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462de74cb998d_1.PDF> Acesso: 26 mar. 2017.

COSTA, Carla Sant'Ana Brandão. **Movimento estudantil contemporâneo: uma análise compreensiva das duas formas de atuação.** 2004. 260f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.) **O Brasil Republicano. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 127-154.

DOMINGUES, Viviane Pedroso Domingues. Especificando a validade do estudo sobre memorialistas através do uso da teoria da consciência histórica. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2012. São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH: 2012.

FÉRRER, Francisco Adegildo. A educação e a preservação da ordem: a idealização do modelo de cidadão do Brasil pós-30. In: **Revista do Instituto do Ceará - ANNO CXX - ANNO 2006.** P. 197 – 213. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2006/01_Artigos/12-Aeducacaoepreservacao.pdf> Acesso em: 10 jun. 2017.

FILIZONA NETO, J. Farias Brito, um filósofo brasileiro: vida, pensamento e crítica historiográfica. 2008. 258f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

FORACCHI, Marialice Mencarini. **O Estudante e a Sociedade Brasileira.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Vigiar e Punir.** Nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 39. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FREIRE, Carlos Renato Araújo. **O antes e o depois – uma história da construção da memória social do quebra-quebra de 1942.** SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL. ESCRITAS DA HISTÓRIA: VER – SENTIR – NARRAR, 6., 2016. Piauí. **Anais...** Piauí: Universidade Federal do Piauí, 2016. Disponível em: <<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Carlos%20Renato%20Araujo%20Freire.pdf>> Acesso em: 11 jan. 2016.

GIRÃO, Blanchardt. **O liceu e o bonde na paisagem sentimental de Fortaleza-província.** Fortaleza: Editora ABC, 1997.

GOMES, Ângela de Castro. **Essa gente do Rio...** os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 62-77, 1993.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 6. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Projeto História. São Paulo, (17) nov. 1998.

LOPES Alves, F.: "A dinâmica da sociabilidade em Georg Simmel", em **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, Julio, 2013. Disponível em: <www.eumed.net/rev/ccss/25/georg-simmel.html> Acesso em: 16 mar. 2015.

LOPES, Marciano. **Royal Briar**: a Fortaleza dos anos 40. Fortaleza: Tipogresso, 1988.

MAIA JUNIOR, Edmilson Alves. **Memórias de luta**: ritos políticos do movimento estudantil universitário (Fortaleza, 1962-1969). Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MAGALHÃES JUNIOR, A.G., SILVA NETA, M. L., PAULA, K. B., FREIRE, V.C.C. *O Liceu do Ceará: o retrato das práticas avaliativas*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: CIRCUITOS E FRONTEIRAS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL 7., 2013. Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: [s.n.], 2013.

MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. **Juventude da pátria a(r)mada**: o Centro Estudantil Cearense em Fortaleza, 1931-1945. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

MOTA, Aroldo. **História política do Ceará (1945-1985)**. Fortaleza: Stylos, 1985.

_____. **História política do Ceará (1930-1945)**. Fortaleza: Stylos, 2000.

_____. A Revolução de 1930. **Revista do Instituto do Ceará** - Anno 119, 2005.

MOTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, 2002.

MUNIZ, Altemar da Costa. **Movimento Estudantil Cearense e o Estado Novo**. (Monografia de Especialização) Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 1996.

NOBRE, F. Silva. 1001 **Cearenses Notáveis**. Rio de Janeiro: Casa do Ceará. Editora, 1996.

NOGUEIRA, Delane Lima. **Amália Xavier e a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte**: registro sobre a constituição de uma cultura docente para a educação no campo. 2008. 236 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

PALMA FILHO, J. C. (organizador). Pedagogia Cidadã. **Cadernos de Formação**. História da Educação. São Paulo: PROGRAD/UNESP, 2010.

PEREIRA, Raul K. Gondim. O Clube de Cinema de Fortaleza: sociabilidade e agitação em torno de uma cultura cinematográfica (1940 E 1950). SEMANA DE HISTÓRIA DA FECLESC. 2017. Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: 2017. Disponível em: <http://uece.br/eventos/semanadehistoriadafeclesc/anais/trabalhos_completos/245-20678-23082016-114321.pdf> Acesso em: 13 jun. 2017.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

POERNER, Artur José. **O Poder Jovem**: história da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2004.

PONTES, Frederico de Andrade. **Do céu ao inferno**: o movimento estudantil universitário no Ceará (1956 – 1964). 2014. 240f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. **Tantos Anos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

RAMALHO, Bráulio Eduardo Pessoa. **Foi Assim!:** O Movimento Estudantil no Ceará de 1928 a 1968. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2002.

_____. O Centro Estudantal Cearense. **Revista do Instituto do Ceará**, 1998.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

RODRIGUES, Marly. **O Brasil na década de 1950**. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.mem.com.br/Dec_1950.pdf> Acesso: 13 maio 2015.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. CIDADE VERMELHA: A militância comunista em Camocim – CE (1927-1950). 2011. 230f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: <http://www.uvanet.br/biblioteca/downloads/ebook_cidade_vermelha.pdf> Acesso em:

SANTOS, Lídia Noêmia. *Brotinhos e seus problemas*: Juventude e Gênero na Imprensa Fortalezense da Década de 1950. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo. **Entre o fio e a rede**: a energia elétrica no cotidiano de Fortaleza (1945-1965). 2008. 350f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVA, Justina Iva de A. **Estudante e política**: Estudo de um movimento (RN 1960-1969). Campinas, SP: Cortez, 1989.

SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. A “Phenix Caixeiral” (1891-1979) e como desapareceram dois testemunhos importantes da história de Fortaleza. **Revista do Instituto do Ceará** - ANNO 122- ANNO 2008, p. 9-38. Disponível em: <http://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2008/01-Art_APhenixCaixeiral_Modificada.pdf> Acesso: 11 ago. 2016.

SILVEIRA, Edvanir Maia da. Os Estudantes e a Ditadura Militar em Sobral - CE (1964-70). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011. São Paulo. **Anais ...** São Paulo: ANPUH, 2011. p. 01-16.

SKIDMORE, Thomas E.. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOUSA, Joaquim Moreira de. Por uma escola melhor. Relatório apresentado por ocasião do 6º Congresso Nacional de Educação. Fortaleza-Ceará: Imprensa Oficial, 1934.

SOUSA, Simone (Org.). Uma Nova História do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. 2ed.

SOUZA, Thiago Shead de. **Na casa e na rua:** objetos, serviços e práticas de consumo em Fortaleza (1940-1970). 2008. 245f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

VARELA, Sarah Bezerra Luna. Mitos e ritos da escola normal rural de Juazeiro do Norte. 2012. 225f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

VAZ, Aline Choucair. **A escola em tempos de festa:** poder, cultura e práticas educativas no Estado Novo (1937-1945). 2017. 131f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: http://eee.fae.ufmg.br/portalmineiro/conteudo/hiseduminas/disserts/disser_alinechoucair.pdf Acesso: 13 jun. 2017.

VENTURA, Zuenir. **1968, O ano que não terminou – a aventura de uma geração.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

_____. **1968:** o que fizemos de nós. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

VITOR, Hugo. O Liceu em cem anos. Fortaleza: Tipografia Iracema, 1945.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta, FIGUEIREDO, Luciano e GREIVAS, Cynthia (orgs.). **500 anos de educação no Brasil.** 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VIEIRA, Sofia L. **História da educação no Ceará:** sobre promessas, fatos e feitos. Fortaleza: Ed Demócrito Rocha, 2002.

WITTACZIK, Lidiane Soares. Educação profissional no Brasil: histórico. **Revista E-tech:** tecnologias para competitividade industrial, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 77-86, jan/jun, 2008.